

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental

Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental

Elizabeth Campanella de Siervi

Avaliação Participativa de Coleta Seletiva de Lixo no Consórcio Quiriri

A Participação como Base para Ação e Reflexão na Construção Metodológica

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Santa Catarina, para obtenção do
título de Mestre em Engenharia Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Pompêo

FLORIANÓPOLIS

Santa Catarina

Março, 2000

**AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA DE COLETA SELETIVA DE LIXO NO
CONSÓRCIO QUIRIRI – A PARTICIPAÇÃO COMO BASE PARA AÇÃO E
REFLEXÃO NA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA.**

ELIZABETH MARIA CAMPANELLA DE SIERVI

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós - Graduação em Engenharia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de

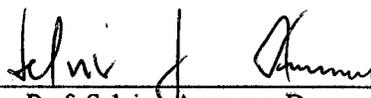
MESTRE EM ENGENHARIA AMBIENTAL

na Área de Planejamento de Bacias Hidrográficas.

Aprovado por:



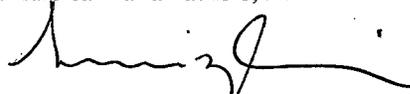
Prof. Flávio Rubens Lapolli, Dr.
(Coordenador)



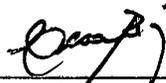
Prof. Selvino Assmann, Dr.



Prof.ª Zuleica Maria Patricio, Dr.ª



Prof. Luiz Sérgio Philippi, Dr.



Prof. Cesar Augusto Pompêo, Dr
(Orientador)

FLORIANÓPOLIS, SC – BRASIL
MARÇO/2000

A meus filhos, Tomás e Caio, pela intensa
participação neste trabalho; às vezes
voluntária outras, provocada.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos que participaram, com muito carinho e cooperação, desta pesquisa. Esperamos que todos se reconheçam presentes, não pela inclusão de seus nomes, mas sim, pela forte presença de suas generosas contribuições.

SUMÁRIO

<i>Sumário de Tabelas, Figuras e Anexos</i>	<i>vi</i>
<i>Resumo</i>	<i>viii</i>
<i>Abstract</i>	<i>ix</i>
<i>Introdução</i>	<i>1</i>
Capítulo I	
1 Participação - Estabelecendo as Bases Teóricas	9
1.1 Objeto	11
1.2 Objetivos	12
1.3 Metodologia	15
1.4 Primeira Aproximação Temática	19
1.4.1 Uma proposta de encaminhamento: Pensamento, Linguagem e Comunicação.	27
1.4.2 Primeiras Sínteses	35
Capítulo II	
2 Participação - Estabelecendo as Bases Conceituais	39
2.1 Contextualizando do Cenário Local	39
2.1.1 O Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos (PRSD)	52
2.2 Complexificando o Teórico – Estabelecendo relacionamentos	57
2.2.1 Participação e Participação – Legitimação individual e coletiva	61
2.2.2 Participação e Planejamento – Um modo e um meio de tratar a participação	67
2.2.3 Participação e Avaliação – Desafio coletivo	71
2.2.4 Participação e Resíduos Sólidos – Redesenhando os papéis	77
2.2.5 Novo Elemento de Síntese – Qualidade: Eixo de integração temática	82
2.3 Contextualizando a Metodologia	85
2.3.1 Instrumentos para Ação Participativa	85
2.3.1.1 Proposta de Replicação Metodológica para Execução das Etapas	86
2.3.1.2 Proposta conceitual de apropriação local do conhecimento metodológico	88
2.3.1.3 Redefinição estrutural da avaliação proposta	88
2.3.1.4 Roteiro metodológico de campo	91
2.3.2 Instrumentos Qualitativos para Observação Participativa	93
2.3.2.1 Dinâmica Metodológica - Estruturação do Pensamento	94
2.3.2.2 Dinâmica Temática - Estruturação da Linguagem	94
2.3.2.3 Dinâmica Participativa - Estruturação da Comunicação	95
Capítulo III	
3 Participação – Aprendendo com o o Empírico	97
3.1 Dinâmica do Trabalho em Campo	99
3.1.1 Promoção (primeira etapa)	99
3.1.2 Identificação (segunda etapa)	104
3.1.2.1 Principais aprendizados das etapas – Reflexões para ação	109
3.1.3 Proposta (terceira etapa)	113
3.1.4 Projeto (quarta etapa)	119
3.1.4.1 Principais aprendizados das etapas – Reflexões para ação	125
3.1.5 Execução - lançamento (quinta etapa)	128
3.1.6 Execução – Aplicação Piloto (quinta etapa)	142
3.1.6.1 Principais aprendizados das etapas – Reflexões para ação	151

3.1.7	Avaliação (sexta etapa)	153
Capítulo IV		
4	Participação - (Re)Elaborando os Ensinos	159
4.1	Definindo as Bases Qualitativas	163
4.2	As Qualidades Locais	169
Capítulo V		
5	Participação – Sugestões de continuidade	179
Bibliografia		185
Anexos		185

SUMÁRIO DE TABELAS, FIGURAS E ANEXOS

TABELAS

<i>Tabela 1. Uso da comunicação conforme objetivos</i>	33
<i>Tabela 2. Distribuição populacional total do Consórcio Quiriri</i>	39
<i>Tabela 3. Distribuição populacional por município</i>	39
<i>Tabela 4. Estratégia de construção do Plano</i>	43
<i>Tabela 5. Programa de atividades e sua efetivação como plano de trabalho</i>	47
<i>Tabela 6. Síntese da Dinâmica Participativa</i>	48
<i>Tabela 7. Envolvimento Comunitário</i>	50
<i>Tabela 8. Estrutura Participativa local</i>	50
<i>Tabela 9. Cadernos de Diagnóstico Participativo</i>	50
<i>Tabela 10. Programas do Plano Ambiental – Consórcio Quiriri</i>	51
<i>Tabela 11. Índices de adesão comunitária em Campo Alegre - 15/07/98</i>	55
<i>Tabela 12. Matriz temática - Estabelecimento de Pressupostos e Referencial Teórico</i>	58
<i>Tabela 13. Reformas Conceituais - Dimensão Ambiental e Planejamento</i>	69
<i>Tabela 14. Característica de Análise</i>	73
<i>Tabela 15. Modelos Contemporâneos de avaliação curricular (1/2)</i>	74
<i>Tabela 16. Características: atores e Papeis</i>	80
<i>Tabela 17. Sínteses Temáticas – A qualidade como eixo de integração</i>	83
<i>Tabela 18. Roteiro de Trabalho em campo</i>	91
<i>Tabela 19. Síntese das atividades desenvolvidas</i>	97
<i>Tabela 20. Estruturação das Dinâmicas – Critérios de Observação Qualitativa</i>	98
<i>Tabela 21. Estrutura de apresentação do trabalho empírico</i>	98
<i>Tabela 22. Siglas Utilizadas</i>	98
<i>Tabela 23. Aprendizados das Etapas de Promoção e Identificação</i>	110
<i>Tabela 24. Etapas para construção Avaliação</i>	111
<i>Tabela 25. Entidades Participantes - potencial (RN)</i>	113
<i>Tabela 26. Objetivos da Avaliação</i>	119
<i>Tabela 27. Aprendizados das Etapas de Proposta e Projeto</i>	127
<i>Tabela 28. Aprendizado da Etapa de Execução – Execução / Aplicação Piloto</i>	152
<i>Tabela 29. Processos e Produtos - Fases Pré-Campo e Campo</i>	160
<i>Tabela 30. Aspectos Qualitativos da Dinâmica Metodológica</i>	169
<i>Tabela 31. Aspectos Qualitativos da Dinâmica Temática</i>	173
<i>Tabela 32. Aspectos Qualitativos da Dinâmica Participativa</i>	175

FIGURAS

<i>Figura 1. Dinâmica da Pesquisa</i>	7
<i>Figura 2. Processo de Transformação do Objeto Segundo Objetivo</i>	10
<i>Figura 3. Dinâmica objeto/objetivo</i>	10
<i>Figura 4. Universo da Participação</i>	19
<i>Figura 5. Dinâmica da Pesquisa – Reflexão Teórica</i>	37
<i>Figura 6. Mapa da Área do Consórcio Quiriri</i>	40
<i>Figura 7. Proposta de Níveis de Importância</i>	42
<i>Figura 8. Proposta de Dinâmica Metodológica</i>	43
<i>Figura 9. Estatuto do Consórcio Quiriri</i>	49
<i>Figura 10. Estrutura organizacional Consórcio Quiriri - Organograma</i>	49
<i>Figura 11. Efetividade de Comunicação (ambiente externo)</i>	63
<i>Figura 12. Problema/solução Resíduos Sólidos Urbanos - brasil</i>	78
<i>Figura 13. Proposta de Replicação metodológica</i>	87
<i>Figura 14. Construção Local de Conhecimento</i>	88
<i>Figura 15. Proposta de Replicação Metodológica (Avaliação da Execução)</i>	89
<i>Figura 16. Sequência Metodológica de Trabalho de Campo – Avaliação da execução</i>	90
<i>Figura 17. Dinâmica da Pesquisa – Ação Teórica</i>	93
<i>Figura 18. Pré-proposta de Desenvolvimento Metodológico da Avaliação</i>	112

<i>Figura 19. Projeto de Avaliação do PRSD – Consórcio Quiriri</i>	120
<i>Figura 20. Quadro de Contextualização do PRSD – Consórcio Quiriri (1/2)</i>	121
<i>Figura 21. Complexificação da Temática - Ciclo do Lixo (1/4)</i>	130
<i>Figura 22. Projeto de Avaliação Participativa do PRSD (1/4)</i>	134
<i>Figura 23. Proposta para Reuniões de Avaliação Participativa (1/2)</i>	144
<i>Figura 24. Relatório Síntese da Atividade (Piloto) de Avaliação (1/4)</i>	146
<i>Figura 25. Relatório de Avaliação da Atividade Piloto</i>	154
<i>Figura 26. Proposta de Caderno de Avaliação - Conceitual</i>	155
<i>Figura 27. Proposta de Caderno de Avaliação - Estrutura e Conteúdo</i>	156
<i>Figura 28. Capa do Caderno de Avaliação</i>	157
<i>Figura 29. Dinâmica da Pesquisa – Ação Prática</i>	159
<i>Figura 30. Dinâmica Qualitativa da Pesquisa (aspectos)</i>	167
<i>Figura 31. Personalidade Local</i>	177
<i>Figura 32. Síntese do Desenvolvimento Metodológico em Campo</i>	181
<i>Figura 33. Dinâmica da Pesquisa – Reflexão Prática</i>	182

ANEXOS

<i>Anexo 1. Síntese de Atividades Participativas - Consórcio Quiriri</i>
<i>Anexo 2. Cadernos de Diagnóstico Participativo</i>
<i>Anexo 3. Síntese da Tabulação - Diagnóstico Participativo</i>
<i>Anexo 4. Contextualização da Entrada em campo (Divulgação em jornais)</i>
<i>Anexo 5. Síntese das Atividades de Campo (1/5)</i>
<i>Anexo 6. Participação do Legislativo nas ações do Consórcio Quiriri</i>
<i>Anexo 7. Caderno de Avaliação Participativa Nosso Lixo</i>
<i>Anexo 8. Produtos da Pesquisa para o Consórcio Quiriri</i>
<i>Anexo 9. Promoção do Projeto de Resíduos Sólidos - Consórcio Quiriri</i>
<i>Anexo 10. Nota Preliminar Fernando Pessoa</i>

RESUMO

Participação. Uma palavra que faz parte do vocabulário contemporâneo. Constantemente podemos observar sua utilização tanto no diagnóstico de problemas quanto no encaminhamento de prováveis soluções. Não é um tema específico que esteja sendo estudado por alguma área disciplinar, específica. O que se observa, é que este tema têm oferecido um importante campo de estudo para trabalhos teóricos em diferentes áreas do conhecimento humano. É, por essa natureza múltipla, um tema integrador de ações teóricas e práticas.

Nesta pesquisa, objetivamos oferecer contribuição para o aprofundamento deste tema dentro do universo disciplinar da Engenharia Ambiental, através do estudo de uma experiência de Planejamento Ambiental Participativo, implantada há dois anos por um Consórcio Intermunicipal que integra 3 municípios na região norte do Estado de Santa Catarina. O estudo ocorre a partir do desenvolvimento de procedimentos metodológicos para a execução da etapa de avaliação participativa de um de seus projetos – Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos.

Para desenvolvimento da base metodológica, realizaram-se reflexões teóricas sobre participação, que resultaram na incorporação de práticas locais (a estrutura processual de planejamento já utilizada e a dinâmica participativa cotidiana) à proposta metodológica da pesquisa. Contou-se com a participação direta da equipe técnica do consórcio, e também com o envolvimento de diferentes segmentos da sociedade local, para o estabelecimento dos procedimentos e instrumentos avaliativos. Os temas: planejamento, avaliação e resíduos sólidos são tratados, qualitativamente, como instrumentos para a dinamização do processo participativo local.

Os resultados desta pesquisa, são qualitativos e se apresentam em dois diferentes aspectos: O primeiro prático, ou seja, a metodologia de avaliação participativa desenvolvida localmente – seu processo e seu produto final: O *Caderno de Avaliação Participativa Nosso Lixo*; o segundo teórico que busca reforçar a importância de se incorporar a dimensão participativa (qualitativa) nas metodologias utilizadas pela Engenharia Ambiental, em todas suas fases de operacionalização; sejam elas teóricas ou práticas.

ABSTRACT

Participation. A word that is part of the contemporary vocabulary. We can observe its use constantly both in the diagnosis of problems and in the search of probable solutions. It is not a specific theme which is studied by a specific discipline. We notice that this theme has been offering an important research field for theoretical studies of different areas of human knowledge. It is, for that multiple nature, a theme that integrates theoretical and practical actions.

In this research, the goal is to offer a contribution to the detailing of this theme within the disciplinary universe of Environmental Engineering, through the study of an experience based on participation in Environmental Planning, as applied since two years by a Intermunicipal Consortium integrating three municipalities in the north region of the State of Santa Catarina. The study starts from the development of methodological procedures for the execution of the phase of participative evaluation of one of its projects – Project for Solid Domestic Residues.

For the development of the methodological basis, theoretical reflections were made, which incorporate the local elements into the methodological proposal. The dynamics of the planning methodology which was used so far and the daily participative dynamics are such local elements which became part of the proposed structure. For the establishing of its procedures and evaluation instruments, the direct participation of the technical team of the consortium was available, as was the involvement of several segments of the local society. The themes: planning, evaluation and solid residues are treated qualitatively, as instruments for the activation of the local participative process.

The results of this research are qualitative and are represented in two different aspects. The first aspect is practical: the participative evaluation method, which was developed locally, its process, and its final product, which is “The booklet for Participative Evaluation our Waste”. The second aspect is theoretical: it intends to emphasise the importance of incorporating a new qualitative dimension in methods used by Environmental Engineering, in all its phases of production, be they theoretical or practical.

“Kublai perguntou a Marco:

- Você, que explora em profundidade e é capaz de interpretar os símbolos, saberia me dizer em direção a qual desses futuros nos levam os ventos propícios [que nos afastarão das cidades infernais]?

- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.” CALVINO (1998: 150)

INTRODUÇÃO

“A participação engajada no calor dos anos 60; Eu me lembro “dos incríveis anos 60” como um movimento extraordinariamente marcado por debates em torno do engajamento e da eficácia revolucionária da palavra poética, palavra que, naquela hora, se representava como muito poderosa e até mesmo como instrumento de projetos de tomada de poder” HOLLANDA (1981:15)

“A família Silva está reunida ao redor da mesa de jantar discutindo como enfrentar o desafio do crescente custo de vida. Há importantes decisões a serem tomadas. Alguns dos meninos terão de deixar de estudar e começar a trabalhar. Serão previstos cortes nas despesas de alimentação e diversão. O pai pergunta a opinião de cada membro da família. Todos tratam de participar da discussão, cada qual contribuindo segundo sua idade e situação.” BORDENAVE (1985:10)

“O relatório Geo 2000, que acaba de ser divulgado em Genebra pelo Programa Ambiental da ONU, traça um futuro sombrio para o novo milênio. Prevê a destruição das florestas tropicais, a contaminação do ar..., o esgotamento das fontes de água potável,... O documento adverte: até agora, nenhum programa de defesa ambiental em escala global foi levado a sério pela comunidade internacional” Jornal Diário Catarinense, 21/09/1999.

PARTICIPAÇÃO, partir para ação¹. Sempre que estamos em ação estamos participando, sendo envolvidos pela vida (cotidiana e local, contemporânea e global). Diz respeito a atitudes individuais e coletivas, ativas ou passivas, motivadas e despertadas por diferentes forças, ora com maior presença da racionalidade, ora da emotividade ou ainda pelo afloramento equitativo de ambas.

É um fenômeno que pressupõe **movimento e comunicação** (como forma de expressão), podendo ser tanto intencional quanto espontâneo; visa, basicamente, a manutenção ou a transformação da nossa vida, o que transpõe como finalidade última do ato de participar, o **viver verdadeiramente e viver melhor**.

¹ “A civilização começa quando o objetivo primário - isto é, a satisfação integral das necessidades - é abandonado... Freud descreveu essa mudança [conversão do homem animal em Ser Humano] como a transformação do princípio de prazer em princípio da realidade. Com o princípio da realidade, [o homem], esforça-se para obter o que é útil e que pode ser obtido sem prejuízo de si próprio e para seu meio vital ... desenvolve a função da razão: aprende a examinar a realidade, a distinguir entre o bom e o mau, o verdadeiro e o falso, útil e prejudicial...Torna-se um sujeito consciente, pensante, equipado para uma racionalidade que lhe é imposta de fora. Apenas um modo de atividade mental é separado [desta organização mental] e conserva-se livre do domínio do princípio da realidade: é a fantasia, que é protegida das alterações culturais e mantém-se vinculada ao princípio de prazer. ...A função de descarga motora, que durante a supremacia do princípio do prazer, servia para aliviar o aparelho mental da acumulação excessiva de estímulos, é agora empregada na alteração apropriada da realidade: é convertida em ação.” (grifos do autor), MARCUSE (1956:27-34)

Morin (1995:114) pergunta-nos: *“Verdadeiramente e melhor, o que significa isso? Viver com compreensão, solidariedade, compaixão. Viver sem ser explorado, insultado, desprezado.”*

BORDDENAVE (1985:10:17), por sua vez, apresenta **participação** como uma *“necessidade universal humana”* onde famílias, comunidades, empresas, organizações locais, nacionais e transnacionais estão sempre em processos participativos tomando decisões e envolvendo-se em ações que afetam, direta ou indiretamente, seus destinos. Desta forma, ele a coloca dentro de dois aspectos, humanos:

O primeiro de **base instrumental** onde busca-se a solução de problemas inerentes ao lado prático do cotidiano *“porque fazer coisas com os outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinho”* e o segundo de **base afetiva** *“porque sentimos prazer em fazer coisas com os outros”*. E recomenda: *“Estas duas bases devem equilibrar-se... às vezes, elas entram em conflito e uma delas passa a sobrepor-se à outra. Ou a participação torna-se puramente “consumatória” e as pessoas se despreocupam de obter resultados práticos - como numa roda de amigos bebendo num bar - ou ela é usada apenas como instrumento para atingir objetivos, como num “comando” infiltrado em campo inimigo.”*

Porém, ele mesmo entende que embora estejamos *“entrando na era da participação”*², este movimento (quase que espontâneo³) não é acompanhado de *“um conhecimento generalizado... de seus graus e níveis, suas condições, sua dinâmica e suas ferramentas operativas”*. Ao que parece estamos, como humanos, contemporâneos, divididos, guerreando para conquistar, em separado, dois mundos: o dos **instrumentos** e o do **afeto**.

Conquista - participio feminino do artigo conquistar: conquistar. Latim: conquerire: buscar por toda parte. Não há que buscar os homens por toda parte; ao contrário, com eles há que estar. A conquista que se encontra implícita no diálogo é a conquista do mundo para SER MAIS de todos os homens. FREIRE (1983:43) grifos nossos

2 Borddenave aponta para o crescente uso do termo Participação em diferentes setores: político, econômico, social.

3 Tratamos aqui este movimento de *espontâneo* pois não há uma idéia intencional coordenada para sua realização, mas sim focos descentralizados de ação (teórica e prática).

Se para DEMO (1988) **Participação é conquista**⁴, não tem-se claro em que base enquadrá-la (instrumental ou afetiva) pois, é também uma conquista que “*se encontra implícita no diálogo é a conquista do mundo para SER MAIS de todos os homens*”. Isso requer instrumentos mas, também, afeto. Não acontece por outorga, guerra ou metodologia. Pode, por esses meios, se fazer obrigação ou se tornar imprescindível. *Mas, Participação é antes de tudo um estado dialógico, encontros e desencontros de mundos, de indivíduos e de coletivos legitimados por suas crenças, necessidades e verdades.*

“...A Escola de Samba é uma engenharia muito mais profunda, muito mais difícil até de ser elaborada do que uma engenharia das coisas físicas, que é o somatório de experiências. Na verdade é muito difícil esta engenharia da escola de samba porque cada ser humano é um universo completamente diferente um do outro. É lindíssimo quando você consegue juntar todos esses universos e fazer um universo maior.Isso aí só se faz porque a gente trabalha também com a emoção. Não é emoção desvairada mas emoção compreendida, emoção dosada, emoção estudada. O que é esta emoção estudada? É exatamente saber das necessidades e das verdades.” Joãozinho Trinta in SOUZA (1989:102) (grifos nossos)

O interesse em avançar neste campo, no universo da pesquisa em **Engenharia Ambiental**, mais especificamente, na área de **PLANEJAMENTO** apoia-se na constatação de que a **Participação**, como tema, tem ganhado força dentro da própria questão técnica, na medida que esta compreende seus limites enquanto **instrumento de intervenção**. Este fato tem transferido à **Participação** um importante papel na construção de novas **SOLUÇÕES** mas, por outro lado, também de novos **PROBLEMAS**. Mas, porque?

“Não desejo parecer excessivamente dramático mas, pelas informações que disponho como Secretário-Geral, só posso concluir que os membros das Nações Unidas dispõem talvez de dez anos para controlar suas velhas querelas e organizar uma associação mundial para sustar a corrida armamentista, melhorar o ambiente humano, controlar a explosão demográfica e dar às tentativas de desenvolvimento o impulso necessário [crescimento econômico]. Se tal associação mundial não for formada dentro dos próximos dez anos, então será grande o meu temor de que os problemas que mencionei já tenham assumido proporções a tal ponto estarrecedoras que estarão além da nossa capacidade de controle.” (U Thant, 1969) in MEADOWS (1978:13) grifos nossos

⁴“Não é doação, dádiva ou presente. Nem imposição. Nunca é suficiente. Também não preexiste, pois o que encontramos primeiro na sociedade é a dominação. Se assim é, a participação só pode ser conquista: criar seu projeto próprio de autopromoção.” [p.27]

Observando as palavras de U Thant, pode-se perceber a força de um termo-chave muito utilizado em nossa sociedade: **CONTROLE**. De querelas, de crescimento demográfico, de desenvolvimento econômico, de tempo, de pessoas, de mercados, de culturas, de futuro e até do próprio controle. **Enquanto teoria de controle, a Participação é entendida como solução. Enquanto prática de controle, como problema.**

Isso parece-nos mais uma questão poética: Participação não rima com Controle. Participação rima com autodeterminação, emoção, compreensão, legitimação. Ou seja, com ações que partam do próprio indivíduo, solidário ao coletivo e reconhecido como legítimo, também por si próprio⁵.

Neste sentido falar de **PARTICIPAÇÃO**, será falar de **Arte**, e falar de **Arte** é falar de quem a produz e de que se deixa impressionar por ela. É tratar de **aspectos complementares**, que na maioria das vezes, não se podem simplesmente racionalizar ou emocionalizar. **Não é tarefa de exclusão** [um ou outro] **é tarefa de inclusão** [um e outro]. Falar de **Arte** [e participação] é tratar: do indivíduo e coletivo, da racionalidade e sensibilidade, de criação e transformação, da quantidade e qualidade, da análise e síntese, da mobilidade e imobilidade, de individualismo e solidariedade, e assim por diante. Uma proposta de incorporação da **Arte**, vista sobre dois prismas; **o da originalidade**: *“Certamente toda estratégia é uma arte, a arte manifestando-se não tanto na obediência às regras – da arte – quanto no manejo alternativo e polifônico das regras”* MORIN (1995:157); e **o da criatividade**: *“Desde sempre, uma das tarefas primordiais da arte foi a de provocar uma demanda, para cuja plena satisfação ainda não soou a hora”* Walter Benjamin em ENZENSBERGER (1978:143). Envolvem-se nesse movimento não só os **atores**, mas também **autores, produtores, cenários, palcos e platéias (ou leitores)**⁶, onde se explicita a interação dos indivíduos e a legitimidade de sua coletividade através de suas experiência de vida, cultura e capacidade particular de percepção, expressão, intervenção, enfim de ação.

Para introduzir a questão de pesquisa, começamos então com uma pergunta. Não que tenha sido uma pergunta só, mas uma pergunta simples. A primeira, que foi se

⁵ Pois, não basta só ser legitimado pelo outro, temos que encontrar legitimidade em nós mesmos.

⁶ Aqui buscamos enfatizar o processo onde cada um tem sua própria atuação, mais também sabe-se parte do movimento coletivo no qual se está inserido.

desdobrando, se complexificando, até encontrar sua unidade difusa, para de novo se questionar. A pergunta inicial, a que aguçou nossa curiosidade, deu a partida a pesquisa foi: *Por que, no caso estudado, a metodologia de Planejamento Ambiental Participativo utilizada está apresentado relativo grau de sucesso, e o que podemos aprender com isso?*

Era o início. Para buscar possíveis respostas mergulhamos no campo teórico e no prático. No teórico, estendemos nosso olhar para além das fronteiras disciplinares, numa experiência mais de busca do que de ousadia. Fomos às outras disciplinas científicas com o intuito de encontrar algumas indicações que pudessem nos ajudar a compreender a relação entre o universo técnico e o social nos quais as ferramentas metodológicas de **Planejamento Participativo** tem sido convocadas a incorporar-se.

“A criação de estratégias interessadas na compatibilização simultânea da viabilidade econômica, da equidade social, da autonomia política e da prudência ecológica deverá requerer, [além de] preocupação teórica e metodológica, conquista de um padrão de inter-relacionamento setorial que assegure fundamentalmente o direito a cidadania plena, ou seja, à participação democrática em processos decisórios” VIEIRA (1995:83)

Nesta introdução apresentam-se algumas considerações iniciais, que serão discutidas posteriormente no decorrer do trabalho, por acharmos importante deixar claro, desde já, nossa consciência dos limites desta pesquisa e a necessidade de envolvimento ou PARTICIPAÇÃO também de quem lê. Uma proposta de contribuição se sabe recorte da realidade observável, tanto em nível temático quanto de abordagem.

Durante o texto traz-se diversos temas, mas existem três com os quais busca-se construir um relacionamento direto com o tema principal, Participação. São eles: **Planejamento**, **Avaliação** e **Resíduos Sólidos Domésticos**. Esses foram os temas geradores⁷ que permitiram criar o ambiente propício para discussões sobre dinâmicas participativas, nos diferentes momentos da pesquisa.

⁷ “Temas Geradores foram pensados por Paulo Freire para serem usados na fase de pós-alfabetização..... estes temas dever ser distribuídos entre as várias ciências do homem, sem que isso signifique que no programa devam ser considerados como departamentos estanques. Significa apenas que um tema possui uma visão mais específica, central, conforme a sua situação em um domínio qualquer das especializações. ...O tema **Desenvolvimento**, por exemplo, ainda que esteja situado no domínio da economia, não lhe é exclusivo. Receberá enfoques da sociologia, da antropologia, assim como da psicologia social, interessadas na questão da mudança cultural, da mudança de atitudes e nos valores que igualmente interessam a uma filosofia do desenvolvimento” BRANDÃO (1998:38)

Quando falamos, por exemplo, de processos de **PLANEJAMENTO**, tratamos de ações macro referenciais. São definições de diretrizes e ações que somente indicam a direção que pretendemos dar aos acontecimentos. O desdobramento e conseqüências irão depender de fatores aos quais não temos absoluto **controle**. Sejam pela personalidades dos atores que irão definir, implementar ou sofrer as ações, seja pelo contexto cambiante dos ambientes, interno ou externo, das organizações (naturais e humanas) envolvidas.

O mesmo acontece quando tratamos da **AVALIAÇÃO** neste trabalho. Trazemos uma visão que fomos construindo ao longo da pesquisa, coisas óbvias e outras nem tanto. Comprendemos, por exemplo, que **um processo de avaliação é um processo de transformação**, sendo um momento de reflexão onde se observa o já realizado à luz de um contexto dinâmico e dos objetivos primeiros. Seu resultado último, da avaliação, não é somente o documento resultante, ou as ações propostas, mas também a consciência, de quem participou diretamente, da interrelação existente entre o presente atual, seu passado e o futuro correlato. Considera-se aqui a avaliação como um momento de aprendizado, de tomada de consciência, de quem idealizou a estratégia, de quem a implementou e de quem a vivenciou. Quanto mais abertos, francos, modestos, participativos formos, maior deverá ser o aprendizado. E, se aprende para se transformar. Individual e coletivamente.

O terceiro tema abordado, **RESÍDUOS SÓLIDOS DOMÉSTICOS**, foi tratado localmente como o grande tema gerador, "*Nosso Lixo*". E, quando o "*Nosso Lixo*" se transforma em *Resíduos Sólidos* ele muda de status. Se por um lado ganha em bagagem teórica e tecnológica, por outro perde seu referencial prático, cotidiano. Utilizamos o termo *Resíduos Sólidos* no meio técnico-institucional e *Lixo*, quando temos que socializar⁸ a questão. **Cria-se desta forma a fragmentação primeira do objeto e também dos objetivos. Porque lixo e resíduos sólidos são mesma coisa, vista sobre diferentes perspectivas.**

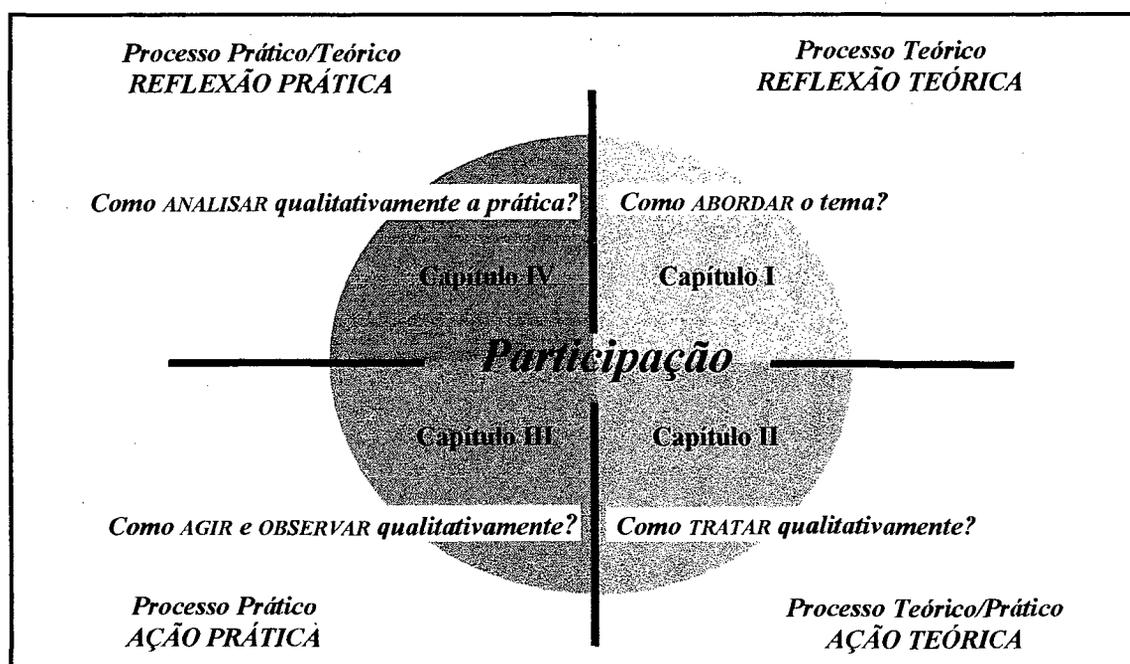
E, já estabelecido o limite ou recorte da realidade que iríamos trabalhar, estabelecemos mais um limite. O limite espaço / tempo onde, a **visão de presente tão cara às abordagens estratégicas contemporâneas** possa ganhar dinamismo através de

⁸ Ações que visam atingir amplamente a sociedade envolvida direta ou indiretamente

uma releitura da idéia estritamente territorial (local x global) proposta pelo slogan: “**Agir local, pensar global**”⁹. Nossa proposta é trabalhar com a noção de **presente dinâmico**, onde o COTIDIANO interage com o CONTEMPORÂNEO e o LOCAL articula-se ao GLOBAL (o tempo GLOBAL e o tempo LOCAL, o tempo vertical e o tempo horizontal, o tempo individual e o tempo coletivo, *o tempo relacional*). Um conceito de **presente** legitimado por sua relação aos demais presentes, também legítimos, e que busca sair dos limites disciplinares através de uma abordagem de contexto que olha para o tempo [da contemporaneidade] como uma relação de ações humanas compartilhadas cotidianamente, incorporando também a complexidade. Algo que pode traduzir-se como: **Agir Cotidianamente, Pensar Globalmente e Pensar Localmente, Agir Contemporaneamente**.

Para compatibilizar a apresentação deste documento ao dinamismo presente durante todas as fases de realização da pesquisa, procurar-se-á respeitar mais a cronologia das idéias e fatos correlatos, do que a do tempo estrito. Na Figura 1 apresenta-se este quádruplo movimento de ação/reflexão da pesquisa, dentro das experiências teóricas e praticas do trabalho, indicando-se as perguntas motivadoras de cada uma dessas etapas.

FIGURA 1. DINÂMICA DA PESQUISA



⁹ “Apesar do discurso da atualidade privilegiar a globalização, esta deveria ser alcançada através do pensar globalmente para agir localmente e de ações presentes de “criação” de mais-liberdade que libertam e não as ações que, concretamente, o não libertam hoje em nome de uma liberdade que só virá amanhã.” REBELO (1998:37)

No **Capítulo I** apresenta-se o objeto e os objetivos (teóricos e práticos) da pesquisa, iniciando-se, de pronto, algumas **reflexões teóricas sobre Participação** que constituirão as bases conceituais para a construção metodológica da pesquisa. É um momento de estruturação e flexibilização teórica, onde a busca de referenciais integradores explicitam a complexidade de tratamento da temática. No **Capítulo II** estabelecem-se as bases metodológicas através de uma releitura conceitual que articula-se para introduz a **perspectiva participativa** (qualitativa) nos pressupostos da pesquisa. Partiu-se do reconhecimento contextual do caso estudado para levantamento dos principais temas a serem relacionados teoricamente e por fim, estabelece-se a proposta metodológica para o trabalho de campo. Estes dois momentos, complementares (análise e síntese), configuram o **quadro teórico** para o início do relato de nossa experiência de campo, no **Capítulo III**, onde descreve-se o contexto do desenvolvimento da etapa de campo, representado por seis semanas de trabalho conjunto, onde realizamos **ações e reflexões** com resultados práticos, compartilhados com a sociedade local.

No **Capítulo IV** é apresentada a (re)leitura conceitual discutindo-se os **aprendizados** teóricos retirados da prática participativa desenvolvida em campo estabelecendo uma ótica qualitativa de análise. Encerra-se este texto no **Capítulo V** apresentando-se sugestões de continuidade para futuros trabalhos de pesquisa no campo do planejamento ambiental participativo. São contribuições teóricas que visaram aquecer as discussões sobre o desenvolvimento de processos participativos em suas diferentes abordagens (institucional, técnica e social).

Esse é o desafio proposto nesta pesquisa; Partir para uma experiência de coletivização de conhecimento (de aprendizado mútuo) que foi proporcionada, e evidenciada, pelo saber local de uma sociedade que tem em seu cotidiano práticas participativas, que envolvem tanto “atores” individuais quanto institucionais [pessoas e estatutos]. **A principal intenção aqui, é promover debate e a reflexão. Ser radicalmente participativo. Seja tanto em nível prático, quanto teórico.**

“Eu falo, falo, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá campanários de descarregadores..., ou ainda a que se poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas... Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido.” Calvino (1972:123)

CAPÍTULO I

1 PARTICIPAÇÃO - ESTABELECENDO AS BASES TEÓRICAS

“Certa vez, um Rei reuniu alguns homens cegos ao redor de um Elefante e lhes perguntou o que lhes parecia ser. O primeiro apalpou a presa e disse que o elefante parecia a uma gigantesca cenoura; o outro tocando-lhe a orelha, disse que se parecia a um grande leque; outro apalpando-lhe a tromba, concluiu que o elefante parecia um pilão; outro ainda, agarrando-lhe a cauda disse que o Elefante era semelhante a uma corda. Nenhum deles foi capaz de descrever ao Rei a forma real do Elefante.”

O **tema central** desta pesquisa é **Participação**. Um assunto que possui inúmeras possibilidades: de abordagem, de análise, de interpretação, enfim de olhares¹⁰ estabelecidos conforme nossa capacidade e interesse de observação. Todas válidas, mas ainda assim diversas, e as vezes conflitantes.

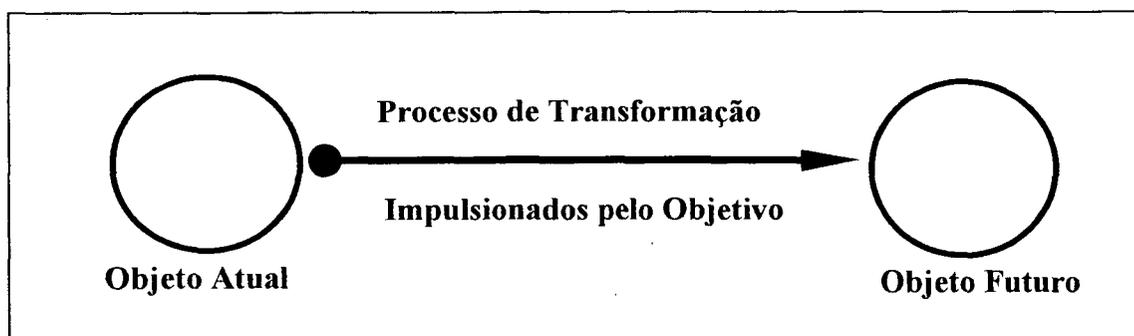
Compreendendo essa limitação, estabelecemos, de pronto, nosso universo de trabalho. Aqui trataremos a **participação**, dentro da perspectiva processual do **planejamento**, onde esta passa a oferecer modos e meios de **operar transformações** qualitativas dentro deste instrumento de ação racionalizada; ou seja, **planejamento participativo**. E, acrescentando a necessidade de incorporar novos mecanismos que permitam o tratamento da questão ambiental emergente¹¹, esse processo passa a receber mais uma adjetivação: **Planejamento Ambiental Participativo**.

Será através deste prisma **processual** de observação que desenvolveremos **OBJETIVOS** desta pesquisa. E, falar de **OBJETIVO** implica falar de **OBJETO**. Isso porque **OBJETIVOS** estabelecem-se a partir da dinâmica processual de um dado **OBJETO**. Sob a ótica linear, este processo poderia ser apresentado conforme na figura 2:

¹⁰ “... são nossas práticas e os olhares que colocamos sobre as coisas que as criam como elementos pensáveis, que as fazem sujeitos e objetos de enunciação, ou certezas nas quais confiar, ou problemas a resolver e assim por diante. São as práticas e os olhares que as fazem coisas de uma paisagem, que as fazem coisas do mundo... E o entendimento dessas coisas assim feitas, vistas e produzidas é dado pela linguagem, de modo que, ao fim e ao cabo, são os nossos discursos sobre o mundo que constituem o mundo (pelo menos, aquilo do mundo que para nós interessa porque faz algum sentido.” Neto (1999).

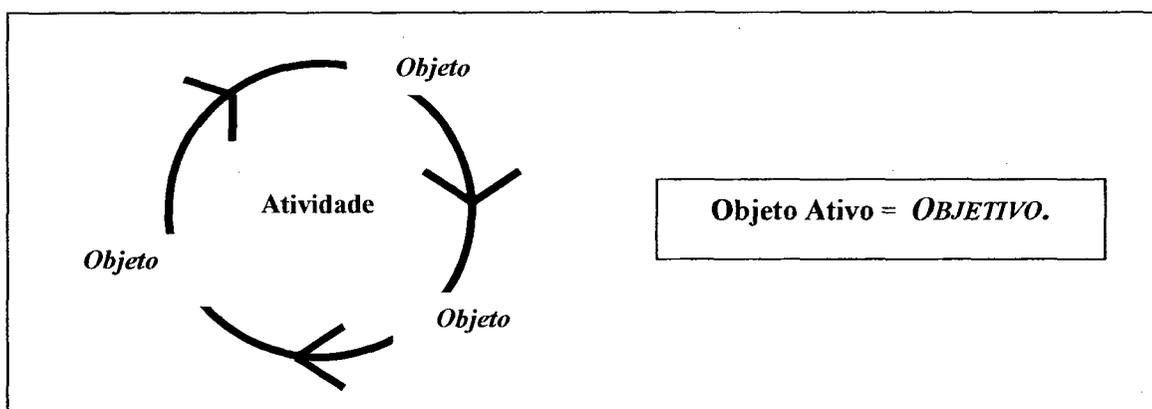
¹¹ Para conceituar questão ambiental cada autor oferece uma perspectiva de abordagem. Apresentamos aqui algumas desses olhares. Turismo: SODATELLI (1999:); Urbano e Saneamento: FIGUEIREDO (1998:8:30); Sustentabilidade: Rebelo (1998:8:23); Desenvolvimento : Viola (1995:15:44).

FIGURA 2. PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DO OBJETO SEGUNDO OBJETIVO



Porém, quando emprestamos a este **processo** uma perspectiva dinâmica, podemos substituir as duas figuras do **OBJETO** (atual e futuro) por uma única representação, em movimento. **O OBJETO ATIVO** (dinâmico). Afinal, trata-se do mesmo **OBJETO** porém em processo de transformação, onde o **OBJETIVO** passa a ser um indicador de mobilidade e direção (Figura 3).

FIGURA 3. DINÂMICA OBJETO/OBJETIVO



Essa possibilidade de integração dinâmica **OBJETO/OBJETIVO**, faz-nos perceber que, quando do **OBJETIVO** esperamos **transformações, envolvimento, respostas e conhecimento**, essas mesmas características devem ser buscadas dentro do **OBJETO**. Afinal é ele que estará sofrendo as transformações. Não que elas tenham que já estar amadurecidas nele, mas seus sinais vitais devem ser **percebidos e potencializados** como elementos de (re)conhecimento que impulsionam a chegada ao **futuro OBJETO** pretendido pelo **OBJETIVO**. Isso também pode nos indicar que deve existir uma relação de reciprocidade intensa entre ambos, onde o **OBJETO** precisa ter **compromisso** com a transformação que o próprio **OBJETIVO** estabelecido lhe oferece.

Entender essa característica integradora entre **OBJETIVO/OBJETO** ajudou-nos a construir o corpo desta pesquisa, compreendendo que no **OBJETIVO** já deveriam estar implícitas características do próprio **OBJETO**, o que significa dizer que: para obter-se informações sobre a dinâmica participativa (**OBJETIVO**), deveríamos observar o que de participativo existe no próprio **OBJETO**. Buscando potencializar nossa observação, trouxemos como **OBJETO** de estudo para esta pesquisa um caso que permitisse maior grau de respostas às questões referentes ao **tema central** desta pesquisa: **Participação**.

1.1 Objeto

O **objeto** desta pesquisa é o **Projeto de Resíduos Sólidos Domiciliares - PRSD**. Um projeto de coleta seletiva domiciliar e comercial que está inserido no **Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos**, desenvolvido por um consórcio intermunicipal¹² ao Norte do Estado de Santa Catarina, que visa promover o manejo integrado dos resíduos da região. A definição, implantação e operação inicial deste projeto representa o resultado do desenvolvimento de um plano ambiental para região do consórcio que viabilizou-se através de metodologia de **Planejamento Ambiental Participativo**.

Os principais aspectos deste objeto de estudo que considera-se como elemento potencializador desta pesquisa são:

A. Do ponto de vista Empírico (Prático):

- Por ser um **OBJETO participativo** articulado a um **Programa também Participativo** desenvolvido por uma metodologia de **planejamento ambiental participativo**;
- Por estar (o **OBJETO**) encontrando limites operacionais (institucional e social), fato que potencializa sua necessidade de transformação;
- Por ser um **OBJETO** que trata de um tema (*o lixo*) que vem sofrendo um processo de intensa sensibilização **Global (campanhas institucionais - nível regional, nacional e internacional)**;
- Ser um **OBJETO** que permite o (re)conhecimento prático da dimensão ambiental tratada teoricamente (inter-relacionamento econômico / ecológico / técnico / social).

¹² Consórcio Intermunicipal da Bacia Hidrográfica do Alto Rio Negro Catarinense - Municípios consorciados - Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho.

B. Do ponto de vista Teórico

- Por ser um **OBJETO** onde a dinâmica participativa se apresenta de forma explícita (institucional e social - coletiva e individual);
- Por ser um **OBJETO** onde as alterações na dinâmica participativa repercutem com muita sensibilidade no seu processo operacional;
- Por ser um **OBJETO** que demanda, em sua operacionalização, um constante processo de coordenação interdependente;
- Por ser um **OBJETO** que envolve as três dimensões de base que compõem a discussão teórica sobre Desenvolvimento Sustentável¹³ - social, econômica e ambiental.

1.2 Objetivos

Geral:

Desenvolver metodologia de **Avaliação Participativa** para o **Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos – PRSD**, em conjunto com Grupo de Coordenação local, visando¹⁴:

- a) participar do desenvolvimento metodológico contribuindo para o avanço do processo local; (objetivo prático)
- b) estudar os elementos referentes ao processo participativo que possam enriquecer a discussão teórica sobre participação em metodologias de Planejamento Ambiental Participativo. (objetivo teórico)

Específicos:

1. Contextualizar o **Projeto** a ser avaliado relacionando-o ao processo local de Planejamento Participativo;
2. Realizar diagnóstico de contexto identificando no **Projeto** (metodologia - diagnóstico, proposta, implantação e operação) e na prática cotidiana local:
 - estruturas participativas formais;
 - elementos metodológicos (instrumentos e práticas) propostos e realizados para ativar a dinâmica participativa local;

¹³ Sobre o conceito de Desenvolvimento Sustentável ver capítulo II

¹⁴ Aqui explicita-se dois princípios da pesquisa participante, qual sejam: transformar a realidade (objetivo prático) e produzir conhecimento (objetivo teórico).

→ formas de engajamento local no programa - institucional e social (individual e coletivo);

→ estágio operacional em que se encontra o projeto;

4. Desenvolver proposta metodológica de avaliação participativa que incorpore os resultados da análise do item 3.

5. Realizar uma análise do trabalho realizado em campo buscando, nos elementos da prática participativa vivenciada, oferecer subsídios para o fomento da discussão teórica sobre participação dentro das metodologias de Planejamento Ambiental.

Os principais aspectos que considera-se como elementos potencializadores destes objetivos são:

A. Do ponto de vista Prático:

- Por serem **OBJETIVOS** que contemplam as necessidades práticas do **OBJETO**;
- Por serem **OBJETIVOS** que baseiam-se na legitimidade das dinâmicas metodológica e participativa do **OBJETO**;
- Por serem **OBJETIVOS** que desenvolvem trabalhos (processo e produto) participativos.

B. Do ponto de vista Teórico

- Por serem **OBJETIVOS** que buscam integrar **OBJETIVOS** de diferentes ordens (teóricos e práticos);
- Por serem **OBJETIVOS** que baseiam-se na dupla legitimidade do saber (Global - teórico e Local - prático);
- Por serem **OBJETIVOS** com duplo comprometimento como o **OBJETO** (processo e produto).

“...o pesquisador deverá se entrosar profundamente com a comunidade, passando pelo batismo de fogo do reaprendizado da modéstia participativa, para que os moradores não sejam relegados a objetos de estudo, mas considerados parceiros na produção de conhecimento e na busca por soluções concretas. Aí pode-se notar com clareza que a avaliação qualitativa é um processo educativo autêntico precisamente por não colocar a relação mestre/discipulo, mas mestre/mestre, onde ambos os lados se educam e auto-educam” DEMO (1988:56) grifos nossos.

1.3 Metodologia

Para atender as características particulares do **tema da pesquisa** e, conseqüentemente, do OBJETO e seus OBJETIVOS, definimos pressupostos metodológicos que não se enquadram rotineiramente no universo disciplinar da área da Engenharia Ambiental. Isso porque, por condutas de formação teórica, nós, pesquisadores desta área (que, em sua maioria, são oriundos de disciplinas das ciências exatas), não desenvolvemos, até então, procedimentos ou instrumentos de base para abarcar disciplinarmente, como objeto de estudo, um universo de pesquisa mais complexo que possui [como qualidade] a riqueza de relacionamento entre elementos de diferentes campos disciplinares (a natureza, o homem e a sociedade) e também a dinâmica do processo de interação que o (re)cria constantemente. Esta proposta de abordagem integrada é considerada recente e ainda suscita questionamentos que variam entre discussões sobre metodologias aplicáveis as ciências da natureza (leia-se quantitativas) e as ciências humanas (que também podem ser quantitativas)¹⁵, ou avançando mais um pouco, em propostas interdisciplinares de pesquisa. JOLLIVET & PAVÉ in VIEIRA & WEBER (1997:53:112), LEFF (1986:22:44).

De forma geral os autores que tratam deste tema possuem mais perguntas do que respostas. Algo que podemos sintetizar como: *Mesmo que a partir de nosso senso comum¹⁶ tenhamos claro a necessidade da interdisciplinaridade, como será possível alcançá-la?*

FAURE (1992) apresenta, com grande limitador de avanço, a própria estrutura institucional da Ciência. Temos disciplinas, departamentos, laboratórios, pesquisadores (enfim individualidades - coletivas ou não) que de alguma forma se beneficiam da segurança que o saber disciplinar imputa.

¹⁵ Segundo SAUL (1988). "A abordagem **qualitativa** surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, como uma reação ao tecnicismo ao qual se ancorava a abordagem **quantitativa** [fundamentadas matematicamente] e seus pressupostos com clara influência do rigor positivista (princípio da objetividade científica, métodos hipotético-dedutivos, tratamento estático de dados, ênfase nos produtos ou resultados, emprego das generalizações estatística."

¹⁶ Utilizamos o termo "senso comum" na perspectiva de Giambattista Vico, PRADO (1979:34); ASSMAN (1985:65) onde: "As idéias uniformes originadas junto a totalidade dos povos entre si desconhecidos devem ser motivo comum de verdade." e "O arbitrio humano, incertíssimo por sua própria natureza, consolida-se e se determina pelo senso comum dos homens no que tange às necessidades e utilidades humanas, que são duas fontes do direito natural das gentes". Em contraposição a perspectiva ingênua que ALVES (11:20) apresenta: "O que é senso comum? ...é aquilo que não é ciência.... senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver."

“A interdisciplinaridade, uma metáfora, espacial, de acordo com a semântica, remete seja ao objeto, seja ao espaço onde ela não tem onde se fixar. Não é dotada de nenhum tipo de apoio que lhe permita assegurar sua perenidade e a transmissão de suas aquisições. Ela é amplamente constituída de explorações individuais, cuja notoriedade desaparece com seus autores. O pesquisador interdisciplinar, mais do que qualquer outro, é um nômade, um rei sem reino” FAURE (1992:68)

Sob a ótica de Faure, a interdisciplinaridade é mais uma qualidade do próprio pesquisador do que da disciplina que ele “representa”, e deve se expressar através de sua própria capacidade criativa de produzir conhecimento baseado na flexibilização de suas certezas e incertezas, fato que sugere-nos, subjetivamente, a idéia que o caminho de transformação institucional [rigidez] da disciplinaridade científica pode passar pela transformação individual [flexibilidade] de seus pesquisadores.

Essa postura, transfere para o pesquisador um grande desafio que, se por um lado pode provocar insegurança, por outro lado, pode também aumentar sua capacidade criativa frente aos seus problemas de pesquisa. São novas regras, mas ainda assim regras que devem manter o rigor científico, onde seja possível buscar explicar (ou compreender) a dinâmica das relações, seja do homem consigo mesmo, com outros homens ou com a natureza, não se tratando de criar discussões que validem esta ou aquela metodologia mas sim de utilizar de forma criativa diferentes elementos que possam melhor responder os desafios desta realidade relacional que mescla objetivos das ciências da natureza com os das ciências humanas.

“As pesquisas sobre meio ambiente suscitam pela primeira vez um grande número de indagações, extremamente diversas em seu conteúdo, e fazem por isso apelo a participação de múltiplas disciplinas pertencentes a quase todas as grandes áreas de investigação científica.” (Jollivet e Pavé) em Vieira & Weber (1997:53) grifos nossos

Entendemos que talvez o aumento da flexibilidade individual do pesquisador frente a sua própria disciplina possa ajudá-lo durante sua **participação** em atividades de produção interdisciplinar, que passa a ser validada como prática participativa entre disciplinas e implica no envolvimento de estruturas, pessoas e suas conseqüentes relações para atingir objetivos de pesquisa comuns.

Essa abordagem permite visualizar características de construção individual/coletiva¹⁷ de conhecimento que podem tornar possível a inserção da dimensão participativa, também nesta esfera.

Neste sentido, entendemos que uma pesquisa que considere processos participativos em seus pressupostos metodológicos, pode transformar-se em um exercício de capacitação para práticas interdisciplinares, onde amplia-se o universo restrito da produção do conhecimento disciplinar combinando-o, criativamente, com sua coletivização [processos de comunicação] e propiciando sua transformação. Seja entre pesquisadores, pesquisados ou disciplinas.

Seguindo esse caminho de reflexão, buscamos pautar nossa construção metodológica (método e procedimentos¹⁸) apoiados nos seguintes pressupostos:

- A metodologia utilizada deve oferecer tanto ao pesquisador quanto aos pesquisados procedimentos flexíveis que permitam a inclusão dos aprendizados produzidos no decorrer da pesquisa;
- Essa flexibilidade diz respeito a aceitação da interação dinâmica entre o objeto e os objetivos da pesquisa;
- A postura metodológica assumida combina procedimentos qualitativos da pesquisa participante e também da observação participante¹⁹ para construção de sua validação científica;
- A dimensão interdisciplinar possível de ser assumida apoia-se na integração de conhecimentos (teóricos e/ou práticos) produzidos entre a pesquisadora e os pesquisados.

¹⁷ Individual [do pesquisador e da disciplina] e coletiva [da disciplina e da interdisciplinaridade].

¹⁸ "A aplicação do método desenvolve-se por etapas, que constituem a seqüência lógica da investigação, enquanto os procedimentos representam formas coerentes de proceder a investigação na prática" IPEA (1990:65)

¹⁹ "De modo geral, é mister acentuar que, para avaliar processos participativos, é necessário participar. Não basta a mera observação participante, porque isso ainda é coisa de observador, não de participante.... A avaliação qualitativa de processos participativos coincide logicamente com a auto-avaliação, o que contraria a atitude de mero observador" Demo (1988:30)

Para cumprirmos nossos objetivos de pesquisa desenvolvemos atividades em três etapas distintas:

Etapa	Atividades
Fase Exploratória ²⁰	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Visitas exploratórias (seis) para levantamento de material preliminar; ⇒ Definição do projeto de pesquisa e seqüência metodológica de trabalho em campo; ⇒ Arranjos institucionais. ⇒ Análise teórica da metodologia de Planejamento Ambiental Participativo em Bacias Hidrográficas utilizada no caso (Pesquisa Documental); ⇒ Definição de pressupostos de pesquisa sobre as temáticas resultantes do (re)conhecimento do objeto (pesquisa documental e levantamento em campo): Participação, Planejamento, Avaliação, Resíduos Sólidos Domésticos; Metodologias de Pesquisa Qualitativa.
Fase de atividades em campo (6 semanas)	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades Práticas – 3 dias/semana 1. Coleta de Material: (informações, impressões e dados) <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Acompanhamento de atividades cotidianas diretamente vinculadas ao objeto da pesquisa; ⇒ Acompanhamento de atividades cotidianas não vinculadas diretamente ao objeto da pesquisa; ⇒ Entrevistas com indivíduos e instituições diretamente vinculados ao objeto da pesquisa; ⇒ Conversas com indivíduos e instituições sem vínculo explícito ao objeto da pesquisa; 2. Desenvolvimento Metodológico da proposta de avaliação <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Reuniões de Trabalho com o Grupo de Coordenação ⇒ Reuniões de Trabalho com os Coordenadores Municipais do Projeto; ⇒ Palestras de Promoção junto a Sociedade Local; ⇒ Aplicação Piloto da 1ª Etapa do Projeto de Avaliação. • Atividades Teóricas – 2 dias/semana <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Elaboração de sínteses para verificação da efetividade do material coletado; ⇒ Refinamento da seqüência metodológica adequando-a ao aprendizado de campo, ⇒ Refinamento da revisão teórica sobre os temas, adequando-a ao aprendizado de campo.
3ª Etapa Pós-Campo	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Realização de análise do produto de campo; ⇒ Nova revisão temática baseada nos resultados da análise; ⇒ Nova leitura teórica e prática – Considerações e recomendações.

²⁰ Segundo MYNAYO (1994:32) "A fase exploratória se alicerça em muitos esforços: 1) de pesquisa bibliográfica disciplinada, crítica e ampla ...2) de articulação criativa, seja na delimitação do objeto de pesquisa, seja na aplicação de conceitos; 3) de humildade, ou seja de reconhecimento que todo conhecimento científico tem sempre um caracter: a) aproximado...; b) provisório; c) inacessível em relação à totalidade do objeto...; d) vinculada à vida real.[problema que surge a partir da vida real]...; e) condicionado historicamente." Para o desenvolvimento desta etapa de pesquisa realizamos um importante trabalho de (re)conhecimento contextual do objeto da pesquisa, estabelecendo contatos teóricos (através do estudo de temas referenciados ao objeto) e também práticos, em visitas exploratórias. Cada um desses procedimentos emprestou-nos diferentes graus de aprendizado sobre nossa futura experiência em campo.

1.4 Primeira Aproximação Temática

Uma forma de olharmos para o mundo como um todo é através de um mapa... que nos mostre onde podemos encontrar as diferentes coisas - nem todas é claro... mas aquelas que são mais importantes para a orientação: os marcos mais salientes, aqueles que não podemos perder.... Fazer um mapa não esgota a filosofia, tal como um mapa ou um roteiro não faz a geografia” SCHUMACHER (1977:18)

Em nossa primeira aproximação teórica ao tema PARTICIPAÇÃO, entendida como necessária para o estabelecimento dos procedimentos metodológicos de pesquisa, procuramos traçar um panorama, uma revisão temática, um *mapa*, que permitisse-nos compor um quadro referencial onde seriam identificados os tipos de enfoques, estruturas, metodologias, práticas, etc. Esperávamos construir um *quadro*, onde pudéssemos obter uma visão que agregasse a questão para construirmos as bases para a estruturação para a fase de trabalho de campo. Mas, o que era para ser um *quadro* foi transformando-se num *mosaico*. E, quanto mais elementos adicionávamos, mais fragmentada sua composição ficava. Se por um lado isso dificultava nossa capacidade de síntese racionalizada, por outro percebíamos que ele se tornava mais rico, diversificado, complexificado e mais atraente (Figura 4). Essa riqueza de abordagens mostrava-nos, desde logo, a dificuldade de tratamento da questão.

FIGURA 4. UNIVERSO DA PARTICIPAÇÃO

<p>QUANTO A INTENSIDADE:</p> <p>a) ativa (ritmo crescente e progressivo); b) consciente (em relação ao conteúdo e alcance, formas e meios de sua efetivação); c) organizada (estruturação funcional, com canais de comunicação e acesso); d) eficiente; e) decisiva (aspectos de interesse vital para a maior parte da população); e) intensiva (atingindo áreas de ação cada vez mais profundas). RUBENS UTRIA (1970)</p>	<p>Como Instrumento</p> <p>Técnico – Metodologias; dinâmicas de grupo; atualização pedagógica; sistematização; interdisciplinaridade. BAPTISTA (1978), CORNELLY (1975); HOLLYDAY (1996).</p> <p>Cidadania - Capacitação, educação ambiental, mobilização social, organizações não governamentais. VIEIRA (1994); CAVALCANTE (1995); WARREN (1995); TORO (1997)</p>
<p>QUANTO AOS MECANISMOS DE ATIVAÇÃO</p> <p>a) suporte (construção do imaginário coletivo); b) coletivização da informação - comunicação; c) mobilização baseada em rede; d) autonomia individual (por campo de atuação). Toro (1997); Warren (1995); Peruzzo (1998); AGENDA 21 (1996).</p>	<p>QUANTO A TIPOLOGIA</p> <p>a) passiva; b) controlada; c) participação-poder, (co-gestão, autogestão).; PERUZZO (1998); MENDOÇA (1990)</p>
<p>Como Dimensão teórica</p> <p>a) científica; b) filosófica; c) política; d) utópica; e) ideológica; f) ecológica; g) econômica. Morim (1995), Demo (1987), Borddenave (1988), MARCUSE (1956), Banco Mundial (1997); RANDOLPH (1975), BRANDÃO (1998), AGENDA 21 (1996).</p>	<p>QUANTO AO CARATER:</p> <p>Dialético - a) de processo ou produto; b) conquista ou concessão; c) ativa ou passiva; d) dominação ou liberdade. Demo (1987); Peruzzo (1998)</p> <p>QUANTO AO APORTE TEORICO</p> <p>Ciência Naturais - a) sistêmica; b) complexidade; c) Física Quântica; d) Informacional. YUNES (1995) MORIN (1995), NOBREGA (1996)</p> <p>Ciências Humanas - a) Sociologia; b) Psicologia; c) História; d) Pedagogia. FREIRE (1995); SOUZA (1987); CAVALCANTE (1995).</p>
	<p>QUANTO AOS GRAUS DE ACESSO E CONTROLE</p> <p>Relação membros x dirigentes: 1. informação; 2. consulta; 3. facultativas / obrigatórias; 4. elaboração / recomendação; 5. cogestão/delegação; 6. autogestão Importância das deliberações: a) formulação de doutrinas ou políticas; b) Determinação de objetivos estratégicos; c) elaboração de planos, projetos, alocação de recursos, da administração e execução de ações; d) avaliação de resultados. Borddenave (1988), Mendonça (1990).</p>

Nossa busca por um componente de solução, transformou-se em problema: ***Como dirigir nosso Pensamento de forma a construir uma leitura [Síntese] integrada de nosso mosaico sobre participação?***

Pudemos compreender a partir desse exercício teórico a dimensão das palavras de KUHN (1978): “*A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal*”²¹, *está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes de uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios..”* e prossegue “*durante o período de transição haverá uma grande coincidência (embora nunca completa) entre os problemas que podem ser resolvidos pelo antigo paradigma e os que podem ser resolvidos pelo novo. Haverá igualmente uma diferença decisiva no tocante ao modo de solucionar os problemas*”. [p.116]

Mas, perguntamos, como enfrentar a tensão entre o conhecido (que já não nos responde a contento) e o desconhecido (por conhecer)? De novo Kuhn nos ajuda indicando uma direção: “... desse processo resulta um “conhecimento tácito”, conhecimento que se aprende fazendo ciência e não simplesmente adquirindo regras para fazê-la”. [p.237]

Ao pensarmos em paradigma logo lembramos de Descartes, o grande responsável pelo estabelecimento do paradigma científico moderno²². Mas, pareceu-nos que, colocar em Descartes toda a responsabilidade seria também uma forma reduzida de compreender a dimensão [e tensão] estabelecida por um paradigma. GAARDER (1991:253) nos apresenta Descartes como um filósofo “*o fundador da filosofia dos novos tempos*” e explica: “*Após as inebriantes redescobertas do homem e da natureza no Renascimento, a necessidade de se reunirem os pensamentos contemporâneos num único e coerente sistema filosófico*”²³ *voltou a se apresentar*”. Ainda segundo Gaarder, a

²¹ Segundo Kuhn, “ciência normal” significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas do passado. Para aprofundamento do conceito, ver Kuhn (1978: 29 - 66).

²² Encontramos em PIRES (1998:6:43) uma consistente revisão bibliográfica sobre os caminhos da ciência ao longo dos tempos que muito nos ajudou a compreender as relações existentes entre este campo do conhecimento humano e o contexto contemporâneo no qual se insere.

²³ Para esclarecer o conceito de sistema filosófico, Gaarder acrescenta: “*Por sistema filosófico entendo uma filosofia de base, cujo objetivo é encontrar respostas para TODAS as questões filosóficas importantes. A Antigüidade teve grandes construtores de sistemas como Platão e Aristóteles. A Idade Média teve São Tomás de Aquino que se dedicou a tarefa de construir a ponte entre a filosofia de Aristóteles e a teologia cristã. Depois veio o Renascimento com uma verdadeira confusão de pensamentos novos e velhos sobre a natureza e a ciência, sobre Deus e o homem. Somente no século XVII é que a filosofia tentou reacomodar novos pensamentos num sistema filosófico. O primeiro a fazer esta tentativa foi Descartes*”. (grifos nossos)

proposta de Descartes “é aplicar o método matemático à reflexão filosófica, procurando provar as verdades filosóficas mais ou menos como se prova um princípio da matemática, empregando para tanto a mesma ferramenta.....: a razão”[p.255](grifos nossos).

Nosso interesse em trazer Descartes neste momento não é para discutir seu método, e sim para fazer uma reflexão sobre o **método do método de Descartes**.

Conforme DAVIS e HERSH (1988:3:15), “*O mundo moderno, nosso mundo de racionalismo triunfante, teve início em 10 de novembro de 1619, com uma revelação e um pesadelo. Neste dia,....., René Descartes, um francês de 23 anos... , teve uma visão. Não foi uma visão de Deus, ou da Mãe de Deus, de carruagens celestiais, ou da Nova Jerusalém. Foi uma visão da unificação de todas as ciências.* (grifos nossos)

E continuam: “*A visão foi precedida de um estado de concentração e agitação intensos. A mente superexcitada de Descartes inflamou-se e produziu as respostas para os tremendos problemas que o vinham oprimindo por várias semanas.... Em seguida, exausto, ele se deitou e sonhou três sonhos...Ele nos diz que o terceiro sonho indicava nada menos que a unificação e esclarecimento de todas as ciências, e até mesmo de todo conhecimento, através de um único método: o método da razão.....Dezoito anos transcorreriam antes que o mundo conhecesse os detalhes da grandiosa visão e dos “*mirabilis scientiae fundamenta*” – os fundamentos da ciência maravilhosa²⁴...De acordo com Descartes, seu “*método*” deveria ser empregado sempre que ocorresse a busca do conhecimento, em qualquer campo da ciência.... O que dá substância ao método é a utilização da matemática, a ciência do espaço e da quantidade, a mais simples e segura dentre todas as concepções da mente.” (grifos nossos)*

O que Davis e Hersh enfatizam em seu livro é que o *sonho* de Descartes se concretizou, doze gerações após ele ter “*sonhado seu sonho*”. Eles não negam a relevância ou o mérito da abordagem matemática dentro da ciência, afinal são matemáticos.²⁵

²⁴ Contidos no livro “*Discurso sobre o Método de Bem Conduzir a Razão na Busca da Verdade nas Ciências*”. Davis e Hersh [p.5]

²⁵ “*CUIDADO, porém! Tudo pode ser matematizado? ...Não quero dizer que somente a vida interior do indivíduo está além da matemática. Mais do que essa, está a “vida interior” da sociedade, da própria civilização, por exemplo: a literatura, a música, a política, as mares e correntes da história, Tudo isso fica fora do computador, fora de qualquer equação ou inequação*”. [p.14]

Eles buscam situar, problematizar, contextualizar o momento onde se deu a proposta de método de Descartes que *“via no estado corrente do conhecimento uma mistura desordenada de fatos e fantasias, de lendas e boatos, de bom senso e tolices, de doutrinas e dogmas, de experimentação, conjecturas e preconceitos, todos fundidos numa metafísica ineficaz e gasta, eivada de procedimentos caóticos e mal orientados.”*, e com isso, buscou encontrar *“um método seguro, que mostrasse a verdade e garantisse para a nova ciência uma filosofia e uma visão renovada da verdade”*. Uma proposta que Descartes entendia ser necessária para atender a sua contemporaneidade. *“Era o sonho de um método universal, pelo qual todos os problemas humanos, fossem científicos, legais ou políticos, pudessem ser tratados racional e sistematicamente, através de uma computação lógica.”* (grifos nossos)

Isso nos possibilita compreender que para encontrar o método da razão lógica, Descartes não usou em si seu próprio método! Ele sonhou... Usou a imaginação, a revelação, a criatividade²⁶.

Depois deste momento de criação inicial, ele levou dezoito anos para transformá-lo em uma **Linguagem** que pudesse ser compreendida por sua contemporaneidade, que aceitou-a tão bem que outras propostas não puderam ser mais ouvidas. Isso indica que o que Descartes apresentou oferecia importantes respostas aos anseios de sua época.

Mas, segundo ASSMANN (1985:55-57) *“foi ambiente de profunda renovação e grandes debates, entre o fim do século XVII e os primeiros decênios do seguinte, numa atmosfera que respirava os novos ventos provenientes da França cartesiana e da Inglaterra baconiana e hobbesiana”* que Giambattista Vico (1668-1744) travava, na Itália, uma solitária²⁷ polêmica contra o **Pensamento** cartesiano principalmente *“contra a pretensão de uma ciência matematizante da natureza...[não impugnando] a validade do conhecimento matemático, mas a teoria segundo a qual a matemática seria o único*

²⁶ “Descubra o que Descartes queria, o que ele poderia querer, o que ele almejava, ainda que inconscientemente. Ai estará a base, o ponto estratégico a ser esclarecido” Paul Valéry citado por Davis e Hersh [p.7]

²⁷ Segundo Assman *“a idéia de que Vico era um pensador solitário esta atrelada ao fato de que ele não encontrou eco para suas idéias entre os pensadores mais próximos de sua época”*; Já BURKE (1997:60:61) procura referenciar esta “solidão” na falta de comunicação particular da época [entre diferentes pensamentos] na própria Europa. *“Idéias um tanto próximas das de Vico haviam sido ou estavam sendo elaboradas por escritores cujo trabalho ele não parece ter conhecido....pois escreviam em inglês ou francês”* e cita outras situações próximas a esta. *“Diante desses paralelos tão próximos....é difícil ver Vico como um homem nascido fora de sua época”*.

possível conhecimento.” (grifos nossos)

O princípio de base da filosofia de Vico²⁸ é mais claramente identificado a partir de sua atitude em relação ao cartesianismo: *“Para Vico existem certezas humanas fundamentais que não podem ser logicamente demonstradas e tampouco são evidentes. Produtos humanos fundamentais, como a retórica, a poesia, a história e a própria prudência que regula a vida prática, não se baseiam em verdades do tipo matemático, mas apenas no verossímil²⁹”* colocando o fundamento da crítica de Vico aos princípios da filosofia de Descartes justamente neste ponto. Para Vico a verdade e o fato são a mesma coisa e que desta forma um pode se converter no outro [Verum ipsum factum, verum et factum convertuntur]³⁰. *“Em outros termos, só se pode ser conhecido de maneira indubitável aquilo que o próprio sujeito cognoscente faz, cria ou produz.”*³¹ PRADO (1979:XI) (grifos nossos).

Ele entendia o conhecimento como resultado direto da experiência vivenciada e portanto verdadeiro para quem o cria, onde *Só se conhece, o que se cria*. Vico desenvolve esse conceito, segundo Assmann (p.65), principalmente apoiado nas histórias das nações (o homem enquanto ser sociável) pois: *“...segundo Vico, um povo não pode julgar o outro a partir de si mesmo.*

*Não há um tempo histórico único, uniforme, mas cada nação segue o seu tempo, em ritmo e complexidade próprios.”*³² Não era sob a ótica do “eu” legitimador que Vico buscava dar validade ao conhecimento específico dos homens pois *“...economia, direito, estado, ciência, arte - concretizam-se historicamente e não podem assim ser compreendidos a partir de indivíduos isolados, mas só fundados nas relações entre estes indivíduos, na sociedade humana”* [p.59:60] Assmann busca explicitar a contraposição estrutural entre a proposta do “eu” cartesiano como fundamento do ser e

²⁸ Constituídas em sua principal obra *“Princípios de (uma) Ciência Nova”* publicada em 1725 e reeditada em 1744; (PRADO:1979)

²⁹ O verossímil é um tipo de verdade problematizada, colocada entre o verdadeiro e o falso. Segundo Prado nos apresenta *“O verossímil, na maior parte dos casos, é verdadeiro, mas de qualquer forma sua característica reside na ausência infalível de verdade.”*;

³⁰ *“A verdade e o fato são as mesmas coisas e podem ser convertidos um no outro.”* (Prado,1979:X)

³¹ *“Para Vico as verdades matemáticas são irrefutáveis porque constituem partes de um sistema produzido pelo próprio homem. A matemática seria a melhor prova de que o verdadeiro e o feito são idênticos”*. Prado (1979: XVI)

³² *“Vico estava agora convencido que seus predecessores [Platão, Bacon, Maquiavel e Grócio] haviam cometido um enorme anacronismo. Haviam imaginado os primeiros homens “de acordo com nossas idéias atuais e não de acordo com as idéias originais, próprias deles [era necessário] despir a mente de suposições e entrar, pela força de nosso entendimento, na natureza dos primeiros homens”- Sobre a validade da “sapienza volgare” (sabedoria popular) .* Burke (1997:38:39)

o saber e a de “**nós**” proposta pela filosofia de Vico: “*Vico reconhece que uma visão que partia do individuo, concebido como independente, devia ser necessariamente limitada e vã, além de ser errada*”. [p.59]

Embora nosso encontro com Vico tenha possibilitado o despertar de importantes reflexões pessoais³³, não é nossa intenção discorrer sobre elas neste trabalho, mesmo que elas possam aparecer sutilmente ao longo de seu desenvolvimento. O que buscamos é apresentar uma contextualização, referenciada na construção paradigmática de nossa contemporaneidade, e que dê dinâmica também ao tempo passado.

Um tempo que também teve dúvidas (problemas) e escolheu respostas (soluções) que lhe pareciam mais adequadas a sua realidade.

“A natureza das coisas não é mais do que o seu nascimento em determinados tempos e conforme certos modos de ser. Eis que as quais se constituíram, tais hão de manter-se e não de outra forma.”

Giambattista Vico em PRADO(1979:35)

Terminada esta primeira aproximação contextual e problematizadora de idéias e conceitos sobre Ciência, voltamos ao mosaico sobre participação adicionando mais um ingrediente à pergunta inicial: *Como dirigir nosso **Pensamento de forma a construir uma leitura** [Síntese] integradora de nosso mosaico, estando referenciados em um pensamento contemporâneo, complexificado?* Encontramos indícios de respostas em MORIN (1995:159:168). Para ele a entrada no universo da complexidade só se dará através de uma **reforma do pensamento** onde haja a integração entre **contexto e complexo no próprio ato de pensar**. Ele conceitua-os como:

- **O PENSAMENTO DO CONTEXTO:** “*Devemos pensar em termos planetários a política, a economia, a demografia, a ecologia, a salvaguarda dos tesouros biológicos, ecológicos e culturais regionais.....Mas, não basta inscrever todas as coisas e os acontecimentos num quadro ou horizonte planetário. Trata-se de buscar sempre a relação de inseparabilidade e de inter-retro-ação entre todo fenômeno e seu contexto [Local x Local], e do contexto com o contexto planetário [Global x Global]”*

³³ Segundo Burker (1997:99:105) essa é uma qualidade da obra de Vico. “*O estudo da Ciência Nova continua valendo a pena, em parte por ser um grande empreendimento imaginativo, como os poemas de Homero e de Dante, e em parte porque é obra seminal, no sentido que demonstrou repetidas vezes [o autor cita entre outros Marx, James Joyce, Michellet entre outros] sua capacidade de plantar sementes na imaginação dos leitores. O talento de Vico para ver conexões insuspeitadas não perdeu seu poder de estimular e de inspirar.*” grifo do autor

- **PENSAMENTO DO COMPLEXO:** “*Há necessidade de um pensamento que ligue o que está separado e compartimentado, que respeite o diverso [Parte x Parte] ao mesmo tempo que reconhece o uno, que tente discernir as interdependências [Todo x Todo]; de um pensamento radical (que vá a raiz do problema); de um pensamento multidimensional; ..organizador ou sistêmico (que conceba a relação); ...ecologizado (que o considere em e por sua relação com seu ambiente – cultural, social, econômico, político, natural); um pensamento que conceba a ecologia da ação e a dialética da ação, e seja capaz de uma estratégia que permita modificar e até anular a ação empreendida; de um pensamento que reconheça seu inacabamento e negocie com a incerteza, sobretudo na ação, pois só há ação no incerto.” (grifos nossos)*

E acrescenta: “*O particular torna-se abstrato quando é isolado de seu contexto, isolado do todo do qual faz parte. O global torna-se abstrato quando não passa de um todo separado de suas partes.... A frase de Pascal aplica-se [literalmente]: “Sendo portanto todas as coisas causadas e causantes, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e mantendo-se todas por um vínculo natural e insensível que liga as mais afastadas e as mais diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, como também conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes.” (grifos nossos).*

Então voltamos ao nosso mosaico e percebemos que tínhamos começado pela observação das **partes**, e que isso, merecia um maior aprofundamento pois, *que **todo** legitima a presença das **partes** observadas? Ou ainda; o que há de comum entre essas **partes** que acabam por legitimar o **todo** observável?*

“O todo é criativo; onde quer que partes conspiram para formar um todo, surge alguma coisa que é mais que suas partes... A origem de um todo a partir de suas partes é um exemplo do muito sugerido do pouco, do superior a partir do inferior, de um modo que não violenta a razão... porque o conceito de um todo em relação com suas partes é um produto da razão..” Ian Christian Smuts³⁴ em (Holismo - BRITÂNICA:642) grifos nossos

³⁴ Segundo WEIL in BRANDÃO (1991:19:30) foi Ian Smuts quem, em 1926 com o livro *Holism and evolution* lança pela primeira vez as bases conceituais de *Holismo*.

“É a linguagem que usamos que molda a realidade na qual operamos. O real, a performance, o resultado, são construções intermediadas pela linguagem.” Nobrega (1999) - grifos nossos

1.4.1 Uma proposta de encaminhamento: *Pensamento, Linguagem e Comunicação*.

Morin quando propõe **uma reforma de pensamento [do contexto e do complexo]**, não nos oferece explicitamente uma forma de operar esta transformação, mas aponta-nos uma direção: *“A vida humana é tecida de prosa e poesia. A poesia não é apenas uma variedade de literatura, é também um modo de viver na participação, o amor, o fervor, a comunhão, a exaltação o rito, a festa, a embriaguez, a dança, o canto, que efetivamente transfiguram a vida prosaica feita de tarefas práticas, utilitárias, técnicas. De resto, todo ser humano fala duas linguagens a partir de sua língua. A primeira denota, objetiviza....; a segunda fala antes conotações...joga com analogias, metáforas, tenta traduzir as emoções e os sentimentos, permite a alma exprimir-se”* [grifos nossos] e de pronto trás o Poeta: *“Fernando Pessoa dizia que em cada um de nós há dois seres: o primeiro, o verdadeiro, é o de seus devaneios, de seus sonhos, que nasce na infância e prossegue por toda a vida, e o segundo, o falso, é o da aparência, de seus discursos e de seus atos...”*[p. 177]

Datilografia

*Traço sozinho, no meu cubículo de engenheiro,
o plano,*

*Firmo o projeto, aqui isolado,
Remoto até de quem eu sou.*

...

Temos todos duas vidas:

*A verdadeira, que é a que sonhamos na
infância,*

*E que continuamos sonhando, adultos num
substrato de névoa;*

*A falsa, que é a que vivemos em convivência
com outros,*

Que é a prática, a útil,

*Aquela em que acabam por nos meter num
caixão.*

Na outra não há caixões, nem morte,

Só há ilustrações de infância;

Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;

*Grandes páginas de cores para recordar mais
tarde.*

Na outra somos nós,

Na outra vivemos.

.....

Fernando Pessoa (1996:76)

Morin (1995) constrói em três páginas [p.177:179] um discurso onde discute a importância de se trabalhar com enfoque de complementaridade³⁵ dois aspectos humanos: o **objetivo** (prosaico) e o **subjetivo** (poético). *“Os dois estados podem se opor, se justapor ou se misturar. Nas sociedades arcaicas, havia interações estreitas entre ambos: o trabalho cotidiano, a preparação da farinha no almofariz, por exemplo, era acompanhado de cantos e escandido por ritos; os preparativos de ação ou guerra se faziam por ritos miméticos que comportavam cantos e danças. As civilizações tradicionais viviam em alternância entre as festas... e a vida cotidiana submetida às coerções e voltada à frugalidade e a parcialidade. A civilização ocidental separou a prosa da poesia. Rarefez e em parte esvaziou as festas em proveito do lazer, noção-sacola que cada um preenche como puder. A vida de trabalho e a vida econômica foram invadidas pela prosa; e a poesia se refugiou na vida privada, de lazer e de férias...”* (grifos nossos).

Morin encerra dizendo: *“Temos necessidade vital de prosa, já que as atividades práticas prosaicas nos fazem sobreviver.... Hoje, na Terra, os humanos passam grande parte de seu viver a sobreviver... É preciso tentar viver não apenas para sobreviver, mas também para viver. Viver poeticamente é viver por viver.”* [p.179] (grifos nossos).

Encontramos em NÓBREGA (1998) uma importante conexão que ajudou-nos a compreender a dimensão da proposta de Morin: **Pensamento e Linguagem**. Para Nóbrega, a **linguagem** empresta realidade ao **pensamento**, e vice-versa, estando na **linguagem** nossa capacidade de expressar o real percebido.

Nóbrega nos conta: *“Há uma história sobre um habitante de uma sociedade primitiva, um remoto lugar em que não se tinha sequer descoberto a roda, que foi levado a visitar um grande cidade. Na volta, perguntado sobre o que mais o impressionara, respondeu ter sido uma pessoa usando uma carroça para transportar mais bananas do que ele jamais julgara possível. Automóveis e arranha céus nada significaram para ele. Não estava preparado para notá-los.”*

Nóbrega utiliza-se deste recurso de **Linguagem** [a metáfora] para levar-nos

³⁵ “O termo complementaridade foi proposto por Niels Bohr como solução do paradoxo partícula-onda da física subatômica e pode ser aplicado, perfeitamente, ao paradoxo metodológico análise-síntese [onde] análise decompositora precisa ser sucedida – não substituída – por uma síntese unificadora”. CREMA em BRANDÃO (1991:96)

diretamente a compreensão³⁶ ampla da situação, explicando posteriormente que o **mundo mental** do visitante é que “forçava-o” a notar apenas a enorme carga de bananas; “...só notamos e acreditamos naquilo que se encaixa em nosso planos e favorece nossos quadros mentais”.

“Para Vico, o papel especialmente importante da linguagem reside no fato de que os termos empregados pelo homem, em sua maioria, incluindo os mais teóricos e os mais abstratos, achavam-se profundamente arraigados em remotas formas de vida e de experiência... as palavras [iluminam] não só condições ambientais das gerações anteriores [mas também] os efeitos: discurso e pensamento ligam-se intimamente.” Prado (1979:XXVIII)

Podemos sintetizar que Nóbrega, assim como Morin, propõe a **reforma do pensamento**, só que para ele esta reforma está associada (numa relação de interdependência) à **reforma da linguagem**. “É comum a crença de que informação séria tem que aparecer em forma de tabela, gráficos, check-list. Mas esse tipo de linguagem não captura mais as nuances complexas e imprecisas do mundo. Narrativas têm um impacto psicológico que gráficos e equações não têm.”³⁷

A proposta de Nóbrega é atuar nas duas frentes. Uma que (re)constrói nossa percepção de mundo, nosso **pensamento**; “Lembre-se o mundo lá fora é o que você é capaz de perceber. Desafie seus modelos. Procure evidências que desconfirmem o que você acredita. Prestamos atenção apenas naquilo que achamos importante. Desconfie de você”, embora ele alerte que esta postura tende a afetar profundamente nosso senso de realidade, “mas não há outro jeito”; e a outra a nossa **linguagem**.

Ele propõe a utilização de uma **linguagem** narrativa onde seja possível ver porque as coisas podem acontecer de certas maneiras. “Ordenam e dão significado aos eventos. Contar histórias e planejar estão ligados de uma maneira fundamental. Narrativas também desempenham papel importante, eu diria fundamental, no

³⁶ “O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do interprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para eles mortos, e ele, um morto para eles: A **quarta** é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, tudo é o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim, certos símbolos não podem ser entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes...” Fernando Pessoa (1996:5) – (íntegra do texto, **Anexo 10**)

³⁷ Davis e Hersh (1976:15) também tratam desta questão quando dizem: “De fato, tornou-se quase uma condição inicial, para reconhecimento de uma teoria científica, que ela possa ser expressa em linguagem matemática, e, também, um ato de fé, a suposição de que uma matemática apropriada possa ser desenvolvida, sempre que a matemática disponível for inadequada para descrever o fenômeno observado”.

aprendizado. Pesquisadores investigando como estudantes de “high school” americanas aprendem, descobriram que o estilo do Time e da News Week, baseado em histórias, é a melhor maneira de aprender e fixar. Quando o conteúdo livros de história americana foram apresentados nesse formato, descobriu-se que os estudantes guardavam até três vezes mais” (grifos nossos).

Mas então qual é nossa relação contemporânea entre **linguagem e pensamento**, principalmente no meio científico³⁸? Não será tão estática, reduzida, linear quanto a da realidade cartesiana que começamos a duvidar? Nóbrega chama isso [a possibilidade de (re)construção da relação entre linguagem e pensamento] de grande barreira mental: “Somos incompetentes para pensar Pensamentos que não se enquadrem nas nossas categorias habituais. Recusamo-nos a admitir certos cursos de nossas narrativas [linguagem³⁹]; ficamos presos em modelos de amanhã que repetem o hoje”

Neste caminho até aqui, falamos de **Pensamento e Linguagem**. Estamos tratando de objetos, até certo ponto, individuais que podem apenas expressar a relação do indivíduo consigo próprio. Mas quando pensamos em coletividade [em **Participação**] surge um novo ingrediente: a **Comunicação**. Através da comunicação somos capazes de estabelecer contato, uns com os outros. Dividir idéias e entendimentos que constituem nossa possibilidade de compartilhar o mesmo mundo, (re)criar o todo.

Da mesma forma como Nóbrega relaciona instrumentalmente **Pensamento** com **Linguagem**, criando uma íntima relação entre ambos, um (re)criando a possibilidade de transformação do outro, DRUCKER (1975:11:33) em seu livro “Tecnologia, Gerência e Sociedade” constrói um corpo teórico inicial de sustentação que relaciona **Linguagem** com **Comunicação**⁴⁰.

³⁸ Sobre isso FEYERABEND (1977:24) já havia apontado um limite da visão científica: “A história, de modo geral, e a das revoluções, em particular, é sempre de conteúdo mais rico, mais variada, mais multiforme, mais viva e sutil do que o melhor historiador e o melhor metodologista poderia imaginar”.

³⁹ “A objetivação de uma experiência vivida só se dá depois que a transpomos para uma linguagem. Ou seja, a questão não é perguntar se fora de nós existe mesmo um mundo real, uma realidade... a questão é perguntarmos sobre o mundo que faz sentido para nós ou, melhor dizendo, sobre o sentido que colocamos no mundo através de nossas práticas. E essa colocação se faz pela linguagem. Pela linguagem, nós sabemos como podem ser as coisas, condição necessária para “se poder dizer o que uma coisa é.” Neto (1999) grifos nossos

⁴⁰ Também pode-se encontrar essa relação, particularizada conforme linha disciplinar e teórica de abordagem, em: Freire (1983), ECO (1976), Nóbrega (1995).

Uma apropriação muito ampla de conhecimentos do qual ele mesmo se posiciona defensivamente⁴¹. Ele se protege pois no primeiro texto de seu livro, intitulado “*Informação, comunicação e compreensão*”, Drucker trata **Comunicação** como algo que engloba “*os gestos, o tom de voz, o meio-ambiente, fatores culturais e sociais não podem ser dissociados da linguagem falada*” e que representa nossa forma de expressão entre o “eu” e o “outro” ou “outros”. Nossa possibilidade de criar o mundo coletivo onde todos participam, emprestando-lhe significação própria.

A nosso ver, o mais importante que Drucker coloca sobre este tema é que o comunicante, a pessoa que emite a comunicação, não comunica, apenas profere palavras [utiliza sua linguagem]. Se não há ninguém para ouvir, não há **Comunicação**. O receptor é que a percebe, cria a possibilidade da comunicação se tornar efetiva. E explica: “*percepção não é lógica, é experiência...Percebe-se sempre uma configuração, faz parte de uma representação total...Percebemos apenas o que somos capazes de perceber.*” [p.15]. Algo que Nóbrega já havia nos indicado.

*“Hiedeberger.. após minucioso exame de nossa capacidade de compreender “matematicamente” o mundo, sugere que as “estruturas de nossas mentes”, chamadas arquétipos por Platão, podem “refletir a estrutura interna do mundo” de maneira como a matemática não alcança. Seja qual for a explicação desta ou outra forma de entendimento (além da matemática) a linguagem das imagens, e similares será provavelmente o único modo de abordar o Uno a partir de espaços mais vastos”*⁴² LAING,(1982,168) grifos nossos

Para atingir o objetivo de uma **Comunicação** qual seja, compartilhar com o outro “nosso mundo”, Drucker, assim como Nóbrega, Morin e Hiedeberger, também nos fala sobre narrativas, metáforas: “*Em Fedro, de Platão, Sócrates observa que uma pessoa deve falar com outras pessoas em termos de experiência destas últimas, isto é,*

⁴¹ “Reconheço perfeitamente que este sumário... é uma super simplificação grosseira. Reconheço perfeitamente que glosei algumas questões mais controversas da psicologia e da percepção. Na verdade posso perfeitamente ser acusado de ter tratado superficialmente a maioria dos problemas que os estudiosos da aprendizagem e da percepção consideram importantes e primordiais. Minha intenção não tem sido...analisar campos tão vastos. Meu campo de interesse é a comunicação...a comunicação na grande organização, seja ela uma empresa econômica, uma agência governamental, uma universidade ou uma unidade das forças armadas” [p.25]

⁴² De fato temos observado que este recurso [da metáfora] está sendo cada vez mais utilizado dentro de textos científicos. Como exemplo trazemos texto de LEIS (1995:15) que para iniciar seu artigo sobre ambientalismo busca a força da subjetividade de uma metáfora, dizendo: “Um lugar não se conhece, afirma Walter Benjamin, até que não se entra nele e não se abandoná pelos quatro pontos cardeais. A metáfora dos muitos caminhos percorridos nas cidades pode ser aplicada ao conhecimento da história e da política. Essa sensibilidade benjaminiana, que registra as múltiplas significações das coisas assume como modelo um tecido interpretativo, em vez de construir um sistema absoluto que obriga os fenômenos a adaptar-se à ordem do discurso, é recomendável em épocas de crise e especialmente indicado para análise do ambientalismo e da política mundial.”

que se deve usar metáforas⁴³ de carpintaria quando se está conversando com um carpinteiro, e assim por diante” [p. 16]. Para Drucker, a primeira pergunta que devemos fazer quando queremos comunicar algo a alguém deveria ser: “*Esta comunicação se encontra dentro do campo de percepção do receptor? Poderá ele percebê-la?*” E acrescenta uma importante pergunta⁴⁴: “*Que pode, então, nosso conhecimento e nossa experiência [mesmo quando buscamos ser mais generalista do que especialista] ensinar-nos sobre comunicação [em organizações], sobre os motivos de nossos fracassos e sobre os requisitos para o sucesso no futuro?*” [p.27]

Na tentativa de construir respostas, ele relaciona alguns elementos:

- ➔ Temos tentado a comunicação de cima para baixo. Pretende-se que o emissor comunique, quando sabemos que tudo o que ele faz é emitir, pois comunicação é ação do receptor. Devemos tomar por base a percepção do receptor e não a do emissor. Fazer comunicação de baixo para cima.
- ➔ Em vez de começar com o que queremos comunicar, devemos começar por averiguar o que os receptores querem saber, no que estão interessados naquilo que, em outras palavras, são receptivos. Ouvir é um pré-requisito da comunicação, e é difícil querer que alguém nos ouça se nós mesmos, muitas vezes, não estamos capacitados para fazê-lo. “*Mas, saber ouvir é apenas o ponto de partida....*”
- ➔ Informação não resolve o problema da comunicação. O grande hiato da comunicação bem pode refletir o enorme crescimento da informação sem o crescimento proporcional da comunicação.
- ➔ A comunicação de baixo para cima⁴⁵ (receptor→emissor) deve ser focalizada em algo que ambos percebem e na motivação do receptor que se quer atingir. Deve desde o princípio ser informada [a comunicação] pelos valores, pelas crenças e pelas aspirações do receptor.

⁴³ “Segundo Wittgenstein, a metáfora é possível não porque exista uma correspondência entre os elementos — sejam eles objetivos, estilísticos, temáticos, etc. —, mas porque “vemos” as suas relações elementares. Em outras palavras, a metáfora aponta para uma relação de segunda ordem, para uma relação entre relações. Bem mais do que um jogo de palavras, isso remete à questão fundamental de que se pode recorrer às metáforas para descrever as palavras e as coisas não porque cada uma dessas, no seu âmbito, se abrigue sob algum guarda-chuva de identidades, mas sim porque mesmo que não haja nenhum elemento estritamente comum ou compreensivo dentro de cada âmbito, as relações entre os elementos podem ser vistas como comuns ou compreensivas”. Neto (1999).

⁴⁴ Que serve de parâmetro inicial para reflexão sobre o tema **Participação**.

⁴⁵ Na maioria desenvolvidos por processos paternalistas (emissor → receptor) que, mesmo quando estão repletos de boas intenções, “trazem embutido o dizer tradicional :este é um mundo complexo,; é preciso o especialista, o homem que saiba mais... mais que evidencia somente o mundo simples, pois ...as pessoas compreendem o que faz o pai porque compartilham de suas experiências e percepções” Drucker (1975:33); grifos nossos.

Ainda segundo Drucker, num mundo **complexo**, “há necessidade de compartilhamento das experiências de decisão onde se estabelece a percepção comum, a verdadeira comunicação, a aceitação e a capacidade de executar decisões onde a comunicação assume um papel não de meio de organização mas sim de modo de organização.” (grifos nossos). Mas, mesmo assim, cuidado, diz Drucker, a comunicação sempre faz exigências. “Ela exige que o receptor torne-se alguém, faça alguma coisa, acredite em algo. Ela apela para a motivação... De um modo geral, não há comunicação até que a mensagem possa penetrar nos valores do próprio receptor” [p.22].

Postas estas considerações teóricas (técnicas) tratadas até aqui, resta então perguntar: Para que fim utilizaremos esses meios? Quem justifica quem? E aí, entram em cheque nossa intencionalidade [prosaica e poética] de uso. Nossa sabedoria. Um exemplo sobre essa relação (técnica x intencionalidade) é trazido por Enzensberger (1989) que relaciona instrumentação com objetivos (Tabela 1):

TABELA 1.USO DA COMUNICAÇÃO CONFORME OBJETIVOS

USO REPRESSIVO	USO EMANCIPADOR
Programas de controle centralizados	Programas descentralizados
Um transmissor, muitos receptores	Cada receptor um transmissor em potencial
Imobilização de indivíduos isolados	Mobilização das massas
Atitude passiva dos consumidores	Interação dos participantes, feedback
Processo de despolitização	Processo de aprendizagem política
Produção feita por especialistas	Produção coletiva
Controle de proprietários ou burocratas	Controle socializado por auto-organizadores

Fonte: Enzensberger, 1989 [p.101]

De pronto, já podemos fazer uma primeira reflexão sobre a intencionalidade objetiva que se quer emprestar aos processos participativos. *Serão elas [as intencionalidades], repressivas ou emancipatórias? Qual a semelhança que é possível observar entre este a tabela acima e as diferentes aproximações teóricas presentes em nosso mosaico inicial ? (Figura 4)*

O que nos surge de imediato é uma pergunta, talvez a que deveria ser a primeira: *Qual intencionalidade está por trás do uso do conhecimento sobre Participação que vamos desenvolver?*

E de novo trazemos Morin (1995:180): *“O evangelho da fraternidade é para a ética o que a complexidade é para o pensamento: ele apela a não mais fracionar, separar, mas ligar, ele é intrinsecamente re-ligioso, no sentido literal do termo...[re-ligar] para operar em nossos espíritos a realiance entre os humanos, que por sua vez estimule a vontade de ligar os problemas uns aos outros.”* Grifos do autor

*Se isso for considerado
por você utópico, peço-
lhe que reflita porque é
utópico”*

Brecht, Teoria do Rádio⁴⁶

⁴⁶ Citado em Enzensberger (1989:11)

1.4.2 Primeiras Sínteses

“Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.

- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco -, mas pela curva do arco que as formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

- Por que falar de pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

- Sem pedras o arco não existe.”

Calvino (1998:79) grifos nossos

O objetivo de discutir os elementos apresentados até aqui, compõe nossa tentativa de traduzir a construção do caminho que nos levou a entender a complexidade também no tema **Participação**.

Iniciamos com a proposta de um quadro, deparamo-nos com um mosaico, buscamos suportes teóricos para incluir a riqueza e não excluí-la. Essa busca abriu-nos inúmeros campos que por si só já indicam a necessidade de outras pesquisas de aprofundamento.

Mas, para nós neste momento, os elementos mais importantes que surgiram e que enriquecem a discussão sobre **Participação** podem ser sintetizados em:

- I. Os procedimentos de contextualização são muito importantes para complexificar a percepção da realidade (Juntar realidades e não reduzi-las);
- II. Existe uma íntima relação de interdependência entre o que consideramos real (individual e coletivamente) e nossa capacidade de expressá-lo;
- III. Se, temos alguma intenção de transformar o “real” (individual e coletivo) podemos começar a transformação [(des)construir/(re)construir] tanto por nosso Pensamento quanto pela nossa Linguagem [forma de expressão], ou ambos simultaneamente;
- IV. A base do Pensamento é individual, parte de experiências diretas do indivíduo. A Linguagem é meio e modo de estabelecer relacionamentos entre indivíduo↔indivíduo e indivíduo↔coletivo;

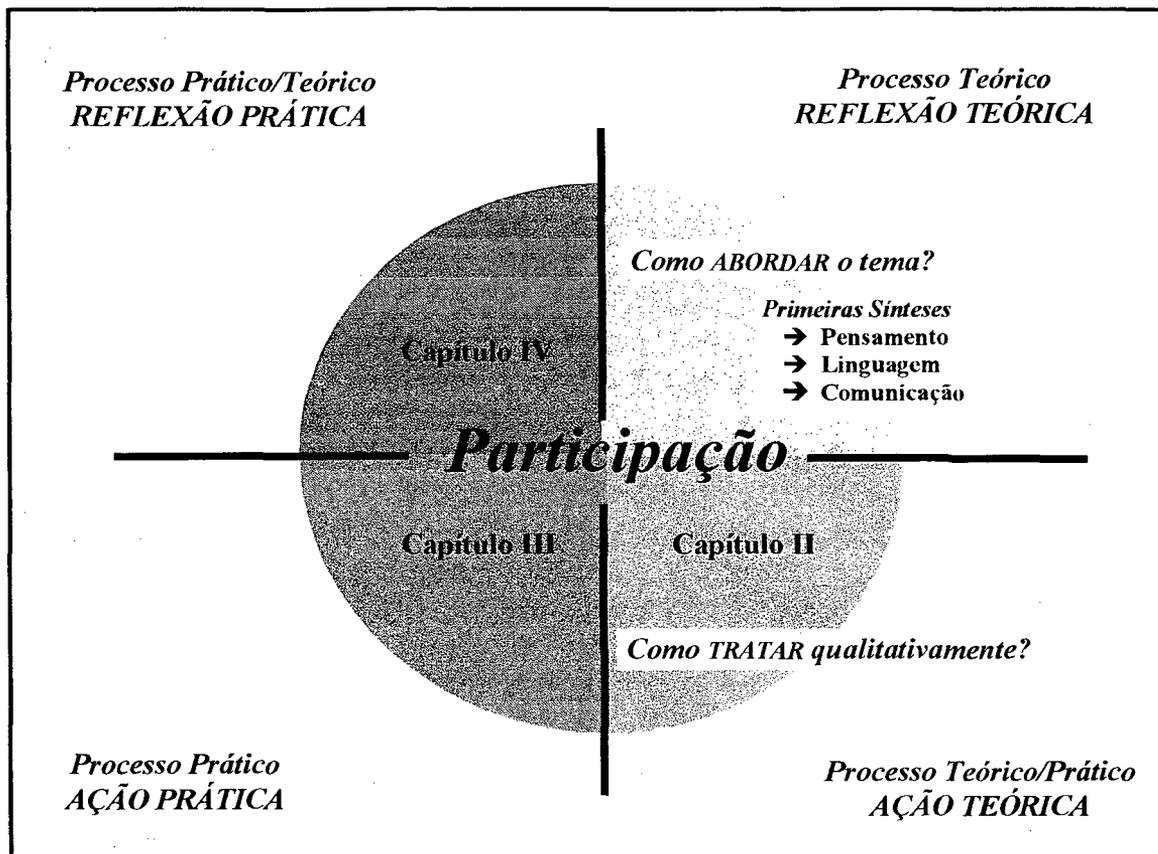
- V. Relacionamentos se dão através de processos de Comunicação, onde se estabelece a interação indivíduo↔indivíduo e indivíduo↔coletivo, tendo o(os) receptor(es) alto grau de responsabilidade sobre os resultados⁴⁷;
- VI. Ao emissor [quem quer comunicar] importa ouvir e buscar adaptar sua linguagem, caso queira atingir seu objetivo de comunicação; esse momento requer do emissor sensibilidade, criatividade e responsabilidade além do conhecimento da mensagem, pois a Linguagem tem profunda relação com a mensagem⁴⁸;
- VII. Os fracassos e sucessos não são mérito ou demérito exclusivos do emissor ou do receptor [os comunicantes], são de responsabilidade comum, e denunciam a adequação ou inadequação dos meios e dos modos de comunicação que pode se estabelecer intencionalmente (de forma objetiva - prosaica) ou espontaneamente (de forma subjetiva - poéticas);
- VIII. Os processos de **Participação** envolvem emissores↔receptores numa relação de “mão dupla”, onde os objetivos da Comunicação [a participação em si] devem ser explicitados, percebidos e legitimados por ambas as partes, utilizando-se suas próprias Linguagens, sensibilidades, criatividade, intencionalidades e espontaneidades.
- IX. Os resultados obtidos em um processo de Comunicação explicitam os limites impostos pela capacidade de ouvir de cada parte envolvida e de legitimar a intencionalidade implícita no processo.
- X. Definir e explicitar, (individual e coletivamente), a ética e os objetivos de uso do conhecimento [intencionalidade] é fundamental para se conseguir comprometimento tanto do emissor quanto do receptor.

⁴⁷ Onde: “Conhecer, na dimensão humana, qualquer que seja o nível em que se dê, não é um ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe” Freire (1983:27)

⁴⁸ Mensagem: o conteúdo da comunicação. Ver Eco (1976:51:52)

Esta aproximação teórica realizada busca base e justificativa para referenciar as escolhas metodológicas presentes na primeira etapa da pesquisa (**fase exploratória**). Na Figura 5 apresenta-se este momento, inserido dentro do ciclo da pesquisa, onde pergunta-se: *Como tratar o tema qualitativamente, dentro da perspectiva de construção metodológica?*

FIGURA 5. DINÂMICA DA PESQUISA – REFLEXÃO TEÓRICA



Para integrar a **reflexão** teórica realizada (Capítulo I) à **ação** teórica de construção metodológica, trabalhar-se-á em dois momentos no Capítulo II;

No **primeiro** na **contextualização** do OBJETO, onde busca-se (re)conhecer as práticas locais que foram levantadas na fase pré-campo e construíram o cenário para nossa entrada em campo.

E, o **segundo** em sua **complexificação**, ou seja na construção da **dinâmica metodológica a ser utilizada em campo**.

“- As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas...; Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder, como Tebas na boca da Esfinge” Calvino (1998:44)

CAPÍTULO II

2 PARTICIPAÇÃO - ESTABELECENDO AS BASES CONCEITUAIS

2.1 Contextualizando do Cenário Local

“Nós aqui na região temos tradição de realizar trabalhos conjuntos entre as prefeituras do três municípios. É o caso da EXPOAMA⁴⁹, por exemplo. Nossos técnicos estão acostumados a trabalhar assim.”⁵⁰

Nossa aproximação sobre o OBJETO se dá a partir do Consórcio Intermunicipal do Alto Vale do Rio Negro Catarinense – Consórcio Quiriri⁵¹, localizado ao norte do Estado de Santa Catarina, na bacia hidrográfica do Alto Rio Negro, junto ao Paraná, que tem como municípios fundadores Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho (Figura 6). A área territorial de atuação do Consórcio Quiriri é de 1.505 km², com população de aproximadamente 100 mil habitantes, predominantemente urbana (Tabelas 2 e 3).

TABELA 2. DISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL TOTAL DO CONSÓRCIO QUIRIRI

Consórcio Quiriri	Total	%	Homens	%	Mulheres	%
População	99.258	100	50.018	50,4	49.240	49,6
Urbana	84.583	85,2	42.390	42,7	42.193	42,5
Rural	14.675	14,8	7.628	7,7	7.047	7,1

Fonte: IBGE, 1996

TABELA 3. DISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL POR MUNICÍPIO

Município	Total	%	Homens	%	Mulheres	%
Campo Alegre	10.549	10,6	5.393	51,1	5.156	48,9
Urbana	6.312	59,8	3.156	29,9	3.156	29,9
Rural	4.237	40,2	2.237	21,2	2.000	19,0
Rio Negrinho	31.611	31,8	15.878	50,2	15.733	49,8
Urbana	28.699	90,8	14.385	45,5	14.314	45,3
Rural	2.912	9,2	1.493	4,7	1.419	4,5
São Bento do Sul	57.098	57,6	28.747	50,3	28.351	49,7
Urbana	49.572	86,8	24.849	43,5	24.723	43,3
Rural	7.526	13,2	3.898	6,8	3.628	6,4

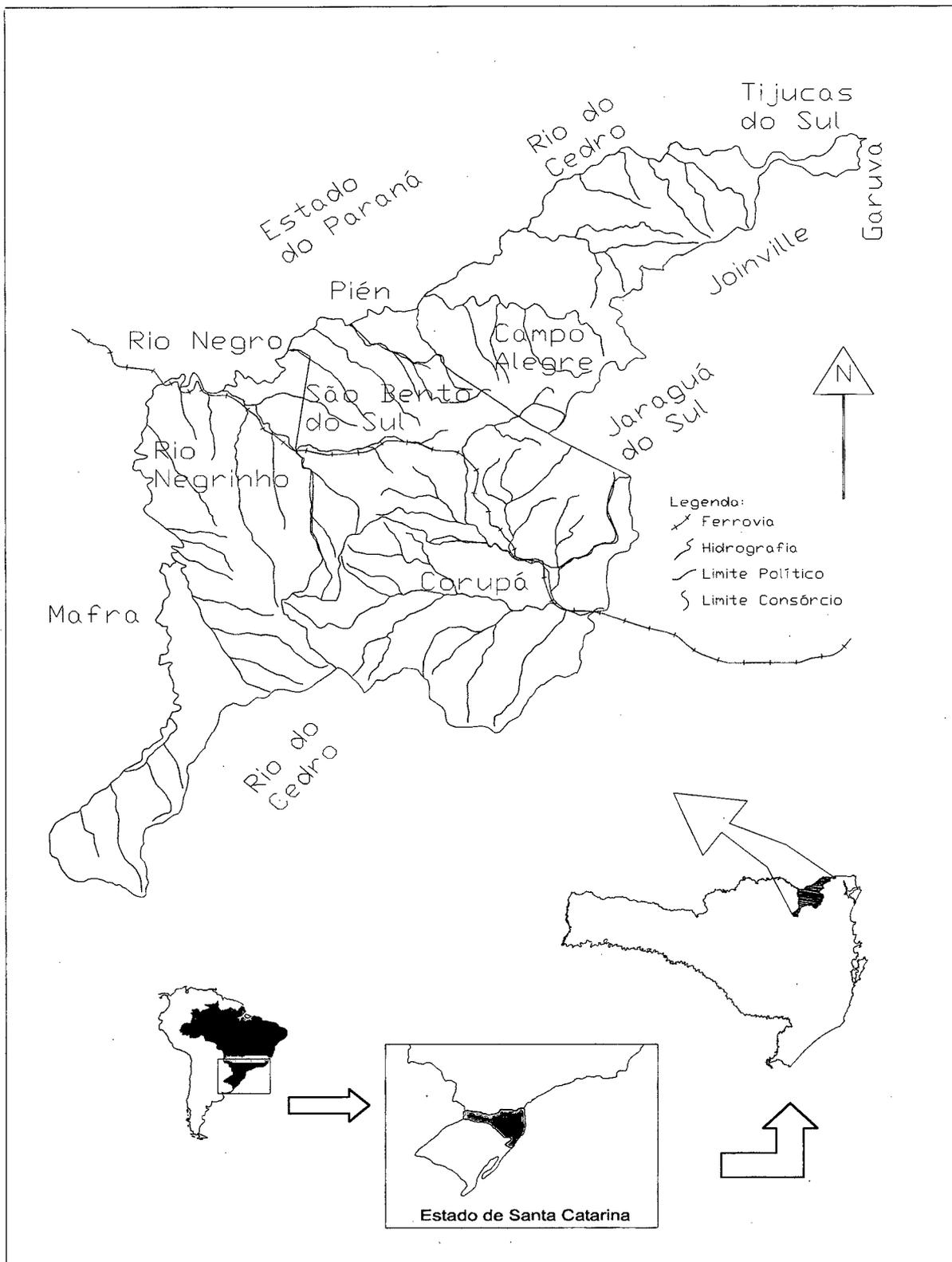
Fonte: IBGE, 1996

⁴⁹ EXPOAMA- Exposição Agropecuária e do Meio Ambiente do Alto Vale do Rio Negro, com primeira edição em 1993;

⁵⁰ Coordenador Executivo do Consórcio Quiriri - Entrevista em maio de 1999

⁵¹ Palavra tupi-guarani que nomeia a Serra de Campo Alegre, onde nasce o rio Negro, principal rio da bacia hidrográfica.

FIGURA 1. MAPA DA ÁREA DO CONSÓRCIO QUIRIRI



As principais atividades econômicas da região estão baseadas na indústria moveleira, no reflorestamento e na extração de minérios que, em última instância, são todas atividades que utilizam, com grande impacto, recursos provenientes da natureza. Porém, esta pressão centralizada sobre os recursos regionais é contrabalançada por ações de preservação e conservação da natureza promovidas, de forma espontânea e descentralizada, pela sociedade local.⁵²

“Aqui na nossa região sempre tivemos muito próximos da natureza. Eu acho que é por tradição que vem de família. Tem coisas que já são da gente....” Coordenador Executivo do Consórcio Quiriri, maio de 1999.

É neste cenário que o Consórcio Quiriri se constituiu oficialmente em **setembro de 1997**, porém seu histórico de desenvolvimento retrocede a **1995**, quando as primeiras articulações surgiram durante o **“4º Curso de Capacitação Metodológica de Planejamento Ambiental Participativo em Bacias Hidrográficas”**, ministrado pelo Prof. Pedro Hidalgo. O curso, com duração de uma semana, foi realizado na cidade de São Bento do Sul e contou com a presença de 34 participantes de 7 municípios Catarinenses, (**Mafra, Rio Negrinho, São Bento do Sul, Itaiópolis, Joinville e Florianópolis**).

Conforme é apresentado nos jornais da época⁵³, Hidalgo defendia *“a participação, tanto do poder público como da sociedade civil, na solução do problema das micro-bacias”*, citando como exemplo prático sua experiência de três anos realizada em Vitória, no Espírito Santo, onde em sua avaliação *“o trabalho deu certo”*, estando estruturado *“em um consórcio intermunicipal que congrega os nove municípios que compõem a mesma bacia hidrográfica”⁵⁴* e enfatizava, *“O sucesso do trabalho depende de três fatores: a comunidade, a prefeitura e difusores – públicos e privados”*. Hidalgo explicita sua posição quanto a importância da adequação metodológica ao contexto latino-americano: *“Os modelos europeus estão fora de nossa realidade, a proposta latino-americana é simples e participativa [e] responde as semelhantes necessidades e*

⁵² Para caracterização econômica da região ver **BRANCALEONE** (1999); **LESSA** (1997); **GIACOMOZZI JÚNIOR** (1999); **KAESEMODEL** (1990). Em **CASTRO** (1992) ver aspectos de influência da migração européia na caracterização do estilo de desenvolvimento comunitário em Santa Catarina e em **Cornely** (1978) análise sobre planejamento e participação comunitária no município de São Bento do Sul.

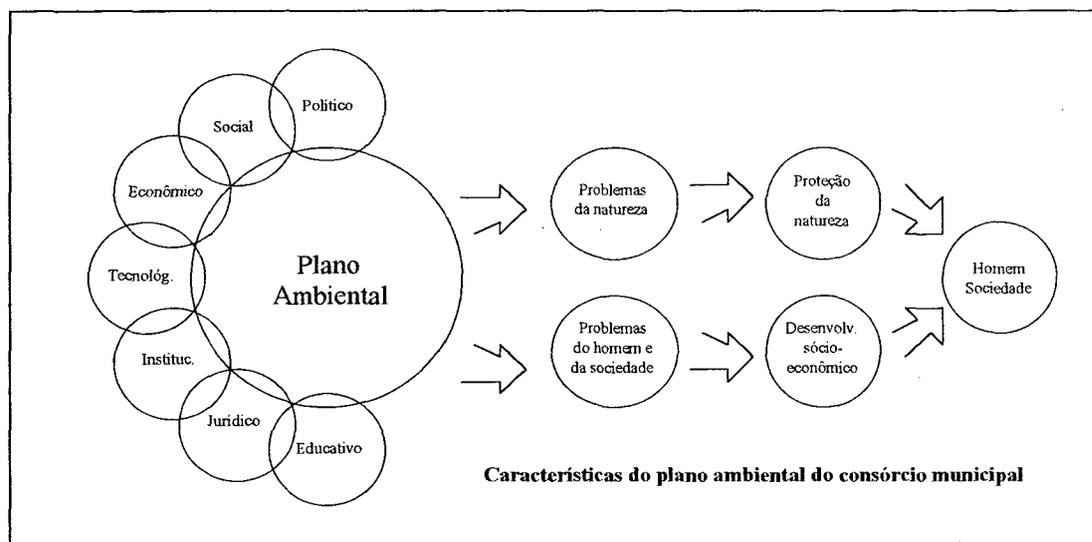
⁵³ A Notícia, Joinville, 13 de dezembro 1995, A gazeta, São Bento do Sul, 13 de dezembro de 1995, Evolução, São Bento do Sul, 15/12/1995;

⁵⁴ Consórcio Santa Maria Jucu no Estado do Espírito Santo.

problemas enfrentados pelos latino-americanos”

O Plano de Recuperação Ambiental das bacias hidrográficas é um instrumento político, econômico social e tecnológico que une os municípios em torno do desenvolvimento da Sociedade e da solução dos problemas que deterioram a Natureza. A estrutura metodológica proposta por Hidalgo, apresentada neste encontro, tem como objetivo a construção de um Plano Ambiental que busque o desenvolvimento sustentável na bacia hidrográfica apoiado em 7 diferentes níveis de importância⁵⁵, e se viabiliza através da constituição de um consórcio intermunicipal como instrumento integrador, estruturador e potencializador de soluções a problemas regionais comuns⁵⁶. (Figura 7 e 8, Tabela 4)

FIGURA 7. PROPOSTA DE NÍVEIS DE IMPORTÂNCIA



Fonte: Hidalgo (1995) Apostila nº 2 – Proposta Metodológica de Planejamento Ambiental

⁵⁵ Hidalgo discute na apostila nº 1 de seu curso: "La importancia de los recursos naturales renovables puede establecerse desde varios puntos de vista:" dos quais desenvolve teóricamente: **Importancia Histórica; Importancia Ecológica; Importancia Política; Importancia Económica; Importancia Social; Importancia Tecnológica; Importancia Institucional; Importancia Jurídica e Importancia Ambiental.** Na apostila nº 2, ele sintetiza essas importâncias em uma figura de integração que reproduzimos aqui na figura 5.

⁵⁶ Segundo consta na apostila distribuída aos participantes do curso, um consórcio intermunicipal "é um eficiente mecanismo de cooperação entre municípios, [que lhes possibilita] realização de atividades de interesse comum, racionalizando investimentos e viabilizando empreendimentos que, de maneira isolada, são inexecutáveis ou antieconômicos. Também é um instrumento de integração regional eficaz, [que permite] que sejam solucionados em conjunto os problemas regionais, proporcionando uma ruptura na tradicional forma de lidar isoladamente dos municípios brasileiros. Como instrumento jurídico, é um pacto ou acordo firmado entre municípios, devidamente autorizados pelos respectivos legislativos". (Conceituação referenciada à Fundação Prefeito Faria Lima / SP.)

FIGURA 8. PROPOSTA DE DINÂMICA METODOLÓGICA

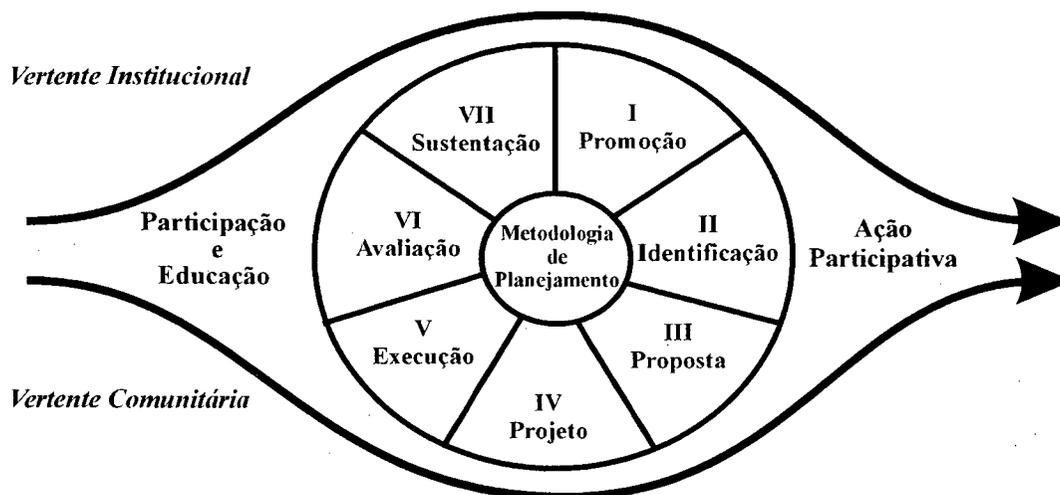


TABELA 4. ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DO PLANO

Etapa	Descrição
I PROMOÇÃO	objetivo: obtenção dos apoios necessários a elaboração do Plano Ambiental: viabilidade técnica-institucional e sócio-política; meios: campanha de divulgação sobre a origem dos problemas ambientais, a importância da conservação da Natureza e do Desenvolvimento da Sociedade.
II IDENTIFICAÇÃO	objetivo: identificação dos problemas prioritários e propostas locais de solução; meios: vertente institucional - inventários e diagnósticos técnico-científicos; vertente comunitária - Cadernos de Planejamento Ambiental Participativo
III PROPOSTAS	objetivo: apresentação dos resultados do diagnóstico institucional e comunitário com estabelecimento de objetivos específicos e propostas de ação frente a cada um dos problemas prioritários levantados; meios: Seminário Municipal de Propostas.
IV ELABORAÇÃO DE PROJETOS	objetivo: elaboração dos projetos específicos; meios: projetos técnicos elaborados na vertente institucional com participação da vertente comunitária dentro de suas limitações.
V EXECUÇÃO	objetivo: viabilizar a execução e controle dos projetos de forma estratégica; meios: aplicação de tecnologias por empresas especializadas e participação da comunidade em atividades (experiência prática, mão de obra, fiscalização).
VI AVALIAÇÃO	objetivo: observação especial de erros e acertos; meios: vertente institucional – avaliação técnico-financeira; vertente comunitária – análise do alcance dos objetivos anteriormente definidos e transformados em projetos.
VII SUSTENTAÇÃO	objetivo: busca de autonomia e autogestão, consolidação política e empresarial independente com infra-estrutura, recursos humanos e financeiros próprios; meios: vertente institucional - parcerias institucionais – Políticas, econômicas e técnicas. (local, regional, nacional); vertente comunitária - fortalecimento da descentralização das decisões (consolidação da participação em todos níveis decisórios do plano).

Fonte: Relatório Consórcio Quiriri – UFSC/1998.

A opção pela bacia hidrográfica como unidade de planejamento permite, segundo Hidalgo (1995), o estabelecimento de “*uma visão global do conjunto formado pelo meio físico e social presentes, ou seja, uma representação não fragmentada das relações entre o ser humano e a natureza e da natureza e seus recursos naturais entre si mesmos*” (as diferentes unidades ecológicas existentes na bacia), independente de definições territoriais, econômicas ou políticas.

Como estratégia de intervenção integrada, Hidalgo propõe que as sete etapas da metodologia sejam desenvolvidas apoiadas em duas vertentes de trabalho – uma institucional e técnica e outra comunitária. Sua proposta é que em ambas vertentes⁵⁷, a estratégia condutora das ações esteja sempre vinculada a dois princípios básicos que contribuem para sua consolidação: a participação e a educação, propostos em diferentes níveis de promoção [político, institucional, econômico (industrial /comercial) e comunitário] e que se particularizam conforme a vertente trabalhada:

- | | |
|-----------------|--|
| ⇒ INSTITUCIONAL | Seminários Internos (Componentes do meio ambiente da bacia, Problema do homem, da sociedade e natureza na bacia, Promoção e setorização da bacia); |
| ⇒ COMUNITÁRIA | Meios de comunicação social, cursos, seminários, palestras, encontros, caminhadas, etc. |

Hidalgo utiliza o caráter participativo e educativo como um instrumento de educação ambiental e construção de cidadania que tem características tanto formais (processos conduzidos por especialista e iniciado preferencialmente em escolas) quanto informais (processos de comunicação social desenvolvidos na mídia tradicional ou alternativa e também em seminários e palestras).

Nossa intenção de refazer este momento inicial (1995) é focar os elementos que formaram as bases da promoção (sensibilização) local, dos quais destacamos:

- **Promoção Técnica**⁵⁸ - trabalho prático com os participantes do curso com desenvolvimento de diagnóstico preliminar dos principais problemas ambientais da região (condicionantes de degradação ambiental e origens da poluição e

⁵⁷ **Vertente técnica:** conduzida pela equipe de técnicos das prefeituras locais que estão alocados para esta atividade que exercem atividades técnicas além de coordenar programas e projetos resultantes do Plano Ambiental.; **Vertente Comunitária:** resulta da participação direta da sociedade local;

⁵⁸ Segundo o jornal *A Notícia*: “Ao final do curso, na próxima sexta-feira, os participantes apresentarão propostas que atendam três áreas específicas: defesa da natureza (solo, água, lixo e agrotóxico, etc.), desenvolvimento da comunidade (saúde, educação, transporte, etc.) e melhoria da qualidade de vida (alfabetização, esporte, lazer e turismo)”;

contaminação) e levantamento dos agentes contaminadores.

- **Promoção Política e Econômica** - o tema lixo (doméstico e hospitalar) esteve muito presente, sendo inclusive apresentado exemplos de ações locais (Vitória, Chile, Colômbia), **ênfatizando-se seu caráter educativo junto as escolas (a longo prazo) e suas possibilidades de sustentação econômica e política – “com os adultos os resultados têm de ser imediatos”** ;
- **Promoção para Legislativo e Sociedade Civil** - Foram realizadas palestras de conscientização (extra curso) nas Câmaras de Vereadores de Campo Alegre (11 de dezembro), Rio Negrinho (12 de dezembro) e São Bento (14 de dezembro) ;
- **Promoção da Viabilização Operacional** - A apresentação da proposta executiva de trabalho em bacias hidrográficas – O consórcio Intermunicipal. *“Outra idéia defendida é a criação de consórcios entre os municípios de uma mesma microrregião, como já acontece em Vitória...O consórcio envolve as comunidades, prefeituras e instituições públicas e privadas”*;
- **Promoção dos Objetivos Superiores** - Apresentação dos objetivos básicos: *“Defesa da Natureza, desenvolvimento da comunidade e melhoria da qualidade de vida do homem.”*

Desta pré-sensibilização inicial, **avancamos para abril de 1997**, não sem antes dizer que nesse intervalo existiram alterações nos quadros políticos da região e do Estado. Segundo anotações do material de sistematização estudado: *“em 14/04/1997 foi realizada a 1ª reunião com os prefeitos recém eleitos dos Municípios de Campo Alegre, Rio Negrinho e São Bento do Sul.”*

Nesta reunião, Hidalgo discutiu sua proposta de metodológica de trabalho conjunto para desenvolvimento do processo de Planejamento Ambiental Participativo na região, por um período inicial de um ano. Já na segunda quinzena de maio inicia-se as discussões locais sobre as proposta a serem implementadas e também para construir com os técnicos locais o roteiro de trabalho a serem desenvolvidos.

Neste período foram realizadas visitas técnicas aos depósitos a céu aberto (lixões), estações de tratamento de água e também palestras de **promoção** com as lideranças políticas, comunitárias e empresariais dos 3 municípios.

“Nossa proposta de trabalho considera a água como ponto de partida fundamental para reverter o quadro da deterioração que não é somente ambiental [como estamos acostumados a ouvir – erosão, envenenamento alimentar por agrotóxicos...] mas, sobretudo degradação social (analfabetismo crescente, ..., ocupação demográfica em locais impróprios, ..., serviços públicos precários, etc.)...Entender esta complexa, porém lógica dinâmica de funcionamento da natureza é promover a mudança coletiva de atitudes...onde cada cidadão, cada família, cada bairro, cada cidade, cada município estará sendo beneficiado direta ou indiretamente...A essência da Metodologia de Planejamento Ambiental Participativo é seu cunho predominantemente educativo, participativo e integrador, utilizando como palco de trabalho a bacia hidrográfica..Trata-se de um processo composto por descobertas conjuntas sobre o funcionamento dos fenômenos naturais, as diferentes tipologias de interferências humanas e a formulação de soluções, com desdobramentos na construção de cidadania [conscientização de direitos e deveres] e do exercício constante da participação positiva em fóruns organizados, elevando a posição do participante de indivíduo para um cidadão integrado socialmente em sua comunidade.”

...Neste sentido, [a metodologia] inverte o sentido tradicional dos planejamentos institucionais, caracterizado por isolar a sociedade de participar de decisões a respeito de seu próprio destino. ...sendo que o caminho aqui apresentado é a participação efetiva de suas lideranças segmentárias lado a lado com os técnicos institucionais... Participação é a palavra-chave que melhor caracteriza esse processo [de planejamento ambiental] tendo em vista que a propriedade das idéias para solucionar [variados] problemas [ambientais] não é privilégio de um único setor institucional, ao contrário, as múltiplas representações sociais [podem, querem e devem] ser cúmplices de um caminho consensual de resolução dos entraves regionais...Pelo percebido [durante a realização no curso de 1995], estamos confiantes que a sociedade civil organizada e os técnicos institucionais estão em um bom estágio de esclarecimento e compreensão das interações teóricas entre o Homem, a sociedade e a natureza, aptos portanto a iniciarem a formação de um grupo de trabalho.” Proposta de Consultoria Metodológica datada em 10 março de 1997 - Material de Sistematização Consorcio Quiriri, 1997 – grifos nossos

Conforme consta no material de sistematização do Consórcio Quiriri: *“Nos dias 22 e 23 de maio realizamos Seminário de Promoção do Consórcio com a participação de membros dos três Grupos de Trabalho Municipais em São Bento do Sul, na Casa de Cultura....Os três prefeitos fizeram-se presentes no encerramento e os integrantes do seminário apresentaram conclusões e um programa de atividades até setembro.”* (Tabela 5)

TABELA 5. PROGRAMA DE ATIVIDADES E SUA EFETIVAÇÃO COMO PLANO DE TRABALHO

Tarefas – Atividades	Maio (05/97)		Junho (06/97)		Julho (07/97)		Agosto (08/97)		Setembro (09/97)	
	Previsão	Realização*	Previsão	Realização	Previsão	Realização	Previsão	Realização	Previsão	Realização
Formação do grupo municipal de trabalho	25 a 29	25 a 29								
Reunião de Constituição Grupo Municipal de Trabalho	30	30								
Constituição do Grupo Coordenador do Consórcio			06	09						
Reprodução dos cadernos			02 a 15							
Seminário de Professores										
São Bento do Sul			17	17						
Rio Negrinho			18	18						
Campo Alegre			19	19						
Aplicação dos Cadernos			20 a 30							
Tabulação dos Resultados					1 a 15					
Seminário Comunidades										
São Bento do Sul					15					
Rio Negrinho					16	16 e 18				
Campo Alegre					17					
Aplicação dos Cadernos					18 a 31					
Tabulação dos Resultados							01 a 15			
Seminário Sede										
São Bento do Sul					14					
Rio Negrinho					18 – 8 hs.		18			
Campo Alegre					18 – 14 hs.					
Tabulação e Resultados							04 a 15			
Proposta Lei Municipal			02 a 15							
Aprovação Lei Municipal			15 a 30					14		
Proposta de Estatuto do Consórcio						01 a 31				
Aprovação do Estatuto do Conselho de Prefeitos										
Proposta de Ata de Constituição							01 a 15			
Promoção da Constituição do Consórcio							04 a 15			
Organização do ato cívico cultural							15 a 31			
Constituição do Consórcio									01 a 13	
									13	28

Fontes: Material de Sistematização Consórcio Quiriri 1997. (*) Não foi possível encontrar registros seguros de todas as datas referentes a realização efetiva das atividades.

Fatores facilitadores já existentes na região⁵⁹ fizeram com que entre os meses de maio e setembro de 1997 se iniciasse um processo de intensa articulação local e regional que resultou na consolidação do Consórcio em 28 de setembro do mesmo ano.

Durante este período de estruturação, foram realizadas diversas atividades locais/regionais respondendo as três primeiras etapas da metodologia – **Promoção, Identificação e Propostas** (Anexo 1), que tiveram tripla importância para o desenvolvimento do processo participativo local:

- 1^a - Proporcionar o reconhecimento (e aprendizado) recíproco entre metodologia e a sociedade local (vertente institucional e comunitária), fazendo com que ambos fossem incorporados e transformados pelas características originais impostas por este encontro;
- 2^a - Proporcionar a interação dinâmica entre a construção e a divulgação dos objetivos gerais do Plano Ambiental para a região;
- 3^a - Criar um ambiente, e estrutura (Tabela 6, Figuras 9 e 10) propício (local, regional e estadual) para potencializar as realizações propostas⁶⁰.

TABELA 6. SÍNTESE DA DINÂMICA PARTICIPATIVA

Atividades realizadas maio / agosto 1997	
Palestras de Promoção Local - Sociedade Civil	17
Seminários Locais (diagnóstico e Proposta) – Professores, técnicos e comunidades	15
Palestras de Promoção – regionais	15
Participação em Eventos – nacionais	2
Envolvimento direto (pessoas participantes)	3.535

Fonte: Sistematização Consórcio Quiriri, 1997

⁵⁹ Destacamos como fatores potencializadores: a existência de sensibilidade e entrosamento entre as administrações municipais para o trato da questão ambiental (mesmo com prefeitos de partidos políticos diferentes), o envolvimento de três municípios com tradição de trabalhos conjuntos, a tradição de tratamento integrado aos três municípios dado pelos órgãos estaduais (agricultura, meio ambiente, educação, etc.), a existência de um grupo técnico local interessado em desenvolver ações de conservação e preservação da natureza;

⁶⁰ Dentre essas ações destacamos o envolvimento do Legislativo nas três Câmaras Municipais, que aprovaram lei de Autorização da Participação Municipal no Consórcio em 08/97.

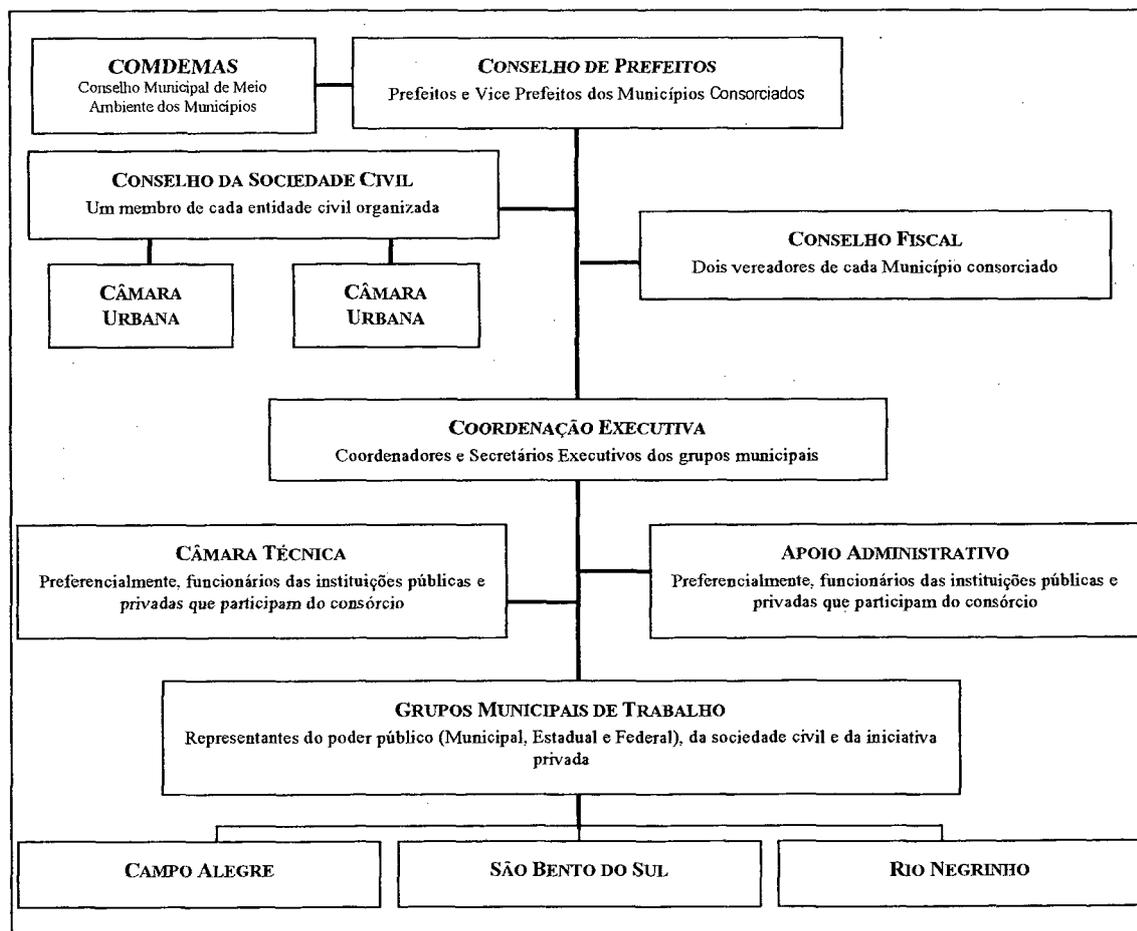
FIGURA 9. ESTATUTO DO CONSÓRCIO QUIRIRI

DAS FINALIDADES DO CONSÓRCIO (CAPÍTULO II, ART. 6. E):

- I. Representar o conjunto de Municípios que o integram em assuntos de interesse comum, perante quaisquer outra entidade de direito público ou privado, nacionais ou internacionais;
- II. Planejar, adotar e executar planos, programas e projetos destinados a promover e acelerar o desenvolvimento econômico, social e ambiental da região comprometida no território dos municípios consorciados;
- III. Promover programas ou medidas destinadas à recuperação, conservação e preservação do meio ambiente na região comprometida no território dos municípios consorciados, com especial atenção para o Rio Negro;
- IV. Desenvolver serviços e atividades de interesse dos municípios, de acordo com programa de trabalho aprovado pelo conselho de prefeitos;
- V. Promover a melhoria da qualidade de vida da população residente nos municípios consorciados e integrantes da bacia hidrográfica do rio negro.

Fontes: Sistematização Consórcio Quiriri, 1997.

FIGURA 10. ESTRUTURA ORGANIZACIONAL CONSÓRCIO QUIRIRI - Organograma



Fontes: Sistematização Consórcio Quiriri, 1997.

Os instrumentos participativos utilizados nesta primeira etapa de trabalho local foram os seminários e reuniões de lideranças locais e os Cadernos de Diagnóstico Participativo⁶¹ (Anexo 2 – Caderno de Diagnóstico Participativo - Nossa Comunidade Urbana e Nossa Escola) que envolveram grande parte da estrutura participativa local (Tabelas 7, 8, 9).

TABELA 7. ENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Municípios	Comunidades Urbanas	Comunidades Rurais	Famílias Envolvidas
Campo Alegre		23	1.724
São Bento do Sul	11	8	11.637
Rio Negrinho	11	6	8.532
Total Geral	22	37	21.893

Fonte: Sistematização Consórcio Quiriri, 1997.

TABELA 8. ESTRUTURA PARTICIPATIVA LOCAL

Municípios	Igrejas	Escolas	Clubes	Associações
Campo Alegre	29	30	14	8
São Bento do Sul	46	36	35	14
Rio Negrinho	22	21	7	23
Total Geral	97	87	56	45

Fonte: Sistematização Consórcio Quiriri, 1997.

TABELA 9. CADERNOS DE DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

Segmento / n.º de Cadernos	Campo Alegre	São Bento do Sul	Rio Negrinho	Total Quiriri
Escolas	30	55	34	119
Comunidades Rurais	27	12	16	55
Comunidades Urbanas	8	14	18	40
Sede Municipal	1	1	1	3
Total	66	82	69	217

Fonte: Sistematização Consórcio Quiriri, 1997.

A partir da discussão desencadeada por esta dinâmica participativa foi possível conhecer alguns aspectos da realidade micro regional quanto as condições físicas das escolas e as relações das comunidades, rurais e urbanas com seu meio⁶² (Anexo 3). Este quadro de resultados possibilitou a formulação de sugestões para orientar as ações

⁶¹ A metodologia utiliza quatro diferentes cadernos de diagnóstico: **Nossa Comunidade Urbana**, **Nossa Comunidade Rural**, **Nossa Escola** e **Nossa Sede**. Segundo Pompêo (1999) o “Caderno de Planejamento Participativo” é o instrumento que concretiza a participação da sociedade na elaboração, gestão e execução do plano funcionando como um elemento de educação ambiental que resgata o conhecimento e experiência que as comunidades tem dos diferentes problemas.” Sua utilização acontece principalmente na fase de diagnóstico.

⁶² Tabuladas a partir da análise das informações obtidas pelo diagnóstico – cadernos e reuniões - e posteriormente sistematizada em trabalho desenvolvido durante a disciplina de “Planejamento Setorial em Bacias Hidrográficas”, com o título: Relatório Consórcio Quiriri, UFSC, 1998.

específicas, nos 3 municípios participantes do Consórcio Quiriri. A água [conservação de nascentes e correção de degradação] foi utilizada como eixo condutor das ações desta etapa inicial do plano. Adotaram-se duas frentes estratégicas, onde desenvolveram-se propostas de ações que diretamente refletiam esta preocupação. (Tabela 10)

TABELA 10. PROGRAMAS DO PLANO AMBIENTAL – CONSÓRCIO QUIRIRI

PROGRAMA	PROJETOS E LINHAS DE AÇÃO
Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos – PTPRS	<p><i>A. Projeto de Resíduos Domiciliares</i> – Implantação de coleta seletiva de resíduos sólidos domiciliares, tendo como principais objetivos e características: Tratamento qualitativo dos resíduos – <i>separação do resíduo na origem</i>; Coleta diferenciada – <i>domiciliar e voluntária</i>; Processo de educação ambiental – <i>conjugado entre comunidade e escola</i>; Desenvolvimento de atividades econômicas locais – <i>coleta e comercialização</i>.</p> <p><i>B. Projeto de Resíduos Industriais</i> – Trabalho articulado entre o Consórcio Quiriri e as Associações Comerciais e Industriais do três municípios através de seus núcleos horizontais de meio ambiente.</p> <p><i>C. Projeto de Resíduos Infectantes</i> – Projeto articulado com as equipes da vigilância sanitária dos três municípios com o objetivo de disciplinar o acondicionamento, armazenamento, transporte e a disposição final (incineração) dos resíduos infectantes produzidos por hospitais, postos de saúde, farmácias, consultórios médicos e odontológicos.</p> <p><i>D. Recuperação das áreas de disposição de lixo a céu aberto</i> – agenda de ações para a recuperação das áreas de disposição de resíduos sólidos dos três municípios (todos com depósitos a céu aberto).</p>
Programa de Unidades de Conservação – Áreas de Proteção Ambiental ⁶³	<p><i>A. Definição e Legalização de cinco Áreas de Preservação Ambiental (APA s)</i></p> <p><i>B. Implantação de Plano de Gestão Participativa nas Áreas de Preservação Ambiental (APA s)</i></p>
Programa de Turismo	<i>A. Legislação específica para Selo de Qualidade para produtos artesanais de origem vegetal.</i>

⁶³ Como ação resultante do convênio firmado entre a UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA e o CONSÓRCIO QUIRIRI em setembro de 1998, está sendo realizada pesquisa, por Patrícia Zimmermann Wegner, objetivando desenvolver o DIAGNÓSTICO AMBIENTAL E DE CONFLITOS DE UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS DA Área de Proteção Ambiental da Represa do Alto Rio Preto - subsídios à elaboração de zoneamento e Plano de Gestão.

Após a definição dos Programas e linhas de ação, foi dada seqüência ao processo metodológico, através da realização das etapas de Proposta , Projeto e Execução (conforme dinâmica metodológica - figura 8, p.39) para cada um dos projetos propostos nas três linhas de ação.

Embora todo o processo local tenha se desenvolvido articuladamente, iremos focar nossa atenção para o **Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos** e mais especificamente ao **Projeto de Resíduos Sólidos Domiciliares**.

2.1.1 O Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos (PRSD)

Dentro das quatro linhas principais de ação do Programa de Tratamento Participativo - PTPRS, o **Projeto de Resíduos Sólidos Domiciliares** é o que se colocava como principal projeto do programa, pois estrategicamente é o que oferecia maior visibilidade social e institucional e que proporcionava ganhos qualitativos de envolvimento para o Programa como um todo.

Porém, agindo como força reativa, sua estrutura operacional representava a mais complexa dentre todos os outros projetos, já que nele, estão envolvidos, direta ou indiretamente, todos os segmentos da sociedade local que, quando não estão produzindo “lixo doméstico” cotidianamente, estão gerindo, coletando, tratando ou dispendo-o, ou seja estão participando de seu ciclo e, às vezes, em mais de uma posição. Isso significa dizer que o processo que envolve resíduos sólidos domésticos não pode ser tratado de forma reduzida, ou seja compartimentada, o que exige um trabalho intenso de mobilização local (de todos os segmentos da sociedade).

Seguindo a mesma orientação metodológica utilizada desde o início do processo de Planejamento Ambiental Participativo na região, o Consórcio Quiriri desenvolveu este Projeto apoiado nas mesmas características estratégicas na metodologia: a **participação** e a **educação** em suas duas vertentes de trabalho.

Dando seqüência a etapa de **Identificação** (Etapa II da metodologia), foram iniciadas as atividades de Proposta e Projeto para o Programa de Resíduos Sólidos Domiciliares, onde o Grupo de Coordenação do Consórcio (vertente institucional) visitou municípios e empresas de comercialização de usinas de reciclagem para conhecer as características e procedimentos usuais adotados por quem estava

participando de programas semelhantes de coleta seletiva.

Foi uma atividade inicial de “imersão” na problemática dos resíduos domiciliares com objetivo de desenvolver a solução local para a questão. Já nesta primeira atividade, ficou claro que as soluções têm aspectos inovadores de características locais e dependem de muitos fatores estruturais, não se realizando por simples cópia.

Analisando o *documento “Programa de Tratamento de Participativo de Resíduos Sólidos”*, foi possível caracterizar os principais aspectos que conduziram a ação inicial⁶⁴. São eles:

PORQUE O PROJETO?

Para: assegurar “*água de ótima qualidade*” para a população e o setor industrial; ressaltar o “*elevado potencial turístico*” da região; estabelecer base econômica por novas fontes de trabalho pela incorporação dos processos de reciclagem e industrialização de produtos originados do lixo; representar um “*processo de educação e participação da comunidade rural e urbana para resolver o problema de contaminação do Meio Ambiente*”.

QUAIS NOSSOS OBJETIVOS?

Objetivos Superiores: *Melhorar a qualidade de vida do HOMEM; Desenvolver sadamente a SOCIEDADE; Preservar e conservar a NATUREZA.*

Objetivos Complementares: *Educar a POPULAÇÃO no manejo dos Resíduos Sólidos; Conscientizar a SOCIEDADE no manejo dos Resíduos Sólidos; Preservar a NATUREZA.*

Objetivos Específicos: *Coleta seletiva qualificada (separação); Reciclagem do Resíduo Sólido – Papel, vidro, metal, plástico; Aproveitamento do Resíduo Úmido – compostagem/adubo; Incentivo à população - Educação Ambiental, Programas Específicos, Comunicação, Organização.*

⁶⁴ Documento resultante da fase de Proposta, base de implantação do Projeto, elaborado pela equipe técnica do Consórcio em março de 1998 – Fonte: Sistematização Consórcio Quiriri, 1998 - Este documento já apresenta o resultado do processo de aprendizagem local sobre a questão dos resíduos sólidos domésticos (contextualização e complexificação) explicitando o tipo de abordagem pretendida.

QUAIS SERÃO NOSSOS BENEFÍCIOS ECONÔMICOS?

A redução nos custos da coleta ao longo do período de implantação do programa é apresentada como benefício direto devido a redução gradativa do lixo a ser depositado em aterro. Além deste, acrescenta-se como benefício indireto as novas fontes de trabalho provenientes da incorporação à economia local dos processos de reciclagem e industrialização.

QUAL É NOSSO DIAGNÓSTICO INICIAL?

CAMPO ALEGRE	RIO NEGRINHO	SÃO BENTO DO SUL
Coleta: Prefeitura.	Coleta: terceirizada .	Coleta: terceirizada
Prefeitura: 1 caminhão compactador.	Empresa: 1 caminhão compactador Prefeitura: 1 caminhão compactador	Empresa: 3 caminhões compactadores.
3 funcionários.	8 funcionários	18 funcionários
120 toneladas/mês.	400 toneladas/mês.	700 toneladas/mês.
Coleta abrange 100% do perímetro Urbano e parte da Zona Rural.	Coleta abrange 100% do perímetro Urbano e distrito de Volta Grande.	Coleta abrange 100% do perímetro Urbano (60.000 habitantes).
Condição atual da coleta considerada BOA.	Condição da coleta é considerada REGULAR.	Condição da coleta considerada excelente.
Custo/ mês: R\$ 2.000,00.	Custo/ mês: R\$ 11.580,00.	Custo/ mês: R\$ 30.000,00.
Depósito em aterro controlado (sic)	Lixão a céu aberto, mal localizado e saturado.	Aterro controlado em fase de recuperação.

Fonte: Sistematização Consórcio Quiriri, 1998.

Partindo deste projeto base, o Grupo de Coordenação do Consórcio Quiriri optou pela realização de projeto piloto, primeira fase de implantação⁶⁵, no município de Campo Alegre. Os outros municípios associados seriam posteriormente atendidos, conforme fossem se adequando às exigências operacionais para prestação deste tipo de serviço diferenciado⁶⁶.

Em 25 de maio de 1998, dois meses após a definição do projeto base, o programa de coleta seletiva domiciliar foi lançado no Município de Campo Alegre, envolvendo um intenso trabalho educativo de conscientização para seleção do resíduo

⁶⁵ Devido ao fato de possuir menor população e uma estrutura de coleta adequada (terceirização da coleta através de contrato por licitação) com empresa com experiência em procedimentos similares de coleta seletiva.

⁶⁶ Conforme pode-se observar no diagnóstico apresentado sobre o projeto, os municípios de Rio Negrinho e São Bento do Sul já possuíam suas coletas convencionais terceirizadas, sem o oferecimento de serviço de coleta seletiva. A implantação do programa nestes municípios exigia rearranjos de diferentes ordens (institucionais, legais etc.).

domiciliar na origem⁶⁷, ou seja, diretamente nas residências.

O projeto se desenvolveu com sucesso, principalmente devido ao elevado grau de adesão na separação domiciliar (Tabela 11) conseguido junto a comunidade local.

TABELA 11. ÍNDICES DE ADESÃO COMUNITÁRIA EM CAMPO ALEGRE - 15/07/98

Bairros	Bateias	Centro	Fragoso	Bela Vista	São Miguel	Outros
% Aproveitamento*	60	56	78	51	47	41,6

* Aproveitamento baseado na adesão comunitária ao programa de separação seletiva domiciliar.

Fonte: Sistematização Consórcio Quiriri, 1998.

Em setembro de 1998, os três municípios já estavam sendo atendidos pelo Programa⁶⁸ numa fase de grande mobilização da sociedade local, incluindo-se neste movimento a atuação junto ao legislativo que neste período aprovou leis que permitiram promover também a sustentação legal tanto do Programa quanto das outras ações do Consórcio.

No início do ano de 1999⁶⁹, começaram a ocorrer os primeiros problemas operacionais ressaltados pelo fato da empresa responsável pela coleta em Campo Alegre e Rio Negrinho⁷⁰ estar enfrentando problemas (operacionais e financeiros de ordem interna), e com isso deixou de oferecer o serviço tanto de coleta convencional quanto seletiva nos dois municípios.

Segundo o Jornal Informação de 27 de fevereiro daquele ano, *“Conforme explicação do Secretário da Agricultura, Interior e Meio Ambiente [de Rio Negrinho]...o serviço de recolhimento do lixo não estava sendo executado conforme o contrato de licitação [onde]...a empresa [através da utilização da metodologia do Consórcio Quiriri] estaria incumbida de reduzir em 20% a 30% (a curto prazo) a destinação do lixo...fazer reciclagem e não destiná-lo mais ao lixão.”*

Como solução a segunda colocada da referida licitação foi convocada e “pediu um mês para limpar a cidade e daí em diante começar a adequar-se a metodologia do Consórcio Quiriri”.

⁶⁷ Foram distribuídas, também, lixeiras diferenciadas (oferecidas pela empresa de coleta) em pontos estratégicos da cidade e também nas escolas municipais.

⁶⁸ Com cobertura total nos municípios de Campo Alegre e Rio Negrinho e em área piloto no município de São Bento do Sul (Bairro Serra Alta – 10.000 habitantes).

⁶⁹ Já sem a assessoria metodológica de Hidalgo.

⁷⁰ A mesma empresa que operava em Campo Alegre, venceu licitação em Rio Negrinho iniciando a operação local também em setembro de 1998.

Naquele momento, as prefeituras locais procuraram manter o serviço⁷¹, resultando numa modificação da estrutura operacional que até então era oferecida com relativo grau de estabilidade para a população local dos dois municípios.

E, o que parecia resolvido apresentou fragilidade. E foi, dentro deste contexto⁷² que iniciou-se a viabilização desta pesquisa, o momento onde estabeleceu-se o encontro de interesses teóricos (nossos) e práticos (do Consórcio Quiriri). O elemento de integração, foi a execução da etapa de avaliação do Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos, onde buscava-se elementos dinamizadores para promover a sustentação do projeto.

Para cumprir os tramites teóricos necessários para realização da etapa de campo, fomos estudar, em sua dinâmica particular, elementos que pudessem criar a **complexificação do objeto** (metodológicos e participativos).

⁷¹ O alto índice de adesão das sociedades locais ao projeto representavam um ganho qualitativo importante, não permitindo um retrocesso que poderia representar o retorno ao modelo de coleta convencional até que se conseguisse reestruturar a operação seletiva com outra empresa.

⁷² No Anexo 4 estão reunidos materiais de divulgação em jornais que auxiliam a compreensão deste contexto.

2.2 Complexificando o Teórico – Estabelecendo relacionamentos

“Utilizamos freqüentemente a palavra complexidade, mas somos incapazes de separar e rejuntar os elementos dos quais estamos falando. Não conseguimos encontrar uma explicação e uma definição. É por isso que a palavra complexidade toma-se uma palavra vazia, que tapa buracos. E se ela é cada vez mais utilizada, isso só prova nossa impotência, cada vez maior, de poder falar desses fenômenos que chamamos de complexos....Então por que estamos desarmados perante a complexidade? Porque nossa educação nos ensinou a separar e a isolar as coisas. Separamos os objetos de seus contextos, separamos a realidade em disciplinas compartimentadas umas das outras. Mas, como a realidade é feita de laços e interações, nosso conhecimento é incapaz de perceber o complexus - o tecido que junta o todo. nosso sistema de educação, nos ensinou a saber as coisas deterministas, que obedecem a uma lógica mecânica; coisas das quais podemos falar com muita clareza e que permitem, evidentemente, a previsão e a predição.” Morin in (Castro, 1997) grifos nossos

Para dar conta da complexificação do contexto, construímos uma matriz temática⁷³ onde se relacionam, num primeiro momento, temas dispostos horizontal e verticalmente. A efetivação dos relacionamentos é realizada através de perguntas que resultam do intercruzamento de temas.

Os temas selecionados, a partir da observação contextual do OBJETO, são: Participação, Planejamento, Avaliação, Resíduos Sólidos Domiciliares, Estratégia, Complexidade, Técnica, Educação, Descentralização e Ambiente (da ação - relação espaço/tempo). Busca-se tratar cada um dos temas selecionados a partir de seus conceitos de base (sem adjetivações)⁷⁴. A proposta operativa é realizar um olhar horizontal onde cada tema vai se enriquecendo (contextualizando, complexificando) com os temas colocado verticalmente. Deste intercruzamento surgem perguntas que trazem a reflexão sobre a contribuição que o tema vertical oferece ao horizontal – *Existe relação entre ambos? Como se dá? Qual a incremento oferecido pela relação?* (Tabela 12)

⁷³ Proposta de método utilizada na disciplina “Planejamento setorial em bacias hidrográficas” UFSC, 1998.

⁷⁴ O papel que usualmente é dado às adjetivações (planejamento estratégico, educação ambiental, avaliação participativa, etc..) é substituído pela incorporação do adjetivo ao tema, recriando o conceito a partir do que emerge do relacionamento entre temas.

TABELA 12. MATRIZ TEMÁTICA - ESTABELECIMENTO DE PRESSUPOSTOS E REFERENCIAL TEÓRICO

Verticalidade Horizontalidade	PARTICIPAÇÃO	PLANEJAMENTO	AVALIAÇÃO	RESÍDUOS SÓLIDOS DOMÉSTICOS	ENFOQUE ESTRATÉGICO	COMPLEXIDADE	TÉCNICA	EDUCAÇÃO	DESCENTRALIZAÇÃO	AMBIENTE DE AÇÃO (Espaço/Tempo)
PARTICIPAÇÃO	1.1. Qual a importância que os processos participativos dão a sua própria atuação?	1.2. A participação pode ser planejada?	1.3. Quando e como os processos participativos se auto-avaliam?	1.4. É possível não participar do processo de RDS? Quem é considerado como participante?	1.5. São estabelecidas estratégias num processo de participação? Quem as define?	1.6. Que complexidade é percebida nos processos participativos?	1.7. Como a participação pode se potencializar com o uso da técnica?	1.8. Os processos participativos são também educativos?	1.9. Os processos participativos são descentralizados?	1.10. Como um processo participativo pode se estabelecer a partir de um ambiente de ação específico?
PLANEJAMENTO	2.1. Como o planejamento inclui a participação em seu processo de elaboração?	Que qualidade de "sucesso" mantém o planejamento como instrumento diretor de ações?	Qual a importância que o planejamento dá a etapa de avaliação?	Como o planejamento lida com a complexidade dos RSD?	Que estrutura conceitual do Planejamento comporta a visão estratégica?	Que estrutura conceitual do planejamento comporta a complexidade?	O planejamento é somente um instrumento técnico?	O planejamento pode se constituir num instrumento de educação?	Como o planejamento pode trabalhar o conceito de autogestão?	Qual o ambiente de ação do planejamento?
AVALIAÇÃO	3.1. Como a avaliação inclui a participação em sua dinâmica operativa?	Como a avaliação pode contribuir no planejamento?	Quais avanços a avaliação tem realizado no campo qualitativo?	Qual tipo de avaliação é possível para RSD? Dual ou complementar?	Existe avaliação estratégica?	Como a avaliação pode incorporar a complexidade?	Quais técnicas qualitativas são utilizadas pela avaliação?	A avaliação se percebe como um processo educativo?	É possível uma avaliação descentralizada?	A avaliação tem claro os limites de seu ambiente de ação?
RESÍDUOS SÓLIDOS DOMÉSTICOS	4.1. Os processos de RSD se percebem como processos participativos?	Qual fase do processo do RSD é possível planejar?	Como a avaliação pode contribuir dentro dos processos de RSD?	Em que dimensão (coletiva ou individual) se pensa os RSD?	Qual é a visão estratégica possível para os RSDS?	Os processos de RSD se percebem complexos?	Como a técnica interfere no RSD?	Pode-se considerar o RSD como um tema gerador?	Como os RSD podem incorporar o conceito de descentralização?	O processo de RSD se compreende atrelados a um ambiente de ação?
ENFOQUE ESTRATÉGICO	5.1. Que mudanças estruturais a visão estratégica teve de implementar para incluir a participação em seus objetivos?	Existe visão estratégica sem planejamento?	Qual momento é possível avaliar a visão estratégica se ela está sempre focada no presente?	A atualidade presente no processo de RSD pode enriquecer a visão estratégica?	Como a visão estratégica tem se mantido estrategicamente e no presente?	Como o enfoque estratégico comporta a complexidade?	Estratégia é somente técnica?	Como a visão estratégica incorpora os conceitos de educação (treinamento ou libertação)?	É possível a visão estratégica incluir processos de descentralização?	Estrategicamente qual é o ambiente ideal de ação?

TABELA 12.1. MATRIZ TEMÁTICA - ESTABELECIMENTO DE PRESSUPOSTOS E REFERENCIAL TEÓRICO (2/2)

Verticalidade Horizontalidade	PARTICIPAÇÃO	PLANEJAMENTO	AValiaÇÃO	RESÍDUOS SÓLIDOS DOMÉSTICOS	ESTRATÉGIA	COMPLEXIDADE	TÉCNICA	EDUCAÇÃO	DESCENTRALIZAÇÃO	AMBIENTE DE AÇÃO (Espaço/Tempo)
COMPLEXIDADE	6.1. Como visão de complexidade comporta o conceito de participação?	A complexidade deve molda-se ao planejamento?	A complexidade pode se manter sem avaliação? (caos e ordem)	Em que o processo de RSD pode contribuir para a compreensão da complexidade?	O conceito de complexidade é estratégico (intencional)?	Que conceitos base a complexidade adiciona ao conhecimento?	Como a complexidade se comporta diante da racionalidade?	Que conceito de educação é compatível com de complexidade?	A complexidade pode ser pensada sem descentralização?	Como a complexidade reage a ambientes de ação específicos?
TÉCNICA	7.1. Como a técnica incorpora a dimensão participativa?	Que tipo de técnica é valorizada pelo planejamento?	Quando a técnica se avalia?	Qual é a contribuição da dinâmica dos processos de RSD contribuem para a reflexão técnica?	É possível para a técnica incluir o enfoque estratégico em seu labor?	Como a técnica incorpora o conceito de complexidade?				A técnica possui a noção de ambiente de ação quando propõe sua aplicabilidade?
EDUCAÇÃO	8.1. Como a educação percebe a participação em seu operar?				Que conceitos da educação é compatível com o de complexidade?					Qual dimensão de ambiente que a educação utiliza?
DESCENTRALIZAÇÃO	9.1. Sob que enfoque os processos de descentralização incluem a participação?	Como a descentralização pode ser incluída no planejamento?								É possível pensar descentralização sem uma noção clara de ambiente de ação?
AMBIENTE DE AÇÃO (Espaço/Tempo)	10.1. Quando um ambiente de ação percebe a necessidade da participação?				Quais ações são estratégicas, em RSD, para o ambiente de ação cotidiano / local?					Quando se deve utilizar variações escalares cotidiano/local e contemporâneo / global?

Embora a matriz trace relacionamento entre dez temas, construímos nossos exercício inicial de complexificação a partir de quatro temas principais: *participação, planejamento, avaliação e resíduos sólidos*.

Estes relacionamentos entre temas (as perguntas realizadas) no eixo horizontal (numeradas de 1.1. a 1.4) e vertical (numeradas de 1.1. a 4.1.) levou-nos a um caminho de **ampliação crescente de questionamento** onde esperávamos identificar os aspectos que deveriam ser levantados em nossa primeira revisão teórica desta fase exploratória.

Esse momento inicial de complexificação teórica está representado, a seguir, através das reflexões realizadas como exercício de construção de respostas às perguntas formuladas na matriz.

2.2.1 *Participação e Participação* – Legitimação individual e coletiva

Pergunta da matriz (1.1): *Qual a importância que os processos participativos dão a sua própria atuação?*

“... participação é processo existencial concreto, se produz na dinâmica da sociedade e se expressa na própria realidade cotidiana dos diversos segmentos da população. Estimular o avançar desse processo implica ter compreensão clara sobre ele e também sobre a própria realidade social na qual se processa.”
SOUZA (1987, p.79)

Neste momento de reaproximação teórica, buscamos perceber quem ou que elemento dá legitimidade ao processo participativo. Grande parte dos autores que tratam da questão participativa a classificam em dois grandes grupos: o primeiro como processo induzido, provocado, por interesses de intencionalidade operativa [do Estado ou do mercado] por exemplo: planejamento participativo, orçamento participativo, gestão participativa etc...; e o segundo como processo espontâneo, voluntário, gerado a partir de necessidade percebidas diretamente pelos participantes [organizados em ONG's⁷⁵] como por exemplo: cooperativas, associações de moradores, de representação classista, etc..). Borddenave (1985:27:36), DEMO (1988:39:44), IPEA (1990:13:36); CORNELLY (1972:120:125); Peruzzo (1998:73:87); Mendonça (1990:23:36).

Direta ou indiretamente, o trabalho conceitual sobre **Participação** refere-se basicamente a relações de cunho institucional. Sejam elas próprias das instituições do Estado, da economia ou sociedade civil organizada (terceiro setor⁷⁶).

Em qualquer destas esferas, pressupõem estrutura, organização e seu papel é definido conforme os objetivos que suportam sua existência. Isso nos aponta que a **Participação** é vista, principalmente, como um atividade de relacionamento

⁷⁵ Segundo WARREN (1995: 161-162) o termo ONG's [Organizações não governamentais] simboliza o espaço da participação da sociedade civil organizada sendo "um conceito bastante fluido, que permite incluir associações de natureza e fins diversos, desde que identificados como sendo não governamentais e sem fim lucrativos". Oferece como indicação de leitura sobre o assunto LADIM (org) (1988);

⁷⁶ Para Warren (1995:162-163) "...entender ONG's como parte de um terceiro setor (diferente do Estado e do mercado), ou seja o da sociedade civil organizada, é necessário distingui-las de outras atividades desse setor. Este pode ser definido como compostos por organizações que possuem algum grau de permanência organizacional, são privadas, sem fins lucrativos para seus membros, autogovernadas e com algum grau de participação de voluntários... Historicamente [no Brasil], têm sido os centros populares de educação, promoção e assessoria e mais recentemente as entidades ambientalistas";

coletivo↔coletivo⁷⁷ Para cada uma destas formas coletivas de **Participação** existem diferentes possibilidades de se perceber o grau de importância que lhe é dispensado.

A **Participação Provocada** realiza-se “de cima para baixo” - em nível externo, onde o emissor da mensagem (a instituição provocadora) possui clareza própria quanto a sua importância. Para dividir sua intencionalidade com os receptores (participantes - nem sempre institucionalizados) necessita investir grande quantidade de energia, qualificada de acordo com seu conjunto de interesses e intenções ética/ideológicas (tempo, dinheiro, poder, estrutura física e metodológica, afeição, racionalidade, etc.).

“A participação será mais assumida, livre e consciente, na medida em que os que dela participem percebam que a realização do objetivo perseguido é vital para quem participa da ação e que o objetivo só pode ser alcançado se houver efetiva participação”
Whitaker, C. em TORO (1997)

Já nos processos de **Participação Voluntária**, o movimento pode ser considerado “de baixo para cima” quando olhado, também, em sua relação externa, sendo os participantes (organizados institucionalmente) ao mesmo tempo emissores (em seu relacionamento externo) e receptores (em seu relacionamento interno) estabelecendo por si próprios, a importância (necessidade) de seu envolvimento para a solução dos problemas que, na maior parte das vezes, estão fora de sua esfera de decisão imediata.

“...as conquistas no plano da cidadania vêm acompanhadas de uma série de limites e de contradições que se manifestam tanto em nível externo, conjuntural, como internamente, no cotidiano dessas entidades, na dinâmica das reuniões, nas tomadas de decisões, nas formas de encaminhamento, de mobilização, no envolvimento ou não dos moradores, na realização ou não de um processo educativo, na capacitação técnica e política de suas lideranças”
Herkenhoff (1995:45)

Mas, o que é importante perceber é que muitas vezes repete-se internamente o modelo “de cima para baixo” dentro de uma outra classificação: as lideranças [os emissores] e os liderados (participantes - receptores) fato que revela a faceta “desinstitucionalizada” da **Participação**.

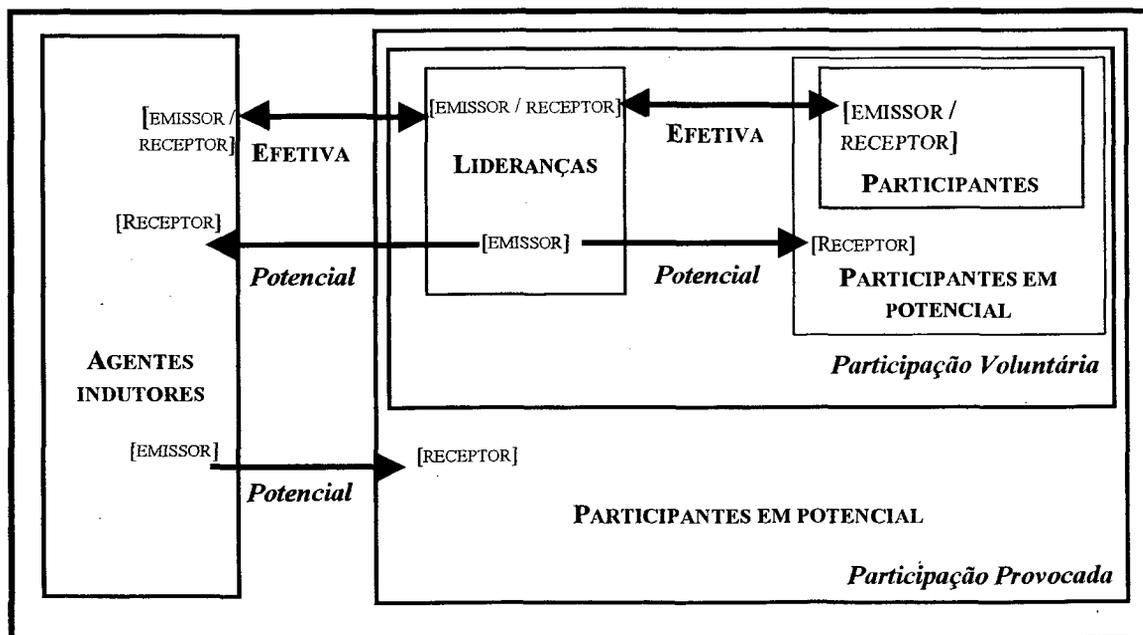
⁷⁷ O que pode diluir ou esvaziar o papel do indivíduo enquanto unidade de participação. E, esta constatação merece maior reflexão por parte de quem se envolve em processos participativos e procura neles sua auto-realização, como sujeito de sua história.

A fala: “ Nós não estamos conseguindo fazer com que a comunidade venha participar de nossas reuniões” ou então “Eu não sei não, mais parece que ninguém dá importância para o que estamos fazendo” pode ser ouvida tanto nos processos de participação **Provocada** quanto **Voluntária** caracterizando que, em ambos os casos podem haver problemas de **Comunicação**, do tipo de cima para baixo, [emissor(es)⇒receptor(es)] só havendo variação conforme a escala de observação que emprestamos ao processo [interna ou externa].

“Processos participativos são demorados: pelo fato de serem processo e não produto. E também por trabalharem com dimensões qualitativas, pois criar uma comunidade participativa mexe com a dignidade de pessoas, com a expectativa de realização histórica, com a identidade cultural, com ideologias e crenças.” Mendonça (1990:34)

No universo da participação podemos qualificar como emissores **TODOS** que tenham intenção de ativar sua realização; por receptores **TODOS** aqueles aos quais os emissores estejam querendo influenciar (com objetivo de engajamento na dinâmica participativa) e por emissores-receptores **TODOS** que oferecem efetividade o processo de participativo. (Figura 11)

FIGURA 11. EFETIVIDADE DE COMUNICAÇÃO (AMBIENTE EXTERNO)



Muitas vezes, os **emissores**⁷⁸ possuem mais compreensão teórica do que prática, de base instrumental, o que pode representar um discurso e uma ação diferenciados; mas, por outras vezes os **emissores** possuem mais compreensão prática do que teórica, de base afetiva, que pode representar ações com baixa efetividade aos seus objetivos de engajamento.

O mesmo processo pode ocorrer com os **receptores** que, mesmo possuindo noção de responsabilidade e importância quanto a participação, esta [a noção] não é capaz de provocar o seu engajamento efetivo, mesmo que haja toda uma estrutura preparada para esse fim. Sabe-se que é preciso mas não realiza-se o movimento [ex.: Reuniões em condomínio, associações de moradores, de pais, orçamento participativo, etc.].

Por outras, participa-se com muita dedicação e prazer sem que esse movimento encontre respaldo de estrutura organizacional formal para ocorrer (que pode se estabelecer espontaneamente) ou represente ganhos objetivos diretos.[ex.: trabalhos voluntários: de separação domiciliar de lixo; em entidades filantrópicas, em atividades comunitárias].

“A pouca participação em associações de bairro pode ser explicada tanto pela apatia ocasionada por fatores estruturais, como pela diversidade de interesses dos membros. Isso porque na realidade, o que se designa por “comunidade”- isto é, um grupo identificável com base no lugar de residência comum a seus membros – geralmente constituídos por diferentes categoria de pessoas, embora tal grupo possa parecer homogêneo aos de fora”
Godim (1988:12)

A compreensão desse fato pode adicionar ou reforçar o item VII de nossa sínteses (item 1.3.2: p.30) incorporando esta à dinâmica participativa onde: Os fracassos e sucessos não são mérito ou demérito exclusivos do **emissor** ou do **receptor** [os agentes participantes], são de responsabilidade comum, e denunciam a adequação ou inadequação dos meios e dos modos de Comunicação que podem se estabelecer intencionalmente (de forma objetiva - prosaica) [de base instrumental] ou espontaneamente (de forma subjetiva - poéticas) [de base afetiva]”;

⁷⁸ Podemos fazer uma importante analogia entre **emissor** e **líder**, onde quem **emite**, está assumindo, mesmo que momentaneamente, sua **potencialidade de liderança** (individual ou coletiva). Uma liderança inscrita na possibilidade de emitir-se opiniões próprias que podem, ou não, influenciar outros receptores.

Podemos dizer que a **Participação** efetiva-se através de um processo **dialogico** [de **Comunicação**] e como tal, transforma-se um processo **educativo** - de produção de conhecimento - quando olhamos na perspectiva de FREIRE (1983:69-74):

“A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mais um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.... a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão de conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua co-participação no ato de compreender a significação do significado” [p.69] (grifos nossos).

Freire transforma o emissor em educador e o receptor em educando, inserindo-os numa postura dialógica, dialética e problematizadora, onde ambos emitem e recebem com igual nível de importância, num processo de “ad-miração⁷⁹” mútua que transforma e potencializa o conhecimento de ambos. Chama-os de **educador-educando e educando-educador**, como poderíamos chamar de **emissor-receptor e receptor-emissor**. Crianças e adultos, instituições ou indivíduos.

Esta perspectiva amplia a dimensão educativa presente dinâmica participativa, onde tanto quem emite (o provocador) quanto quem recebe (os participantes - e aqui incluímos também os participantes em potencial) possuem igual responsabilidade de ensino-aprendizagem, um aprendendo e legitimando o saber do outro, em igual posição de importância. Seria o que poderíamos chamar de produção coletiva de conhecimento, ou ainda produção participativa de conhecimento.

Esse conceito, adiciona novos elementos aos níveis de importância, e a própria **Participação**, em suas duas diferentes instâncias:

A institucional, coletiva⁸⁰ que requer um maior **conhecimento**⁸¹ de base instrumental (mas que podem ser potencializados pelo uso do **conhecimento** de base afetiva) para a realização de seus objetivos “*porque fazer coisas com os outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinho*”⁸²; e outra desinstitucionalizada, individual⁸³ que sustenta-se, principalmente, em base afetiva, também pode se potencializar pelo uso do

⁷⁹ “O educador, problematizado só em problematizar, “re-ad-mira” o objeto problemático através da “ad-miração” dos educandos. Está é a razão pela qual o educador continua aprendendo e, quanto mais humilde seja na “re-ad-miração” que faça através da “ad-miração dos educandos, mais aprenderá.” [p. 82]

⁸⁰ Onde quadram-se maioria das contribuições teóricas sobre o tema.

⁸¹ Conhecimento esse considerado dentro da perspectiva de produção participativa de conhecimento.

⁸² Conforme já citado na introdução e referindo-se a conceituação de Borddenave (p.2)

⁸³ Com baixa representatividade dentro do universo bibliográfico sobre participação.

conhecimento de base instrumental, "porque sentimos prazer em fazer coisas com os outros" e quanto mais instrumentos tivermos para realizar esta tarefa mais nos sentiremos emocionalmente ativos, reconhecidos e legitimados enquanto emissor-receptor e receptor-emissor, enfim como produtores participativos de conhecimento.

Neste sentido, podemos entender que para realizar uma cuidadosa observação sobre cada movimento deste processo [em suas duas instâncias] devemos estar atentos às suas características de complementares onde:

*Não vale só a **quantidade**, mas também a **qualidade**;*

*Não é só **obrigação**, mas também **liberdade**;*

*Não depende só de **estrutura**, mas também de **vontade**;*

*Não é só **prática instrumental**, mas também **afetiva**;*

*Não depende só de **razão**, mas também de **prazer**;*

*Não é só **meio**, mas também **modo**;*

*Não é só **decisão coletiva**, mas também **individual**;*

*Não é só **regra**, mas também **flexibilidade**.*

*Não é depende só do **conhecimento individual**, mas também do **coletivo**.*

2.2.2 *Participação e Planejamento* – Um modo e um meio de tratar a participação

Perguntas da matriz (1.2.): *A participação pode ser planejada?* e **(2.1)** *Como o planejamento inclui a participação em seu processo de elaboração?*

“Tanto a teoria como a evidência empírica parecem indicar que nem o planejamento pode responder a todos os interesses relevantes através da participação comunitária, nem esta pode responder a todas as questões referentes ao planejamento... Godim (1988:12)

Planejamento é uma atividade racional (de controle ou adequação de futuro) que trabalha com a proposição de ações baseadas em objetivos pré estabelecidos sendo de base, quase que exclusivamente, instrumental. Este conceito traz embutido, também, a idéia de organização de ações coletivas dentro de sua perspectiva institucionalizada.

Então logo de início surge uma nova pergunta: *Se o planejamento trata da organização de ações institucionalizadas e a participação é vista como um processo institucionalizado, onde está o problema?* Fomos buscar na origem do planejamento moderno alguma resposta. Vimos que o planejamento foi a **Linguagem** mais utilizada (e aceita), a partir da década de 1940, e expressa com muita sensibilidade o **Pensamento** que suporta o conceito de desenvolvimento. Conforme este conceito se reforma⁸⁴, o **planejamento** (sua teoria) o acompanha dinamicamente⁸⁵.

A idéia de desenvolvimento foi a idéia chave dos anos pós-guerra. Havia um mundo dito desenvolvido dividido em dois [capitalista e socialista]. Ambos apresentavam ao terceiro mundo seu modelo de desenvolvimento [e geraram] a crise mundial do desenvolvimento... O problema do desenvolvimento depara-se diretamente com o problema cultural/civilizacional e o problema ecológico... O próprio sentido da palavra desenvolvimento, tal como foi aceito, contém nele e provoca subdesenvolvimento. Tal sentido deve ser doravante problematizado” Morin (1995:75)

Podemos dizer que as alterações teóricas das metodologias de planejamento

⁸⁴ Morin (1995:69:103), SACHS (1986:17:50) LAFER (1970:9:27), BAPTISTA (1978:15:26), MEADOWS (1978); VIEIRA (1998:161:180)

⁸⁵ “...diante dos novos contextos, mecanismos e instrumentos foram se transformando e se adaptando a estes, resultando nas diversas formas de planejamento: planejamento territorial, urbano e rural – numa abordagem governamental/regional; planejamento energético – numa abordagem setorial; planejamento político-social – numa abordagem ideológica; planejamento ambiental – numa abordagem de integração; planejamento operacional e estratégico – numa abordagem empresarial; planejamento participativo – numa abordagem governamental.” ZYTKUEWISZ (1998:30)

modificaram o ritmo do processo (qualificando-o), mas em síntese planejar continua sendo: primeiro definir onde se quer chegar (**Objeto/Objetivos**) depois, identifica-se o quadro atual (**Diagnóstico**) para se estabelecer prioridades e tipos de intervenções necessárias; os limites econômicos, técnicos, sociais (políticos) e ambientais, que geram **Propostas**. Sobre esse material trabalha-se com as mais adequadas definindo-se **Projetos** que são então postos em prática (**Execução**). Em um determinado momento, estabelecido dentro da dinâmica metodológica de planejamento utilizada, aquelas ações planejadas e executadas sofrem uma revisão onde observa-se quais foram os avanços e falhas do processo (**Avaliação**) e então, recomeça-se tudo de novo, as vezes com mais sabedoria (**Sustentação, Gestão**).

Mas, planejamento (sem adjetivos) continua tratando de organizar a ação para que seja possível atingir de forma mais eficiente e eficaz um futuro desejado. O estabelecimento dos limites desse futuro⁸⁶ vão variando, as unidades de intervenção se enriquecendo (setorial, regional, local), os meios e os modos de operar a transformação desejada vão se qualificando, o número de participantes com ou sem poder decisório também se altera mas, ainda assim continuamos a planejar; planejar é uma atividade quase que instintiva em nossa contemporaneidade.

Sob esta ótica, os processos participativos enriquecem as práticas de planejamento através dos novos elementos (valores) do atual conceito de Desenvolvimento [Sustentável]⁸⁷. (Tabela 13)

“Planejamento em vez de tomar uma postura técnica de instrumento para a realização eficaz dos objetivos sociais postulados pelo poder político, ele deve acentuar o seu carácter eminentemente político de organizador do processo de aprendizagem social, por intermédio do qual os homens aprendem a identificar suas margens de liberdade, a inventar formas de tirar proveito e a tomar decisões que se impõe para o desenvolvimento”
(grifos nossos) Sachs (1986)

⁸⁶ Sobre esse assunto ver análise de Sachs (1986:17:29). “*A invenção do Futuro - Prospectiva e Planejamento*”

⁸⁷ Sobre o conceito de Desenvolvimento Sustentável e planejamento ver: VIOLA (1995:45-98); Cavalcante (1995: 276-292:300-306); SACHS (1986:51:74); SAMPAIO (1994).

TABELA 13. REFORMAS CONCEITUAIS - DIMENSÃO AMBIENTAL E PLANEJAMENTO

Dimensão Ambiental (novas necessidades do desenvolvimento)	Contribuições para o Planejamento
REPENSAR A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS – RENOVÁVEIS E NÃO RENOVÁVEIS;	Explicitação da relação produção x consumo e seus limites técnicos e sociais. Reforma do Pensamento.
TRABALHAR ARTICULADAMENTE DENTRO DE TRÊS DIMENSÕES BÁSICAS: ECONÔMICA, SOCIAL E ECOLÓGICA;	Explicitação das dificuldades prática de implementação simultânea da descentralização e articulação dentro um sistema de valores homogenizador. Reforma do Pensamento;
INCORPORAR O ENFOQUE PARTICIPATIVO COMO AGENTE POTENCIALIZADOR DE SOLUÇÕES LOCAIS;	Fortalecimento da dimensão local para o planejamento; Necessidade de repensar o planejamento e seus meios e modos de intervenção; Explicitação de seus limites como ferramenta de intervenção racional; Diminuição do poder técnico e econômico sobre suas decisões operacionais; A inclusão da categoria de “atores sociais” (ainda numa dimensão racionalizada), definidas conforme abordagens metodológica utilizada - institucionais , técnicas e comunitárias entre outras; Flexibilização de objetivos. Reforma Pensamento e Linguagem
ADEQUAÇÃO DE METODOLOGIAS NO MOVIMENTO GLOBAL X LOCAL - A INSERÇÃO DA DIMENSÃO QUALITATIVA;	Explicitação dos limites das teorias baseadas em soluções reducionistas [metodologias e tecnologias] em princípios generalizadores; Fortalecimento da categoria de “atores sociais” dentro de uma perspectiva mais individualizada (mesmo que timidamente). Reforma de Pensamento e Linguagem;
FORTALECIMENTO DA PERSONALIDADE LOCAL;	Ampliação do fluxo de informações entre o saber institucionalizado (global) e o saber local; Explicitação do papel das lideranças - políticas, técnicas, comunitárias e econômicas. Reforma de Linguagem e Comunicação;
INCORPORAÇÃO O ENFOQUE ESTRATÉGICO COMO AGENTE POTENCIALIZADOR DE OBJETIVOS.	Explicitação de <u>intencionalidade</u> embutida na ação; Utilização do <u>passado como recurso</u> (dar atualidade [no presente] à História); Explicitação da existência de dois espaços de ação e transformação: <u>o interno e o externo</u> ; Reforma de Pensamento e Linguagem.

Mas, embora tenham havido grandes avanços na discussão teórica sobre participação, elas na maioria das vezes ainda estão baseada na racionalidade, leia-se bases instrumentais e as práticas resultantes não tem conseguido avançar o suficiente para realizar sua integração definitiva ao planejamento. São indicações que apontam a um caminho a seguir. Segundo análise de VIEIRA (1995:58) devemos incluir dentro do

labor do planejamento quatro critérios normativos: “1. prioridade ao alcance de finalidades sociais (satisfação de necessidades básicas e promoção da equidade); 2. Prudência ecológica (ou sustentabilidade ecológica); 3. Valorização da participação e da autonomia (self-reliance), e 4. Viabilidade econômica.”. (grifos nossos)

A nosso ver, os itens 1 e 3 desses critérios permitem abrir um importante espaço de reflexão, tanto teórica quanto prática, para outras abordagens que também considerem aspectos de base afetiva (subjetivos ou de objetividade individualizada). Pois, satisfação das necessidades básicas, equidade, participação e autonomia são em última instância qualidades (e decisões) individuais. Sejam elas de indivíduos, grupos culturais ou outras formas de organizações coletivas.

É sobre este ponto de vista (da importância do indivíduo participante) que pode-se vislumbrar um novo papel para o planejamento, possibilitando a reconstrução de sua legitimidade como instrumento de transformação e desenvolvimento coletivo, a partir da incorporação da dimensão educativa (produção participativa de conhecimento). Desta forma, o planejamento ganha dinâmica e se flexibiliza, deixando de ser teorizado, e compreendido, unicamente nas esferas institucionais (técnicas, governamentais ou empresariais). Encontramos neste fato a maior possibilidade para que este instrumento ganhe novos ânimos e realmente se adeque aos tempos do desenvolvimento sustentável.

Dentro dos dois aspectos levantados, as metodologias de Planejamento (ferramenta de organização da ação, coletiva) que incorporam as transformações impostas pela contemporaneidade já deve ter incluído a dinâmica participativa em todas suas fases de trabalho, deve incluir instrumentos auxiliares de **Comunicação** que permitam estabelecer uma relação de troca intensa de informação e conhecimento entre todos os participantes visando estabelecer um fluxo comunicacional que potencialize suas realizações. As experiências de estruturas em redes tem oferecido um importante suporte teórico para esse processo, caracterizado principalmente pela originalidade com que cada solução local onde:

COMO MODO E MEIO, A EFETIVA INTEGRAÇÃO ENTRE PLANEJAMENTO E PARTICIPAÇÃO PODE PROMOVER AVANÇOS MÚTUOS. A PARTICIPAÇÃO OFERECENDO AO PLANEJAMENTO SUA AFETIVIDADE E O PLANEJAMENTO EMPRESTANDO A PARTICIPAÇÃO SUA INSTRUMENTALIDADE.

2.2.3 *Participação e Avaliação* – Desafio coletivo

Pergunta da matriz (1.3): *Quando os processos participativos se auto-avaliam? e (3.1.) Como a avaliação inclui a participação em sua dinâmica operativa?*

Não há como fabricar uma taxa, um coeficiente, um índice de participação, porque não existe um metro, um quilo, um litro dela”
DEMO (1988:13)

Assim como a **Participação**, a **Avaliação** também é “uma necessidade humana” e se estabelece a partir da ação. Segundo VEIT (1983:9:13) o termo avaliação pode receber conotações variadas, dependendo do contexto ao qual é situado, mas “via de regra não há grande desvio de um sentido bastante unívoco: avaliar é julgar algo ou alguém quanto a seu valor segundo um padrão”.

Mas, por atrás da palavra “julgar” ou seu ato, existem juízos e valores [subjetividades], que o qualificam, transferindo-lhe inúmeras possibilidades de abordagens. Fica explícito no resultado do processo de avaliação as relações existentes entre a natureza do valor⁸⁸ que o rege e o objeto do julgamento (sua verdade, legitimidade, sentido ou relevância).

Como atividade individual é um processo rotineiro que se produz a reboque das ações [e reações] cotidianas, redirecionando-as conforme nossos critérios de julgamento pessoal. Como atividade coletiva requer mais esforço, coordenação, e metodologia. Sua realização impõe dispêndio de energia motivadora e envolve a escolha de instrumentos, métodos e postura ética pois, **um processo de avaliação é um processo de transformação**, sendo um momento de reflexão⁸⁹ e crítica⁹⁰, onde objetiva-se avançar coletivamente apoiando-se no aprendizado oferecido pelas nossas ações passadas.

⁸⁸ Para Veit, o **valor** se estabelece como comprometido com a ordem do ser e da intencionalidade. “É uma função duma totalidade que ele integra, completa e enriquece... [É uma totalidade] que poderíamos chamar de mundo, onde se expressa a mais perfeita unidade da mais vasta pluralidade... o mundo dos instrumentos, o mundo das crianças, o mundo das artes [onde]... cada mundo exprime uma intencionalidade”. [p.32]

⁸⁹ “O que é **reflexão**? É um re-pensar. É um pensamento consciente se si mesmo, capaz de avaliar, de verificar. Refletir é o ato de retomar, re-considerar os dados disponíveis, revisar, vasculhar... é se colocar sem censura aberto para mensagens, para outras verdades, outros sentimentos, outros eventos. É uma postura.” PATRÍCIO (1996: 88:89)

⁹⁰ “O que é **criticar**? É não aceitar as verdades como eternas, absolutas. É repensar os dados, os eventos, é buscar outros caminhos, outros recursos, outras fontes. É colocar valor nos pensamentos, nos sentimentos.” PATRÍCIO (1996:89)

“... De acordo com Descarte, seu “método” deveria ser empregado sempre que ocorresse a busca do conhecimento, em qualquer campo da ciência. Ele consiste em:

- a) aceitar somente aquilo que esteja tão claro em nossa mente, que exclua qualquer dúvida;
- b) dividir os grandes problemas em problemas menores;
- c) argumentar partindo do simples para o complexo;
- d) verificar o resultado final.”

Davis e Hersh (1986, p.5) grifos nossos

Na prática, é o que estamos fazendo agora em nossa contemporaneidade⁹¹. **Verificando o resultado final** de nossas ações enquanto coletividade humana. Um momento onde mais contemplamos e refletimos do que efetivamente agimos⁹². É um momento onde pergunta-se: *Porque?*; e é isso que evidencia um processo de avaliação, o momento onde buscamos compreender porque as coisas estão como estão, e quais são nossas possibilidades de realizar transformações, mesmo que seja para, **de novo**, *aceitar somente aquilo que esteja tão claro em nossa mente, que exclua qualquer dúvida*. Esse mesmo movimento que acontece em escala Global/Contemporânea também reverbera nas escalas Local/Cotidiana, onde ocorrem as avaliações pontuais e localizadas.

Se o objetivo (ou intenções) da avaliação é definido por poucos ou muitos de novo caímos nos processos de **comunicação**, e outra vez, trazemos os termos **Provocada** e **Voluntária**. Os resultados irão, invariavelmente, depender da intencionalidade, vontade, espaço para expressão, coragem, originalidade, criatividade e ética tanto de cada indivíduo participante quanto do coletivo resultante. São processos de comunicação, reflexão, busca de aperfeiçoamento e também de decisão.

Tem características **quantitativas** [objetivas - para medir eficiência e eficácia] e também **qualitativas** [subjetivas – valores, finalidades e conteúdos] tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. Essas duas abordagens [quantitativa e qualitativa] podem ser enfrentadas como antagônicas ou complementares. Segundo IPEA (1990:68) “*A prática institucional de avaliação orienta-se prioritariamente para obtenção de dados quantitativos, na medida que busca quase que exclusivamente o alcance de metas programáticas. Nesta perspectiva, a avaliação não alcança os aspectos referentes à*

⁹¹ Para contextualização deste movimento avaliativo de escala Contemporânea e Global ver Cavalcante (org) (1995: 17-103), Morin (1995), SACHS (1986).

⁹² Segundo Veit “*Avaliação [como um momento contemplativo] é julgar um processo desencadeado, ou um objeto, ou um processo natural, apreciando-o à luz de uma idéia na qual a intenção humana se deposita. A avaliação não é ação executora, mas ela deve refazer a ação para detectar o eventual desvio do programa para reordenar o processo*”[p.21:22] Grifos nossos.

qualidade e atributos das ações, elementos intrínsecos aos processos sociais [sendo] uma tendência privilegiar um método em relação ao outro [mas] as opções por métodos orientados a revelar aspectos que privilegiam o qualitativo descuidam, em geral de dimensionar os fenômenos e sua quantificação”.

Para Minayo (1994:16) “teoria e metodologia caminham juntas” , e não devem ser analisadas em separado. Cada teoria possui uma metodologia que melhor representa sua aplicação. E a avaliação não foge a esta regra. Assim, se existem alterações teóricas importante, passa a existir também propostas novas de metodologias e instrumentos. As proposta de avaliação que incluem aspectos qualitativos em suas teorias, são por analogia, mais participativas. Mas mesmo assim apresentam grandes variações quanto a seus objetivos, instrumentos, níveis de participação etc.

Para SAUL (1986) existem 7 aspectos a serem considerados na analisa de proposta metodológicas de avaliação conforme apresentadas na Tabela 14.

TABELA 14. CARACTERÍSTICA DE ANÁLISE

ENFOQUE	Principal categoria da proposta de avaliação e pela qual é em geral conhecida;
DEFINIÇÃO	Forma como o autor define avaliação;
OBJETIVO	Identificação dos alvos que o autor concebe dentro de sua proposta de avaliação; o que deve ser atingido uma vez implementado o modelo;
PAPEL DO AVALIADOR	Forma como o autor define o papel do avaliador;
IMPLICAÇÕES <i>(do projeto de avaliação)</i>	Sugestões do autor para elaboração e/ou desenvolvimento dos planos de avaliação referentes a procedimentos, estrutura e conteúdo do processo que pretende avaliar;
LIMITAÇÕES <i>(registrada na literatura)</i>	Destaque dos principais questionamentos em relação à proposta de avaliação e possíveis utilizações inadequadas que poderão comprometer a eficiência;
CONTRIBUIÇÕES	Destaque dos pontos que representam as contribuições mais importantes de cada um dos enfoques de avaliação.

Ela nos apresenta um quadro de variações metodológicas aplicadas a área da educação, que representam as melhores contribuições para as metodologias de avaliação qualitativas (participativa)⁹³ que encontramos (tabela 15);

⁹³ Este aspecto talvez possa ser explicado pois na Educação a avaliação não pode ser uma etapa teórica ou esporádica. É seu o principal instrumento de (re)aprendizado teórico e avaliação de efetividade .

TABELA 15. MODELOS CONTEMPORÂNEOS DE AVALIAÇÃO CURRICULAR (1/2)

Autor/Categoria	Enfoque	Definição	Objetivos	Papel do avaliador	Implicações	Limitações	Contribuições
Stufflebeam (1968)	Avaliação para tomada de decisão	Definição, obtenção e uso de informações para tomar decisões.	Fornecer informações relevantes para quem toma decisão.	Fornecer informação avaliativa para quem toma decisão.	1. Emprega enfoque sistêmico para estudos de avaliação; 2. Dirigido pelo administrador	1. Pouca ênfase em preocupações com valores; 2. Processo de tomada de decisões não é claro; metodologia indefinida. 3. Complexidade na utilização; 4. Custo alto; 5. Nem todas as atividades são claramente avaliativas; 6. Cisão entre avaliação e planejamento.	1. Fornece dados para administradores e responsáveis pela tomada de decisões, na condução de um programa; 2. É sensível ao feedback (retro-informação); 3. Permite que a avaliação incida em qualquer estágio do programa.
Scriven (1967)	Avaliação de mérito	Coleta e combinação de dados de desempenho ponderando-os em uma escala de objetivos	Determinar e justificar o mérito ou valor de uma entidade.	Julgar o mérito de uma prática educacional para programadores (avaliação formativa) e consumidores (avaliação somativa).	1. Envolve julgamento de valor; 2. Considera muitos fatores; 3. Requer o uso de investigação científica; 4. Avalia uma entidade do ponto de vista "formativo" e "somativo".	1. Comparação do desempenho em relação a diferentes critérios e atribuições de pesos relativos aos critérios criados, ocasionando problemas metodológicos; 2. Ausência de previsão de metodologia para calcular a validade do julgamento. 3. Muitos conceitos superpostos.	1. Descrimina entre avaliação formativa e somativa; 2. Focaliza a mensuração direta do valor da entidade; 3. Aplicável a vários contextos; 4. Analisa meios e fins; 5. Delimita tipos de avaliação; 6. Avalia objetivos.
Parlett & Hamilton (1972)	Avaliação iluminativa.	Descrição e interpretação da situação complexa de um programa de inovação.	"Iluminar", fornecer compreensão sobre a realidade estudada em sua totalidade.; Verificar o impacto, a validade, a eficácia de um programa de inovação.	Observar descrever e interpretar a situação buscando: Isolar suas características significativas; Delimitar os elos de causa e efeito; Compreender relação entre as crenças e as práticas e entre os padrões organizacionais e respostas dos indivíduos.	1. Requer definição de uma sistemática de observação e registro contínuo de eventos, interações e de comentários informais; 2. Necessita de uma sistemática para organizar/codificar dados; 3. Envolve coleta de informações - entrevistas, questionários, análise de documentos. 4. Requer procura de princípios subjacentes à organização do programa explicitando relações e situar as descobertas num contexto de pesquisa amplo.	1. Natureza subjetiva do método; 2. Necessidades de habilidades especiais para o avaliador: técnicas intelectuais e de relacionamento interpessoal; 3. Característica de estudo de casos particulares, de inovação.	1. Permite estudar o programa de inovação detectando como funciona, como é influenciado pelas diferentes situações escolares, quais são suas vantagens e inconveniências. 2. Centraliza-se em avaliação do processo de inovação pedagógica permitindo uma apreensão ampla e profunda de uma situação viva e complexa. 3. É sensível a problemas de adaptação que são inerentes à programação de inovações.

TABELA 15.1. MODELOS CONTEMPORÂNEOS DE AVALIAÇÃO CURRICULAR (2/2)

Autor/Categoria	Enfoque	Definição	Objetivos	Papel do avaliador	Implicações	Limitações	Contribuições
Stake (1967 e 1984)	Avaliação responsiva	Descrição e julgamento de um programa educacional, identificando os seus pontos fortes e fracos	Responder aos questionamentos básicos de um programa, principalmente aqueles oriundos das pessoas diretamente ligadas a ele. Considerar as "reações avaliativas" de diferentes grupos em relação ao programa.	A. Estruturar o estudo a partir de perguntas, negociação e seleção de alguns questionamentos sobre o programa; B. Coletar, processar e interpretar dados descritivos e de julgamento, fornecidos por vários grupos de pessoas.	1. Inclui matrizes para coleta e interpretação dos dados. As matrizes prevêm três corpos de dados: a) antecedentes (condições prévias à situação ensino-aprendizagem; b) transações: sucessão de relações que se estabelecem entre pessoas nas diferentes situações de ensino-aprendizagem; c) resultados: conseqüências do processo ensino-aprendizagem. Este conjunto de dados permeia e se cruza com quatro categorias de informação: intenções, observações, padrões e julgamentos definindo células para registro de observações. 2. Requer adaptação contínua dos objetivos da avaliação e dos métodos de coleta de dados enquanto os avaliadores familiarizam-se com o programa e com o contexto de avaliação. 3. Permite a inclusão de métodos alternativos de natureza qualitativa e quantitativa.	1. Metodologia inadequada para obter informações a respeito de "constitutos-chave"; 2. Algumas células da matriz de delineamento superpõem-se: algumas distinções não estão claras; 3. Possibilidade de discussão dentro do programa ocasionando conflito de valores; 4. Natureza intuitiva e subjetiva dos dados; As questões fundamentais de avaliação surgem não exclusivamente dos coordenadores do programa das agências financiadoras ou da comunidade científica;	1. Fornece um método sistemático para organizar e descrever dados e julgamentos. Facilita a inter e intra-relação entre eles; 2. Considera padrões absolutos e relativos de julgamento; 3. Requer padrão explícito; 4. Permite generalização de modelo; 5. Comunica resultados sob diferentes formas, favorecendo diferentes audiências; Enfatiza questionamentos, a linguagem, o contexto, e os padrões de julgamentos das pessoas-chave do programa.

Fonte: Saul, (1988:36)

A intenção de apresentar a tabela 15 é a de flexibilizar os conceitos de avaliação dentro do **planejamento**. Pois, avaliar é julgar algo dentro de um conjunto de valores pré-definidos. Isso significa dizer que quem quer avaliar, mesmo, encontra indicadores, objetivos, participantes, definições, implicações, enfim faz sua de sua prática uma boa teoria. Afinal, avaliar é individualmente uma condição humana. O que agora precisamos, talvez, é empreender essa qualidade coletivamente.

Embora conceitualmente a avaliação ocorra sempre após a realização de alguma ação, ela pode tanto ser efetivada dentro de um processo isolado (avaliação de uma atividade ou evento) ou ser parte de um processo sistemático mais amplo, como acontece, por exemplo, dentro do planejamento. Neste caso, a avaliação deveria ganhar importância processual de revitalização e reflexão da ação planejada.

Segundo WILHEIM (1976:177) não é bem isso que ocorre: *“Metas e expectativas permanecem encerradas em cada plano. Estando eles vinculados a determinadas administrações e gestões políticas que os motivam não há quem cobre pelo cumprimento das metas propostas. Após esgotar-se o tempo de vigência de cada plano, este não é seguido por sua avaliação e sim por um novo plano, elaborado por outros técnicos.”*

Essa característica pode nos indicar que avaliar não é uma característica intencional, coletiva. Ou para que ela realmente passe a ser, deve estar impregnada da necessidade. Aí surge meios e modos de realiza-la.

E, teorias existem e em grande qualidade de proposição. Quando procuramos apropriar-nos, articular-nos e questionar-nos com coragem, as ações acontecem. Talvez por esses caminhos seja possível trazer algo de novo. Algo que represente o reflexo de nossa própria transformação, nosso momento de reflexão intencional sobre nossas ações coletivas que não podem têm medo de se (re)pensar e se (re)criar, processualmente.

2.2.4 Participação e Resíduos Sólidos – Redesenhando os papéis

Pergunta da matriz (1.4): *É possível não participar do processo de Resíduos Sólidos Domésticos? Quem é considerado como participante?* e **(4.1.)** *Os processos operacionais de Resíduos Sólidos Domésticos se percebem como processos participativos?*

“Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com as sobras dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte social. Será isso?” Fernando Verissimo

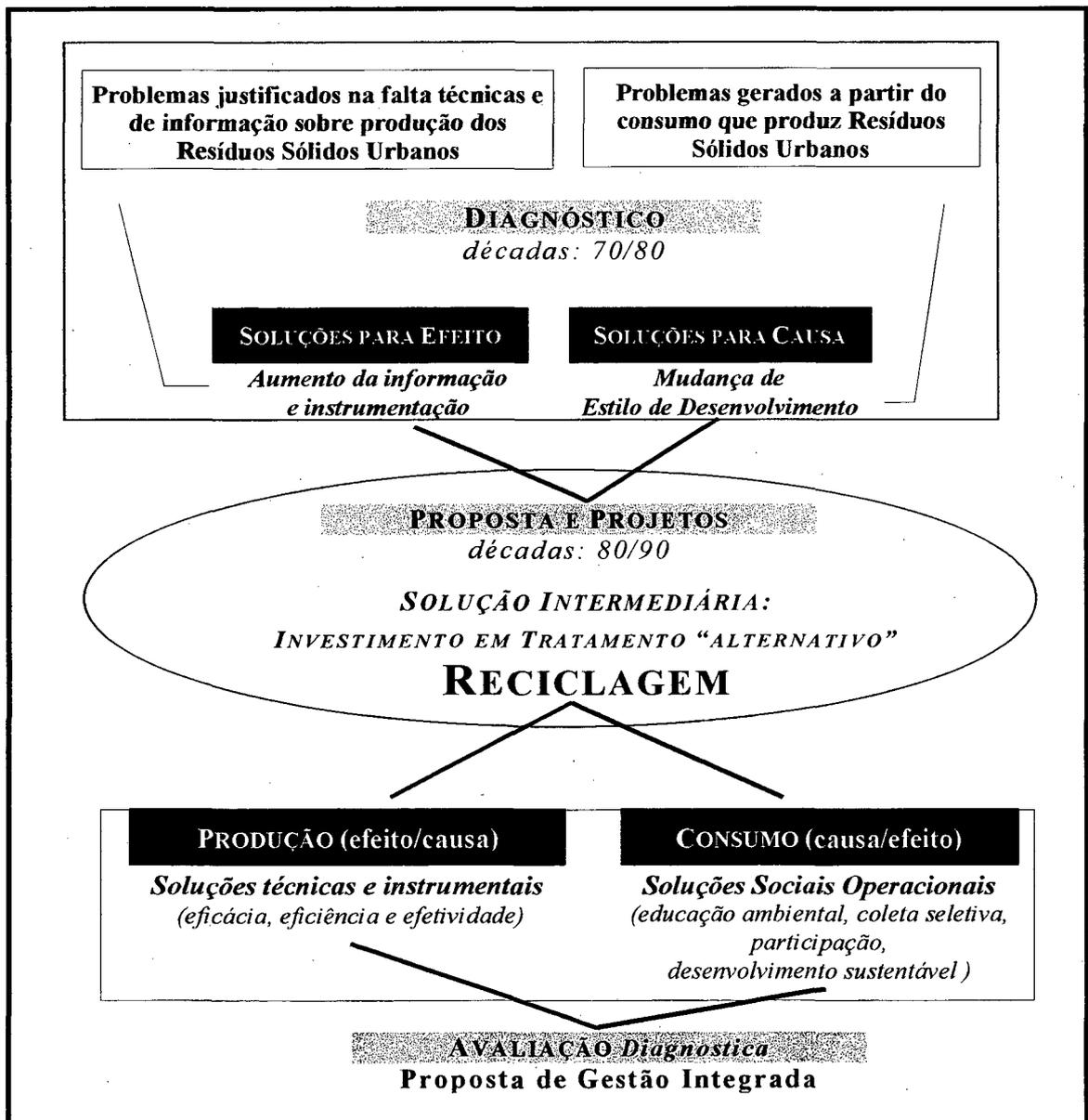
Por opção de construção teórica, realizamos nossa entrada contextual no universo dos Resíduos Sólidos Domésticos (leia-se urbanos) a partir das contribuições oferecidas por três dissertações de mestrado que trabalham de maneira consistente e complexificada mas, com abordagens (disciplinares) diversas entre si, sobre a temática. Todas tinham objetivos que foram atingidos satisfatoriamente. São elas:

Disciplina	Título da Pesquisa	Objetivos
Engenharia de Produção	<i>Aplicação da Metodologia Multicritério de Apoio à Decisão no Aperfeiçoamento do Sistema de Coleta e Destino Final do Lixo Doméstico na Cidade de Pelotas - MATZENAUER (1998)</i>	Aplicar modelo multicritério, junto a um decisor [do executivo local], que permita aperfeiçoar [identificando ações] o Sistema de Coleta e Destino Final do Lixo Doméstico da Cidade de Pelotas.
Engenharia Ambiental	<i>Estudo Exploratório de Apoio a Gestão Descentralizada de Resíduos Sólidos: O Caso de Canasvieiras - FIGUEIREDO (1998)</i>	Realizar um estudo integrando as características locais a análise da percepção, valores, conhecimentos e experiências dos moradores identificando problemas [efeitos] e causas ligadas aos resíduos sólidos, visando levantar as reais necessidades quanto a tendência à implementação de ações pró-ativas para uma gestão participativa e descentralizada;
Sociologia Política	<i>As soluções estão no lixo: Limites e Possibilidades para uma Gestão Ecodesenvolvimentista de Resíduos Sólidos - O Caso de Caxias do Sul - PISANI (1996)</i>	Estudar os condicionantes de implantação de uma usina de reciclagem e compostagem, levantando principais atores e interesses, caracterizando conflitos e avaliando os sucessivos enfoques dados pelo poder público municipal a “gestão dos resíduos sólidos” do ponto de vista do eco desenvolvimento.

Em Pisani (1996:10:30) e Figueiredo (1998:8:30) encontramos ricas descrições

de contextualização da problemática⁹⁴, numa abordagem relacional entre as escalas global e local (Brasil). Partindo do quadro traçado por esses autores, preparamos uma representação esquemática visando sintetizar esse grande movimento brasileiro que, segundo Pisani, teve início década de 70, potencializado devido, mais as pressões de ordem global do que a auto-determinação local. Um momento de diagnóstico da problemática que estava apoiado entre dois marcos: o tecnológico e humano, onde ao tecnológico se reservava, o fator solução e no humano, o fator problema. (Figura 12)

FIGURA 12. PROBLEMA/SOLUÇÃO RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS - BRASIL



⁹⁴ Matzenauer não se atem a contextualização mais ampla inicial, indo buscar diretamente em campo a compreensão do problema em sua escala local.

Nossa intenção não é fazer uma **simplificação reduzida da questão**, mais sim compreender os caminhos que fizeram essa proposta de solução perceberem, e internalizarem, a extensa trama de relações existentes dentro da temática dos resíduos sólidos domésticos. Seja entre produção ou consumo, estado ou sociedade civil, poder político e/ou econômico, desenvolvimento e/ou subdesenvolvimento, lixo ou....

Em síntese elas apresentam como recomendação a realização de programas Gestão Integrada de Resíduos Sólidos⁹⁵ mais, ou menos participativos que espelham as contribuições individuais de pesquisadores contemporâneos, que não possuem divergência fundamental na constituição do problema ou de recomendação às possíveis soluções. Tratam de forma homogênea esses temas, apesar do diferencial imposto pelo seu foco disciplinar. Falam de envolvimento, de indivíduos ou coletivos, onde pressupõe-se poder de decisão para a construção de soluções.

O que podemos entender é que neste grande movimento de busca de solução, identifica-se personagem (**atores**), propõe-se consenso e redesenha-se quadros diferenciais da problemática onde, no fundo parece que já é possível identificar a solução:

“A coleta seletiva e a reciclagem se diferenciam substancialmente de outras formas de tratamento, porque nesta proposta a participação da sociedade é fundamental. Sem o efetivo engajamento da comunidade torna-se impossível o sucesso de qualquer programa.... Contudo, o processo exige como base para uma ação eficiente, a educação individual e coletiva da população em geral, [onde inclui-se] todos os segmentos da sociedade, desde o político ao empresário, procurando sempre modificar hábitos e costumes...” Figueredo (1998:150)

“pode-se concluir que a utilização de uma metodologia multicritério onde apoio a decisão permite que o decisor [no caso estudado um Chefe da Divisão de Destinação Final do lixo e do serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas] conheça melhor seu problema, agregando ao modelo critérios subjetivos, permitindo a escolha mais justa, transparente e racional” Matzenauer (1998:139)

⁹⁵ Para Figueiredo os resíduos sólidos se classificam entre: **Lixo Domiciliar; Lixo Comercial; Lixo Hospitalar e serviços de saúde; Lixo Público [vias públicas]; Lixo de Portos, Aeroportos, Terminais Rodoviários e Ferroviários; Lixo Industrial; Lixo Agrícola; Entulho.** (p.45:46) e a **Gestão Integrada de Resíduos Sólidos** “visa essencialmente subsidiar o desenvolvimento de ações a serem implantadas com intuito de minimizar a problemática causada pela geração e acúmulo do lixo...[oferecendo] de forma paralela o desenvolvimento de uma nova mentalidade ambiental....respaldando-se [de acordo aos preceitos da AGENDA 21 (1997:445)] na efetiva e crescente participação de todos os segmentos da sociedade”.

“para que a população venha a colaborar de forma durável separando resíduos em casa, os municípios devem contar com projetos de coleta seletiva bem estruturados e fortemente ancorados em programas de educação ambiental [onde] a gestão de resíduos sólidos domésticos deixa assim de ser um tema circunscrito a alguns especialistas, para se tornar parte das preocupações e dos anseios de uma parcela mais ampla da população” Pisani (140:141)

E, sobre este assunto, a relação problema x solução, Matzenauer (1998:3:5) nos auxilia a dar ritmo a perspectiva que pretendemos adotar. Ela constrói um corpo teórico de referência para seu trabalho⁹⁶ onde a definição do **problema** é considerada como uma etapa importante dentro de um processo de construção de soluções:

*“Um processo de tomada de decisão [de encaminhamento para a solução] inicia-se a partir do reconhecimento de uma situação problemática ou da identificação de uma oportunidade de ação.... A estruturação do problema visa a construção de um **modelo** formalizado, capaz de ser aceito pelos **atores** como uma estrutura de representação e organização de todo um conjunto de elementos primários de **avaliação**, que são os objetivos dos **atores** e as características das ações... Este modelo servirá de base à comunicação e discussão interativa entre **atores**.”* grifos nossos.

Matzenauer caracteriza **atores** como: *“pessoas que, baseadas em seus valores, desejos, interesses e/ou preferencia, intervêm de forma direta ou indireta na decisão. Atores possuem características e papéis diferentes, em função de seu sistema de valores e de sua posição em relação ao processo decisório”*, subdividido-os conforme apresentado na tabela 33. A autora, define como **facilitadores** os consultores externos que dotados de uma metodologia explícita e formal, auxiliam os interventores a tomar uma decisão. E, ela considera, também, os facilitadores como interventores.

TABELA 16. CARACTERÍSTICAS: ATORES E PAPEIS

Características	Papeis
Agidos	São todos que sofrem de forma passiva as consequências de uma decisão;
Intervenientes	Podem ser indivíduos, corpos constituídos ou coletividades, que por sua intervenção direta, condicionam a decisão em função de seus sistemas de valores, isto é são atores que efetivamente tem um lugar à mesa de negociação [onde também se inclui o facilitador];
Decisores	São aqueles a quem o processo decisório se destina. Os decisores são os atores intervenientes que tem poder e responsabilidade de ratificar a decisão e assumir as suas consequências.

Fonte: Matzenauer (1998:4)

⁹⁶ A autora desenvolve seu trabalho propondo a utilização de ferramentas multicritérios para tomada de decisão, especificamente para o caso de resíduos sólidos.

Seguindo esta indicação de Matzenauer, podemos considerar para efeito de complexificação, os **autores** das três dissertações, como facilitadores enquanto interventores e proponentes de soluções, para um problema onde pudemos observar razoável consenso em sua caracterização.

E, para Enzensberger (1978:147), o AUTOR se compara a um especialista onde *“sua meta há de ser a de se tornar dispensável como especialista. Da mesma forma, por exemplo, que o alfabetizador, que só vê cumprida sua tarefa quando já não se precisa mais de seus serviços”*, mas para lograr sua superação ambos tem que manter um processo recíproco onde *“o especialista terá que aprender tanto ou mais do que o não especialista, como este daquele”*. E prossegue *“do ponto de vista estratégico, seu papel está claro; o autor há de trabalhar na qualidade de agente das massas e só poderá submergir por completo quando as massas se houverem convertido, por sua vez, em autores, nos autores da História.”* grifos nossos

Essa perspectiva coloca o autor também como participante e, pensar sobre a relação autor x atores nos ajuda a compreender a importância das pesquisas desenvolvidas permitindo ampliar as transformações indicadas em suas conclusões, ao próprio processos de transformação do pesquisador. O que buscamos refletir aqui é a inclusão, explícita, do pesquisador no processo, onde:

“O novo método é algo essencialmente distinto; o sujeito e a regra já não são duas coisas diferentes e sim constituem a mesma estrutura vivente do ser humano... Agora se abre um novo discurso do método e o homem novo avança por um caminho em que o sujeito é o método. Isto supõe uma mudança total de enfoque para a epistemologia da ciência, já que em sua nova dimensão, o método além de implicar um meio de conhecimento é também um método de vida” Soller in Brandão (1991:91) grifos do autor

Nos trabalhos estudados, cada autor tratou da questão pesquisada buscando oferecer soluções, em decisões e ações participativas: sejam coletiva, como nos trazem Pisani e Figueiredo, ou individuais provenientes de decisões flexibilizadas do poder público, como apresenta Matzenauer. Eles estiveram em campo, falaram, trocaram, se envolveram, transformaram o objeto de estudo e a si próprios, a partir das suas apropriações e vivências. Fizeram seus próprios métodos de vida, a partir de um tema difícil de se tratar (por toda simbologia que o envolve): o lixo. *Mas, sobre isso eles não nos falaram.*

2.2.5 *Novo Elemento de Síntese* – Qualidade: Eixo de integração temática

O que a princípio parecia um caminho entre perguntas e respostas expôs-nos a outro momento de complexificação nesta pesquisa. Pudemos perceber que o caminho analítico iria nos levar a infindáveis questionamentos. E, neste movimento percebemos o importante elemento de interconexão, elo de ligação/conflito, entre participação e os outros temas da matriz: **Qualidade**.

“O método analítico moderno é um importante fruto do racionalismo científico...Focaliza a parte, buscando as unidades constitutivas e atuando como eficiente bisturi retalhador de totalidades....Postula uma função explicativa: objetiva explicar ativamente o universo....

...O método sintético...focaliza a totalidade, a interconexão, a forma...visando o processo de vinculação e unificação.... É uma via qualitativa que se indica mais por linguagem poética e através de metáforas...Exerce uma função compreensiva: é um caminho para se compreender contemplativamente e participativamente o universo....Quero sublinhar que estes dois métodos – o analítico e o sintético – são complementares e não antagônicos.” CREMA em BRANDÃO (1991:94:95) - grifos nossos

A partir desta observação, buscamos reorganizar nosso pensamento preparando um quadro onde referenciamos nossas sínteses temáticas com indicações para ação em campo, onde buscamos referenciar nossa atenção ao elemento sintético da qualidade relacionado a todos os temas levantados. (Tabela 17).

Este processo possibilitou-nos, também, compreender a importância da complexificação metodológica, não para torná-la um elemento analítico, mas sim, um potencializador onde fosse possível visualizar componentes qualitativos em sua estrutura contextual, para criar nossa base de ação participativa em campo.

TABELA 17. SÍNTESES TEMÁTICAS – A QUALIDADE COMO EIXO DE INTEGRAÇÃO

Tema	Síntese da Revisão	Indicações para campo
Participação	Participação possui uma forte conotação qualitativa; Todos os temas deverão sofrer esta <i>qualidade</i> de abordagem.	Para tratar participação em seu aspecto qualitativo devemos utilizar instrumentos Qualitativos de pesquisa; Postura de observação e ação de campo: mais receptor do que emissor.
Planejamento	O planejamento mesmo quando dentro do enfoque participativo é tratado como instrumento quantitativo;	<i>O que de qualitativo existe no processo de planejamento local?</i>
Avaliação	A avaliação quando incorporada na operação do planejamento possui caráter quantitativo.	<i>Como se compreende avaliação no espaço local?</i>
Resíduos Sólidos	Os processos de gestão de resíduos sólidos domésticos são analisados principalmente sobre a ótica quantitativa.	<i>Existe tratamento Qualitativo no desenvolvimento do Objeto da pesquisa ?</i>
Enfoque Estratégico	A dimensão participativa dentro do enfoque estratégico é utilizada como uma ferramenta de aumento de eficiência e eficácia.	<i>A participação é entendida como processo estratégico no Objeto da pesquisa ?</i>
Complexidade	Não existe conceito de complexidade que não incorpore a dimensão participativa, pode haver porém uma utilização excessiva do termo sem sua correta compreensão.	Levar a complexidade para a prática do trabalho de campo;
Técnica	A abordagem técnica (ferramenta de solução) ainda não possui instrumental para efetivar a dinâmica participativa em seu processo de elaboração. (Multi x Interdisciplinaridade)	Buscar desenvolver a dimensão participativa na técnica (trabalho coletivo) dentro das execução da metodologia de avaliação;
Educação	É o tema que mais tem avançado sobre os processos participativos. Inclusive na avaliação.	<i>Como a dimensão educativa da metodologia é utilizada no Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos?; Qual nível de aprendizado da equipe de trabalho local, sobre a metodologia?</i>
Descentralização	É mais uma necessidade teórica e prática do que uma realidade operacional.	<i>Existe descentralização no Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos ?</i>
Ambiente de ação (relação espaço x tempo)	A maioria dos temas têm dificuldade de tratar o cotidiano qualitativamente (explicitando a relação espaço x tempo da ação – O PRESENTE)	<i>Qual o ambiente de ação no Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos? (cotidiano da operação e gestão).</i>

“[Para Vico]...toda teoria deve começar pelo ponto onde a matéria em questão tomou forma pela primeira vez. Para Vico, somente quando o investigador se liberta da idéia de que os seres humanos sempre se consideram a si mesmos e interpretam o mundo de maneira distinta do modo de ver do próprio investigador, é que ele se capacita a reconhecer os sentimentos, atitudes e concepções de outras épocas (ou culturas)” Prado (XVIII, 1979) grifos do autor

2.3 Contextualizando a Metodologia

Compreender a importância da contextualização e complexificação também da estrutura metodológica, possibilitou reestabelecer o elo de complementariedade entre teoria e prática. Desta forma, define-se as atividades de campo dentro de dois movimentos: AÇÃO e OBSERVAÇÃO.

Com a AÇÃO (construir os procedimentos e instrumentos de *avaliação do Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos*) busca-se trabalhar na perspectiva da pesquisa participante⁹⁷ para atingir os objetivos práticos da pesquisa.

Com a OBSERVAÇÃO, busca-se levantar subsídios para a construção do objetivo teórico (analisar elementos teóricos referentes ao processo participativo que possam contribuir para o conhecimento sobre participação em metodologias de planejamento ambiental participativo).

Para tal desenvolveu-se conceitualmente os instrumentos e procedimentos norteadores para o trabalho de campo.

2.3.1 Instrumentos para Ação Participativa

“Nossa realidade é muito complexa embora não complicada. Quando dizemos que é algo é complexo estamos indicando que apresenta uma ordem intrínseca, enquanto que, quando dizemos que é complicado estamos significando que apresenta uma certa desordem intrínseca” Yunes (1995:28) grifos nossos

Para estruturar os instrumentos metodológicos de ação parte-se da leitura teórica⁹⁸ da proposta de Hidalgo relacionando-a a seu exercício prático realizado no Consórcio Quiriri, onde busca-se dar seqüência ao desenvolvimento metodológico como forma de reconhecer e legitimar o trabalho já desenvolvido no espaço local. Outra importante função desta releitura é de criar um espaço de trabalho onde haja reconhecimento e legitimidade enquanto linguagem comum de trabalho.

O fato da metodologia não dispor de procedimentos definidos para a realização

⁹⁷ Sobre este tema ver SILVA (1986:32:121) *Aspectos Centrais da Pesquisa Participante no Brasil e na América Latina - Posicionamento de Diversos Autores*.

⁹⁸ A partir das apostilas do curso oferecido em 1995 (já referenciado na contextualização do objeto) – o único material sistematizado e atualizado oferecido pela metodologia.

de sua 6ª etapa, a avaliação (e também a 7ª etapa – sustentação) contribui para a realização desta releitura metodológica. Contextualmente, estas etapas eram apoiadas principalmente em definições teóricas⁹⁹ (conceituais) e/ou nas ações práticas que eram coordenadas diretamente pelo consultor¹⁰⁰, tendo como principal função teórica oferecer dinamismo ao processo de planejamento local indicando o caminho de efetivação do Plano Ambiental (que se consubstancia na execução de suas 7 etapas).

Esta proposta instrumentalização metodológica se concretiza em 4 momentos:

2.3.1.1 PROPOSTA DE REPLICAÇÃO METODOLÓGICA PARA EXECUÇÃO DAS ETAPAS

“a comunicação eficiente exige que os sujeitos interlocutores incidam sua “ad-miração” sobre o mesmo objeto; que o expressem através de signos lingüísticos pertencentes ao universo comum a ambos, para que compreendam de maneira semelhante o objeto da comunicação. Nesta comunicação que se faz por meio de palavras, não pode ser rompida a relação pensamento-linguagem-contexto ou realidade. Não há pensamento que não esteja referido à realidade [marcado por ela], do que resulta que a linguagem que o exprime não pode estar isenta destas marcas” Freire (1983:70)

A replicação metodológica é a base de complexificação do contexto prático da pesquisa. A partir dela busca-se oferecer uma leitura de (re)conhecimento da ação planejada no espaço local, partindo-se do conhecimento já adquirido pela prática do operar da metodológica de planejamento ambiental participativo¹⁰¹ (FIGURA 13).

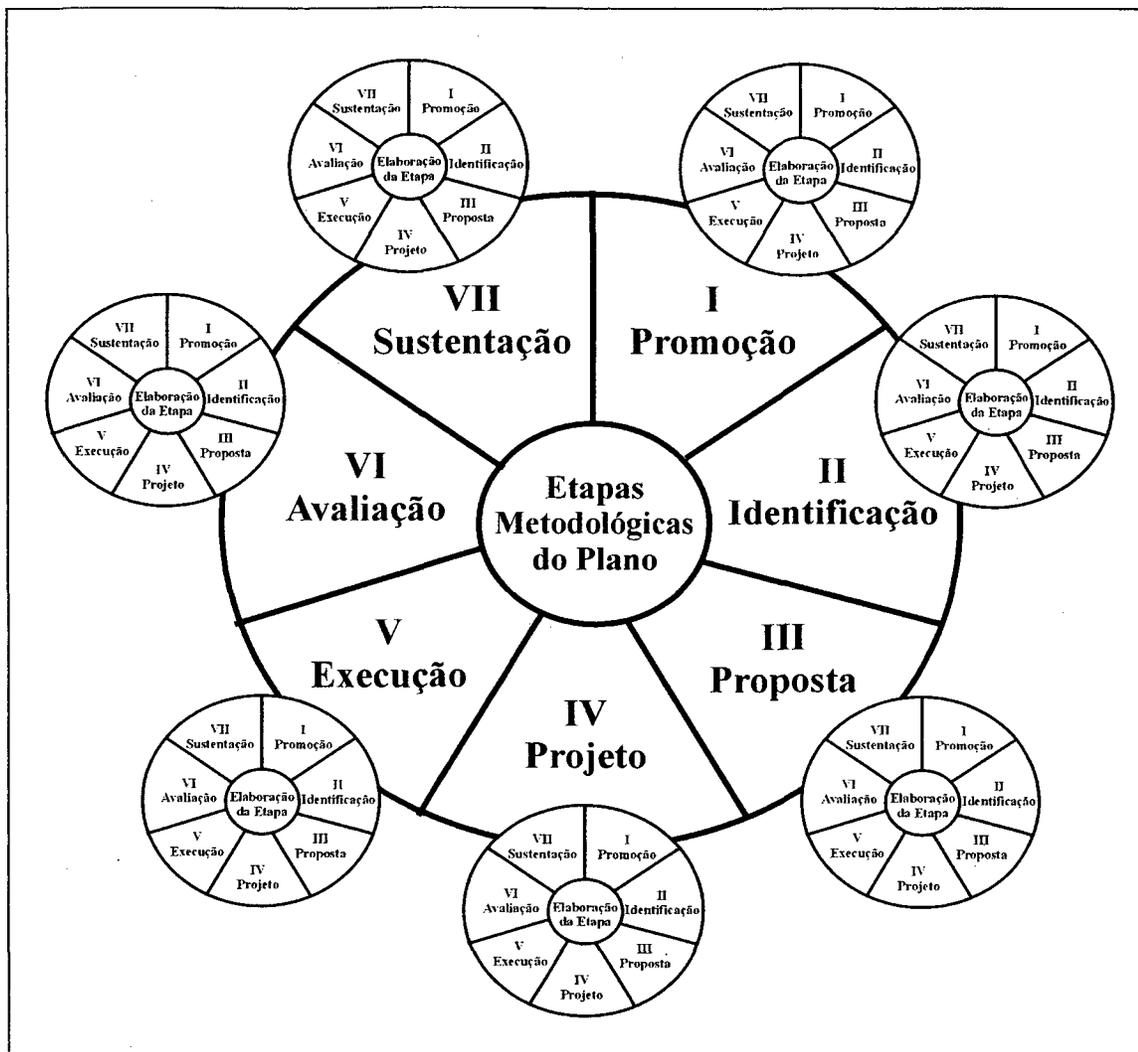
Essa constatação parte do reconhecimento que o movimento das 7 etapas metodológicas já era de domínio local, sua concepção processual já fazia parte da prática, só que referenciada no processo de planejamento como um todo. Quando trouxemos os mesmos procedimentos para o desenvolvimento de cada etapa em separado, buscamos possibilitar o avanço deste reconhecimento na efetivação das etapas ainda a serem construídas.

⁹⁹ Na leitura das apostilas de Hidalgo pudemos perceber sua maior ênfase no trato descritivo e metodológico das cinco primeiras etapas (promoção, identificação, propostas, projetos e execução) da metodologia. Isso pode nos indicar que talvez Hidalgo deposite grande confiança nestas fases como construtoras de pensamentos mais integrados dentro do espaço local (institucional e comunitário) que por conseguinte transformariam suas ações específicas para o desenvolvimento das duas etapas subsequentes a realização de ações concretas (avaliação e sustentação).

¹⁰⁰ O consultor, Pedro Hidalgo, conforme citado na contextualização do objeto, não mais participa dos desenvolvimentos metodológicos das atividades de planejamento do Consórcio Quiriri. Ele esteve presente, intensamente, até a 5ª etapa (execução). As duas etapas subsequentes da metodologia não dispõem de documentação (metodológica e instrumental) que permita seu desenvolvimento independente, por parte do Consórcio Quiriri.

¹⁰¹ Nas visitas exploratórias de trabalho pré campo foi constatado que a Coordenação Executiva do Consórcio Quiriri já possuía um importante grau de conhecimento da linguagem utilizada pela metodologia.

FIGURA 13. PROPOSTA DE REPLICAÇÃO METODOLÓGICA

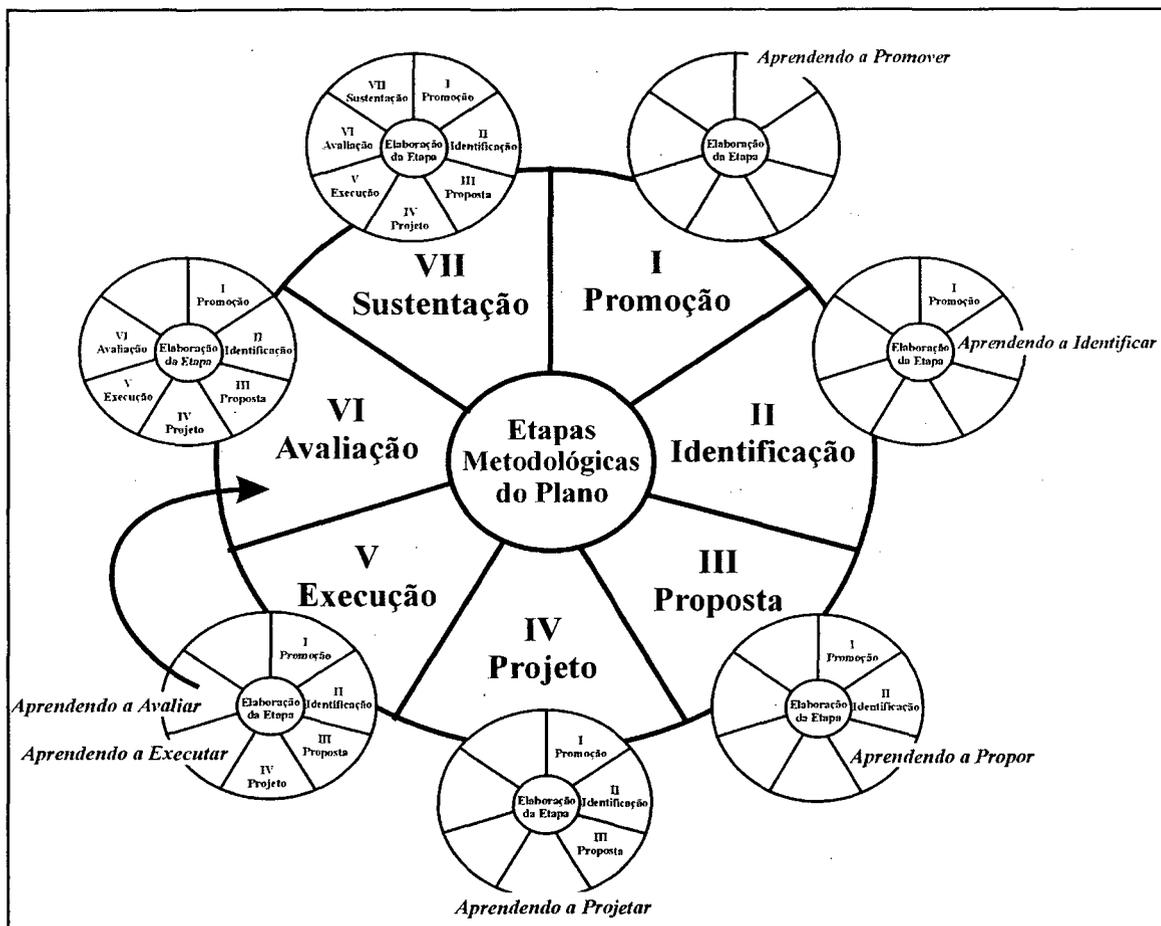


Uma proposta de replicação do conhecimento adquirido entre o todo processual e suas partes. Um artifício de linguagem que reforça as bases de constituição metodológica de Hidalgo (participação, educação e meio ambiente), e que desta forma, puderam ser preservadas e também, potencializadas.

2.3.1.2 PROPOSTA CONCEITUAL DE APROPRIAÇÃO LOCAL DO CONHECIMENTO METODOLÓGICO

Como instrumento de reflexão teórica, formulamos um esboço de proposta conceitual de apropriação (e reconhecimento) do saber adquirido pelos participantes frente a sua efetiva participação dentro da construção metodológica – Construção Local de Conhecimento. (FIGURA 14)

FIGURA 14. CONSTRUÇÃO LOCAL DE CONHECIMENTO



2.3.1.3 REDEFINIÇÃO ESTRUTURAL DA AVALIAÇÃO PROPOSTA

Com o deslocamento estrutural proposto, (6ª etapa para 5ª Etapa da metodologia) busca-se aproveitar o universo conhecido pelos participantes no desenvolvimento das etapas anteriores, como forma de legitimar e potencializar a experiência avaliativa a ser desenvolvida. O desdobramento metodológico seguiu o mesmo processo já utilizado pela metodologia de Hidalgo, sofrendo as adaptações necessárias ao cumprimento de seus novos objetivos. (FIGURAS 15 E 16)

FIGURA 15. PROPOSTA DE REPLICAÇÃO METODOLÓGICA (AVALIAÇÃO DA EXECUÇÃO)

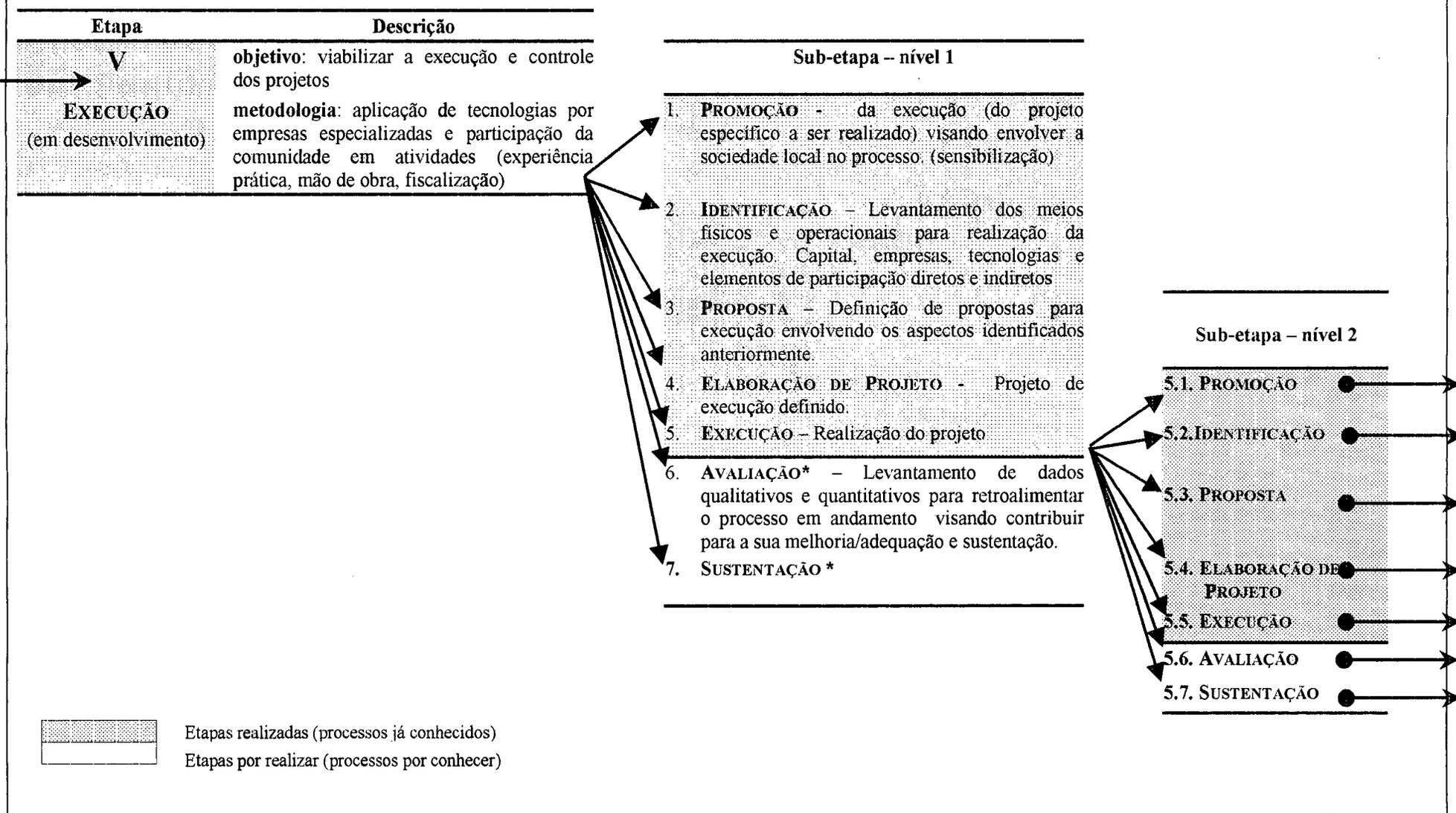
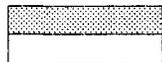
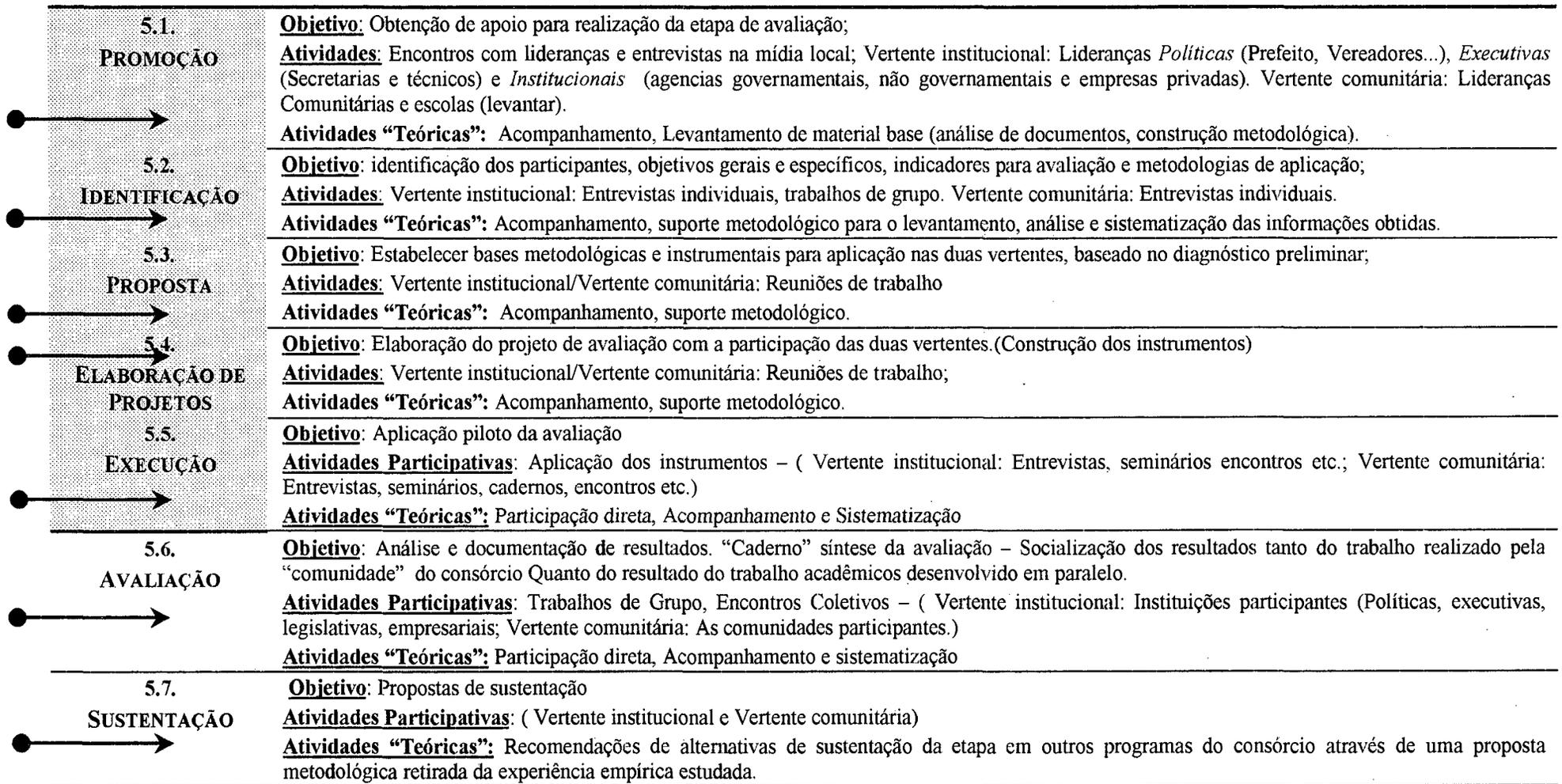


FIGURA 16. SEQUÊNCIA METODOLÓGICA DE TRABALHO DE CAMPO – AVALIAÇÃO DA EXECUÇÃO



procedimentos conhecidos
procedimentos por conhecer

2.3.1.4 ROTEIRO METODOLÓGICO DE CAMPO

Para a realização do desenvolvimento prático da metodologia proposta, foram estabelecidas as dinâmicas das atividades de campo e realizados contatos institucionais (Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental/UFSC e Consórcio Quiriri) conforme apresentado na tabela 18.

TABELA 18. ROTEIRO DE TRABALHO EM CAMPO

Período	Atividade	Objetivo
1ª semana	Promoção	• Obtenção de apoio para realização da etapa – institucionais e comunitários; Fase exploratória para identificação dos participantes - lideranças – institucionais e comunitárias
2ª semana	Identificação	• Definição de participantes diretos; Identificação de fontes de materiais (informações) para subsidiar a proposta;
3ª semana	Proposta	• Elaboração de proposta para projeto de avaliação;
4ª semana	Projeto	• Definição de Projeto e seus instrumentos;
5ª semana	Execução	• Aplicação Piloto;
6ª semana	Avaliação	• Avaliação dos resultados preliminares para ajustes metodológicos.

Dentre os procedimentos estabelecidos neste período, achamos importante ressaltar:

- Atividades coletivas de campo - 3 dias (Terça a Quinta);
- Atividades individuais de desenvolvimento teórico (trabalho fora do campo) - 2 dias (Segunda e Sexta);
- Data de início das atividades de campo: 27 de abril de 1999.

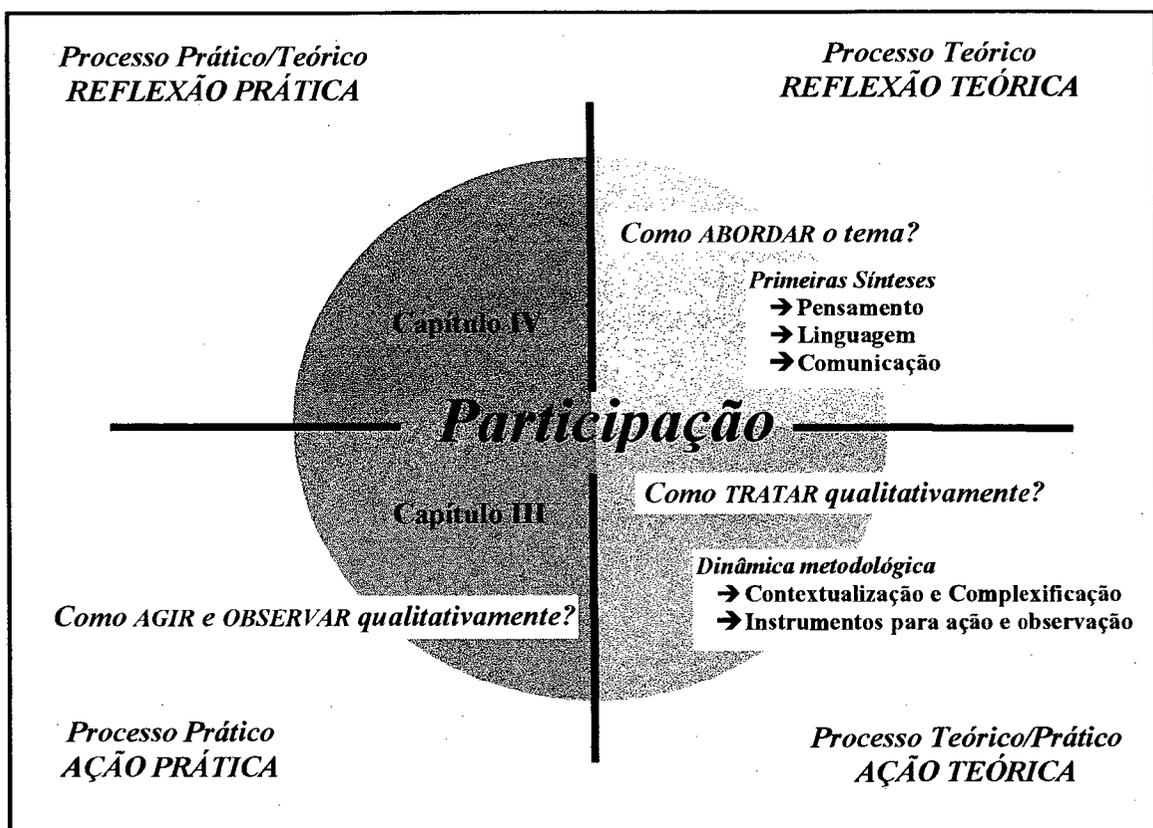
“O que muita gente busca, enquanto método, é uma “receita” que possa ser aplicada rápida e facilmente a qualquer experiência, não importando seu contexto. Pensa-se que os assuntos de método referem-se simplesmente a uma lista de passos ou tarefas que se tem que seguir. Não é comum o reconhecimento da complexidade do metodológico em seu sentido mais profundo: que implica sustentar teoricamente e organizar de forma rigorosa uma determinada seqüência de momentos que seja coerente com uma fundamentação teórico-filosófica e que se execute de forma criadora (de acordo com as características de cada experiência a as particularidades do contexto).” Holliday (1996:22) grifos do autor

2.3.2 Instrumentos Qualitativos para Observação Participativa

Na figura 17 retornamos ao olhar sintético destacando os principais tópicos observados na construção do processo de *reflexão e ação teórica*, as perguntas e a construção das respostas.

Porém, tendo definido esse instrumentos e procedimentos para ação, surge agora uma nova pergunta: *Como observar qualitativamente em campo?*

FIGURA 17. DINÂMICA DA PESQUISA – AÇÃO TEÓRICA



Nossa proposta de **observação** irá resgatar os conceitos teóricos apresentados no capítulo I relacionando: **metodologia com pensamento, tema com linguagem e participação com comunicação.**

São instrumentos qualitativos¹⁰² que representam um importante elemento de retroalimentação para ação da prática da pesquisa. Nestas proposta de observação descreve-se o desenvolvimento processual da pesquisa e as contribuições oferecidas pelos diferentes participantes, sob a ótica do observador (a pesquisadora).

2.3.2.1 DINÂMICA METODOLÓGICA - ESTRUTURAÇÃO DO PENSAMENTO

A proposta de abordagem de **dinâmica metodológica**, observa o movimento metodológico como técnica e instrumento de articulação entre **pensamento e ação**. A forma como organizamos, estruturamos as ações onde “*teoria e metodologia caminham juntas intricavelmente inseparáveis*” não devendo ser analisadas em separado. Minayo (1994:16).

Em campo, será observada a forma como a metodologia proposta se desenvolve, interage, interfere ou incorpora o contexto da avaliação em curso, enfim como se estrutura pensamento e ação na prática da pesquisa.

2.3.2.2 DINÂMICA TEMÁTICA - ESTRUTURAÇÃO DA LINGUAGEM

“[Para Vico] A linguagem não constitui um meio artificial que os homens teriam inventado deliberadamente para expressar idéias preexistentes; ao contrário ela desenvolveu-se naturalmente, e o curso de seu desenvolvimento é inseparável do curso do espírito humano” Prado (XVIII:1979)

Aqui observa-se os dois principais temas do trabalho prático a ser realizado em campo: **Avaliação e Lixo**. Com a observação da **dinâmica temática**, busca-se apresentar como esses temas vão se articulando no espaço local, incorporando e (re)criando linguagem própria para a ação local.

Com essas observações temáticas busca-se resgatar os principais elementos observados e que poderão contribuir para os trabalhos do desenvolvimento metodológico da avaliação do Projeto de Resíduos Sólidos - Procedimentos e instrumentos.

¹⁰² Embora estes instrumentos de observação tenham sido estabelecidos durante a experiência prática em campo, através da sistematização elaborada no caderno de campo, estão introduzidos aqui para facilitar a leitura e interpretação da etapa de campo apresentada no capítulo III.

2.3.2.3 DINÂMICA PARTICIPATIVA - ESTRUTURAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

“O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto (tema)...Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto (tema), por isso mesmo não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação” Freire (83:66)

A observação da **dinâmica participativa** durante o trabalho de campo, tem como objetivo conhecer, aprender e legitimar as práticas locais. Serão consideradas nossas percepções, enquanto observador, no que diz respeito ao processo participativo local em duas perspectivas: individual e coletiva.

Os elementos resultantes desta observação servirão de material para retroalimentar nossa prática metodológica de campo, incorporando a dinâmica local aos procedimentos e instrumentos da avaliação.

Esses procedimentos de reflexão e ação teórica, devem ser compreendidos como complementares para o estabelecimento da ponte necessária para o desenvolvimento da prática em campo apresentado no Capítulo III.

Observações iniciais – pré-campo

Pressupostos iniciais para a ação/observação (minhas sínteses):

- I. O desenvolvimento do produto final do trabalho de campo será estabelecido coletivamente entre os participantes envolvidos na prática;*
- II. A qualidade do resultado estará atrelada a qualidade das participações de cada participante;*
- III. Será importante observar qualitativamente os participantes como forma de compreender os limites da participação nesta prática (quem e como participa, se envolve);*
- IV. Os elementos e práticas locais de trabalho coletivo serão enfatizados (a experiência local de trabalho);*
- V. Os meios e os modos de trabalho participativo serão utilizados como elementos potencializadores da ação participativa local (utilização da experiência participativa local);*
- VI. O conhecimento gerado pela prática participativa é uma forma de legitimá-lo no espaço local;*
- VII. A postura assumida para o trabalho será de promover a emergência dos saberes individuais referentes aos temas de pesquisa (avaliação, resíduos sólidos e participação);*
- VIII. Os temas são insumos energéticos (elementos potencializadores) para despertar o movimento dos trabalhos (ação) e a partir disso poder criar o espaço necessário para a observação;*
- IX. Como participante de um trabalho coletivo, não tenho um padrão rígido para: resultados práticos e ritmos possíveis (onde se chegará coletivamente), embora compreenda a importância da contribuição teórica que será agregada;*
- X. O olhar teórico (observação) será para o processo, o olhar prático (ação) será para o produto.*

Anotações do Caderno de Campo (22/abril/99)

CAPÍTULO III

3 PARTICIPAÇÃO – APRENDENDO COM O O EMPÍRICO

As atividades de campo se desenvolveram através de ações **práticas**, e **teóricas**¹⁰³, durante 24 dias¹⁰⁴. Foram realizadas 70 atividades em campo, que se enquadraram dentro dos dois movimentos; ação e observação. (Tabela 19 e Anexo 5)

TABELA 19. SÍNTESE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Atividades	Tipo de Movimento	Quant.
Reunião de Trabalho com Grupo Coordenação	ação	05
Reunião de trabalho Coordenadores locais	ação	22
Entrevistas	ação	15
Conversas (ligadas ao tema, quantidade não computada)	observação	-
Palestras	ação	03
Aplicação Piloto	ação	01
Entrevistas mídia	ação	05
Complementares – Vinculadas ao projeto	observação	08
Complementares - Sem vínculo direto	observação	11
Total de atividades realizadas		70

Neste capítulo serão apresentadas as atividades que dizem respeito ao **desenvolvimento metodológico, aos procedimentos e aos instrumentos para a Avaliação do Projeto de Resíduos Domiciliares.**

A apresentação desta etapa da pesquisa obedece a sistematização cronológica, de acordo com seu desenvolvimento semanal, onde processaram-se as 6 etapas da metodologia, conforme apresentado no roteiro de trabalho de campo na tabela 18 (pag. 87).

Os critérios de observação da dinâmicas (Tabela 20) serão a base para reconstrução da etapa de campo e estarão organizados conforme apresentado na Tabela 21.

¹⁰³ Que configurarão o importante instrumento de flexibilização dentro da dinâmica da pesquisa. Durante este período foram produzidas reflexões (baseadas em nossas observações e em (re)aproximações teóricas) que nos apoiaram na (re)estruturação das ações empíricas e materializaram-se nas propostas apresentadas no desenrolar de nossas atividades locais.

¹⁰⁴ Dos quais dezessete dias de atividades diretamente ligadas a construção da avaliação e outros sete dias de atividades complementares (sem vínculo direto) mas que indiretamente foram de extrema importância para seguir nosso objetivo de OBSERVAÇÃO participante sobre a dinâmica participativa local.

TABELA 20. ESTRUTURAÇÃO DAS DINÂMICAS – CRITÉRIOS DE OBSERVAÇÃO QUALITATIVA

Dinâmica	Elemento de Estruturação	Processos
Metodológica	<i>Pensamento</i>	Trata da observação da adequação metodológica ao contexto.
Temática	<i>Linguagem</i>	Trata da observação da adequação da linguagem temática à emergência da participação.
Participativa	<i>Comunicação</i>	Trata da observação dos elementos dinamizadores da ação participativa local.

TABELA 21. ESTRUTURA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO EMPÍRICO

Item	Informações da Etapa
A.	DINÂMICA METODOLÓGICA - Informações e observações sobre o processo metodológico ✓ Síntese de atividades e produtos de campo
B.	DINÂMICA TEMÁTICA – Informações e observações sobre o Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos ✓ obtidas em reuniões de trabalho, visitas e conversas
C.	DINÂMICA PARTICIPATIVA – Informações e observações sobre a dinâmica participativa local ✓ obtidas em reuniões de trabalho, visitas e conversas

Durante o texto utilizaremos diferentes siglas conforme apresentadas na Tabela 22.

TABELA 22. SIGLAS UTILIZADAS

Sigla	Significado
PTPRS	Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos
PRSD	Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos
APA (X)	Área de Proteção Ambiental (nome)
CA	Município de Campo Alegre
SBS	Município de São Bento do Sul
RN	Município de Rio Negrinho
GMT (X)	Grupo Municipal de Trabalho (município)
CECQ	Coordenação Executiva do Consórcio Quiriri

3.1 Dinâmica do Trabalho em Campo

3.1.1 *Promoção* (primeira etapa)

“Nesta primeira semana apresentamos o esboço da proposta de trabalho (proposta de replicação metodológica) que se dividia em dois momentos: O primeiro, a construção da metodologia de avaliação local e o segundo a aplicação piloto da avaliação. Nesta semana foi realizada etapa de sensibilização do grupo de trabalho e também para a sociedade local.” nota caderno de campo - 29 de abril

A) DINÂMICA METODOLÓGICA – *Desenvolvimento da avaliação*

De acordo com nossa proposta metodológica, na primeira semana realizamos atividades da primeira etapa de trabalho: a *Promoção*. Esta fase de sensibilização deu-se tanto para com os técnicos da Coordenação Executiva do Consórcio Quiriri - CECQ (que iria participar diretamente do desenvolvimento metodológico) quanto para a sociedade local (que iriam participar na execução da avaliação). Realizamos reuniões de trabalho, visitas de reconhecimento, entrevistas na mídia além de atividades relacionadas ao trabalho cotidiano do consórcio.

Durante nossa primeira reunião de trabalho, estabelecemos os limites de nossa pesquisa dentro de seus dois principais objetivos: 1. Participar do desenvolvimento metodológico da etapa de avaliação de PRSD; 2. Observar os elementos da dinâmica participativa local que pudessem contribuir para nossa reflexão sobre processos participativos em escala teórica.

As atividades teóricas realizadas no trabalho pré-campo haviam nos indicado a importância de se assumir uma postura mais receptiva, porém esta oferecia-nos dificuldades processuais quanto a documentação descritiva. Assim, decidimos logo nesta primeira semana, realizar nossos registros através de anotações após as atividades diárias.

As principais atividades a serem destacadas foram: Visitas a Escola Básica (SBS); Visita a Empresa de Coleta (Seletiva e Convencional) (CA); Entrevista no Jornal (2) (SBS); Visita de reconhecimento a sede dos três municípios; Reuniões de Trabalho (3).

B) DINÂMICA TEMÁTICA - *O Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos*

As principais informações obtidas nesta semana foram retiradas de reuniões e visitas sem pré-agendamento, onde estabeleceu-se o momento de reconhecimento do contexto onde iríamos desenvolver o trabalho.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÃO DE TRABALHO

Durante a primeira reunião de trabalho foi perguntado: *Será que essa avaliação vai ajudar seu município nesse momento?* As respostas foram positivas e apresentaram um quadro que fez-nos perceber como a realidade operacional (que gerava os principais problemas) de cada município era diferenciada, embora inicialmente a idéia do projeto fosse de criar um procedimento operacional único para todos municípios; Esse fato fez com que marcássemos visitas de reconhecimento (nos três municípios) já para esta semana. A postura geral era de confiança no andamento do programa mas existia uma clara compreensão das dificuldades que estávamos enfrentando.

“Eu queria estar trabalhando com a comunidade neste projeto de coleta seletiva, mas esses problemas com a coleta me deixam de mãos amarradas” Reunião de trabalho com a CECQ em 27 de abril de 1999

...Nosso projeto de coleta seletiva é qualitativo. Nosso objetivo, desde o princípio foi dar retorno coletivo para o trabalho individual das pessoas, não queríamos fazer como em Curitiba: Lá eles trocam lixo por alimento. Aqui nós queremos é incentivar através de retornos para o bairro, a escola... Outra característica nossa é a separação do lixo na fonte. Isso, pelo que vimos durante nossas viagens na época que estávamos para fazer o projeto, diminui muito o serviço de seleção das empresas e pessoas que tem que separar depois. Por outro lado também funciona como uma educação ambiental doméstica” Reunião de trabalho com a CECQ em 27 de abril de 1999

Outro importante conceito levantado foi o de criarmos um **olhar duplo para o problema**. O primeiro passando pelo **operacional das prestadoras de serviço** e outro pelo **operacional de quem produz resíduos sólidos domésticos: a comunidade**.

Também pôde-se observar que existiam algumas **atividades voluntárias** (informais) em algumas escolas da região (marcamos conversa em uma escola à tarde) que ofereceu-nos os primeiros indícios de que poderíamos aproveitar a força

(qualitativa) da descentralização e da informalidade dentro deste projeto. Essa opção de aproveitamento formal de atividades informais para potencializar o projeto como um todo estava começando se apresentar como importante.

...As pessoas me dizem que eu deveria me concentrar em um único projeto, mas você viu como as coisas vão aparecendo. Eu tenho que ir tocando tudo ao mesmo tempo, o negócio é tocar que as coisas acontecem.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

Em conversa com a diretora de uma das escolas de São Bento, levantamos as dificuldades operacionais que enfrentaram por ocasião da realização de uma “gincana de lixo reciclável” entre os alunos. Percebemos nesta visita que deveremos aprofundar nosso conhecimento sobre as atividades da Secretaria de Educação de São Bento do Sul e também sobre as atividades de Educação Ambiental do próprio Consórcio.

“Foi um sucesso! Os alunos receberam muito bem nossa gincana que rendeu entre lixo reciclável e doações mais de R\$ 6.000,00. Mas, como essa era nossa primeira vez, tivemos muito trabalho para guardar o material recebido (era muito material e também tínhamos medo que os alunos se machucassem com vidros e latas) e também para encontrar quem comprasse cada tipo de produto” 27 abril de 1999

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

O Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos (que englobava inicialmente 4 projetos (ver tabela 10, p.50) continua em desenvolvimento. Cada projeto está caminhando independente e já existe um novo projeto que esta em processo embrionário – Projeto de Coleta de Embalagens de Agrotóxicos – que está sendo viabilizado através de parceria entre doze municípios da região).

“Embora aqui na região do Quiriri esse não seja um problema muito grave [lixo proveniente de embalagens de agrotóxico], temos poucas áreas rurais, a gente acha importante participar. O processo de reciclagem dessas embalagens depende, em grande parte, da participação dos agricultores, por causa da triplíce lavagem, e, acho que nesse assunto [envolvimento comunitário] nós temos algum conhecimento para poder ajudar....” 28 de abril 1999

C) DINÂMICA PARTICIPATIVA – *A prática participativa local*

“Ator e Papel - A ampliação da dimensão do ator para suas diversas atuações ou papéis traz o enriquecimento da dinâmica participativa. Embora a questão estratégica traga em si a compreensão da consciência na ação (a intencionalidade), a alternância de papéis em que cada ator se vê colocado cotidianamente faz nublar sua compreensão de sua ação intencional enquanto um todo. Traduzindo: A Intenção traz em si um objetivo primeiro. Quando esse objetivo é alterado por circunstâncias diversas, a própria intenção se altera, por não estar consciente deste objetivo novo” Caderno de campo 27 abril 1999

As atividades de promoção (integração) com a equipe de trabalho foi realizada através de reuniões onde apresentamos as linhas metodológicas propostas para elaboração da Avaliação do Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos (replicação metodológica), onde realizamos uma primeira sondagem sobre a situação do programa e definiu-se as primeiras ações de trabalho. Como resultado da observação das atividades participativas temos:

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

As reuniões de trabalhos (trabalho coletivo) fazem parte da prática cotidiana da equipe do Consórcio. A contribuição de cada participante é aceita e encaminhada com naturalidade (o que não significa pura aceitação – leia-se respeito), o que pode indicar um grupo que conhece e aceita o potencial de cada participante quanto as suas qualidades pessoais. Embora cada participante possua um tipo de postura quanto a atividade (ativa ou passiva), todos estão dispostos a encaminhar as ações aceitas coletivamente pelo grupo.

Existe uma preocupação em articular a participação de diferentes setores da sociedade.

*...Estamos conversando com os empresários de indústrias (uma no bairro de Serra Alta) que estão interessados em participar do projeto através da conscientização dos funcionários que levariam lixo seletivo de casa e deixariam lá num ponto comum de coleta”
Reunião de trabalho com a CECQ em 27 de abril de 1999*

Estamos sempre em reunião de trabalho, com a Equipe do Consórcio. Seja formal ou informalmente sempre retiramos dos encontros ações e novas possibilidades de ação.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

Existe, por parte dos prestadores de serviço de coleta seletiva, compreensão sobre a importância da participação da comunidade no processo. Existe também compreensão quanto a necessidade de se investir em atividades educativas ligadas a este tema (coleta seletiva). As atividades participativas nem sempre dependem de uma indução centralizada, intencional.

“O trabalho educativo e participativo é muito importante para que esse projeto de coleta seletiva possa melhorar tanto para a população quanto para a empresa prestadora de serviço (inclusive seus funcionários)” Integrante da CECQ durante visita a Empresa de coleta de Campo Alegre - 28 abril

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

Encontros (programados ou espontâneos) geram possibilidade de novas articulações. É percebido o papel das câmaras de vereadores locais para a legitimação das atividades do Consórcio, que realiza articulações e reuniões regulares para mantê-los informados dos andamentos dos trabalhos e projetos.

“Ah! É a senhora aí no jornal? Eu ontem ouvi sua entrevista na rádio”. Copeira do Hotel, 29 abril.

3.1.2 Identificação (segunda etapa)

Nesta segunda semana, iniciamos visitas as secretárias dos três municípios com os seguintes objetivos: sensibilização institucional e identificação preliminar dos dados disponíveis que poderíamos utilizar futuramente para construção da avaliação.” nota de Caderno de campo 4 de maio de 1999

A) DINÂMICA METODOLÓGICA – Desenvolvimento da avaliação

As principais atividades realizadas, nesta Etapa de Identificação, foram visitas as secretárias municipais dos três municípios (dentro das indicação do próprio grupo de trabalho) para levantamento preliminar de dados e também para promoção institucional da avaliação. Através de entrevistas informais buscamos compreender o grau de integração entre as secretarias e as atividades do Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos (PRSD). Ao final de cada encontro solicitamos que se preparasse um relatório simplificado sobre as atividades realizadas pela secretaria no período para serem anexadas aos levantamentos de dados institucionais da avaliação.

Nosso objetivo era promover a produção de informações a partir do próprio espaço local. Os coordenadores locais, que nos acompanharam nas visitas, ficaram responsáveis por garantir a realização desta tarefa por parte de cada secretaria.

Realizamos também algumas reuniões de trabalho e entrevistas, enfocando basicamente o nível de importância e envolvimento de cada segmento com o PRSD. Também participamos de uma atividade complementar (sem vínculo direto) de Reunião do Conselho Gestor da APA do Alto Rio Preto, onde aproveitamos para fazer a Promoção do Projeto de Avaliação (promoção institucional pois a região não é atendida pelo projeto).

Dentre as atividades realizadas nesta semana destacamos: Visitas à Secretaria de Finanças (RN), ao Prefeito de Rio Negrinho, a Secretaria de Desenvolvimento (CA), a Secretaria de Planejamento (SBS), a Secretaria de Educação (RN). Entrevista Rádio (RN) e participação na Reunião Conselho Gestor APA Represa Alto Rio Preto (RN).

B) DINÂMICA TEMÁTICA - O Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos

A proposta de identificação realizada nesta etapa buscou realizar um trabalho de

envolvimento, onde a produção de informações (principalmente quantitativas) fossem realizadas diretamente pelas instituições contatadas. Nossa leitura sobre o processo local do PRSD esteve focada nas informações qualitativas.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

Trabalho de “conscientização para participação” da sociedade para separação domiciliar dos resíduos sólidos nas residências está em processo de espera pois os problemas operacionais não permitem que se avance muito para evitar desmotivação. (principalmente no caso de Campo Alegre e Rio Negrinho). O fato dos outros projetos do Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos (PTPRS) estarem se desenvolvendo (em evidência constante na mídia e também em atividades formais) é um elemento potencializador para construir soluções integradas (em diferentes setores da sociedade local).

“Fragoso [em Campo Alegre] é a região que melhor recebeu a coleta seletiva. Hoje tem até uma escola que vende os recicláveis”
Reunião de Trabalho Campo Alegre, 04 de maio. Sobre a resposta das comunidades.

O projeto de recuperação do atual aterro sanitário controlado de SBS estimou seu dimensionamento baseado numa previsão de 500 ton./ mês. Atualmente recebe 700 ton./mês. Por isso, a ampliação do programa de coleta seletiva é muito importante para a secretaria de planejamento (responsável pelo projeto de recuperação).

“Podem contar com meu envolvimento neste projeto!” Secretário de Planejamento (SBS), 04 de maio. Na conversa de promoção.

Os principais problemas locais (por municípios) apresentados:

.Campo Alegre: Substituição da empresa prestadora de serviço (devido a problemas financeiros da empresa que prestava o serviço anteriormente), por empresa criada localmente (por dois empresários da própria região que estão retomando o processo, assumindo ou adquirindo, instalações, equipamentos e sistemática operacional) que não possui tradição no serviço. Há também baixa produção de resíduos sólidos recicláveis no município (devido ao número de habitantes).

.Rio Negrinho: Substituição de empresa prestadora de serviço (a mesma empresa que operava em Campo Alegre) pelo segundo colocado da licitação. Essa troca

ainda está em período de arranjos operacionais, por parte da empresa (que possui experiência no serviço de coleta). Há no município boa produção de material reciclável.

.São Bento do Sul: Não possui procedimentos oficializados de coleta seletiva, mas inicia processo em área piloto que conta com apoio restrito da empresa de coleta convencional (coleta e repasse para empresas de sucata). Enfrenta também problemas de volume de coleta ocasionados pela baixa adesão da população.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

Não existe um comprometimento formal entre as ações do consórcio no PRSD e as das secretárias municipais, onde os dados disponíveis não estão organizados formalmente para uso quantitativo, mas sua importância poderá ser qualitativa;

O trato dado ao PRSD é qualitativo quanto ao desenvolvimento das atividades e quantitativo quanto necessitasse de dados principalmente para Promoção do projeto.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

Existe uma postura de compreensão (por parte de diferentes segmentos da sociedade local) quanto a dificuldade de se operacionalizar integradamente os atividades do PRSD.

Existe uma confiança grande quanto a capacidade de mobilização da sociedade para o PRSD utilizando-se as estrutura participativa já existente na sociedade (escolas, clubes de serviço, APP (Associação de Pais e Professores) de escolas, câmara de vereadores etc...).

C) DINÂMICA PARTICIPATIVA – *A prática participativa local*

Dentro da agenda realizada nesta semana, onde incluíram-se atividades extras (não vinculadas diretamente à avaliação) foi possível ampliar a observação das dinâmicas participativas locais para além das fronteiras estritas da construção da avaliação, e resultaram nas seguintes notas de campo:

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

As reuniões de trabalho são momentos de coletivização: das ações individuais (o que já fizemos sobre o assunto que era de nossa responsabilidade e aonde estamos

precisando de ajuda) e também das novas ações que assumimos e queremos dividir responsabilidade.

Cada participante tem clara sua responsabilidade enquanto líder da atividade que está desenvolvendo e também segurança para emprestar-lhe sua própria característica pessoal; A flexibilidade, representada pela mudança de agenda, responsáveis diretos etc., é aceita e tratada com naturalidade, embora busque-se adequá-las ao fluxo da ação.

Essas três observações fazem com que exista um grande elemento dinamizador para novos acontecimentos. [Na reunião de 05 de maio tínhamos uma pauta (informal) de 17 temas que variaram entre: visitas em outras prefeituras para conhecer as atividades do consórcio, novas ações do Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos – em seus 5 programas (incluindo-se o novo programa de resíduos tóxicos), inscrição na premiação “Gestão Pública e Cidadania Fundação Ford, preparação de folhetos para as APA’s , atividades conjuntas para Semana do Meio Ambiente entre outros].

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

Existe uma postura de aprendizado (político e operacional) que permite que se avance com mais determinação.

“O importante é que começamos. Agora não podemos mais parar...O negócio tem que dar lucro para quem opera, senão não anda” Prefeito (RN). Reunião de promoção. 04 de maio

Cada participante tem sua própria “teoria” sobre o desenvolvimento do problema e das possíveis soluções.

“Sabe porque eu faço isso (trabalhar na APAE - Presidente), por uma questão de cidadania, porque sei que este é um problema social.” Presidente da APAE (SBS), 04 de maio. Conversa casual no almoço.

A promoção (de atividades coletivas) é muito presente nos discursos, sendo utilizada como elemento potencializador (multiplicador de ações);

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

Reforça-se a idéia que encontros (programados ou espontâneos) geram possibilidade de novas articulações.

“Hoje tivemos dois encontros ocasionais (almoço e durante conversa na Sec. De Planejamento de São Bento) que me abrem um campo de observação sobre procedimentos de aproximação, desenvolvendo uma dupla ação produtiva para efetivar engajamento: promoção e busca de comprometimento imediato”
nota de campo – 4 maio de 1999

“Você pensa que eu não sei quem você é. Seu nome é Elizabeth, é da universidade de Florianópolis e está fazendo um trabalho aqui com lixo. Como eu sei? Eu leio jornal e ouço rádio! Conversa informal com Funcionário da Prefeitura (SBS), no gabinete da sec. de Planejamento. Caderno de campo - 04 maio de 1999

3.1.2.1 *PRINCIPAIS APRENDIZADOS DAS ETAPAS – REFLEXÕES PARA AÇÃO*

Entendemos que as atividades desenvolvidas nas etapas de promoção e identificação serviram para ampliar nossa compreensão quanto aos limites de intervenção exterior ao processo (dando noção dos ritmos possíveis) e a necessidade de alteração de nossa postura de pesquisa, qual seja: de “receptor” (nas fases de Promoção e Identificação) para “emissor” (que se colocaria na etapa posterior - Proposta). As informações e observações obtidas durante as duas primeiras semanas em campo serviram como suporte para essa alteração de postura e estão representadas de acordo com as dinâmicas trabalhadas. (Tabela 23)

Após pausa de uma semana nas atividades em campo, promovemos em 14 de maio uma reunião, em Florianópolis, com os integrantes da CECQ onde apresentamos nossa pré-proposta metodológica de encaminhamento (figura 18), para ativar as ações da próxima semana em campo durante a etapa de PROPOSTA. As bases para elaboração deste material estavam apoiados em:

- nas dimensões ambientais utilizadas por Hidalgo (1995)¹⁰⁵ - visando legitimar localmente o desenho participativo proposto (já apresentados na Figura 7, p.40);
- na proposta metodológica para desenvolvimento de avaliação participativas de FALKEMBACH (1991)¹⁰⁶. (Tabela 24).

¹⁰⁵ Apresentadas na apostila nº2 do curso de instrumentação metodológica que todos integrantes do CECQ tinham participado, em 1995.

¹⁰⁶ Falkembach desenvolve sua proposta de avaliação participativa para processos de educação popular.

TABELA 23. APRENDIZADOS DAS ETAPAS DE PROMOÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

Dinâmicas	Da Ação	Da Observação
Metodológica	<ul style="list-style-type: none"> → A metodologia de Planejamento Ambiental Participativo utilizada localmente (sua dinâmica) já estava incorporada, mas também transformada - segundo características próprias da cultura local) às ações cotidianas da CECQ; → Embora haja administrativamente três municípios envolvidos na questão, as ações da CECQ são integradas. → A replicação da etapa de promoção já é uma prática (espontânea) incorporada pela CECQ. → A metodologia serve como elemento instrumentalizador da ação espontânea local. → Embora organograma de estrutura do Consórcio estabelecesse formalmente diferenciação entre a CECQ e os GMT estes não se diferenciavam na prática. Todos se envolviam em todos os momentos, embora as responsabilidades fossem descentralizadas; 	<ul style="list-style-type: none"> → A categorização teórica de “atores” utilizadas pelas metodologias de planejamento participativo, despersonaliza, reduz e amarra as posturas e contribuições individuais dos participantes. → A legitimidade que é atribuída à instituição “Ciência” em muito suplanta a individualidade de quem a representa. → As etapas de promoção e identificação exigem grande capacidade de ouvir embora atitude de “diagnóstico preciso” do técnico é sempre solicitada. → A etapa de promoção é elemento importante dentro de metodologias participativas;
Temática	<ul style="list-style-type: none"> → processo de avaliação é encarado como uma oportunidade de vitalização do Projeto de Resíduos Domésticos mas existe insegurança quanto a uma repercussão prática desfavorável e a CECQ tem claro a importância da dimensão participativa no desenvolvimento do trabalho local. → processo de resíduos sólidos domésticos tem dois grandes grupos de atuação: “os produtores” e os “reelaboradores” → resíduos sólidos domésticos possuem grande apelo participativo principalmente (ativo, direto) na vertente comunitária. → Inversamente na vertente institucional seu apelo participativo é mais quanto a organização das atividades, não se reconhecem como participantes ativos 	<ul style="list-style-type: none"> → A transformação dos temas (avaliação e resíduos sólidos) em instrumento de comunicação poderá permitir um importante canal de envolvimento (para a participação); → Aproveitar as diferentes visões sobre o tema Resíduos Sólidos poderá auxiliar na construção de uma visão mais complexificada na prática. → Os Resíduos Sólidos domésticos quando tratados técnica ou administrativamente virão processos subjetivos. Da mesma forma quando observados na prática cotidiana possuem grande objetividade
Participativa	<ul style="list-style-type: none"> → trabalho voluntário dos componentes do grupo (que ainda mantinham suas funções dentro da engrenagem administrativa local - nos três municípios) tinha aspectos positivos (pois detinham o poder de articulação dentro da estrutura local) e limitadores (pois estavam agregando novas funções a seu tempo cotidiano de ação); → A estrutura participativa local pode ser acionada de forma ágil; → Embora aparentemente haja interesse em participar, as secretarias municipais visitadas não compreendem (ou não percebem) a importância (como fonte de dados) de seu papel no processo. → A articulação institucional é uma prática local e envolve diferentes segmentos. (legislativo, econômico, comunitário e administrativo); 	<ul style="list-style-type: none"> → Cada participante empresta diferente energia ao processo (ativa ou passiva) e a sensibilidade dos líderes está em percebê-las (em suas diferentes categorias) e permitir a sua fluidez, pois todos querem realizar ações. → Conforme avança o grau de (re)conhecimento entre a equipe de trabalho do projeto de avaliação, aumenta o número de atividades extras (não vinculadas ao projeto), mas que fazem parte do cotidiano da ação local. → As reuniões de trabalho são oportunidades para se potencializar ações “adormecidas”

TABELA 24. ETAPAS PARA CONSTRUÇÃO AVALIAÇÃO

Momento	Atividades
DECIDINDO SOBRE O FOCO DA AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Qual nossa concepção sobre o objeto que estamos avaliando?</i> • <i>Qual nossa concepção de avaliação?</i> • <i>Para que avaliar?</i> • <i>Qual nossa relação com o contexto?</i> • <i>Qual tipo de avaliação vamos escolher?</i> • <i>Quando avaliar?</i> • <i>Quem avalia?</i>
CONSTRUINDO O DESENHO DA AVALIAÇÃO	<p>Principais pergunta: <i>Como atingir nosso objetivo da avaliação?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • definição de metodologia (método ou técnica) • definição de indicadores ou parâmetros; • definição de forma de verificação e utilização dos resultados e ações propostas; • definição de forma de divulgação dos resultados; • definição de forma de sistematização da prática (instrumentos de análise e avaliação);
REALIZANDO A AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • promoção da atividade • sistematização da atividade
REORIENTANDO A PRÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Atingimos o que esperávamos?</i> • <i>Que tipo de ensinamento o processo nos trouxe?</i> • <i>Quais elementos nos forneceu para retroalimentar nossa prática?</i>

FIGURA 18. PRÉ-PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DA AVALIAÇÃO

PRÉ-PROPOSTA PARA ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO DA AVALIAÇÃO DO PROJETO DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMICILIARES – CONSÓRCIO QUIRIRI							
✓ DESENHO CONCEITUAL - A avaliação proposta inclui aspectos de distintas categorias:							
Categorias		Características de adequação à nossa ação avaliativa do PRSD					
Formativa	Por estar se realizando durante o andamento do processo com objetivo de aperfeiçoá-lo						
Diagnostica	Para se conhecer a realidade do projeto PRSD						
Auto-avaliativa	Por ser conduzida pelos próprios responsáveis do programa - Vertente Institucional						
Participativa	Devido ao fato de todos os envolvidos no programa estarem sendo chamados a participar da condução e realização da avaliação – vertente institucional e comunitária						
✓ DESENHO TEMÁTICO: Os elementos de base:							
1ª. Teórica – inclusão dos elementos de sustentabilidade - Hidalgo (1995).							
2ª. Prática – Observações e informações de campo: As experiências vivenciadas nas duas semanas anteriores de campo levaram-nos a compreender que não faltam elementos para construção da solução e sim sua articulação dentro da sociedade local.							
✓ DESENHO PARTICIPATIVO – Construção de Conteúdo: Dentro dessa linha de ação, de integração das visões, define-se, inicialmente, 7 segmentos locais (dimensões ativas) para participarem do processo de avaliação, representados por:							
Segmento	Papel no programa			Vantagem de participar			
Executivo	Promove (sustenta institucionalmente)			viabiliza melhor serviço			
Legislativo	Legisla (sustenta juridicamente)			responde aos interesses da			
Político	Articula (sustenta socialmente)			Sociedade			
Comunitário	Usa (sustenta culturalmente)			recebe melhor serviço			
Empresa (formal / informal)	Presta (sustenta economicamente)			Aumenta eficiência do serviço			
Técnica	Normatiza (sustenta tecnicamente)			Aumenta eficácia do serviço			
Ambiental	Integra (todas as sustentações)			Possibilita efetividade			
✓ DESENHO PARTICIPATIVO – Construção de Forma:							
a) Trabalhar localmente: Em cada município (devido as diferenças de problemas e soluções) reunir os 7 segmentos locais. Objetivo: realizar a avaliação integrando as diferentes visões para construir uma matriz estrutural dentro da lógica estratégica. Produto: Propostas de ações para realização da avaliação local.							
Aspectos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
Benefícios *							
Dificuldades *							
Oportunidade **							
Limites **							
*Benef. e Dif. (operacionais)				** Op e Lim. (conjunturais ou contextuais)			
2. Trabalhar Globalmente (nível consórcio): Reunir representantes dos municípios com suas propostas locais. Objetivo: Dentro da mesma proposta integradora das visões dos diferentes segmentos, realizar a avaliação das ações conjuntas que reforçam as ações locais. Produto: Propostas de ações para realização da avaliação global.							

3.1.3 *Proposta* (terceira etapa)

Na terceira semana trabalhamos sobre a Proposta de Avaliação. Partimos de um marco inicial (sobre forma de condução e de construção dos seus instrumentos) com parte do Grupo de Trabalho do Consórcio: três integrantes (um de cada município). Esta proposta estava baseada nos levantamentos preliminares realizados nas semanas anteriores, e serviu de base para os trabalhos da semana.

A) DINÂMICA METODOLÓGICA – Desenvolvimento da avaliação

Com apoio do grupo pré-proposta, iniciamos terceira semana em campo objetivando realizar seu detalhamento. *Como é que o Consórcio desenvolve suas atividades participativas em lançamentos de projetos? E como essas atividades são organizadas em seu município?* A partir do (re)conhecimento dos procedimentos de ação local (dinâmicas metodológicas e participativas), buscamos desenvolver a elaboração da proposta aproveitando os passos já utilizados sistematicamente pelo Consórcio (nível global) e pelos municípios (nível local). Em nossa primeira atividade individualizamos nossa ação junto ao município de Rio Negrinho. As informações que foram trabalhadas diziam respeito a:

- ✓ Proposta de estruturação da apresentação do Lançamento Projeto de Avaliação do PRSD;
- ✓ Proposta de estruturação das dinâmicas das reuniões locais;
- ✓ Relação de entidades participantes em potencial (Tabela 25);
- ✓ Convite padrão para entidades;
- ✓ Estratégias de divulgação;
- ✓ Cronograma de atividades para desenvolvimento do projeto.

TABELA 25. ENTIDADES PARTICIPANTES - POTENCIAL (RN)

Entidade	Quantidade
Associação de moradores	16
Conselho Gestor (APA – Volta Grande)	1
Associação Comercial (Núcleos Horizontais – meio ambiente/turismo/mulheres empresárias)	1
Entidades Assistenciais	4
Clube de Diretores Lojistas, Câmara Júnior	2
Grupos de convívio	3
Grupo de Escoteiro	1
Clubes de Serviço	3
Conselhos Municipais (Turismo e Meio Ambiente)	2
Prefeito Municipal	1
Secretarias municipais - saúde, educação e agricultura (meio ambiente)	3
Empresa de Coleta Formal	1
Meios de Comunicação – Jornais e rádios (via assessoria de imprensa da prefeitura)	-

Embora a intenção inicial fosse realizar o contato com os coordenadores locais e o corpo-a-corpo de divulgação da atividade ainda durante esta semana, o desenrolar das atividades programadas foi alterado devido a impossibilidade de atuação direta dos coordenadores locais ocasionada por problemas pessoais. Essa alteração de programação fez-nos voltar ao trabalho de identificação e promoção formal.

“Nossa intenção inicial teve que se reestruturar devido a fatos novos que surgiram: impossibilidade de participação ativa dos coordenadores do PRSD de São Bento do Sul e de Campo Alegre para montagem da proposta de avaliação; a reunião de apresentação da pré-proposta não pode ocorrer, tivemos que reorganizar nossa ação para a próxima semana. Em reunião com o Coordenador Executivo do Consórcio Quiriri redefinimos nossa agenda (adiando a apresentação para a próxima semana), e voltamos nossa atenção, outra vez, para os procedimentos de identificação institucional, buscando encontrar mais elementos para compor a proposta que seria apresentada na semana seguinte a todos os componentes da equipe de trabalho do Consórcio Quiriri.” - Nota caderno de campo 20 de maio.

A prática de campo desta semana representou mais ganhos de conhecimento sobre os processos participativos (flexibilização imposta pelo cotidiano) do que sobre a construção metodológica da avaliação em curso. Esse movimento fez-nos incorporar essa possibilidade de flexibilização à nossa ação desta semana. Ganhamos em capacidade de observação quanto as diferentes percepções sobre a temática “lixo”.

A partir das modificações ocorridas nesta semana, entendemos que nossa contribuição deveria se focar no desenvolvimento metodológico, não podendo se estender ao envolvimento “convocatório” para a participação, já que não dispúnhamos de tempo suficiente para desenvolver essas atividades (estávamos em campo durante 3 dias por semana). Estas atividades passaram a ser de responsabilidade do membros dos GTM da cada município.

Dentre as atividades realizadas nesta semanas destacamos: Visita a Associação Comercial (RN), Secretaria de Desenvolvimento Comunitário (SBS), Empresa de Sucata (SBS), Entrevista Rádio (RN).

B) DINÂMICA TEMÁTICA - O Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

Material solicitado às secretarias não foi entregue (somente duas de RN – Agricultura e meio Ambiente e Vigilância Sanitária).

“Nós temos que encontrar uma solução. O negócio de coleta seletiva para mim é inviável economicamente... Os maiores problemas são: o baixo volume e o custo operacional da mão de obra ” – Representante da empresa de coleta seletiva de CA, 19 de maio.

A empresa responsável pelo serviço de coleta seletiva em CA tem encontrado dificuldades em operacionalizar seu serviço por razões de ordem interna (venda de recicláveis) e externa (baixa produtividade da coleta seletiva). Ela procura solução no espaço local através de articulações entre o consórcio e compradores locais.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

Mercado de material reciclável é economicamente viável mas sua comercialização requer experiência em atividades correlatas (sucateiros);

Os sucateiros da região não sentem a dificuldade operacional de se coletar material reciclável pois sua prática foi se desenvolvendo gradativamente conforme as possibilidades do mercado. A informalidade é fator que contribui para esse desenvolvimento gradual.

Desde 1993 já existem ações isoladas de coleta seletiva por parte das escolas (gincanas) com objetivo de arrecadação e recolhimento de material para atividades artesanais que envolveram grupos de mães e idosos. Principal problema enfrentado na época: dificuldade de venda do material arrecadado.

“A média de coleta seletiva na Serra Alta nas primeiras semanas foi de 500 Kg por semana agora não é nem de 200 Kg, e ainda vêm muito misturado. Não vale a pena.... Nós vamos ceder graciosamente os containers para a Prefeitura. Essa é nossa forma de participar do programa... Mas, e depois da coleta? Onde é que deixamos o lixo reciclável? Nós não queremos nos envolver com a venda... Deveria haver um entreposto de recebimento” – Representante da empresa de coleta de Resíduos Sólidos (Convencional) em São Bento do Sul, 20 de maio.

A empresa de coleta (convencional) de SBS tem interesse em participar da coleta seletiva. Sua contribuição seria ceder depósitos para 12 pontos de entrega voluntária (12 x 4 = 48 depósitos – Metal, Papel, Plástico) fazendo a posterior coleta e entregando para sucateiros da região. Não tem interesse imediato em entrar no ramo da coleta seletiva.

O tema “lixo” é um ótimo potencializador para participação. Deve-se encontrar os meios para permitir a efetivação desta ação espontânea.

“Depois que eu comecei a trabalhar com o lixo nas escolas, eu também comecei a separar em casa... Afinal e que é o Quiriri? Eu não sei o que é direito. (Tem gente que me pergunta se é para vender carro – risos...). Deveria ter um treinamento nas secretarias sobre o que é o Consórcio, qual é o objetivo, de onde começa e até onde vai, o que realmente ele faz, o que se pode fazer para ajudar ... Agora você veja como é bom guardar as coisas. Agora olhando aqui é que eu me lembro das coisas como foram. Não fosse isso... Tô com essa montoeira de coisas sobre Meio Ambiente. Preciso organizar isso!” - Funcionária da Sec. da Habitação de São Bento do sul, 20 de maio.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

Existem catadores de lixo em SBS e em RN. (não considerados como participantes diretos do processo pelo consórcio).

c) DINÂMICA PARTICIPATIVA – A prática participativa local

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

Embora haja “conhecimento” da estrutura participativa a ser acionada, esse procedimento não é sistematizado, conta com a ação direta dos membros da CECQ.

Há muita sensibilidade para reconhecer a necessidade de diferentes formas de abordagem para cada tipo de entidade a ser envolvida, embora este reconhecimento seja mais uma capacidade individual do que uma regra instrumental;

“A dona de casa nem entende direito o que esta escrito no folheto... Mas, quando a gente (as lideranças) chega lá pra falar em cinco minutos ela compreende e participa... Depois da reunião, aquele cara não falou nada vai conversar com as lideranças e fala um monte de coisas, dúvidas e até propostas. Só lá pela 3ª reunião sobre o mesmo assunto é que ele começa a falar” - Coordenador do PRSD de SBS, 19 de maio.

Existe autonomia para decisão dentro da estrutura de organização da CECQ, que depois é colocada em discussão; Há receptividade as idéias externas ao grupo que são assumidas por um dos componentes e depois este busca coletivizar sua importância. Existe grande confiança (quanto a capacidade de trabalho) entre os membros da CECQ e também reconhecimento quanto as potencialidades e limites de cada membro da CECQ.

Surgiu uma nova possibilidade de incluir moderadores externos nas atividades do consórcio (normalmente é a própria CECQ que modera as reuniões). Essa possibilidade está ligada às atividades exercidas por dois consultores da Associação Comercial de RN e SBS (capacitados para moderação de grupos - metodologia Metaplan¹⁰⁷ utilizada pela GTZ – Sociedade Alemã de Cooperação Técnica) que podem vir a se juntar a nossas atividades de avaliação.

“O Núcleo de mulheres empresárias me falou ontem que está querendo fazer um trabalho de coleta seletiva. Pediu minha ajuda nisso.” - Encontro sobre moderação para avaliação – Assoc. Comercial e Industrial de Rio Negrinho (ACIRNE), 18 de maio.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

A estrutura (rigidez) institucional pode provocar cisão entre a prática pessoal e a profissional. A objetividade emprestada aos processos administrativos são baseadas em sínteses (leia-se subjetivas) que cada um realiza individualmente e representam sua contribuição original ao processo do qual participa.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

Noto que é importante reforçar as qualidades individuais (a originalidade do indivíduo) mais também a força da ação coletiva (a personalidade coletiva);

“Você sabe se uma pessoa é centralizadora pelo nível de pressão que ela sofre. Quem descentraliza ações, descentraliza responsabilidades, tem que confiar na capacidade dos outros...”
Coordenador executivo do Consórcio Quiriri, 14 de junho de 1999;

¹⁰⁷ Segundo CORDIOLI (1998:2) METAPLAN é um conjunto de instrumentos desenvolvidos com a finalidade de facilitar o processo de comunicação dentro de equipes. Possui 4 elementos de base: 1. **Enfoque Participativo** – reúne técnicas e instrumentos que facilitam o processo de debate e intercâmbio de experiências; 2. **Moderador** – elemento neutro, de equilíbrio, funciona como catalizador de idéias do grupo; 3. **Visualização Móvel** - instrumento utilizado que permite o registro visual contínuo de todo o processo, mantendo-o sempre acessível; 4. **Problematização** – mecanismo adotado para ativar o intercâmbio de idéias, que busca mobilizar os conhecimentos dos envolvidos no processo.

Mesmo com mudanças de planos pré definidos, existe uma postura de se aproveitar a alteração e potencializar outras ações;

“...e essa semana aprendi [compreendi] um conceito: Coerência. Reli os pressupostos estabelecidos como ponto de partida no caderno de campo e vi o quanto é difícil ser coerente entre teoria e prática. Ter flexibilidade para compreender os tempos individuais, as prioridades e os compromissos entre a realidade das experiências do “objeto” e as dos meus objetivos de pesquisa, as tramas de um trabalho coletivo, as nuanças das práticas participativas... Isso modifica minha postura frente ao trabalho de campo e de pesquisa, talvez modifique minha teoria frente as práticas e minha prática frente as teorias.” Nota no Caderno de campo 20 de maio de 1999.

A prática participativa está presente no cotidiano local. A palavra Participação é ouvida com muita frequência durante as conversas.

“Algumas atitudes louváveis foram tomadas pelo sec. Municipal de Agricultura e Meio Ambiente - principal articulador e responsável maior pela criação do Consórcio Quiriri -” - Empresário de São Bento do sul, 18 de maio, em carta entregue no hotel.

A alteração de planos comuns (atividades coletivas) é aceita por se entender a legitimidade dos problemas do outros (que provocaram a alteração de plano).

3.1.4 Projeto (quarta etapa)

Na quarta semana (25 a 27 maio) apresentei a proposta formal de instrumentalização da avaliação em reunião do grupo de trabalho. Elaboramos a estruturação - forma e conteúdo - para ser apresentada na semana seguinte a "comunidade" no lançamento oficial da Avaliação Participativa. Nesta semana trabalhamos com o PROJETO de avaliação

A) DINÂMICA METODOLÓGICA – Desenvolvimento da avaliação

Cumprindo a etapa de projeto, nesta semana, apresentamos a CECQ e também aos GMT (CA, RN, SBS) nossa sistematização do resultado do trabalho realizado durante as três semanas anteriores, materializada em uma proposta de encaminhamento para o projeto de avaliação. Trabalhamos inicialmente com a construção do conceito e posteriormente com as dinâmicas operativas propostas (Tabela 26, Figuras 19, 20 e 21).

TABELA 26. OBJETIVOS DA AVALIAÇÃO

Perguntas	Respostas
<i>Porque estamos fazendo uma avaliação?</i>	Para alcançar a SUSTENTAÇÃO DO PROGRAMA (para que ele encontre seu ponto de funcionamento), respeitando a diversidade de problemas e soluções em cada um dos municípios consorciados.
<i>Porque estamos encontrando dificuldades?</i>	Porque a solução envolve a AÇÃO COORDENADA DE DIFERENTES SEGMENTOS DA SOCIEDADE local e nacional. (Social, Público e Econômico)
<i>Como resolver isso?</i>	Através da PARTICIPAÇÃO (ampla), da EDUCAÇÃO (como ação transformadora, de conscientização) e da COMUNICAÇÃO (coletivizarão da informação local)
<i>Qual nossa proposta?</i>	Reunir as lideranças locais em Reuniões de Avaliação Participativa, trabalhando a visão de contexto de forma que cada segmento visualize sua contribuição no processo, adequando ação e mensagem para seu "público alvo". A partir destas reuniões deverão ser tiradas as ações de cada um para andamento do projeto. ¹⁰⁸

Fonte: Sistematização do Grupo de Trabalho de Avaliação

¹⁰⁸ Esta proposta foi baseada na constatação de que a comunidade local tem seus próprios mecanismos de articulação e integração de ações que permitem a execução das atividades.

FIGURA 19. PROJETO DE AVALIAÇÃO DO PRSD – CONSÓRCIO QUIRIRI

PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO DA AVALIAÇÃO DO PROJETO DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMÉSTICOS DO CONSÓRCIO QUIRIRI

SUSTENTAÇÃO DA AÇÃO TEÓRICA - Pergunta-se: (para construir o entendimento do grupo)

Porque estamos fazendo uma avaliação? Para alcançar a SUSTENTAÇÃO DO PROGRAMA

Porque estamos encontrando dificuldades? Porque a solução envolve a AÇÃO COORDENADA DE DIFERENTES SEGMENTOS DA SOCIEDADE tanto a nível local e nacional. (Comunitário, Público e Econômico)

Como resolver isso? Através da PARTICIPAÇÃO (ampla), da EDUCAÇÃO (como ação transformadora, de conscientização) e da COMUNICAÇÃO (coletivização da informação local – fluxo informacional)

Qual a proposta? “conselho gestor” para o programa de coleta seletiva como agente de multiplicação de participantes diretos do consórcio e como integrador de ações.

Nossa proposta: Reunir, inicialmente, as lideranças locais (de diferentes segmentos) em atividades conjuntas - Reuniões de Avaliação Participativa, trabalhando uma visão integrada de contexto, sobre a questão, que possibilite que cada segmento visualize sua contribuição no processo adequando ação e mensagem para seu “público alvo”. A partir destas reuniões deverão serem tiradas as ações de cada um para andamento do projeto.

Porque desta forma? Esta proposta esta baseada na constatação de que a comunidade do Quiriri tem seus próprios mecanismos de articulação e integração de ações. Assim, o que está faltando é o estabelecimento de um espaço de articulação que viabilize a execução coordenada das ações.

✓ Quadro de composição - participantes e ações:

Aspectos/Segmento	Executivo	Legislativo	Político	Comunitário	Empresarial	Técnico	Ambiental
Benefícios *							
Dificuldades *							
Oportunidade **							
Limites **							

*Benefícios e Dificuldades (operacionais) ** Oportunidade e Limites (conjunturais ou contextuais)

Ação prática - Proposta de atividade:

Trabalhar localmente: Em cada município (devido as diferenças de problemas e soluções) reunir os 7 segmentos locais com objetivo de realizar a avaliação inicial que integre as diferentes visões a assim, construir uma matriz estrutural dentro da lógica estratégica. **Produto:** Propostas de ações para realização da avaliação local.

Trabalhar Globalmente (nível consórcio): Reunir representantes dos municípios com suas propostas locais. **Objetivo:** Dentro da mesma proposta integradora das visões dos diferentes segmentos, realizar a avaliação das ações conjuntas que reforçam as ações locais. **Produto:** Propostas de ações para realização da avaliação global.

Fundamentação prática: Levantamento das Dificuldades e Benefícios locais na questão do manejo do lixo domiciliar – Avaliação do que se tinha levantado nas 2 semanas anteriores. (Quadro I – Reproduzido nas figuras 20 e 21)

FIGURA 20. QUADRO DE CONTEXTUALIZAÇÃO DO PRSD – CONSÓRCIO QUIRIRI (1/2)

Quadro I - Existem problemas operacionais de diferentes ordens que potencializam o problema maior de gestão integrada do Consórcio (1/2)

CAMPO ALEGRE:

Segmento	Dificuldades	Benefícios
Serviço (prestadores de serviço)	A empresa que presta o serviço não domina a operação da atividade. Necessidades de seu mercado - consumidor (as empresas de reciclagem) e fornecedor (a comunidade). (análise empresarial - ver planilha custo)	A empresa tem vontade e interesse em prestar o serviço. Conta com o apoio da administração local para realização do serviço. Conta com apoio educativo do Consórcio para envolver a comunidade na seleção adequada do lixo.
Administração Pública Local	Depende da iniciativa privada, possui pouco controle operacional do serviço. É um município de baixa produção de lixo. Não solucionou o problema de disposição adequada do lixo. Não possui, ainda, dados ordenados para avaliação quantitativa. A proposta de coleta coletiva é ousada.	Há interesse em manter o serviço. Conta com a cooperação da comunidade. Possui capacidade de organização administrativa para ações coordenadas. A comunidade pode tratar o lixo orgânico localmente. Criou a oportunidade de uma empresa local prestar o serviço
Comunidade	Depende da ação municipal para tratar seu lixo (principalmente o seco e o tóxico) Está acostumada a uma sistemática domiciliar de coleta	Conta com o interesse municipal para resolver o problema lixo. É participativa. Responde bem as campanhas institucionais.

SÃO BENTO DO SUL

Segmento	Dificuldades	Benefícios
Serviço (prestadores de serviço)	Não há interesse (econômico) nem obrigação contratual da empresa formal de coleta.	A empresa formal tem vontade em cooperar. A empresa formal conta com prestígio junto à comunidade na coleta convencional. Existem outros prestadores informais do serviço. Conta com apoio educativo do Consórcio para envolver a comunidade na seleção adequada do lixo.
Administração Pública Local	A empresa formal de coleta convencional conta com prestígio junto à comunidade. A coleta seletiva é mais cara no contrato com a empresa formal. Tem que contar com a informalidade para prestar o serviço diferenciado. É um município com população urbana, industrial. Não possui, ainda, dados ordenados para avaliação quantitativa. A proposta de coleta coletiva é ousada.	Há interesse em manter o serviço. Tem entrada na comunidade para ampliar participação. Possui capacidade de organização administrativa para ações coordenadas. Tem volume de lixo seletivo
Comunidade	Depende da ação municipal para tratar seu lixo. Está acostumada a uma sistemática domiciliar de coleta	Conta com o interesse municipal para resolver o problema lixo.

FIGURA 20.1 QUADRO DE CONTEXTUALIZAÇÃO DO PRSD – CONSÓRCIO QUIRIRI (2/2)

Quadro I - Existem problemas operacionais de diferentes ordens que potencializam o problema maior de gestão integrada do Consórcio (2/2)

RIO NEGRINHO

Segmento	Dificuldades	Benefícios
Serviço (prestadores de serviço)	Pegou serviço já estruturado. Hábitos estabelecidos. Deve dar resposta operacional rápida. Tem que montar estrutura local.	Conta com o apoio da administração local para realização do serviço. Conta com apoio educativo do Consórcio para envolver a comunidade na seleção adequada do lixo. É uma empresa com experiência na prestação do serviço.
Administração Pública Local	Depende dos ajustes operacionais da empresa formal. Não solucionou, ainda, o problema de disposição adequada do lixo. Não possui, ainda, dados ordenados para avaliação quantitativa. A proposta de coleta coletiva é ousada.	Possui contrato de prestação de serviço de coleta já adequado a realidade proposta pelo programa. Tem entrada na comunidade para ampliar participação. Possui capacidade de organização administrativa para ações coordenadas.
Comunidade	Depende da ação municipal para tratar seu lixo. Está acostumada a uma sistemática domiciliar de coleta.	Conta com o interesse municipal para resolver o problema lixo.

CONSÓRCIO - COORDENAÇÃO PARTICIPATIVA

Segmento	Dificuldades	Benefícios
Serviço (prestadores de serviço)	Tem que articular ações para atender as expectativas comuns (dos consorciados e das empresas) quanto a eficiência das atividades de coleta seletiva conforme seu programa comum de coleta seletiva.	As empresas têm demonstrado uma postura de cooperação quanto a realização de ações de cooperação técnica e institucional para elevar o nível de prestação do serviço.
Administração Pública Local	Devem adequar suas atividades locais de forma a garantir a execução das atividades globais do consórcio. Nem todos os segmentos da administração conhecem as funções operativas e institucionais do consórcio. Poucas pessoas estão realmente envolvidas nas atividades executivas do consórcio.	Contam com o apoio institucional do consórcio no trato de suas questões ambientais (empresas e comunidade) Conta com o envolvimento voluntário do pessoal das administrações locais. Conta com prestígio político dentro de diferentes segmentos da sociedade local e regional.
Comunidade	Compreender as funções operativas e institucionais do consórcio.	Contam com a ação intensiva do consórcio para: . a conservação da natureza . a efetivação de sua participação . manutenção da qualidade de vida

Buscamos adicionar ao **conceito de avaliação** uma contextualização que desse base de sustentação a proposta (Figuras 20 e 20.1). Esse procedimento tinha como objetivo trazer uma visão de complexidade que introduzia a relação de contextos.

Com a aprovação da estrutura da proposta, iniciamos seu detalhamento com os coordenadores municipais, já visando sua apresentação na semana seguinte dentro das atividades da semana do meio ambiente. As bases do desenvolvimento dos procedimentos para a avaliação foram definidas a partir similares as atividades trabalhadas na semana anterior em RN, ficando cada coordenador responsável por realizar as atividades de envolvimento local.

Ainda neste dia, fomos fazer a apresentação sobre o projeto de avaliação, para o Rotary Club de São Bento do Sul. Esta atividade foi proposta pela CECQ, e representou nosso primeiro contato formal com a sociedade local. Esta experiência nos proporcionou duplo aprendizado:

- Que a temática Resíduos Sólidos “Nosso Lixo” possuía um importante apelo participativo, pois as pessoas se sentiam confortáveis (por possuírem experiência cotidiana com a questão) para exporem seus diagnósticos ou possíveis encaminhamentos para propostas de solução.
- Que a diferença entre problema e solução está mais na postura frente o fato, de diferentes ordens (culturais, emocionais, econômicas, técnicas e políticas), do que em propostas preferencialmente técnicas.

As atividades desta semana estiveram relacionadas ao desenvolvimento do projeto de avaliação e também a promoção de seu lançamento na semana seguinte. Dentre estas atividades, destacamos: Visita informal, não agendada, a Secretaria de Obras (SBS), Visita a Secretaria de Desenvolvimento Comunitário (SBS), Entrevista em Rádio (SBS e RN).

“Alguns dados históricos sobre o lixo? Eu tenho aqui as medições semanais da coleta convencional de São Bento do Sul. A empresa todo mês manda para que a gente possa fazer as faturas. Se você quiser eu tiro uma xerox, pra você mesma fazer as comparações. Quanto meses você quer? Sabe, nós aqui não nos ocupamos disso, tem a secretaria do planejamento,... Tem aqui um funcionário que já trabalha a muitos anos na secretaria. Se você conversar com ele talvez ele possa te dizer como era antigamente. Ele é uma pessoa muito boa pra conversar, vai gostar de poder te contar sobre isso.” Visita, não agendada, na Secretaria de Obras de SBS – 25 de maio de 1999

C) DINÂMICA TEMÁTICA - *O Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos*

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

O trabalho mais importante da avaliação é o de promover a ativação da etapa de execução. Ainda não há confiança na contribuição prática que uma avaliação pode oferecer ao processo local, no que diz respeito a sua qualificação.

As informações teóricas são “aguardadas” para servirem como elementos de confirmação para legitimar a prática local.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

O tema lixo, não parece um assunto teórico. Sua característica de cotidiano suplanta qualquer tentativa de teorização que fique fora de questões eminentemente tecnológicas.

“Eu separo em casa, eu moro no centro. O problema é que aqui em São Bento ainda não tem coleta seletiva no centro. Então eu deixo meu lixo separado junto com aquele normal...” 26 de maio de 1999, Apresentação no Rotary Club.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

O tema RSD tem diferentes possibilidades de abordagens. Cada segmento empresta-lhe significação própria e oferece um tipo de encaminhamento quanto a solução.

“Quando eu era pequeno levava aquelas travessas de vidro na venda para comprar banha. Hoje em dia tudo sempre vem com um lixo extra.” 26 de maio de 1999, Apresentação no Rotary Club

C) DINÂMICA PARTICIPATIVA – *A prática participativa local*

Com a aproximação do lançamento oficial do Projeto de Avaliação, as atividades de características ativas (mais práticas do que teóricas) aumentaram. Com isso, tivemos mais oportunidade de observar nossos aprendizados de campo em ação.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

Trabalho sobre a proposta (Figuras 19 e 20) demonstrou que os levantamentos

qualitativos (mais apoiados nos processos) permitiu estabelecer um quadro de (re)conhecimento da situação pelos participantes da CECQ.

Este reconhecimento por parte do grupo fez com que as propostas de encaminhamento (obtidas através de trabalho com os Coordenadores Municipais do PRSD) tivessem sua aprovação facilitada.

Por outro lado o fato da apresentação ter se dado em uma reunião que tratava de outros assuntos não permitiu aprofundar como desejávamos. Esse trabalho foi realizado individualmente junto aos coordenadores locais.

As posturas individuais são de confiança no trabalho que está sendo realizado descentralizadamente por cada um do grupo. As reuniões de trabalho são momentos importantes de coletivização dos cotidianos individuais podendo representar uma atividade indispensável enquanto processo de integração de participantes ao cotidiano coletivo.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

Há dificuldade de se visualizar a contribuição da ação individual dentro da coletiva (como um todo de ação), talvez em face a força do cotidiano frente as ações pré programadas intencionalmente.

“Você pode deixar os convites aqui na secretaria que eu mando para as associações de Serra Alta. Ah! Nós também estamos convidados?! Secretaria Municipal SBS - 27 de maio de 1999.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

As principais articulações estão fora das reuniões. Ao que parece a reunião tem uma principal característica de construir uma legitimidade de grupo sobre articulações desenvolvidas individualmente. É um espaço de coletivização.

“Elizabeth, nós gostaríamos que você falasse aos nossos ouvintes qual sua avaliação sobre esse projeto de coleta seletiva aqui de São Bento. É importante para todos nós sabermos o que a universidade acha desse nosso trabalho” Em entrevista para divulgação do lançamento oficial da avaliação na semana do meio ambiente, Radio São Bento, 26 de maio de 1999.

(lançamento do Projeto de Avaliação durante a semana do meio ambiente), cresce a necessidade de incorporá-lo na prática (teórica) que vai estruturar a proposta metodológica.

O esforço de apreensão desta flexibilidade para transferi-la ao teórico fez-nos orientar nossos aprendizados durante as etapas de proposta e projeto, conforme apresentados na Tabela 27.

Durante o período que estivemos em campo nas etapas de proposta e projeto, definimos junto com os CMT os procedimentos avaliação e sua forma de coletivização mais enquanto processo (reuniões e seminários – mediados pelos consultores da associação comercial - treinados pela GTZ na metodologia de visualização móvel) do que enquanto produto – os instrumentos formais de avaliação a serem utilizados. Para nós a utilização destes mediadores já poderia se caracterizar como um dos instrumentos de avaliação.

TABELA 27. APRENDIZADOS DAS ETAPAS DE PROPOSTA E PROJETO

Dinâmicas	Da Ação - olhar prático	Da Observação - olhar teórico
Metodológica	<p>Por sua característica descentralizada, as atividades dos GMT sofrem alterações em sua dimensão local para ganharem força na global (nível consórcio);</p> <p>Existem diferentes formas de se perceber a importância das ações metodológicas dentro da CECQ mas elas são sobretudo respeitadas por se adequarem a estrutura de ação já pré-existente;</p> <p>A heterogeneidade do grupo (que se expressa por atitudes e funções);</p> <p>A força da metodologia se expressa por sua proximidade com os procedimentos cotidianos da CECQ.</p> <p>O fato de que o desenvolvimento metodológico da avaliação está muito semelhante ao trabalho já desenvolvido para outros projetos ajuda a transferir confiança à sua execução.</p>	<p>Atividades participativas exigem grande flexibilidade também metodológica.</p> <p>Os períodos de trabalho em campo servem principalmente para ampliar a compreensão dos limites da aplicação técnica;</p> <p>A força do cotidiano nubla ações intencionais. <i>Como resolver isto?</i></p> <p>Processos que se estruturam espontaneamente (decorrentes do aprendizado com a operação) possuem mais estabilidade; (caso dos sucateiros)</p> <p>Não basta somente uma metodologia participativa para que haja participação.</p>
Temática	<p>Embora haja especial atenção ao PRSD (principalmente devido a seus problemas operacionais – demanda mais energia) os outros projetos do PTPRS estão sendo acompanhados de perto e sendo desenvolvendo positivamente.</p> <p>O problema dos RSD da região é compreendido como diferenciado (em cada município). Há intenção de criar articulação para tratá-lo como solução local original.</p> <p>Espera-se comprometimento de todas as partes envolvidas na questão do RSD. Todos têm sido convocados. Empresas de sucata, de coleta, escolas, Assoc. Comercial, indústrias.</p> <p>Não existe mobilização institucional (dentro da estrutura municipal) para a questão do RSD.</p>	<p>Não há procedimentos intencionais de tratar o PTPRS como um processo de gestão integrada de resíduos sólidos, embora esta seja uma atitude espontânea;</p> <p>Como agregar a complexidade no RSD? Surge a ideia do ciclo do lixo.</p> <p>O setor mais difícil de trabalhar é o próprio executivo local (nos três municípios). Parece que as soluções devem sair da própria Sociedade Civil (inclui-se o consórcio) que está mais flexível para visualizar soluções.</p> <p><i>Porque não envolver os "velhos" em atividades de reconstrução histórica do tema referenciada no espaço local?</i></p>
Participativa	<p>Há reconhecimento da força (como elemento potencializador) da participação organizada;</p> <p>Há reconhecimento da força (positiva e negativa) dos meios de comunicação locais;</p> <p>A dinâmica participativa do grupo que conduz o processo (CECQ) é o maior potencializador do processo participativo local.</p> <p>A CECQ aproveita com muita propriedade as oportunidades surgidas espontaneamente.</p> <p>O Consórcio Quiriri tem função de facilitador das ações espontâneas locais.</p> <p>O respeito a individualidade é característica da CECQ.</p> <p>Existe muito investimento de confiança nos trabalhos das pessoas (indivíduos).</p> <p>Nem todos se sentem participantes em potencial.</p>	<p>Dentro da perspectiva de participante, o técnico necessita desenvolver sua capacidade criativa para responder a flexibilidade deste processo.</p> <p>Embora possa haver identidade intelectual entre os participante (níveis de conhecimento teórico ou práticos similares) o principal elemento de identidade para se estabelecer uma comunicação produtiva se dá no nível efetivo.</p> <p>Noto a importância de se trabalhar a auto estima reforçando a força da originalidade das ações individuais e coletivas.</p> <p>O trabalho corpo-a-corpo demanda menos instrumentos e mais retórica. (Re)surge a força da individualidade de cada participante ativo.</p> <p>A ação coletiva escamoteia a força da individualidade do participante, mais é percebida como um importante ingrediente de originalidade para ação.</p>

3.1.5 *Execução* - lançamento (quinta etapa)

Desde a chegada a campo, em 26 de abril, passaram-se 5 semanas de trabalho. Durante este período estive 3 dias por semana no “Quiriri” (terça a quinta), perfazendo um total de 15 dias de trabalho no local de pesquisa. Embora eu tivesse ido para lá com uma seqüência metodológica de ação (elaborada segundo os critérios da metodologia já utilizada no trabalho local) minha postura foi de deixar livremente as coisas irem se constituindo conforme a dinâmica e a experiência do grupo local de trabalho.

Essa liberdade intencional não foi explicitada ao grupo pois poderia lhes passar insegurança. Mais ouvi do que falei, mais segui do que guiei. Por vezes tive que apresentar “firmeza” para retomar minha postura de observadora com mais segurança - para mim e para o grupo.

A maioria das atividades e ações, foram determinadas em grupo (nem sempre o grupo completo). Além da definição de atores a serem envolvidos no processo (indivíduos e instituições), a agenda semanal, os convites, as estratégias de divulgação, etc. foram traçadas desta forma. Minha intenção era a de deixar fluir a própria cultura participativa local para conhecer sua dinâmica. Também, todas as semanas que estive em campo, foram feitas diversas atividades de PROMOÇÃO para o conjunto da sociedade local (entrevistas em rádios e jornais).

Nos intervalos das visitas a campo (de sexta a segunda), eu tinha um tempo de reflexão e interpretação do vivenciado para retomar as atividades locais, já agendadas previamente ou não, com novos elementos que reestruturassem nossas ações em campo.

Anotações do Caderno de Campo – junho, 1999

A) DINÂMICA METODOLÓGICA – Desenvolvimento da avaliação

Nossas atividades da semana estavam divididas entre o lançamento do “*Projeto de Avaliação Participativa – Nosso Lixo*” e as programadas pelo Consórcio para comemoração da Semana do Meio Ambiente. (Anexo 5 – 5ª semana)

Como atividade inicial desta semana fizemos a primeira apresentação formal sobre o *Projeto de Avaliação* para uma turma de pedagogia da Universidade de Joinville - UNIVILLE – Campus São Bento do Sul. Antes da apresentação conversamos com professores e a diretora da Unidade de SBS buscando fazer a promoção institucional da avaliação e também levantar possibilidades sobre convênios ou atividades conjuntas que pudessem ser desenvolvidas dentro do PRSD.

Na apresentação com os alunos (na maioria professoras da rede pública de SBS),

desenvolvemos o tema a partir dos processos educativos (formais e informais). *O que fazemos com nosso lixo nas diferentes atividades que temos em nosso cotidiano? Qual a relação do lixo com a educação?* Nesta oportunidade nossa intenção foi inserir o “Lixo” dentro dos processos cotidianos dos participantes. Nesta ocasião, pela primeira vez, nos apresentamos sem a presença de nenhum membro da CECQ. Os principais aprendizados retirados desta atividade foram:

- existe um distanciamento entre problema x solução, que faz com que as pessoas não se sintam participantes – nem de um (problema), nem de outro (solução);
- a força da mídia sobre o problema do “lixo” (principalmente quanto a questão social dos catadores) desperta a vontade de ação (individual) que pode ser usada como elemento potencializador. Esta ação de solução individual (espontânea) que pode ser aproveitada para as soluções coletivas;

No Lançamento oficial da avaliação do PRSD¹⁰⁹, contamos com a participação de 50 convidados que se dividiam entre alunos (Pedagogia e Computação), as secretárias de Educação dos três municípios, lideranças comunitárias de Rio Negrinho. Nesta ocasião a CECQ realizou uma apresentação introdutória sobre as atividades do Consórcio. Dando seqüência apresentamos detalhamento do projeto de avaliação, que buscou incorporar nossos aprendizados das quatro semanas anteriores. (Figuras 21, 21.1, 21.2, 21.3, 22, 22.1, 22.2, 22.3)

Esta foi a primeira oportunidade onde foi possível apresentar de maneira integral a síntese de nosso trabalho coletivo, explicitando (inclusive para nós mesmos) a riqueza das atividades realizadas nas semanas anteriores (sejam em reunião formal, informal, conversas, visitas etc.). Percebemos que o movimento complexificação/simplificação torna-se mais claro quando reestruturamos o aprendido em sínteses metafórica. (caso do ciclo do lixo). A partir dessa leitura, ficou mais fácil explicar a inter-relação entre problema/solução e também a proposta de condução das atividades baseadas no comprometimento de todas as partes envolvidas.

FIGURA 21. COMPLEXIFICAÇÃO DA TEMÁTICA - CICLO DO LIXO (1/4)

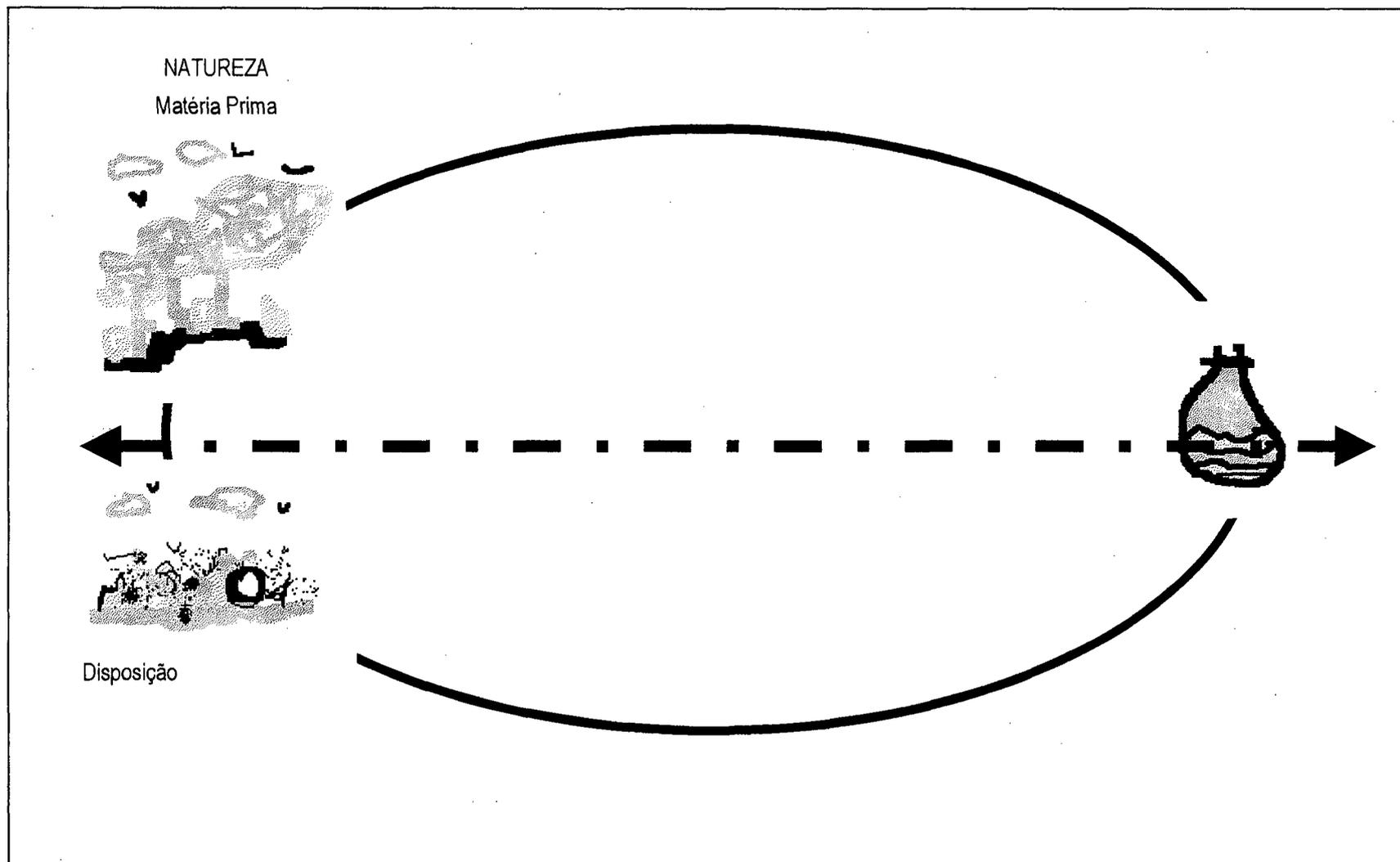


FIGURA 21.1 COMPLEXIFICAÇÃO DA TEMÁTICA - CICLO DO LIXO (2/4)

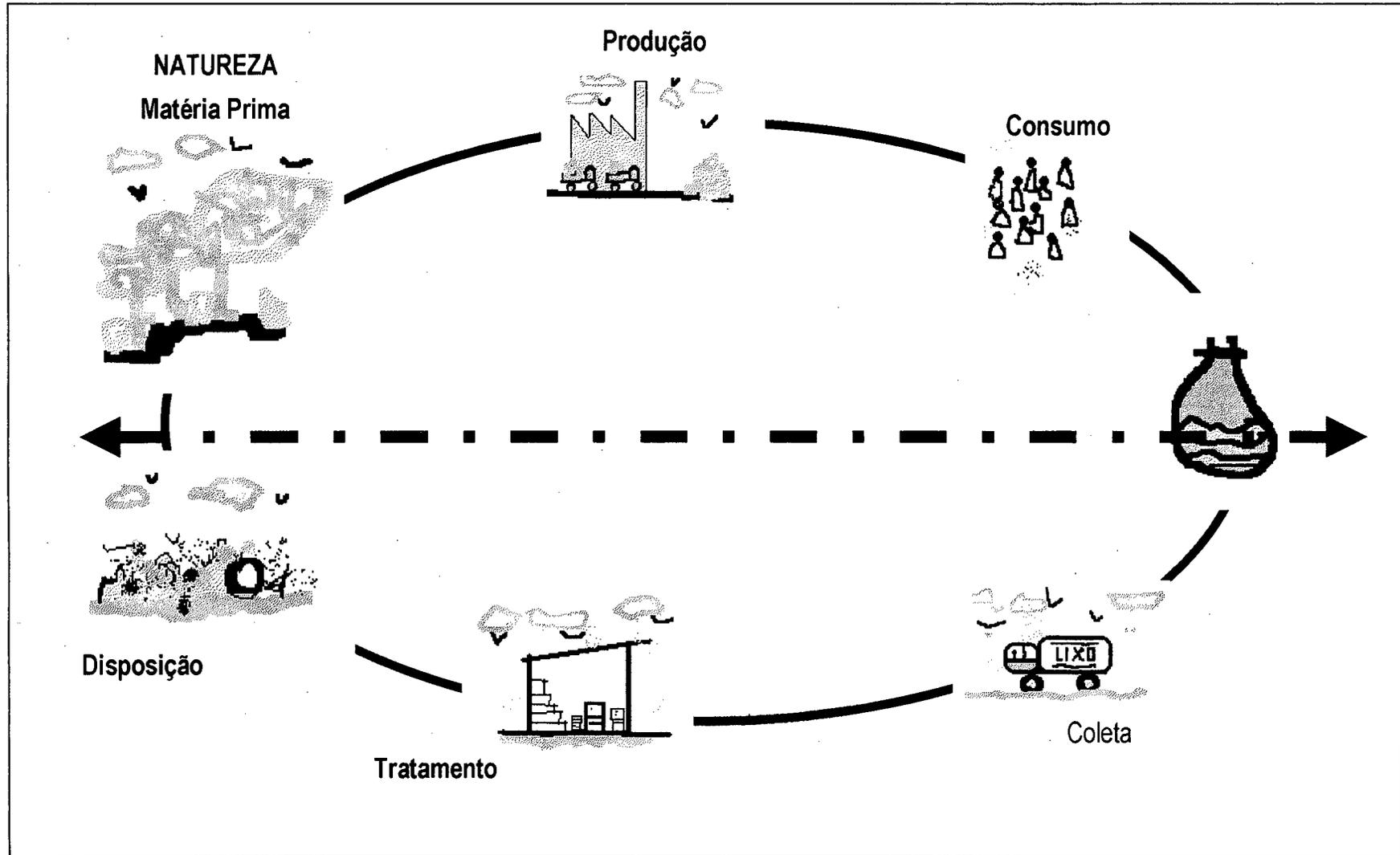
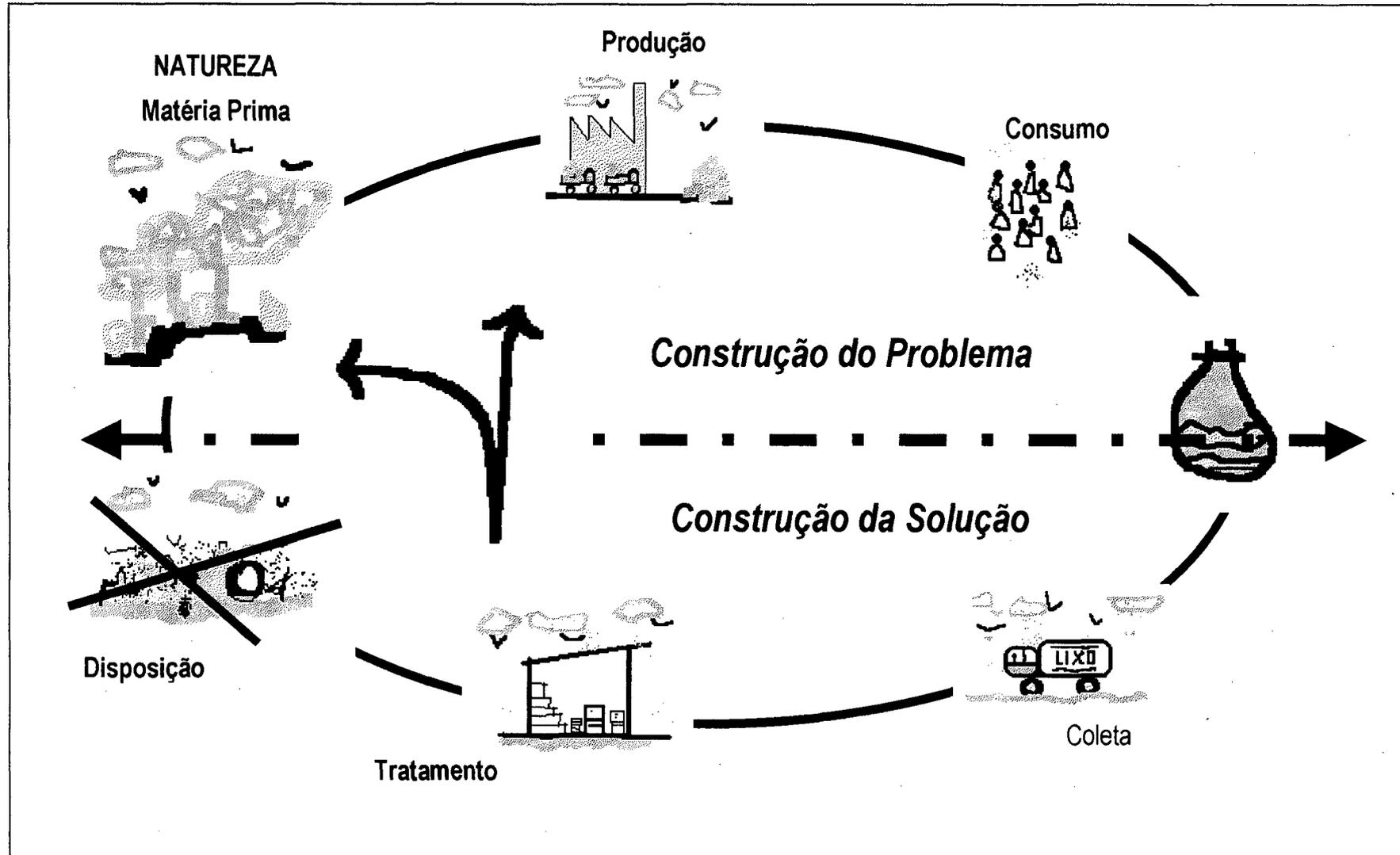


FIGURA 21.2 COMPLEXIFICAÇÃO DA TEMÁTICA - CICLO DO LIXO (3/4)



PROBLEMAS E SOLUÇÕES?

O que a Solução não é:

- ⇒ PURAMENTE TÉCNICA
- ⇒ SIMPLES
- ⇒ POSSÍVEL DE SER COPIADA
- ⇒ RESPONSABILIDADE DE UM SÓ SEGMENTO DA SOCIEDADE
- ⇒ IMPOSSÍVEL

**TODOS QUE PARTICIPAM DA CONSTRUÇÃO
DO PROBLEMA
DEVEM PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO
DA SOLUÇÃO**

FIGURA 22. PROJETO DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA DO PRSD (1/4)

6ª Etapa - Avaliação Participativa

1º MOMENTO - POR QUE AVALIAR ?



2º MOMENTO - AVALIAÇÃO DO CONTEXTO LOCAL – MUNICÍPIOS CONSÓRCIO QUIRIRI

QUE É PARTICULAR

- Distribuição espacial / populacional
- Atividades produtivas
- Estruturas administrativas
- Soluções Operacionais

QUE É COMUM

- A cultura participativa
- O respeito a natureza
- A Coragem frente aos problemas
- O Consórcio Quiriri

3º MOMENTO - PROPOSTA DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA LOCAL

- O QUE AVALIAR ? LEVANTAMENTO DE PROBLEMAS E SOLUÇÕES

FIGURA 22.1. PROJETO DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA DO PRSD (2/4)

• QUEM AVALIA?

SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA LOCAL(Comunidades, ONG's, Clubes de Serviço, Associações, Escolas, Consórcio Quiriri, COMDEMA...), **PREFEITURA** (Secretarias de Saúde, Educação e Desenvolvimento Comunitário), **CÂMARA DE VEREADORES**, **INSTITUIÇÕES TÉCNICAS** (EPAGRI, Universidades - UFSC, UNIVILLE, UNC, FATMA...), **EMPRESAS** (Associação Industrial e Comercial, Empresas de Coleta Formal e informal...).

• COMO AVALIAR? Utilizando elementos dinamizadores de ação

→ A CULTURA PARTICIPATIVA

→ A CORAGEM FRENTE AOS PROBLEMAS

→ O RESPEITO A NATUREZA

→ O CONSÓRCIO QUIRIRI

▪ QUAL É NOSSA PROPOSTA DE AÇÃO?

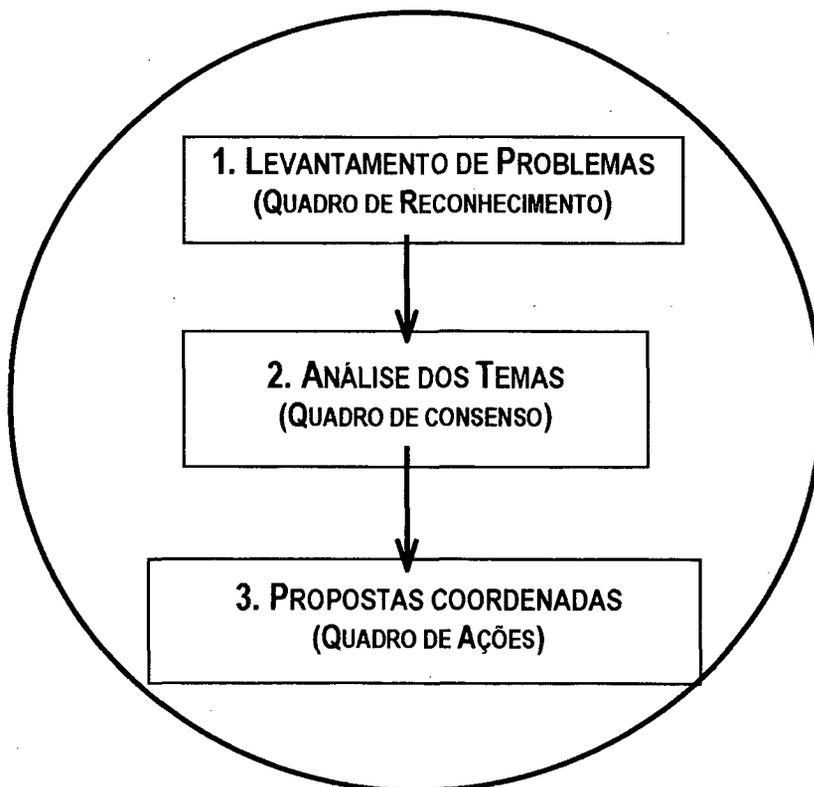


FIGURA 22.2. PROJETO DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA DO PRSD (3/4)

• OS INSTRUMENTOS: REUNIÕES E CADERNOS

1. REUNIÃO LOCAL DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA
(CAMPO ALEGRE, RIO NEGRINHO, SÃO BENTO DO SUL)

2. DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO NOSSO LIXO DOMÉSTICO
(NOSSA SECRETARIA, NOSSA COMUNIDADE, NOSSA ESCOLA, NOSSO CLUBE...)
2.1. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS POR SEGMENTO
2.2. INTEGRAÇÃO DE RESULTADOS (Nosso Lixo)

3. PROPOSTAS DE AÇÃO COORDENADA
(NOSSA SOLUÇÃO PARTICIPATIVA)

4º MOMENTO - QUANDO AVALIAR ?



FIGURA 22.3. PROJETO DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA DO PRSD (4/4)

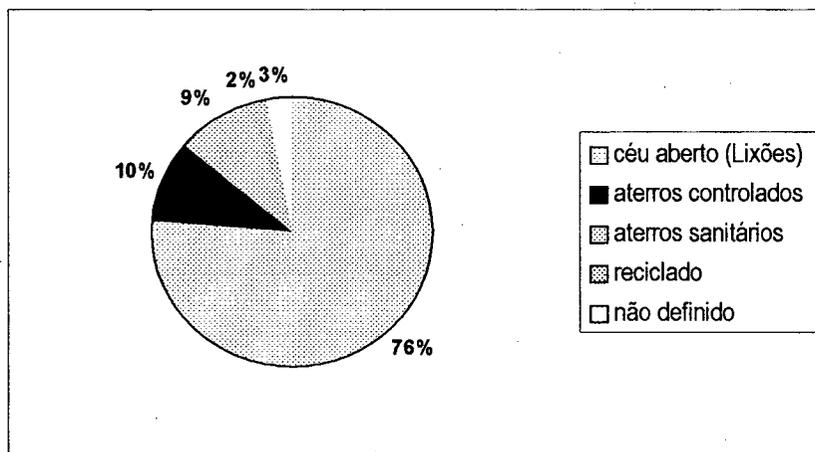
CURIOSIDADES

☹️ QUANTO DE MATÉRIA PRIMA PERDEMOS MENSALMENTE NO QUIRIRI:

COMPOSIÇÃO	%*	CA	RN	SBS	Total (Ton.)
MATÉRIA ORGÂNICA	55	87	261	471	819
PAPEL	25	40	119	214	372
METAL	4	6	19	34	60
VIDRO	3	5	14	26	45
PLÁSTICO	3	5	14	26	45
REJEITOS	10	16	47	86	149
TOTAL	100	158	474	856	1.489

*ESTIMATIVA

☹️ QUE ACONTECE COM O LIXO NO BRASIL



☹️ ONDE ENCONTRAR INFORMAÇÕES : www.cempre.org.br
www.recicloteca.org.br

☹️ QUEM ANDA FAZENDO ALGUMA COISA:

- . 128 municípios em 1999 (2,6%) contra 81 em 1994
- . 6.000.000 de hab. com coleta seletiva (4% da população brasileira)

B) DINÂMICA TEMÁTICA - *O Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos*

As dinâmicas referentes ao tema lixo foram mais sentidas através das experiências práticas. Dentre elas ressaltamos:

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

Participamos de uma importante visita dos vereadores de SBS ao aterro sanitário controlado de São Bento onde se discutiu a aprovação de lei que cria um Condomínio Empresarial de Tratamento Seletivo de Resíduos Sólidos. Nesta ocasião o Coordenador do Consórcio Quiriri e o Sec do Planejamento estavam apresentando a idéia aos vereadores onde a proposta básica é reunir as empresas informais de tratamento seletivo (sucateiros) em um só local onde poderiam desenvolver suas atividades dentro de padrões ambientais mais controlados;

Participamos de visitas com escolas (CA) ao depósito de lixo, a empresa de coleta seletiva. Nesta oportunidade o que foi mais importante reconhecer foi o nível de importância ativa que a CECQ dá ao processo educativo informal junto às crianças, percebidas como difusores de informação.

C) DINÂMICA PARTICIPATIVA – *A prática participativa local*

Na quinta semana (31 maio a 02 junho) foram feitas as primeiras apresentações do projeto de avaliação à sociedade local. Foi minha primeira aproximação formal dentro da sociedade local. Nestes encontros, foi possível confirmar a boa receptividade que o tema “lixo” desenvolve e também perceber uma “demanda reprimida” quanto as necessidades de soluções integradas.

As atividades dessa semana nos proporcionaram ganhos quanto a flexibilização de nossas certezas e dúvidas sobre a dinâmica participativa. Dentre elas citamos:

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

Durante esta semana não houve reunião formal de trabalho. A utilização de uma linguagem mais aproximada do cotidiano e também de elementos que fortalecem os aspectos positivos e comuns dão importante impulso à participação na atividade (momentânea). *A pergunta é como estender esse momento?*

A CECQ realiza com muita naturalidade atividades descentralizadas entre si. E esse é um ponto potencializador de ações. *A pergunta é como estender essa ação individual do grupo para a coletiva?*

*“- Agora nós já estamos agindo de outra maneira [não jogando todo lixo coletado no município no lixão], é claro que temos que melhorar muita coisa. Isso não depende só de uma ou outra pessoa estar fazendo, temos que procurar que todas as residências separem o lixo. E assim, nós vamos chegar dentro de uma situação boa dentro do meio ambiente.....- Quanto tempo tem esse aterro? (pergunta um estudante. É da gestão passada, uns 7 ou 8 anos...
...- Não adiantava a gente levar as crianças e as escolas para ver uma cascata, por exemplo, ou um parque ecológico que não ia surtir o efeito. Iam achar que tava tudo as mil maravilhas e não iam enxergar o problema. Hoje vocês têm uma visão crítica do que está acontecendo e o que nós temos que fazer...”*

Integrante da CECQ em visita, com alunos da rede municipal, ao Depósito de Lixo de Campo Alegre (atividade da Semana do Meio Ambiente) - 01 de junho de 1.999 – *Gravação em vídeo*

Há necessidade de se contar com “profissionais” de moderação. Pergunta-se: *Não devemos nós pesquisadores nos aprofundar também nesta área?*

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM VISITAS

A participação nas atividades cotidianas oferece um importante grau de compreensão sobre as dinâmicas participativas espontâneas;

“Eu separo meu lixo em casa e quando minha amiga vem de Jaraguá ela leva. Se ela demora prá vir, eu mando para a coleta normal. É uma pena...”

“Lá onde eu trabalho [Centro de Gestão Empresarial] uma moça ligou e trouxe um monte de garrafas de champanhe, vinho e plástico (aquilo tudo que ela tinha bebido.....- risos), e colocou nas lixeiras seletivas que tem lá. Só que lá não tem coleta seletiva. Eu até liguei prá um e outro mas depois de um tempo juntei tudo de novo e joguei no lixo!”

“E as empresas que produzem embalagens, o que elas estão fazendo”

“Lá na minha casa passava! Agora não vem mais, só o caminhão de lixo normal.”

“Lá na minha escola nós fazemos. Eu ligo pro moço que compra e ele vem. Com esse dinheirinho nós até já estamos pensando em montar uma sala de computador na escola”

“Eu acho que deveria ter lugares onde a gente pudesse levar o lixo separado”

“E lá em Joinville, como funciona? Devíamos fazer um intercâmbio de idéias com eles”

Durante a palestra na UNIVILLE, SBS. - 31 de maio de 1999.

A participação do legislativo é constantemente solicitada para legitimar as ações do PRSD (Anexo 6);

“Nosso objetivo é tirar essas empresas que estão instaladas dentro de um rio que é o rio de captação aqui de São Bento. ...Tirar esse pessoal de lá e trazer para aqui que tem estrutura, esse terreno já foi preparado para isso... Aqui é lixo seco, não vai ter chorume, não vai ter nada. Mas, se acontecer de ter chorume, ele vai escorrer aqui e vai cair nas lagoas de decantação e vai ser tratado.... Esse é nosso objetivo, e nós não temos nenhum outro lugar aqui em São Bento que tenha uma estrutura dessas para que seja instaladas as empresas...

...Nós temos uma ala de vereadores que estão sendo pressionados, inclusive por pessoas daqui da região, que não querem, porque eles não estão entendendo o projeto. Eles acham que o pessoal vai separar aquele lixo que tá ali jogado [nas células]. Mas não é! Aqui vai simplesmente continuar como tá sendo lá. Os catadores de papelão, que não é lixo é matéria prima, vai ser simplesmente colocado aqui porque eles lá não tem espaço suficiente para trabalhar. E, como a prefeitura tem esse aqui e mesmo porque todos os caminhões de lixo vem e, se nesse caso tiver, por exemplo um fogão essas coisas assim, já fica para esse pessoal daqui e vai diminuir mais de 50% de volume do lixo, que é o nosso objetivo principal aqui no nosso aterro que nós queremos que dure muitos anos.” Vereador SBS em conversa durante a visita ao aterro sanitário controlado de SBS, 02 de junho de 1999

Embora haja um grande esforço da CECQ para envolver as pessoas dentro da problemática “lixo”, pergunta-se: *Como fazer para que essa disposição seja potencializada entre as pessoas?*

“Nosso serviço aqui é separar todo aquele lixo velho..... Colocar o lixo seco separado do lixo úmido. A população ainda não está separando muito bem o lixo úmido do seco. O importante é vocês separarem em casa o lixo úmido. Não precisa separar em casa lata, vidro, plástico...

...- Ninguém quer fazer nenhuma pergunta? (silêncio). Ninguém quer saber nada? (silêncio) Então acho que eu é que vou fazer uma pergunta!

...-Porque é importante separar o lixo? Quem sabe me responder? (silêncio) A separação do lixo é importante para preservar

...- “A NATUREZA! (todos)

...- Será que entenderam tudo?! Ou nós somos muito bons.... ou muito ruins... (risos)

Proprietário da Empresa responsável pela coleta (convencional e seletiva) de Campo Alegre em conversa com alunos da rede municipal na visita à empresa (atividade da Semana do Meio Ambiente); 01 de junho de 1.999 – Gravado em vídeo.

“Se as lagoas de decantação vão funcionar? O pessoal da universidade vai nos responder isso com o tempo...”

“...Mas esse é um problema técnico...O mundo inteiro tem técnicos, e eu quero acreditar que nós também temos aqui em São Bento...Daqui a 20 anos nós vamos ter uma solução técnica para resolver esse problema. Eu estou preocupado é com os problemas de agora.” Durante reunião com vereadores no aterro sanitário controlado SBS, 02 de junho de 1999.

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

Há um maior movimento (espontâneo) de participação e envolvimento quando as atividades mesclam o subjetivo dentro da realização do objetivo.

“Eu separo tudo direitinho. Ponho os plásticos e embalagens num saco separado e ponho lá fora. Não sei se eles coletam separado. O papel e o papelão eu separo e entrego para um moço que passa aqui toda semana” Conversa com morador em RN, 02 de junho de 1999

Os movimentos de articulação são intensos. Seja entre pessoas ou instituições locais ou regionais. *Será possível ou necessário compreender ou explicar isto, neste momento, ou é mais importante estimular essas atividades? Como fazê-lo?*

*“...As pessoas tinham que ter um pouco mais de consciência porque as vezes vem até animal morto, já veio cachorro, coelho, rato, assim tudo misturado. Eu acho que separando assim, conscientizando as pessoas, as pessoas podem colaborar não só com o meio ambiente, como prá gente também e prá eles também....
... Antes o lixo era mais limpo, quando tinha a empresa antiga, só que depois foi avacalhado e aí depois o povo acho que não gostou muito da procedência da outra empresa, né, e agora até retornar tudo o povo conscientizar as coisas vai demorar um pouco, mas já tá melhor, sabe...”*

... Você gosta do trabalho que tá fazendo?

...Eu gosto, me amarro! Você encontra cada coisa curiosa. Os enfeites que nós temos no barracão é tudo reciclado.... Vamos fazer uma campanha porque vem muita roupa, olha só aqui, a gente vai separar o que tá bom, mandar lavar e depois distribuir prá aqueles necessitados, né, que nem todo mundo tem a incumbência ou a solidariedade de fazer isso”

Conversa com funcionária (realiza a separação do material coletado seletivamente) da empresa responsável pela coleta (convencional e seletiva) de Campo Alegre; 01 de junho de 1999 gravada em vídeo.

3.1.6 *Execução* – Aplicação Piloto (quinta etapa)

A) DINÂMICA METODOLÓGICA – Desenvolvimento da avaliação

Durante o intervalo que se deu entre o lançamento da avaliação e a execução da atividade piloto, mantivemos contatos com o CCCQ para encaminhar a organização da promoção e organização da atividade. Entre esses contatos enviamos material de apoio para desenvolvimentos dos trabalhos locais que incluíam a assessoria voluntária dos consultores das Assoc. Comerciais de RN e SBS (Figuras 23 e 23.1).

Durante este período a CECQ preparou agenda as para aplicações piloto (uma por município, sendo: dia 15/06 em SBS, dia 16 de junho em Campo Alegre e dia 17 em Rio Negrinho) que tinham como principal objetivo dar-nos subsídios para elaboração dos instrumentos de avaliação.

“O cara que é um bom líder é aquele que deixa outras lideranças surgirem. Ele faz com que cada um ache seu espaço de liderança. Uns são bons oradores, outros bem organizados, uns ativos, outros que conhecem muita gente e por aí vai. Não existe um único tipo de liderança, o cara líder é o que se sente seguro da tarefa que tá realizando.... Bom mesmo é trocar as lideranças do grupos de vez em quando. Ai, muitas vezes o ritmo cai, mas não devemos fazer nada, é assim mesmo.” Reunião de preparação para 1ª atividade da avaliação de Projeto Lixo. 14 de julho

No dia 14 de junho iniciamos nossa sexta semana de campo realizando reunião com os moderadores, buscando adequar a proposta teórica com o instrumento de moderação escolhidos para a condução das reuniões. Metodologia METAPLAN (GTZ). Foram definidas três perguntas provocadoras para discussão:

1ª - *O que minha entidade está fazendo para ajudar na reciclagem de lixo?;*

2ª - *Porque estamos agindo assim?;*

3ª - *O que minha entidade pode fazer para ajudar na reciclagem de lixo?*

Por circunstâncias diversas, as reuniões de Campo Alegre e Rio Negrinho foram adiadas. Em reunião realizada dia 15 de junho entre todos os membros da CECQ e GMT (CA, RN, SBS) buscou-se adequar a situação à nova realidade¹¹⁰. Nesta mesma

¹¹⁰ A princípio pensou-se em adiar a execução da etapa piloto. Mas por decisão coletiva, manteve-se a reunião no bairro de Serra Alta (SBS) sendo essa considerada a etapa piloto.

ocasião também realizou-se a integração entre os moderadores e a CECQ com o objetivo de criar uma unidade de discurso para ação a ser realizada junto a sociedade local.

“... A dinâmica de um grupo é a cara do seu líder. O mais importante quando se trabalha em grupo, é deixar que as lideranças apareçam.” Reunião de preparação para 1ª atividade da avaliação de Projeto Lixo. 14 de julho

No mesmo dia 15, à noite, foi realizada a reunião, que apresentaremos em forma de relatório¹¹¹. (Figuras 24, 24.1, 24.2, 24.3)

¹¹¹ Este relatório foi enviado a CECQ como colaboração à sistematização da reunião.

FIGURA 23. PROPOSTA PARA REUNIÕES DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA (1/2)

PROPOSTA DE ESTRUTURAÇÃO DAS REUNIÕES DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA

a) TEMA – Avaliação do PRSD

⇒ **Categoria de avaliação que utilizaremos:** **Formativa** - por estar sendo realizada durante a execução do programa com objetivo de aperfeiçoá-lo); **Diagnóstica** - para se conhecer a realidade do projeto objeto da avaliação; **Auto-avaliativa** - por ser conduzida pelos próprios responsáveis do programa - Vertentes Institucional e Comunitária; **Participativa** - devido ao fato de todos os envolvidos no programa - sociedade organizada - serem chamados a participar da condução e realização da avaliação.

⇒ **Conceito:** Processo de (re)conhecimento de acertos e falhas das ações desenvolvidas, com objetivo de adequá-las (adaptá-las) ao contexto atual tendo como horizonte o futuro desejado.

⇒ **O que é necessário (re)conhecer?** - As **ações** (realizadas e em andamento), o **contexto atual** e o **futuro desejado**.

B) OBJETO – Nosso Lixo Doméstico - como **Produto** (o lixo) e como **Processo** (produção, tratamento e disposição).

C) APLICAÇÃO – Em nível Local e em 4 momentos distintos:

➔ **1º Momento** : *Para construção (Forma/conteúdo) do instrumento de avaliação:*

Participantes: Lideranças – secretarias municipais (saúde, educação, desenvolvimento comunitário), políticas (vereadores e políticos), clubes de serviço, comunitária, empresariais, institucionais (universidades, EPAGRI, etc.), COMDEMA, ONG's .

Instituição (organização)	Papel no programa	Vantagem de participar
Executivo	Promove (legítima institucionalmente)	viabiliza melhor serviço
Legislativo	Legisla (legítima juridicamente)	responde aos interesses da sociedade
Político	Articula (legítima socialmente)	
Comunitário	Usa (legítima culturalmente)	recebe melhor serviço
Empresa (formal/informal)	Presta (legítima economicamente)	Aumenta a eficiência do serviço
Técnica	Normatiza (legítima tecnicamente)	Aumenta a eficácia do serviço
Ambiental	Integra (legítima a sustentabilidade)	Possibilita a efetividade

Objetivo:

1. A partir da explicitação do **tema e objeto**, CONHECER o que cada segmento entende, imagina ou acredita, como solução possível.
2. CONFRONTAR as soluções individuais (dos segmentos) e a partir deste (re)conhecimento dos conflitos e concordâncias, configurar um quadro de possibilidades de soluções integradas (linhas de ação).
3. Do quadro de possibilidades, aprofundar o questionamento com objetivo de obter o conjunto de informações adicionais que são necessárias para (RE)ORIENTAR as linhas de ação propostas.
4. Discutir as melhores formas de aplicação do instrumento por segmento dentro das experiências individuais das lideranças. ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO por segmento.
5. A partir destes dados levantados serão desenvolvidos os instrumentos (Equipe do Consórcio e Elizabeth) para posterior distribuição para cada segmento fazer a aplicação.

FIGURA 23.1. PROPOSTA PARA REUNIÕES DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA (2/2)

→ **2º Momento** : *Aplicação do instrumento de avaliação por segmento:*

Participantes: A sociedade local

Objetivo: Obter dados e promover ações ligadas à questão do lixo.

→ **3º Momento** : *Integração de resultados:*

Participantes: Lideranças e sociedade local

Objetivo: Integrar as informações dos diferentes segmentos para obter uma visão do lixo local. (Nosso lixo local)

→ **4º Momento** : *Propostas de ação coordenada*

Participantes: Lideranças e sociedade local

Objetivo: Sistematizar os resultados e criar um documento que contemple as soluções propostas. (Nossa Solução Participativa)

ALGUMAS PERGUNTAS NORTEADORAS (por segmentos):

(sugestões de perguntas que dão o teor que esperamos dos resultados das reuniões para auxiliar na construção de instrumentos de avaliação onde possamos avançar na questão).

Sobre o produto (lixo) e sobre seu processo:

- *Como o lixo aparece em nossa comunidade (escola, empresa, secretaria, clube etc.)?*
- *Como nos desfazemos dele?*
- *No nosso lixo existem produtos que podem ser reaproveitados para coleta seletiva? Quais são os tipos? Em que quantidades?*
- *Que tipo de destinação queremos dar para nosso lixo reciclável (Doação, venda, coleta sem ônus etc.)?*
- *Que tipo de coleta é mais adequada para nossa comunidade (escola, empresa, secretaria, clube etc.) (P.E.V. - ponto de entrega voluntária, Coleta porta a porta etc.)?*
- *Já existe algum programa interno de coleta seletiva na nossa comunidade (escola, empresa, secretaria etc.)? Qual o objetivo do programa? Quem é o responsável? Como o programa é feito?*
- *Em nossa comunidade (escola, empresa, secretaria etc.) conhecemos pessoas ou empresas que fazem coleta seletiva? Que produtos coletam? Como é prestado esse serviço? Como entrar em contato com estas pessoas/empresas?*
- *Como podemos contribuir em nossa comunidade (escola, empresa, secretaria, clube etc.) para a solução de nosso lixo?*
- *Que tipo de informações e materiais precisamos para fazer um trabalho interno sobre reciclagem de lixo em nossa comunidade (escola, empresa, secretaria, clube etc.)?*

ATENÇÃO ESPECIAL PARA:

- **TABULAÇÃO E ANÁLISE** – criar procedimentos e instrumentos que facilitem a tarefa de tabulação de resultados;
- **DIVULGAÇÃO** – criar sistemática de divulgação dos resultados – parciais e finais, da avaliação como forma de aumentar o envolvimento da sociedade;
- **MONITORAMENTO** – criar procedimentos de sistematização de dados e informações que possibilitem avaliações periódicas do andamento do programa.

FIGURA 24. RELATÓRIO SÍNTESE DA ATIVIDADE (PILOTO) DE AVALIAÇÃO (1/4)

1º ENCONTRO COM A COMUNIDADE DE SERRA ALTA

Evento: 1ª Reunião de Avaliação do Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos;

Participantes: Alunos do CAIC, Presidentes da APP (2), Representantes da Escola (2), Empresas prestadoras de serviço de coleta e comercialização (2), Grupo de Trabalho do Consórcio (3). Total: 40 Participantes;

Moderador : Representante da Assoc. Com. Industrial ;

Documentação: Tarjetas de resposta e gravação (informal) em vídeo.

ROTEIRO DA APRESENTAÇÃO

- **INTRODUÇÃO AOS TRABALHOS** (vereador e membro do GMT(SBS) do Consórcio);
- **APRESENTAÇÃO DO TEMA DO ENCONTRO** – (Pesquisadora UFSC)

1º MOVIMENTO:

Preparação do ambiente para discussão temática através do uso de uma história:

“ Certa vez, um Rei reuniu alguns homens cegos ao redor de um Elefante e lhes perguntou o que lhes parecia ser. O primeiro apalpou a presa e disse que o elefante parecia a uma gigantesca cenoura; o outro tocando-lhe a orelha, disse que se parecia a um grande leque; outro apalpando-lhe a tromba, concluiu que o elefante parecia um pilão; outro ainda, agarrando-lhe a cauda disse que o Elefante era semelhante a uma corda. Nenhum deles foi capaz de descrever ao Rei a forma REAL do Elefante.”

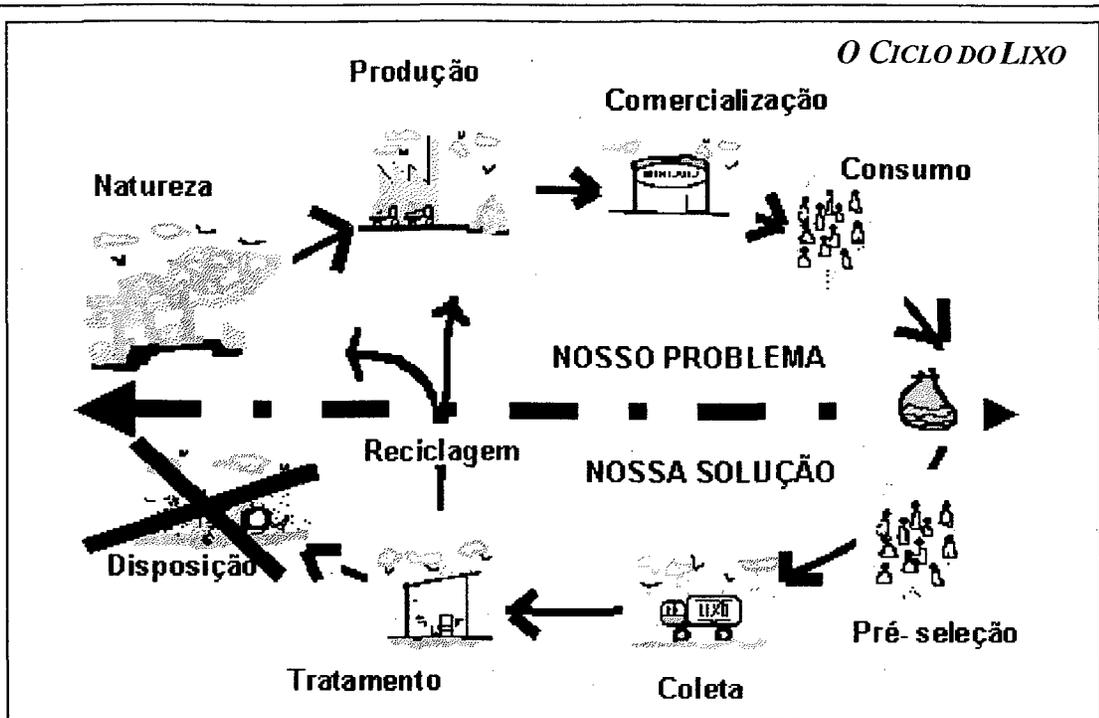
2º MOVIMENTO:

Apresentação do tema (Elefante) - “O ciclo do Lixo”

Esta apresentação teve como objetivo evidenciar os diferentes atores presentes na produção e no descarte no lixo, bem como seus relacionamentos com a questão. Desta apresentação busco criar o entendimento de que há um momento de construção do problema (o lixo) e também o da construção de sua solução.

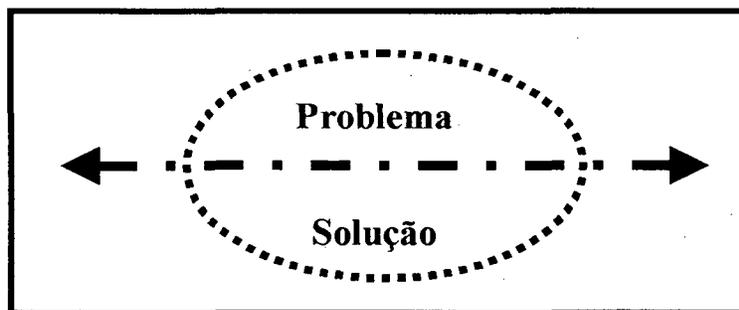
Utilizamos um esquema básico do ciclo do lixo e vamos adicionando os agentes que contribuem para sua estruturação. Depois de montado o ciclo completo trabalhamos com a divisão do momento de construção do problema e o momento onde se procura resolvê-lo.

FIGURA 24.1. RELATÓRIO SÍNTESE DA ATIVIDADE (PILOTO) DE AVALIAÇÃO (2/4)



3º MOVIMENTO

Apresentação da forma como vamos conduzir a discussão



TODOS QUE PARTICIPAM DA CONSTRUÇÃO DO NOSSO PROBLEMAS PARTICIPAM TAMBÉM DA CONSTRUÇÃO DA NOSSA SOLUÇÃO

O que a Solução não é:

- | | |
|---|---------------------------|
| ⇒ PURAMENTE TÉCNICA | ⇒ POSSÍVEL DE SER COPIADA |
| ⇒ SIMPLES | ⇒ DISSOCIADA DO PROBLEMA |
| ⇒ RESPONSABILIDADE DE UM SÓ SEGMENTO DA SOCIEDADE | ⇒ IMPOSSÍVEL |

A partir dessa reflexão, iniciamos o trabalho sobre a construção da solução através da atividade realizada pelo moderador.

FIGURA 24.2. RELATÓRIO SÍNTESE DA ATIVIDADE (PILOTO) DE AVALIAÇÃO (3/4)

- MODERAÇÃO – Técnica de moderação – Visualização Móvel (GTZ)

1º MOVIMENTO

Apresentação da forma de trabalho

2º MOVIMENTO

Apresentação da 1ª pergunta (*O que minha entidade está fazendo para ajudar na reciclagem de lixo?*) com um convite para que os participantes se reúnam em grupo (por entidade) e preparem as respostas colocando-as em tarjetas de papel – uma resposta por tarjeta.

3º MOVIMENTO

Ordenação das respostas (as tarjetas) em quadro e reflexão do grupo sobre o apresentado.

Respostas

- . É importante as escolas incentivarem os alunos para fazer a reciclagem em casa
- . Os alunos estão empenhados e bem conscientizados em relação a reciclagem.
- . Nós alunos sabemos dos problemas que o lixo pode trazer, por isso apoiamos a reciclagem.
- . Está orientando os alunos.
- . Escola. Separa o tipo de lixo com a ajuda dos alunos.
- . Está fazendo uma gincana para arrecadar papel.
- . Reciclando cada vez mais sucata.
- . Coordenação.
- . Divulgação.
- . Diagnóstico e levantamento.
- . Idealização.
- . Articulação.
- . Orientando as pessoas na separação de lixos para reciclagem.
- . Fazendo a coleta, reciclando e arrecadando.
- . Ainda tem muitas dúvidas.
- . Está separando o lixo.
- . A prefeitura deveria distribuir sacos para a separação do lixo.
- . Separando o lixo. Vidros, plásticos etc..
- . O mais importante é separar o lixo.
- . Colocar o lixo nos lugares de coleta.

4º MOVIMENTO

APRESENTAÇÃO DA 3ª PERGUNTA:

O que minha entidade pode fazer para ajudar na reciclagem de lixo?

(COM A MESMA DINÂMICA ANTERIOR)

(POR DECISÃO DO MODERADOR A SEGUNDA PERGUNTA: *Porque estamos agindo assim?*

NÃO FOI FEITA)

FIGURA 24.3. RELATÓRIO SÍNTESE DA ATIVIDADE (PILOTO) DE AVALIAÇÃO (4/4)

5º MOVIMENTO

Ordenação e reflexão em grupo para definir a priorização das respostas

Resposta / priorização (nº votos)
<p>1. DIVULGAÇÃO MAIS DETALHADA. (9)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Fazer uma divulgação entre os vizinhos. . Divulgação dos problemas causados pelo lixo. . Mais divulgação e esclarecimento. . Divulgar mais a separação do lixo. . Fazer mais divulgação nas rádios e nos jornais. Muitas pessoas não sabem como separar o lixo para reciclagem. . Divulgar mais esse trabalho.
<p>2. CAMPANHA DE RECICLAGEM (3)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Campanhas. . O colégio deveria fazer promoção incentivando os alunos. . Fazer mais campanhas para arrecadar mais lixos. . Gincanas para arrecadar papeis, vidros, latas, etc... . Incentivarem os alunos a separação do lixo na escola e também em casa. . Dar incentivo nos salões após o termino os lixos são jogados na rua.
<p>3. POSTOS DE COLETA. (3)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Criar um posto de coleta com os tipos de lixo. . Coletores com cores diferentes para cada tipo de lixo nas escolas e entidades. . Nomeando as cestas com os tipos de lixo. . Colocar em certos pontos lixões.
<p>4. CONSCIENTIZAÇÃO DOS FILHOS (2)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Educar os filhos mostrando a importância da reciclagem.
<p>5. FORMAS DE REAPROVEITAMENTO (1)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Trabalhando manuais com o lixo reciclável . Mostrar como está sendo aproveitado o lixo
<p>6. MELHORAR A COLETA (1)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Fazendo apanhe em todo lugar que tenha lixo reciclável . A coleta deveria ser feita mais vezes por semana. . Divulgar os dias certos para coleta, pois as vezes trocam.
<p>7. MOSTRAR OS BENEFÍCIOS DA DIMINUIÇÃO DO ATERRO SANITÁRIO. (0)</p>
<p>8. ATRAIR EMPRESAS QUE INDUSTRIALIZEM. (0)</p>

- **FECHAMENTO** - Preparação para os próximos encontros onde serão trabalhada os diagnósticos setoriais do lixo doméstico – Cadernos de Avaliação Participativa.

B) DINÂMICA TEMÁTICA - *O Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos*

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

Os participantes sentem-se muito próximos da temática (conhecem individualmente os processos), fato que potencializa o espaço para propostas originais; Esse conhecimento, na maioria das vezes, restringe-se a seu universo operacional, fato que potencializa as articulações entre diferentes setores;

“Eu acho muito importante que as crianças participem, mas não será que nós adulto não estamos nos acomodando!”

Aqui na escola nós já realizamos a separação. Eu acho muito simples de fazer aqui. Nosso lixo é basicamente papel. Já em casa a coisa complica. Tem muitos tipos de lixo e as vezes é difícil de limpar direito” 1ª Reunião de Avaliação de PRSD, Bairro Serra Alta. 15 de julho

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

Há boa receptividade a questão participativa no tema. Existem boa receptividade por parte nas pessoas de SBS em ampliar a estrutura formal de coleta seletiva (que se restringe a informalidade ou então a coleta residencial somente no bairro de Serra Alta) a partir de pontos de entrega voluntária.

D) DINÂMICA PARTICIPATIVA – *A prática participativa local*

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

As reuniões apresentam um importante espaço de expressão individual porém a efetivação dessa expressão requer aprendizado participativo;

O resultado das ações coletivas dependem com muita sensibilidade da interação (relação empática) que o moderador desenvolve com o grupo;

A etapa “pré-reunião” tem tanta importância quanto a própria reunião, e não só diz respeito a quem a promove. Todos que participam também a realizam (de alguma forma – espontânea ou intencional)

INFORMAÇÕES E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS OBTIDAS EM CONVERSAS

Estabelecer um espaço de cooperação entre participantes cria possibilidade de respostas mais próximas das demandas coletivas; Lideranças pode se expressar em diferentes momentos e graus. Precisa-se tanto de “bons líderes”, quanto “bons participantes”.

3.1.6.1 *PRINCIPAIS APRENDIZADOS DAS ETAPAS – REFLEXÕES PARA AÇÃO*

Por ter sido realizada em dois momentos distintos, a etapa de execução representou nossa última etapa de atuação junto ao campo (a sexta semana de trabalho local - conforme estabelecido pelo cronograma inicial). No início da pesquisa esperávamos ter chegado aqui a formulação de procedimentos, instrumentos da avaliação e avaliação da aplicação piloto para ajustes. Porém, devido imposição da própria dinâmica participativa do processo, não foi possível completar coletivamente os trabalhos de campo.

Neste momento, pudemos compreender que independente dos produtos originalmente criados em campo já havíamos estabelecido com a CECQ um espaço produtivo que poderia se estender para além das fronteiras físicas da convivência em campo. Afinal já estávamos trabalhando juntos desde o início do processo de desenvolvimento metodológico para a avaliação do PRSD e justamente por isso já tínhamos criado um conjunto de entendimentos mútuos que definiu nosso espaço de ação individualizado e nossa responsabilidade participativa junto ao processo.

Na tabela 28 apresentamos os aprendizados desta etapa.

TABELA 28. APRENDIZADO DA ETAPA DE EXECUÇÃO – EXECUÇÃO / APLICAÇÃO PILOTO

Dinâmicas	Da Ação - olhar prático	Da Observação - olhar teórico
Metodológica	<p>Metodologia existe enquanto atividade de organização da ação. Na hora da ação ela só é visualizada se os conceitos já estão internalizados.</p> <p>Há que se avançar na construção das instrumentos participativos. Sejam seminários, reuniões ou cadernos. É preciso assumir uma postura ativa para dar estrutura (organização) ao processo.</p>	<p>A inclusão da Promoção como etapa metodológica tem fundamental importância quanto a:</p> <ul style="list-style-type: none"> . possibilidade de estabelecer objetivos comuns (participativos) já no início do desenvolvimento das atividades do planejamento (por ser esta a 1ª etapa da metodologia; . sua replicação durante o processo permite dinamizar estes objetivos (adequando-os ao movimento do processo) <p>a avaliação, enquanto etapa metodológica, não apresenta elementos suficientes para garantir sustentação. Ao que parece a avaliação tem sua legitimidade somente frente a problemas explícito.</p> <p>Para compreender o processo, observar o produto em suas principais características qualitativas.</p>
Temática	<p>O tema “lixo” não possui apelo social na região. Seu apelo é basicamente ecológico ou econômico.</p> <p>O tema “lixo” já despertou no espaço local um movimento de solução., revertendo o quadro restritivo que o confinava como problema.</p>	<p>Há grande confiança nas soluções científicas para o problema dos resíduos sólidos domésticos.</p> <p>Desenvolver um trabalho participativo a partir de um tema participativo potencializa as respostas.</p>
Participativa	<p>A força da espontaneidade dos membros da CECQ faz com que mesmos as ações realizadas para induzir a participação sejam transformadas em atividades mais flexíveis, menos racionalizadas;</p> <p>A dinâmica local já se apropriou da linguagem do “lixo” enquanto forma de exercício participativo, cada seguimento já está atuando a seua forma.</p>	<p>Participação é uma atitude que independe de meios, embora estes a potencializem;</p> <p>O trato participativo exige que todos estejam preparados (sejam os emissores – provocadores - ou os receptores)</p> <p>Atitudes de cooperação podem gerar respostas coletiva. Em contraposição a competitiva que gera respostas individuais.</p>

3.1.7 Avaliação (sexta etapa)

A) DINÂMICA METODOLÓGICA – Desenvolvimento da avaliação

A etapa de avaliação foi desenvolvida individualmente pela pesquisadora, coletivizada em um relatório formal sobre a experiência em campo¹¹² (figura 25). A realização desta avaliação e a análise sobre a evolução do processo local nos conduziu a (re)assumimos postura de emissor preparando o **caderno de avaliação** piloto para ser submetido a CECQ.

Buscamos colocar neste instrumento (produto) **as bases do nosso aprendizado**, retiradas da fase de trabalho coletivo de campo. Na figuras 26 e 27 apresentamos a proposta conceitual (estrutura e conteúdo) deste caderno, e no Anexo 7 sua configuração formal.

No Anexo 8¹¹³ reproduzimos (parcialmente) o documento entregue a CECQ que representou nossa contribuição formal as atividades desenvolvidas em campo no período de 6 semanas que estivemos ativamente participando dos trabalhos locais sobre a temática do “lixo”. Consideramos nesse momento como encerradas a apresentação das atividades desta fase da pesquisa.

Não que não tenhamos dado outros passos junto com o espaço local. Mas, será a partir do aprendizado retirado deste movimento de seis semanas de trabalho coletivo que faremos nossas próximas considerações. Um momento (re)visitação teórica e prática onde apresentaremos os elementos que ajudaram a construir nossa prática.

¹¹² Também foi possível discuti-la pessoalmente a partir de conversas ocorridas durante outras atividades já não mais ligadas diretamente ao desenvolvimento metodológico da avaliação do PRSD. (ver Anexo 5 – atividades complementares)

¹¹³ Organizamos como forma de sistematização das atividades de campo os materiais e produtos trabalhados durante o desenvolvimento metodológico da pesquisa. Apresentamos no Anexo 7 o sumário deste material e o item 14 (“*Elementos de Sustentação*” - um elemento importante e que ainda não tinha sido apresentado formalmente neste documento por Ter sido produzido posterior a esta fase) mas, foi a partir desta leitura da sustentação que percebemos a importância da integração das dinâmicas metodológica, temática e participativa que compuseram a apresentação formal deste capítulo. Este item será trabalhado posteriormente durante a análise do trabalho de campo no capítulo IV.

FIGURA 25. RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE PILOTO

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO PILOTO DA AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA DO PROJETO DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMÉSTICOS DO CONSÓRCIO QUIRIRI

O objetivo da realização desta análise da atividade é fazer uma reflexão crítica onde possamos avaliar o que houve de positivo e também onde é possível melhorar. Desta forma apresento minhas considerações sobre este evento:

1. Sobre a metodologia de avaliação:

Pelo que pude observar neste primeiro evento, a metodologia proposta poderia alcançar melhor resultado se houvesse mais envolvimento dos participante. Essa falta de envolvimento ou até de entendimento da atividade proposta deve merecer atenção especial na próxima aplicação junto a sociedade local. Minha proposta é de que deve-se investir tempo na apresentação inicial não só do tema LIXO mas também na dinâmica proposta para realização da avaliação como um todo.

2. Sobre a metodologia de moderação:

A técnica de moderação utilizada se adequou muito bem a esta etapa da avaliação proposta. Podemos trabalhar mais na identificação dos grupos (setores) participantes e também na explicação clara do que queremos obter com a reunião.

3. Sobre a dinâmica participativa:

A atividade teve seu resultado prejudicado pela baixa representatividade local, porém esse fato não invalida o resultado obtido, que serviu tanto como teste da metodologia proposta como também de treinamento para seus mediadores.

Ficou claro que quanto mais segmentos estiverem participando do evento mais será possível avançar na execução da avaliação e também do projeto de lixo como um todo.

4. Sobre os resultados obtidos:

Os quadros II e II¹¹⁴ nos dão a dimensão da riqueza que podemos obter com a utilização desta metodologia. Ela pode nos auxiliar tanto na obtenção de dados e informações locais como também no incentivo à participação efetiva da sociedade no envolvimento da busca de soluções.

Minha indicação para o caso do Bairro de Serra Alta é que se repita a aplicação com um trabalho mais intenso de promoção para que os resultados sejam satisfatórios para a realização da próxima etapa: os cadernos de avaliação aplicados por segmento.

5. Sobre a participação dos promotores da atividade:

Tendo em vista que esse é um trabalho que envolve a dimensão participativa de toda sociedade local, e que quem promove esta etapa de avaliação é o Consórcio Quiriri, que tem seu principal papel a articulação entre outros de coordenação, vejo como importante frisar que o esforço de promoção da atividade deve se intensificar em todos os segmentos locais e não só o comunitário. O envolvimento do setor público, através das secretarias executivas, dos meios de comunicação locais e do setor político é de extrema utilidade para que possamos atingir o objetivo desta trabalho, qual seja: Promover a sustentação do programa.

¹¹⁴ Apresentados na Figura 24 (p. 149 e 150).

FIGURA 26. PROPOSTA DE CADERNO DE AVALIAÇÃO - CONCEITUAL

PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO DO CADERNO DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA

1. CONTEÚDO: Caderno de Avaliação Participante Nosso Lixo

Características Gerais

Este caderno de avaliação, tem como principal objetivo criar um espaço de discussão local sobre a questão de NOSSO LIXO. É um instrumento Qualitativo. Por isso, deve ser considerado de forma processual onde os resultados obtidos deverão ser medidos através das ações que forem desencadeadas a partir dele.

Em sua elaboração (forma), buscamos tratá-lo como um instrumento que contém as principais informações que possibilitem sua posterior análise. Em seu conteúdo, buscamos estabelecer um eixo de construção que parte da compreensão local sobre o problema e vai caminhando em direção às ações de solução.

Anexo, apresentamos proposta do CADERNO DE AVALIAÇÃO PARTICIPANTE NOSSO LIXO – Estrutura e Conteúdo (Figura 27) Capa (Figura 28) e Boneco (Anexo 7)

2. PROPOSTA DE APLICAÇÃO:

Para a aplicação dos cadernos junto a sociedade local, propomos a mesma sistemática já utilizada com sucesso pelo consórcio:

1º Momento: Reunião com as lideranças de todo conjunto da sociedade do município, para apresentar o instrumento, fazendo sua aplicação com os participantes. O objetivo será discutir o caderno, apresentar suas potencialidades e possibilidades de articulação com cada tipo de entidade. (associações, escolas, clubes, secretarias etc.) e definir as estratégias de aplicação por segmento e os procedimentos posteriores a aplicação. – Os cadernos produzidos junto às lideranças servirão como material de apoio para o 3º momento.

2º Momento: Aplicação do caderno junto as entidades (associações, escolas, clubes, secretarias etc.), reunindo no documento todo material produzido durante as discussões locais.

3º Momento: Nova reunião com às lideranças onde serão recebidos os cadernos produzidos pelas entidades, discutidos os resultados qualitativos das reuniões e definidas as estratégias para avanço do processo.

OBSERVAÇÃO:

- ✓ *É importante, para manter a sociedade informada sobre as atividades realizadas sobre o tema lixo, que ao fim de cada reunião tenha-se um material síntese que servirá para divulgação dos trabalhos realizados e também para que as lideranças possam levar a suas entidades.*
- ✓ *É importante que TODO material produzido durante as reuniões seja organizado para que a sociedade (escolas, instituições, secretarias, etc.) possa fazer uso das informações e também para garantir a sistematização dos trabalhos.*

CADERNO DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA – NOSSO LIXO

• CAPA

Na capa estarão as informações gerais que caracterizam os participantes (entidade, localidade, responsável e data), mas também o grau de representatividade das respostas (relação n.º de associados x n.º de participantes). Além disso, foram adicionadas informações de caracterização referentes a outros participantes externos a entidade e a presença de material anexo ao caderno.

• CONTRA CAPA - Mensagem do consórcio.

• PRIMEIRA PARTE: NOSSO LIXO

Duas perguntas gerais sobre o tema para introduzir a questão na discussão e conhecer a visão /posição do grupo frente ao tema.

OS CAMINHOS DO LIXO

Figura – Ciclo do Lixo: O momento onde é apresentada a visão processual do lixo que será trabalhada. Apresenta-se um esquema e uma frase: “ *Todos que participam da construção do NOSSO PROBLEMA devem participar da construção de NOSSA SOLUÇÃO*”.

Texto: Momento onde busca-se estabelecer identidade individual dos participantes com o processo descrito na figura.

• SEGUNDA PARTE: COMO PARTICIPAMOS NA PRODUÇÃO DO NOSSO LIXO?

São apresentadas três perguntas, com a intenção de dar início ao eixo de condução do trabalho. A construção do PROBLEMA - O reconhecimento de nossa contribuição.

• TERCEIRA PARTE: COMO TEMOS PARTICIPADO DA SOLUÇÃO DO NOSSO LIXO?

São apresentadas duas perguntas, com a intenção de reconhecer as ações que já estamos realizando de forma autônoma, expandindo o leque de ação para além das fronteiras da entidade.

• QUARTA PARTE: NOSSAS PROPOSTAS DE AÇÃO:

São apresentadas duas perguntas, com a intenção de provocar ações imediatas.

• QUINTA PARTE: NOSSA AVALIAÇÃO:

São apresentadas duas perguntas, com objetivo de fechar os trabalhos com uma contribuição do grupo para melhorá-lo e também para compreender o grau de avanço alcançado na atividade.

• SEXTA PARTE: LISTA DE PRESENÇA:

A lista é colocada no próprio instrumento como forma de compor o grupo de informações referentes à atividade.

FIGURA 28. CAPA DO CADERNO DE AVALIAÇÃO¹¹⁵

PROGRAMA DE TRATAMENTO PARTICIPATIVO DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Caderno de Avaliação Participativa *Nosso Lixo*



Consórcio Quiriri **Campo Alegre – São Bento do Sul – Rio Negrinho**

Dados Gerais da Atividade

Entidade: _____

Município: _____ Localidade: _____

Responsável Pelo Preenchimento: _____ Data: ___/___/___

Nossa entidade representa: _____ associados. Quantos participantes preencheram o caderno: _____

Estavam presentes representantes de outras entidades nessa atividade: () Não () Sim

() Secretaria de Educação () Secretaria de Saúde () Secretaria de Assuntos Comunitários

() Consórcio Quiriri () Outras: _____

Existe materia anexo: () Não () Sim Que tipo: _____

Quantas folhas: _____

¹¹⁵ Boneco completo no anexo 7

“A compreensão [que nada tem absolutamente que ver com o intelecto ou as emoções] só pode verificar-se quando há uma crise enorme, para a qual não encontramos solução...As vezes nos vemos em presença de um problema cuja solução não temos possibilidade de encontrar: fazemos consultas, conversamos com pessoas, investigamos, utilizamos todos os métodos de análise etc. etc. - e não encontramos solução alguma. E, depois de termos, por assim dizer, jogado para o lado o problema, nasce subitamente, uma compreensão, uma claridade; porque a mente, num dado momento, se tornou sobremodo quieta em relação ao problema, e é só então que pode haver compreensão.”

Krishnamurti

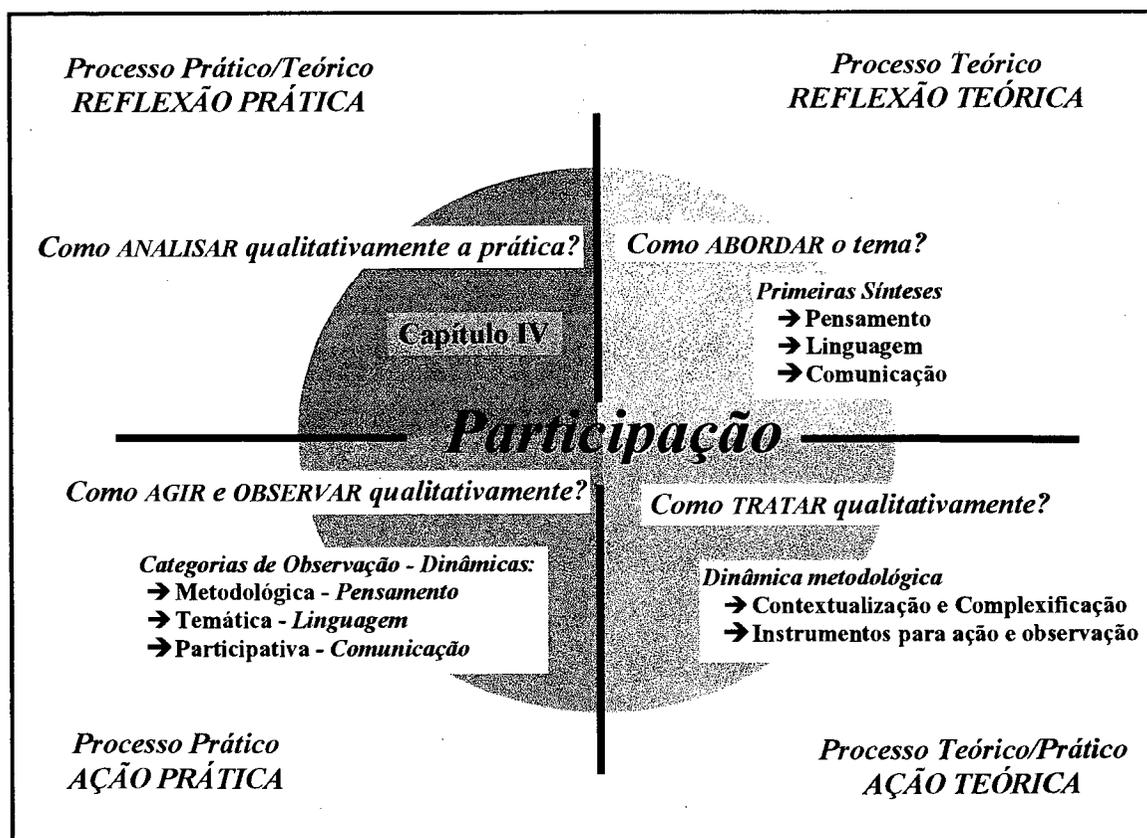
CAPÍTULO IV

4 PARTICIPAÇÃO - (RE)ELABORANDO OS ENSINAMENTOS

Como proposta inicial de tratamento para este capítulo, reorganizamos sinteticamente os **produtos e processos** desenvolvidos ao longo da pesquisa. Buscamos desta forma estabelecer *um espaço para o exercício teórico coletivo* visando expandir nossa capacidade de (re)criar sínteses individuais do já realizado.

Na figura 29, resgatamos a dinâmica da pesquisa, buscando oferecer a visualização deste desenvolvimento processual, dentro de seus dois principais aspectos: *teoria e prática*. Isso porque voltamos a ser impressionados pelo olhar teórico, renovados pela prática e, de novo, nos questionamos: *Como analisar qualitativamente a experiência prática?*

FIGURA 29. DINÂMICA DA PESQUISA – AÇÃO PRÁTICA



Nesta figura, representa-se os questionamentos que direcionaram o desenvolvimento da pesquisa onde inicialmente estávamos no processo teórico obtendo como **produto** idéias e conceitos de suporte para a reflexão sobre *participação*. Este momento foi enriquecendo-se a partir da aproximação à questão prática conferida pela contextualização e complexificação do **Objeto** de estudo.

Na seqüência, entramos no processo prático que resultou no produto “*Metodologia de Avaliação Participativa para o Projeto de Resíduos Sólidos Doméstico do Consórcio Quiriri – procedimentos e instrumentos*”.

Esta mesma leitura pode ser realizada a partir da tabela 29, onde relaciona-se (numa outra linguagem) *etapas, processos e produtos*, que indicam nossos avanços de aprendizado.

TABELA 29. PROCESSOS E PRODUTOS - FASES PRÉ-CAMPO E CAMPO

Fases da pesquisa	Processos	Produtos
PRÉ-CAMPO	Desenvolvimento teórico inicial	✓ Primeiras Síntese – Pensamento; Linguagem; Comunicação.
	CONTEXTUALIZAÇÃO - Cenário e Objeto	✓ Reconhecimento da necessidade de complexificação
	COMPLEXIFICAÇÃO - Teórica e Metodológica	✓ Matriz Temática (Tabela 12), ✓ Sínteses Temáticas (Tabela 17), ✓ Proposta de Replicação Metodológica (Figura 13); ✓ Construção Local de Conhecimento (Figura 14); ✓ Proposta de Replicação Metodológica para etapa de Avaliação (Figura 15); ✓ Sínteses Temáticas - Qualidade (Tabela 17); ✓ Roteiro de Trabalho em Campo (Tabela 18);
CAMPO	AÇÃO - Atividades de Pesquisa Participante com aplicação dos produtos da fase anterior para construir metodologia de Avaliação. Processos sintetizados pelas observações das Dinâmicas Metodológicas, Temáticas e Participativas, apresentadas semanalmente.	✓ Pré-proposta de desenvolvimento Metodológico (Figura 18); ✓ Projeto de Avaliação do PRSD (Figura 19); ✓ Quadro de Contextualização (Figura 20); ✓ Complexificação da Temática (Figura 21); ✓ Projeto de Avaliação Participativa do PRSD (Figura 22); ✓ Proposta para reunião de avaliação participativa (figura 23); ✓ Relatório Síntese da Atividade Piloto (Figura 24); ✓ Relatório de Avaliação da Aplicação Piloto; (Figura 25); ✓ Proposta de Caderno de Avaliação Participativa (Figura 26, 27 e 28); ✓ Caderno de Avaliação Participativa (Anexo 7)
	OBSERVAÇÃO	✓ Aprendizados das Etapas (Tabelas: 23, 27, 28)

Se, na **etapa pré-campo**, criamos elementos para conseguir estabelecer uma conexão (nossa possibilidade de aprendizado) com um conhecimento ao qual não tínhamos acesso direto (prático) - *A dinâmica participativa local*, no momento do **trabalho de campo**, colocamos esses elementos em ação e participamos ativamente para criar e recriar nossa possibilidade de conhece-lo também teoricamente.

Agora temos que (re)estabelecer nossa capacidade de interpretação e compreensão deste fluxo temporal para continuar avançando.

”Como descreve François Recanati: “A compreensão dos enunciados, longe de se reduzir a uma pura e simples decodificação, é um processo não modular de interpretação que mobiliza a inteligência¹¹⁶ geral e faz um largo apelo ao [nosso] conhecimento do mundo. Vale dizer que a compreensão de dados particulares só pode ser pertinente naquele que mantém e cultiva sua inteligência geral, e que mobiliza seus conhecimentos em cada caso particular” Morin (1995:160)

¹¹⁶ “O entendimento dos símbolos... exige do interprete que possua cinco qualidades ou condições...: A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutra nível o símbolo; tem porém que fazê-lo pois que, no fundo tudo é o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está a baixo. Não poderá fazer isso se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição não a tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.” Pessoa, F.(1996:6) (**Anexo 10**).

“A realidade não existe independente da posse emocional do processo. Portanto não faz sentido chamar as pessoas à realidade, querer fazê-las aceitar a realidade que nós queremos. Para elas, na verdade, não há realidade se elas não participarem do processo de sua formulação. As pessoas só podem se tornar conscientes da realidade de um plano através da participação nele, criando diferentes possibilidades através do processo pessoal de participação de cada um.” Margareth Wheatley in Nobrega (1996:215)

4.1 Definindo as Bases Qualitativas

Passado, presente e futuro. Individual e coletivo, local e global, contextualizado e complexificado. Para Morin (1995:114) *“Toda sociedade, todo indivíduo vive a relação passado/presente/futuro como dialética, na qual cada termo se alimenta dos demais.”* Uma abordagem de visão processual do tempo onde o presente, seja na escala cotidiana ou na contemporânea, é o elemento principal.

“Existem três tempos: o presente do passado, o presente do presente, o presente do futuro” Santo Agostinho in Morin (1995: p.116); grifos nossos

Encontramos em SCHUMACHER (1983:146:147) uma abordagem desta questão teórica de sinergia temporal onde o autor busca contextualiza-la, problematiza-la, colocando-a inserida em nossa contemporaneidade¹¹⁷. Para Schumacher *“a tendência moderna é ver e adquirir consciência tão-só do visível e desprezar as coisas invisíveis que possibilitam o visível e o mantém em funcionamento.”*

Para explicar essa afirmação, ele nos leva a uma visita: *“Imaginemos uma visita a um moderno estabelecimento industrial...uma refinaria. Enquanto perambulamos pela vastidão do recinto, em meio a toda aquela teia de edificações e equipamentos de complexidade fantástica, poderemos perfeitamente meditar sobre como foi possível à inteligência humana conceber e erigir tal coisa. Que imensidade de conhecimentos, de inventiva e de experiência está consubstanciada em todo aquele conjunto! Como é possível? A resposta é que nada daquilo brotou já pronto da cabeça de alguém: veio ganhando corpo através de um processo evolutivo. Principiou de maneira muito simples, depois adicionou-se-lhe isso, modificou-se aquilo, e o todo foi ficando cada vez mais complexo.”* Grifos nossos

Schumacher aponta que existe um infundável conjunto que sustenta aquela realidade superficialmente percebida como a ponta de um iceberg. *“O que não podemos ver em nossa visita é muito maior do que podemos observar: a imensidade e*

¹¹⁷ Embora Schumacher, em seu livro, não trate especificamente da questão do tempo, ele apresenta uma ampla crítica (e apresenta propostas) ao modelo econômico contemporâneo que segundo ele, esta apoiado, principalmente, no pensamento do século XIX: *“O que há de tomar o lugar da metafísica novecentista destruidora da alma e da vida?... A tarefa de nossa geração ...é de reconstrução metafísica. Não é como se tivéssemos de inventar qualquer coisa nova; ao mesmo tempo não basta simplesmente retomar às antigas formulações. Nossa tarefa é entender o mundo atual, o mundo no qual vivemos e no qual fazemos nossas opções.”*[p.86] grifos nossos

complexidade dos dispositivos que permitem ao óleo cru fluir para os tanques da refinaria, e garantem que uma multidão de encomendas de produtos refinados, devidamente embalados e rotulados, chegará as mãos de inúmeros consumidores, através de uma rede de distribuição extremamente elaborada. Nada disso podemos ver.” e continua: “Tampouco podemos ver as realizações intelectuais subentendidas no planejamento, organização, financiamento e comercialização. Menos ainda é possível enxergar os grandes antecedentes educacionais que são a condição prévia de tudo isso, desde as escolas primárias às universidades.. estabelecimentos de pesquisa especializada... e [e essas condições] não forem fornecidas pelo país ou sociedade onde a refinaria foi implantada, ou esta não funciona ou [depende] na maior parte de sua vida, de alguma outra sociedade.” . E conclui: “...o visitante só vê o topo do iceberg; há “dez” vezes mais na outra parte, a que ele não pode ver, e sem essas “dez” a “uma” é destituída de valor” grifos do autor

Schumacher termina sua visita a refinaria com uma questão, ou constatação, que nos auxiliará a retomar ao olhar teórico neste capítulo: “...*como esquecer as mais importantes condições prévias do êxito, que em geral são invisíveis? Ou, se não as esquecemos de todos, somos propensos a tratá-las exatamente como tratamos as coisas materiais - coisas que podem ser planejadas, programadas e compradas com dinheiro, de acordo com algum plano global.*”[p.147]

O que foi possível compreender acompanhando Schumacher em sua narrativa, é que, em síntese, tem-se atualmente uma tendência a apreender o presente mais enquanto *produto* (o visível) do que enquanto *processo* (o invisível). E, mesmo quando consegue-se percebê-lo como *processo*, há uma tendência de vê-lo reduzidamente, linearmente [descontextualizado, descomplexificado, desqualificado].

Por outro lado, também foi possível perceber (especialmente depois de nossa prática de campo) que, quando somos participantes diretos de um processo, temos mais facilidade de apreensão de seu produto, não mais podendo observá-los (produto x processo) de maneira reduzida. Talvez, isso possa nos ajudar a compreender que este descolamento, atual, entre produto e processo [o visível e o invisível], descrito por Schumacher possa, também estar sendo potencializado **pelos limites participativos**

impostos individualmente (localmente), pelas velocidade e intensidade de transformações, coletivas (globais) não compartilhadas. Fazemos isso, pois queremos *pensar junto*, conectados no tempo da realização, dialetizado, como Morin propõe e contextualizado como Schumacher nos apresenta.¹¹⁸

Fomos buscar indicações de encaminhamento em dois grandes ensinamentos teóricos de mestres que buscaram oferecer-nos uma visão inclusiva ao conceito de qualidade: O primeiro de **Pedro Demo** (1988:15:23); ocidental dialético, para quem o conceito de *Qualidade* assume, em síntese, duas características: uma formal e outra política. Uma diz respeito a forma constitutiva, outra a decisão de sua utilização. Como no exemplo do bisturi, ou da faca: um instrumento que possui qualidades formais que podem ser aplicadas, politicamente, para ferir ou salvar. O segundo, de **SUN TZU**¹¹⁹; oriental com abordagem de complementaridade onde, *Qualidade* integra duas características que lhe conferem unidade: originalidade e criatividade. Uma diz respeito a sua base individual de ação, sua originalidade. A outra a sua capacidade de combinar-se, articular-se, matizar-se com outras originalidades permitindo a emergência criativa da novidade.

“Não há mais que cinco notas musicais e todavia a combinação delas dá surgimento a mais melodias do que as já conhecidas. Não existe mais de cinco cores primárias e, no entanto, sua combinação produz mais matizes do que os já vistos. Não conhecemos mais que cinco paladares fundamentais - ácido, picante, salgado, doce, amargo - e, no entanto, a combinação deles produz mais sabores que os já provados” SUN TZU in CLAVEL (1983:34)

A apropriação metafórica da citação acima, nos conduz a compreensão da riqueza que esta segunda abordagem empresta ao conceito de *Qualidade*. Enquanto na primeira, *confronta-se características, sugerindo-se o cuidado da não simplificação dualista, extrema, nesta segunda combina-se característica, reforçando-se a individualidade e oferecendo-lhe a possibilidade de se reafirmar no encontro criativo, e cooperativo, com outras originalidades.*

¹¹⁸ Ver também em Nóbrega (1996): “A nova ciência e a nova empresa: A física inspirando a empresa através da metáfora quântica” [p.193-213] e “As novas ciências do Caos e da Complexidade: Novas linguagens nos permitem prosseguir nossa viagem” [p.231-265].

¹¹⁹ SUN TZU foi autor do livro *Arte da Guerra*, onde “...o verdadeiro objetivo da guerra é a paz”, Clavel (1983:15). Esse clássico, escrito a 2.500 anos utiliza-se de uma linguagem referenciada em sua época, que permite inúmeras possibilidades de abordagem. Talvez isso, tenha estimulado os pensadores contemporâneos que trabalham sobre o enfoque estratégico, [mesmo que a paz (militar ou econômica) não seja o principal objetivo (cooperação – ambiente interno e competição – ambiente externo)] – Sobre as abordagens do ambiente estratégico, ver: Gracioso (1990);

A longo do desenvolvimento do trabalho, estivemos atentos a essa “**quádrupla**” possibilidade de abordagem ao conceito de *Qualidade*. Como instrumento **formal**, como atitude **política**, como capacidade de ser **original** e de ser **criativo**, seja nos processos individuais ou de interação coletiva. Essa atenção não se estabeleceu de pronto. Fomos conhecendo e criando sua possibilidade de emergência ao longo do processo da pesquisa, em três momentos distintos:

1. Na fase pré-campo, quando realizamos nossa primeira aproximação ao universo da participação, compreendemos (teoricamente) a importância da abordagem qualitativa na flexibilização de nossas verdades. Lemos livros, fizemos conceitos, relemos livros, refizemos conceitos. Tudo afeto ao campo mental, racional. **Neste momento a abordagem Qualitativa de Demo despertou nossa atenção.**
2. Na fase de campo, fomos obrigados a rever emocionalmente cada pequena construção teórica pré-concebida. Estar em campo, presente e em sintonia com nossas transformações, para participar em igual condição de originalidade com o (nosso) universo desconhecido¹²⁰ da participação, foi um grande esforço de flexibilização para a aprendizagem. **Aqui, surgiu a aproximação com Sun Tzu.**
3. Na fase pós-campo, pudemos então compreender que a atitude de flexibilização assumida nas etapas anteriores, possibilitou-nos realizar um salto qualitativo. Ganhamos em qualidade de aprendizagem, que não nos descolou da possibilidade pessoal de reconstruir verdades, nossa criatividade¹²¹. **Neste momento integramos Demo a Sun Tzu.**

“Na medida que a criatividade é construtiva, sintetizadora, unificadora, e integradora, é nesta mesma medida que ela depende, pelo menos em parte, da integração interior da pessoa... Se se quer obter um comportamento criativo é preciso se dar conta que ele não acontece apenas ao nível intelectual, mental, cabeçal, cognitivo... É necessário que se busque o afetivo, o emocional, o sensorial, o sensível, o amoroso, o intuitivo, o inventivo, para que cada um vá achando a sua integração, a sua unicidade interior...”
BRAMOVICH (1995:p.18);Grifos nossos

¹²⁰ Conceito que não menospreza o conhecimento do indivíduo, muito pelo contrario reforça sua capacidade de aprendizado (o que ainda não era conhecido) frente as dinâmicas decorrentes do ato de participar, onde só se conhece o que se cria.

¹²¹ Afinal elas, as verdades nossas, estão legitimadas pelo grande universo participativo que nos constituiu, desde nossa infância, como pesquisadores disciplinares, contemporâneos.

Na figura 30 apresentamos as bases qualitativas, que buscam referenciar-se nos elementos que levamos, nos que produzimos e nos que trouxemos de nossa experiência de campo.

FIGURA 30. DINÂMICA QUALITATIVA DA PESQUISA (ASPECTOS)



Uma leitura da dimensão qualitativa que nos oferece oportunidade para individualizar *produtos* e *processos* dentro de uma perspectiva de unidade (totalidade), onde o conjunto de qualidades não devem ser consideradas em separado, devido a sinergia que as potencializa e lhe oferece personalidade própria.

“O todo é a base última da individualidade. Totalidade é identidade.” Ian C. Smuts (BRITÂNICA:644)

Durante a etapa de campo, Capítulo III, organizamos nossa apresentação, entre outras formas de coletivização, em 3 *dinâmicas distintas*: **Metodológica, Temática e Participativa**. Essa opção de organização, foi estabelecida ainda durante a fase de campo, quando percebemos¹²² a relação de sinergia que existia entre elas, e que possibilitava trabalhar de forma complexificada com a CECQ oferecendo outros ingredientes de estruturação que reforçassem a importância das ações participativas, resultantes da interação de dinâmicas teóricas e práticas [sobre bases instrumentais].

Será a partir da análise qualitativa destas dinâmicas que vamos construir nossa releitura sobre os trabalhos de campo.

¹²² Posteriormente (na etapa pós-campo), pudemos estabelecer conexão com nosso direcionamento teórico sobre participação (pensamento, linguagem e comunicação). Talvez, isso tenha ocorrido porque em campo estávamos atuando dentro do movimento de síntese.

4.2 As Qualidades Locais

“Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade...a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. ...Lenin [distinguia] a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnica e instrumento) do sentido generoso de pensar a metodologia como articulação entre conteúdo, pensamento e existência” Minayo (1994:16) grifos da autora

A observação da dinâmica metodológica desenvolvida em campo procurou registrar o movimento metodológico como técnica e instrumento de articulação entre **pensamento e ação**. Buscamos realizá-la acompanhando as atividades e a forma como as ações foram organizando-se, estruturando-se, enfim, contextualizando-se em cada etapa do trabalho.

Na descrição do capítulo III descrevemos a *dinâmica metodológica* da avaliação, enfatizando a apresentação dos **produtos** (figuras 18 a 28 e Anexo 7) em detrimento dos processos. Deixamos as observações mais sensíveis sobre **processos** para as **Dinâmicas Temáticas e Participativa** e também para os aprendizados das etapas (Tabelas 23, 27 e 28).

Os elementos da **Dinâmica Metodológica** estavam apoiados no desenvolvimento processual do planejamento e da proposta de avaliação que construídos localmente. As principais características qualitativas observadas dentro desses processos estão sintetizadas na tabela 30.

TABELA 30. ASPECTOS QUALITATIVOS DA DINÂMICA METODOLÓGICA

Dimensões Qualitativas	PLANEJAMENTO Ambiental Participativo	AVALIAÇÃO Participativa do PRSD
Formal	Estrutura metodológica (Etapa de promoção), Instrumentos participativos (sistematização, cadernos, seminários, cursos);	Replicação metodológica, Instrumentos participativos (sistematizações, palestras, reuniões de Trabalho, visitas)
Política	Atitude explícita quanto a Educação, Participação e Meio Ambiente (apoiadas na informalidade);	Postura de técnica qualitativa (Incorporação de Linguagem local (temática), Incorporação das dinâmicas participativas locais;
Original	Descentralização;	Proposta de descentralização e fortalecimento de ações individuais (formais e informais) - Caderno de Avaliação Participativa
Criativa	Articulação.	Proposta de articulação dos segmento da sociedade local para construção da avaliação, incentivo a articulação informal.

O primeiro aspecto que vamos abordar, dentro dessa dinâmica, trata da qualidade formal da *metodologia de planejamento* que, através da **inclusão explícita** de uma **ETAPA DE PROMOÇÃO**, possibilita a criação de um espaço para a construção coletiva dos objetivos gerais do planejamento. Isso porque, aplicada a estrutura principal da metodologia, (ver figura 8, p.43) esta etapa se situa no topo¹²³ das atividades de planejamento fato que pode indicar (por analogia) que esta etapa, proposta por Hidalgo, substitui a etapa de estabelecimentos de objetivos, que é a primeira etapa clássica do planejamento.

Esta é uma característica importante desta metodologia de planejamento participativo: *oferecer a possibilidade de um espaço participativo não só nas etapas de diagnóstico e execução de projetos (onde a maioria das metodologias de planejamento permitem um maior acesso participativo) mais também no momento decisório do estabelecimento dos objetivos norteadores da ação a ser planejada.*

Como qualidade política, o que consideramos mais importante ressaltar está proposta dos instrumentos participativos. Eles se utilizam da integração entre temas, por si próprios qualitativos: educação, participação e meio ambiente, para potencializar as dinâmicas participativas locais. São pois mais qualitativos do que quantitativos onde, nos cadernos de diagnóstico participativo, seminários, etc., há maior ênfase para o envolvimento e o conhecimento gerado e adquirido a partir da construção coletiva do próprio instrumento. Poderíamos considerar isso uma qualidade formal, porém devido a integração temática utilizada, esses instrumentos também podem assumir uma importante qualidade política, já que explicitam mais a intenção para se construir soluções, do que descobrir problemas.

Como qualidade original, observamos a descentralização como possibilidade de emergência da originalidade. Seja de indivíduos ou da coletividade. A observação desta característica foi potencializada pelo próprio operar da metodologia pela CECQ. Pudemos perceber que a estrutura metodológica não impediu, muito pelo contrário, que essa característica local se manifestasse, fato que também empresta qualidade política a **descentralização.**

¹²³ Esta é outra qualidade formal da metodologia. Ela é apresentada em movimento circular, só sendo hierarquizada (em seu desenvolvimento cronológico) pela numeração das etapas. Esse fato pode potencializar a apreensão de seu movimento processual, por parte de seus usuários.

As características de descentralização puderam ser percebidas em tratos coletivos: nas reuniões, nas propostas de ação, na aceitação produtiva da diferença, na transferência de responsabilidades, etc¹²⁴. Também pudemos sentir essa qualidade no trato individual onde as ações produzidas individualmente tinham características particulares que eram respeitadas e consideradas como ganho qualitativo para o grupo.

O aspecto da qualidade criativa diz respeito a capacidade de articulação entre originalidades. Para nós essa qualidade é principalmente observada em dois momentos:

- Pela proposta metodológica que cria como instrumento operacional um consórcio intermunicipal com base na estrutura ambiental da bacia hidrográfica. O espaço institucional da articulação que pode ser composto por diferentes universos territoriais, políticos econômicos e culturais, e que por si só já demandam uma *criativa articulação* que possibilite compor um quadro de ações comuns. No caso estudado esta qualidade oferecida pela metodologia pôde ser potencializada e até avançou, devido ao nível de articulação pré-existente no espaço local, (sua originalidade) que inclusive possibilitou, atualmente, a ultrapassagem dos limites hidrográficos da bacia¹²⁵, ampliando a dimensão de atuação do Consórcio.
- O outro aspecto diz respeito a relação potencializadora que a qualidade criativa empresta a qualidade original. O que foi percebido é que a descentralização (qualidade original) se potencializa com a qualidade criativa (articulação) e vice e versa. Quanto mais descentralizado, mais necessidade de articulação criativa existe. Por outro lado quanto mais ação articulada mais é possível observar o aumento, em quantidade e qualidade, de ações originais.

Durante as seis semanas que estivemos em campo, foi possível vivenciar um grande número de ações novas que muitas vezes não estavam sendo provocadas diretamente pelas ações do Consórcio, que ganhava novas incumbência de articulação, tornando-se um *facilitador e articulador* de ações que não mais precisavam de sua interferência direta. Essa qualidades observadas, dentro dos diferentes aspectos

¹²⁴ A citação já apresentada na p.117 "*Você sabe se uma pessoa é centralizadora pelo nível de pressão que ela sofre. Quem descentraliza ações, descentraliza responsabilidades, tem que confiar na capacidade dos outros...*" bem traduz essa postura.

¹²⁵ Em 2 de junho foi assinado protocolo de intenções para futura associação ao Consórcio Quiriri do Município de Corupá, que não faz parte da bacia do Alto Rio Negro Catarinense, embora seja vizinho dos municípios de Rio Negrinho e São Bento do Sul (ver: anexo 5 - 5ª semana).

apresentados ofereceram ao processo de planejamento ambiental participativo, desenvolvido particularmente pelo Consórcio Quiriri, um importante grau de qualificação, que empresta-lhe elementos de flexibilização e transformação.

A observação desses conjuntos de qualidades particularizadas pelo espaço local, ajudou-nos a encontrar o caminho para desenvolver a etapa de avaliação, dentro de uma proposta participativa. Durante sua realização pudemos observar qual a compreensão local sobre momento reflexivo ao qual uma avaliação se propõe. Entendemos que este foi o principal trabalho realizado: Introduzir na linguagem local (dos integrantes da Coordenação Executiva do Consórcio Quiriri – CECQ) a palavra, a possibilidade e um conceito flexível, de Avaliação.

Isso porque, o processo local, estava enfrentando problemas, que superavam os operacionais mais óbvios. As etapas que davam continuidade à dinâmica metodológica proposta por Hidalgo (6ª etapa: avaliação e 7ª etapa: sustentação) e que permitiriam ao processo local alcançar a sustentação do planejamento, eram “teóricas” e o grupo local de trabalho já não contava mais com a presença do consultor que a criou¹²⁶.

Assim através da execução participativa desta etapa foi possível criar o espaço inicial de (re)conhecimento, reflexão prática e teórica que possibilitou ao próprio grupo coordenador (re)tomar para si as responsabilidades instrumentais que também são inerentes a construção de processos de planejamento, em toda sua dinâmica.

Ficou confirmado para nós a dificuldade de se estabelecer processualmente uma etapa de avaliação. Ela é a que tem menos reconhecimento prático dentro de processos mais amplo da atividade de planejamento.

Pudemos perceber que as qualidades do Consórcio Quiriri estavam apoiadas em sua grande capacidade de realizar ações originais, no que diz respeito a capacidade de gerar novidade a partir do estímulo as ações individuais (pessoais ou institucionais) e criativas, que tem como principal característica as articulações (pessoais e institucionais).

Suas qualidades formais e políticas foram mais evidenciadas por processos intuitivos (apoiados basicamente em ações práticas), talvez provocado pela excelência

¹²⁶ Conforme já abordado notas 69 (p.55) e 100 (p.86).

das pessoas envolvidas atualmente no processo. Esse fato pode indicar que caso não haja acompanhamento e a devida sistematização ou instrumentalização teórica do processo, este pode perder em seu conjunto de qualidades, caso ocorra alguma mudança estrutural importante na equipe de trabalho local.

Por outro lado, ter desenvolvido a metodologia de avaliação dentro do Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos representou um importante fator potencializador da pesquisa durante sua fase de campo pois, foi a partir da utilização da *força cotidiana* do “Lixo” que pudemos conhecer e criar, na prática, elementos de complexificação dentro do contexto metodológico proposto inicialmente.

Na tabela 31 apresentamos os fatores que consideramos mais importantes dentro da dinâmica temática do processo realizado em campo.

TABELA 31. ASPECTOS QUALITATIVOS DA DINÂMICA TEMÁTICA

Dimensões Qualitativas	Resíduos Sólidos Domésticos	Avaliação Participativa do PRSD
Formal	Estrutura operacional interdependente;	Instrumentos qualitativos; Complexificação e contextualização da temática;
Política	Explicitação da individualização da responsabilidade (produção x consumo)	Integração formal de diferentes segmentos locais; desenvolvimento metodológico conjunto;
Original	Inerente ao Cotidiano.	Estímulo as práticas individualizadas;
Criativa	Permite a emergência da novidade.	Estímulo a articulação local

A força temática do “Lixo” foi representada pela integração de suas qualidades:

- formal que permite o reconhecimento da interdependência tanto entre produção e consumo, como características de produção do “lixo” em si, quanto também para seu tratamento. Esta relação possibilita problematizar a questão dentro de um enfoque complexificado (global), mas também permite individualizar a questão a partir de sua inserção no cotidiano dos participantes (local);
- política que restabelece as responsabilidades quanto a produção e consumo; mesmo que ainda somente em nível local. Pois, quando se começa a separar, juntar, lixo em casa, a noção de presença (do lixo) cria a possibilidade de alteração comportamental frente a temática;
- original reforçada pela necessidade de ação (solução) própria frente ao problema, gerado tanto pela impossibilidade de solução individual (que fortalece a noção de

interdependência) quanto pela compreensão cotidiana da questão;

- criativa surge como resultado da necessidade de ação proporcionada pela qualidades anteriores. Porém, esta qualidade de criar também está intimamente ligada as anteriores, devido a necessidade de contextualização e problematização da temática.

Porém, nem sempre estas qualidades estão sinergeticamente combinadas. Isso resulta no descolamento entre produto e processo que percebemos, por exemplo, no caso das secretarias municipais que tem o processo “Lixo” como um problema descontextualizado. Pudemos perceber essa “qualidade” pelas respostas dadas ao estímulo que a avaliação proporcionou. Qual seja: pouca participação direta (nas atividades) ou indireta (nas solicitações de material).

Essa compreensão¹²⁷, ajudou-nos a optar pelo tratamento, quase que exclusivamente qualitativo, para o Caderno de Avaliação Participativa Nosso Lixo. O fato de encontrarmos muita dificuldade para obter dados quantitativos, e de forma inversa, o fato de termos percebido um movimento, espontâneo, muito sensível da sociedade local frente ao “problema lixo”, fizeram-nos trabalhar mais sobre questões de problematização do que de oferecimento de soluções pré-definidas.

Fez-se então a opção pela contextualização e complexificação através do “*Ciclo do Lixo*” e da proposta procedimentos participativos intersetoriais para discutir a questão.

Esta construção coletiva¹²⁸ do “*Ciclo do Lixo*” e de sua relação (dialética e complementar) entre *problema x solução*, permitiu-nos exercitar com muita fluidez a necessidade de articulação necessária para complexificar a avaliação.

Conforme trabalhado em campo, não existem soluções:

- **PURAMENTE TÉCNICA**
- **SIMPLES**
- **RESPONSABILIDADE DE UM SÓ SEGMENTO DA SOCIEDADE**
- **POSSÍVEL DE SER COPIADA**
- **DISSOCIADA DO PROBLEMA**
- **IMPOSSÍVEL**

¹²⁷ Da prática de não utilização oficial de dados quantitativos.

¹²⁸ E que são resultados da observação do próprio movimento participativo local.

Essa foi a leitura, complexificada, que a dinâmica da sociedade local nos permitiu obter sobre o *tema lixo*. Para nós, um ganho qualitativo de muita importância, e que refletiram na produção do caderno de avaliação proposto.

Porém, é importante ressaltar que os procedimentos para *Avaliação do PRSD do Consórcio Quiriri* não se restringem ao *Caderno de Avaliação*. Conforme apresentado nas figuras 22, 22.1 e 22.2. (p.134:136) o caderno representa um dos instrumentos da avaliação e conforme avança o processo local, existe a possibilidade de criar-se novos instrumentos ou procedimentos para avançar sobre dados quantitativos.

Dentro do observado em campo sobre a *dinâmica participativa* local, destacamos como elementos que combinam e potencializam as quatro qualidades apresentadas na tabela 32:

TABELA 32. ASPECTOS QUALITATIVOS DA DINÂMICA PARTICIPATIVA

Dimensões Qualitativas	Participação	Avaliação Participativa do PRSD
Formal	Possibilita a promoção de alterações estruturais no espaço local.	Instrumentos qualitativos; Complexificação e contextualização da temática;
Política	(Re)Constrói a cidadania.	Integração formal de diferentes segmentos locais; desenvolvimento metodológico conjunto;
Original	Permite a legitimação do indivíduo.	Estímulo as práticas individualizadas;
Criativa	Promove dinamismo social.	Estímulo a articulação local

Esses elementos puderam ser observados principalmente quanto as ações espontâneas da sociedade local. Dentre eles destacamos:

- A participação informal das empresas de sucata que, de forma independente, já contribuem com a coleta seletiva de aproximadamente 180 toneladas/mês, recolhendo material reciclável em indústrias e instituições, além de se relacionar diretamente com catadores e a comunidade na compra e em trabalhos de seleção de material – **qualidade formal**;
- A participação informal das escolas (públicas e privadas) que através de gincanas desenvolvidas pelos alunos tem conseguido um ganho financeiro cooperado muito importante para a comunidade escolar – **qualidade criativa**;
- A participação descentralizada das escolas (públicas e privadas) que através de suas atividades curriculares tem desenvolvidos exposições, pesquisas junto as comunidades para identificação e contextualização da temática referente aos

resíduos sólidos que tem contribuído para a conscientização de sua comunidade escolar – **qualidade política**;

- ➔ A participação voluntárias de pessoas já sensibilizadas com a problemática do lixo que, embora não estejam sendo atendidas diretamente pelo programa encontram formas alternativas de participar – **qualidade original**;
- ➔ A participação autônoma de catadores locais – **qualidade criativa**;
- ➔ A participação indireta que os projetos e campanhas regionais, nacionais e internacionais tem representado na sensibilização individual e coletiva, com importante ênfase, a questão da ética que envolve a “sobrevivência” pelo lixo das populações de baixa renda – **qualidade formal**;
- ➔ A participação indireta que alguns de departamentos das próprias administrações municipais estão realizando através de projetos de seleção de material reciclável em suas dependências – **qualidade formal**;
- ➔ A participação indireta que atividades de educação ambiental informal realizadas descentralizadamente; (por: clubes de serviço, entidades não governamentais, entidades do ramo de turismo, etc.) – **qualidade original**;

Em síntese, pudemos constatar que os avanços alcançados pela proposta de trabalho no Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos, realizado pelo Consórcio Quiriri, tem suas bases estabelecidas dentro da integração de qualidades que constróem a **Força da Personalidade Local**, sua particularidade, expressa pelo encontro, ou sinergia, de suas qualidades:

- **A FORÇA DA METODOLOGIA EM AÇÃO** que direciona e propõe diretrizes estruturais dinâmicas para implementação de ações além de explicitar e oferecer meios de efetivação para a participação ativa dos poderes legislativos e executivos locais, buscando nos apoios institucionais os caminhos que possibilitem a viabilidade técnica e políticas das propostas locais - **Qualidade Formal**;
- **A FORÇA DO COTIDIANO** que muitas vezes nubla as ações planejadas mas, por outro lado oferece uma riqueza de acontecimentos, esperados ou inesperados, que dão novos rumos a ação local – **Qualidade Política**;
- **A FORÇA DA ESTRUTURA PARTICIPATIVA LOCAL** onde está expressa a forma de tratamento local para a dinâmica participativa. Quando esta força é devidamente

percebida, respeitada e incorporada pelas metodologias participativas transformam-se num importante elemento potencializador da ação local – **Qualidade Original**.

- **A FORÇA DOS ATORES LOCAIS** (os indivíduos) que através de ações próprias e criativas tem conseguido avanços originais e inovadores dentro de diferentes campos de atuação, tanto no que se refere as implantações de programas e projetos quanto no estabelecimento de espaços de discussão e troca de experiências em diferentes esferas de atuação (local, regional e Nacional) que muito tem contribuído para difundir e dinamizar suas ações criando uma perspectiva descentralizada de gestão – **Qualidade Criativa**.

Na figura 31 buscamos reforçar o aspecto de **TOTALIDADE** que está expresso nas características da personalidade local.

FIGURA 31. PERSONALIDADE LOCAL



CAPÍTULO V

5 PARTICIPAÇÃO – SUGESTÕES DE CONTINUIDADE

QUALIDADE – Propriedade, atributo ou condição das coisas, ou de pessoas, capaz de distingui-las das outras e de lhes determinar a natureza; numa escala de valores¹²⁹, qualidade permite avaliar e, conseqüente, aprovar, aceitar ou recusar qualquer coisa.
(Dicionário Aurélio) grifos nossos

Participação é qualidade. De quem coopera, interdita, defende ou ataca. É valor individual que está presente, mesmo quando se cala. É a palavra que mais se aproxima, metaforicamente, do conceito de complexidade. Tem verdade para quem a cria e é, portanto, mais próxima do *olhar verossímil*. Não pode ser explicada, mas ainda assim, por vezes, a compreendemos apaixonadamente. Representa a mais pura tradução da múltipla presença do indivíduo que faz existir, o coletivo.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa abordou-se inúmeros temas. Tratou-se, dentro de nossos limites, de questões teóricas importantes. *Causou-nos insegurança, mas isso não nos impediu de pensar, refletir e transformar nosso próprio conhecimento, para participar ativamente do processo da pesquisa.*

Utilizou-se de inúmeros recursos, para discutir a questão e explicitar a riqueza qualitativa do operar participativo em suas duas instâncias; teórica e prática. Aqui falamos de **pensamento, linguagem e comunicação**. Em campo de **planejamento, avaliação, lixo**. Aqui buscamos ser **teoricamente participativos**. Lá, **participativamente teóricos**.

Percebemos que existem dois eixos, complementares, de sugestões de encaminhamento dentro da área de **Planejamento Ambiental Participativo**, sintonizado com a **Engenharia Ambiental**;

O **primeiro prático**, onde dirige-se a atenção para o próprio operar da metodologia – a **metodologia em ação**. E o **segundo teórico**, onde a atenção volta-se para um encaminhamento reflexivo, sobre a prática das teorias e sobre o

¹²⁹ Sobre conceituação de **valor**, ver Veit nota 88 (p.71)

desenvolvimento teórico que possibilita seu avanço prático. Isso porque pareceu-nos que, por vezes, a **teoria** sobre Planejamento Ambiental Participativo, tem prescindido da prática para se (re)criar e, por outro lado, a **prática** desses processos (quem efetivamente participa) segue este mesmo caminho (de não valorização do suporte teórico). Neste embate dualista, perdem os dois lados.

Não tratamos aqui de teoria participativas somente enquanto documentos, tratados, regras, ou enunciados descolados de nossa participação direta. Tratamos teoria como o ato reflexivo individual e contextualizado na prática, que produz nossas compressões e explicações sobre os fatos que nos impressionam e nos colocam em ação teórica frente ao universo coletivo.

No mesmo sentido, não compreendemos a prática participativa somente enquanto movimento espontâneo, emocional, descontextualizado da ação teórica, reflexiva, que a suporta internamente. Porém, entendemos que essa prática acontece, quase que exclusivamente, em seu processo de legitimação individual. A partir da personalidade e das decisões interiores de cada participante. Seja ele emissor ou receptor, agente ou agido, provocador ou voluntário.

Trata-se então de posicionar a dinâmica participativa como uma oportunidade de construção da unidade de ação entre indivíduos. Produto e processo. **Unidade esta que permite aprender a desenvolver a linguagem apropriada para falar (e ouvir) de teoria no espaço da prática e de prática dentro do universo teórico.**

Ajuda-nos, muito, outros que já avançaram, muito. São nossos canais de interconexão individual, ao coletivo atemporal. É, a partir da vivência teórica e prática transmitida por eles, e vivenciadas por nós, que podemos testar e legitimar nosso próprio conhecimento individual, (re)criando-o dinamicamente.

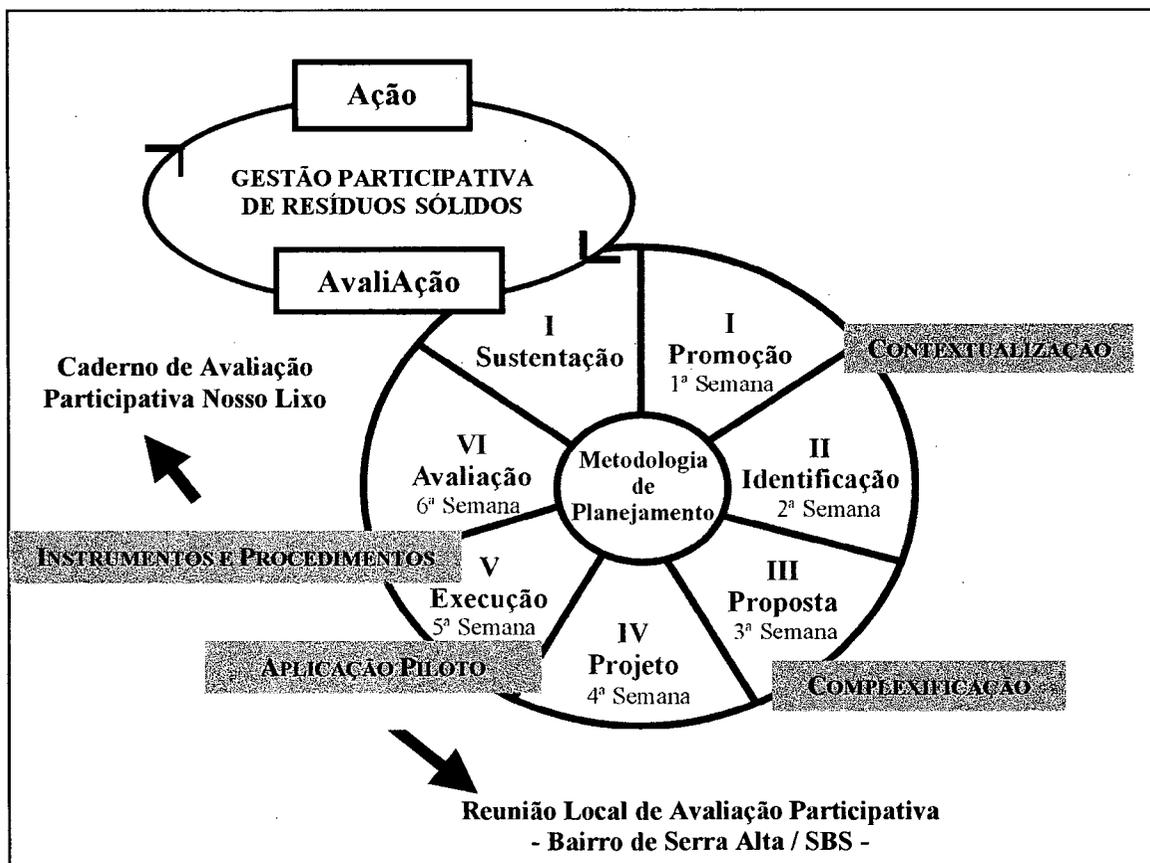
Aqui, coloca-se claramente a relação entre autor e atores. Onde, normalmente a discussão teórica apropria-se do papel de autor que define roteiro, elenco, produtores, cenários e as vezes até a platéia. Quando os **atores** chegam, já está tudo definido restando-lhes, apenas, a oportunidade de mostrar sua excelência individual de atuação baseados, quase que exclusivamente, em suas qualidades originais e criativas; **Sua Arte.**

Por outro lado, o papel de **autor** também não nos oferece grandes possibilidade de criar outras “estórias”, outros enredos; **Nossas Artes.**

Talvez por estarmos amarrados a universos teóricos, disciplinares, pouco participativos, que não respondem a unicidade que buscamos viver cotidianamente em nossas vidas, embora continuem uni-versos, estáticos, mecânicos, divididos entre dois únicos mundos duais. *Aqui tratamos quase que exclusivamente deste assunto, ora utilizando uma linguagem, ora outra.*

O objetivo proposto por esta pesquisa (Desenvolver metodologia de **Avaliação Participativa** para o **Projeto de Resíduos Sólidos Domésticos – PRSD**, em conjunto com Grupo de Coordenação local) foi tratado, como produto resultante da pesquisa, em duas instâncias complementares: Na primeira: *a) participar do desenvolvimento metodológico contribuindo para o avanço do processo local*; p.12, referenciada no processo de campo, o que se produziu e o que ficou como o resultado compartilhado com o espaço local. Esse momento está representados pelos produtos e processos descritos no **Capítulo III** (figura 32).

FIGURA 32. SÍNTESE DO DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO EM CAMPO

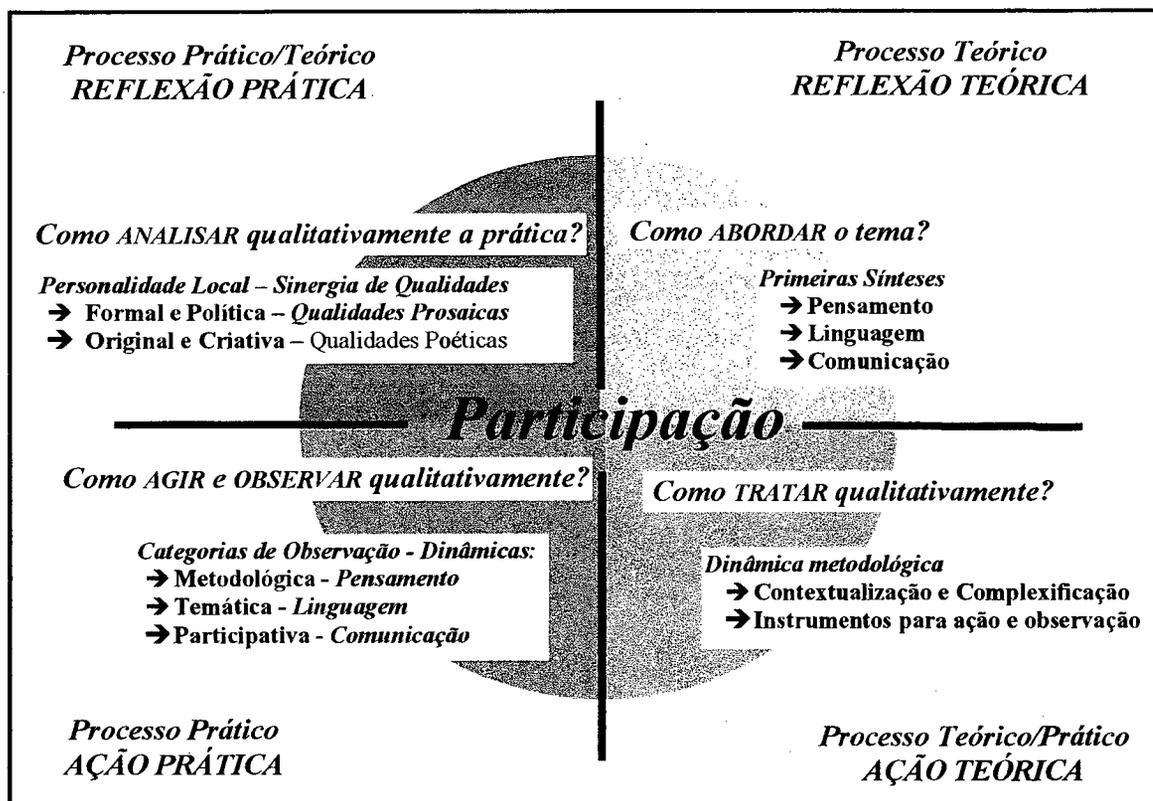


A participação no momento da prática foi um exercício prático onde, por muitas vezes tivemos que somente ouvir e aprender. Um pouco do vivenciado está traduzido, em outra linguagem, no texto desta dissertação.

Analogamente, entendemos que o processo teórico também atingiu o objetivo ao qual nos propusemos nesta pesquisa: *b)Estudar os elementos referentes ao processo participativo para enriquecer a discussão teórica sobre participação em metodologias de planejamento ambiental; p.12;*, discutidos, principalmente, nos **Capítulos II e IV**.

Na figura 33, completamos o esquema apresentado nas **Figuras 1** (p.7), **5** (p.37), **17** (p.95) e **29** (p.159), procurando finalizar a representação do caminho processual que fez-nos chegar até aqui.

FIGURA 33. DINÂMICA DA PESQUISA – REFLEXÃO PRÁTICA



O tema tratado aqui suscita diferentes interpretações por ser, em essência, problematizado. O viés que escolhemos para tratá-lo busca deslocá-lo constantemente para presente, o espaço dinâmico entre ação e reflexão. O espaço definitivo da participação.

A título de encerramento, colocamos algumas questões que consideramos importantes elementos de continuidade para a reflexão sobre o *desenvolvimento de processos metodológicos participativos*. São elas:

QUESTÕES DE CONTINUIDADE:

- *O desenho participativo, proposto pelas metodologias de planejamento, de um modo geral, é sensível a estrutura participativa do local onde se propõe realizar a intervenção?*
- *Até onde é possível generalizar e quanto é necessário particularizar para se alcançar a inclusão da participação em metodologias de planejamento? Não estará na etapa de avaliação alguma indicação de resposta?*
- *Que importância se dá às personalidades individuais [os atores - indivíduos] e às suas contribuições originais na determinação do sucesso de uma atividade participativa?*
- *Como oferecer contribuição prática aos processos de planejamento participativo, mesmo quando seu desenho participativo não sabe ouvir?*
- *Quais propostas poderiam acrescentar flexibilização ao planejamento, acrescentando nossa própria personalidade ao processo?*
- *Seria importante aos processos participativos incorporar a avaliação como dinâmica processual?*

“No caminho do guerreiro, cabe a você discernir o que foi tecido pelos fios divinos e o que foi tecido pelos fios humanos. Quando você principia a discernir, você se torna um txucarramãe – um guerreiro sem armas. Porque os fios tecidos pela mão do humano formam pedaços vivificados pelo seu espírito. Essa mão gera todos os tipos de criação. Muitas coisas fazem parte de você para se defender do mundo externo, geradas pela própria mão e pelo pensamento. Quando você descobre o que tem feito da sua vida e como é sua dança no mundo, desapega-se aos poucos das armas, que são criações para matar criações. De repente, descobre-se que, quando paramos de criar o inimigo, extingue-se a necessidade de armas” Kaka Werá Jecupé (1998:113)

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, F. *Quem educa quem*, Círculo do livro - Summus Editoria, São Paulo/SP, 1985;
- AGENDA 21, *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente*, Senado Federal – Subsecretaria de Edições Técnicas, Brasília/DF, 1997;
- ALMEIDA, M. C.; CASTRO, G.; CARVALHO, E. A. *Ensaio de Complexidade*. Rio Grande do Sul: Sulinas, Porto Alegre, 1997;
- ALVES, R., *Filosofia da Ciência : introdução ao jogo e suas regras*, Editora Brasiliense, São Paulo/SP, 1982.
- ASSMANN, S, *Vico um gênio solitário* in Revista de Ciências Humanas, nº7, Ed. UFSC, Florianópolis, 1985;
- BAPTISTA, M. V., *Desenvolvimento de comunidade - Estudo da integração do planejamento do desenvolvimento de comunidade no planejamento do desenvolvimento Global*, Ed. Cortez & Moraes, 2ª edição, São Paulo/SP, 1978;
- BARROS, P.M., *Consórcio Municipal - Ferramenta para o desenvolvimento regional*, Ed. Alfa-Omega, São Paulo/SP, 1995;
- BORDDENAVE, J. E.D., *O que é participação*, Editora Brasiliense, 2ª edição, São Paulo/SP, 1985;
- BRANCALEONE, J. P., *A dinâmica e a complexificação urbana de São Bento do Sul: pólo industrial moveleiro*, Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis/SC, 1999;
- BRANDÃO, C. R., *O método Paulo Freire*, Editora Brasiliense, 1ª Edição, São Paulo/SP, 1998;
- BRANDÃO D.S. & CREMA R. (org), *O novo Paradigma Holístico*, Summus Editorial, São Paulo/SP, 1991;
- BRITÂNICA, INC, *Enciclopédia Britânica INC.*, Volume 11, Chicago/USA, 1951;
- BURKE, P., *Vico*, Editora UNESP, São Paulo/SP, 1997;

- CALVINO, I., *As cidades Invisíveis*, Companhia das letras, São Paulo, SP, 1998;
- CAVALCANTE, C. (org.), *Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável*, Cortez Editora, São Paulo/SP, 1995;
- CASTRO, Z. M. de B., *Uma incursão a formação do Estado de Santa Catarina : suas particularidades em relação ao país e contribuições explicativas ao desenvolvimento de comunidade*, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 1992.
- CLAVELL, J., *A arte da guerra*, Ed. Record, Rio de Janeiro/RJ, 1983;
- CORDIOLI, S., *IV Seminário de Qualificação para agentes de Desenvolvimento*, Governo do Estado do Rio Grande do Sul - Secretária de Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais, Porto Alegre/RS, 1998;
- CORNELY, S.A. *Planejamento e Participação Comunitária*. Cortez e Moraes. São Paulo, 1978;
- ___, *Desenvolvimento de Comunidade e Planejamento Microrregional*. In: SERFAU, *Planejamento a nível microrregional - anais do III Curso Intensivo de Planejamento Urbano Local- volume II*, SERFAU, Brasília/DF, 1972, p. 117-144;
- DIAS B., *O Que é Participação*. Editora Brasiliense. São Paulo/SP, 1984;
- DEMO, P., *Avaliação Qualitativa*. Cortez Editora, 2ª Edição, São Paulo/ SP, 1988;
- DRUCKER, P.F., *Tecnologia, Gerência e Sociedade*, Editora Vozes, Petrópolis/ RJ, 1973;
- ECO, U., *A Estrutura Ausente*, Editora Perspectivas, 3ª Edição, São Paulo/SP, 1976;
- ENZENSBERGER, H.M., *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*, Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro/RJ, 1979;
- FALKEMBACH, E.M., *Avaliação e educação popular*, Livraria UNIJUÍ Editora, Ijuí/RS, 1991;
- FAURE, G. O., *A Constituição da Interdisciplinaridade*, Revista Tempo Brasileiro, 108:61/68, jan.-mar., 1992;
- FEYERABEND, P.K., *Contra o Método*, Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977;

- FIGUEIREDO, L.V.P., *Estudo exploratório de apoio a gestão descentralizada de Resíduos Sólidos – O caso de Canasvieiras*, Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis/SC, 1998;
- FREIRE, P., *Extensão ou Comunicação*, Ed. Paz e Terra, 8ª edição, Rio de Janeiro/RJ, 1983;
- GAARDER, J., *O Mundo de Sofia*, Cia. Das Letras, São Paulo/SP, 1997;
- GIACOMOZZI JÚNIOR, G., *Do anseio de realização econômica às contradições do turismo em Corupá – SC*, Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis/SC;
- GODIN, L. M., *Dilemas da Participação Comunitária* Revista de Administração Municipal, nº 187, Rio de Janeiro, abr/jun 1988, pp. 6 / 17;
- GOMES, P. G. & PIVA, M. C. (org), *Políticas de Comunicação: Participação Popular*, Edições Paulinas, São Paulo/SP, 1988;
- GRACIOSO, F., *Planejamento estratégico orientado ao mercado – Como planejar o crescimento da empresa conciliando recursos e “cultura” com as oportunidades do ambiente externo*, Editora Atlas, São Paulo/SP, 1990;
- HERKENHOFF, B.L., *O papel do líder comunitário*, Ed. UFES, Vitória/ES, 1995;
- HIDALGO, P. *Curso sobre Planejamento Ambiental Participativo*. Apostilas Diversas. Florianópolis/SC, 23 a 27 de outubro – 1995;
- HOLLANDA, A. B., *Dicionário Aurélio*, Editora Folha de São Paulo, São Paulo/SP, 1995.
- HOLLANDA, H. B., *Impressões de Viagem – cpc, vanguarda e desbunde: 1960/70*, Ed. Brasiliense, São Paulo/SP, 1981;
- HOLLIDAY, O. S., *Para sistematizar experiências*, UFPB - Ed. Universitária, João Pessoa/PB, 1996;
- IPEA, *Fundamentos conceituais e metodológicos da educação e participação em saneamento rural*, IPEA, 2ª Edição, Brasília/DF, 1990;
- JECUPÉ, K. W., *A terra dos mil povos*, Editora Fundação Peirópolis, 2ª Edição, São Paulo/SP, 1998;

- KAESEMODEL, M. S. M., *A indústria moveleira de São Bento do Sul - Santa Catarina*, Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis/SC, 1990;
- LESSA, C. A., *Qualidade total e dimensões burocráticas*, Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis/SC, 1997;
- MARCUSE, H., *Eros e Civilização*, Circulo do livro - Zahar Editora, São Paulo/SP;(1956);
- MATZENAUER, H., B., *Aplicação da metodologia multicritério de apoio à decisão no aperfeiçoamento do sistema de coleta e destino final do lixo doméstico da cidade de Pelotas*, Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis/SC, 1998;
- MENDONÇA, P. S. M., *Avaliação do processo orçamentário com participação popular da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC no período de 1986 a 1988*. 175p. Dissertação Mestrado, UFSC, Florianópolis/SC, 1990;
- MINAYO, M. C. S. (org), *Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade*, Editora Vozes, 6ª Edição, Petrópolis/RJ; 1996;
- MINAYO, M. C. S. & SANCHES. 1983. In *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade?* Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro/RJ,jul/set, 1983;
- MORRIN, E. & KERN, A. B., *Terra Pátria*, Editora Sulina, Porto Alegre/RS, 1995;
- NETO, A. J. V., *A ordem das disciplinas*, Tese de Doutorado - UFRGS, Divulgação Internet – www.orion.ufrgs.br/faced/alfred/tesep1.htm;
- NÓBREGA, C., *Em busca da Empresa Quântica – Analogias entre o mundo da ciência e o mundo dos negócios*, Editora Ediouro, Rio de Janeiro/RJ, 1996;
- _____, *A necessidade de um quadro mental diferente*, Divulgação Internet – www.nobrega.com.br, Janeiro de 1999;
- PATRÍCIO, Z.M., *Ser saudável na felicidade prazer: uma abordagem ética e estética pelo cuidado holístico-ecológico*, UFSC_UFPol, 1996;
- PERUZZO, C.M.K., *Comunicação em movimentos populares - A participação na construção da cidadania*, Ed. Vozes, Petrópolis/RJ, 1998;
- PESSOA, F., *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sinódio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

- _____, *Poesias*, L&PM Editores, Porto Alegre/RS, 1996;
- _____, *Tabacaria e outros poemas*, Ediouro, 3ª Edição Rio de Janeiro, RJ, 1996;
- PIRES, T. S. L., *Educação Ambiental na Escola – Realidade, entraves, inovações e mudança*, Dissertação de Mestrado, UFSC, 1998;
- PISANI, S., *As soluções estão no lixo: Limites e possibilidades para uma gestão ecodesenvolvimentista de resíduos sólidos (O caso de Caxias do Sul - RS)*, Dissertação de mestrado, UFSC, 1996;
- POMPÊO, C. A., *Relato da Visita ao Consórcio Quiriri*. Texto da Disciplina “Planejamento Setorial de Bacias Hidrográficas”. Programa de Pós Graduação em Engenharia Ambiental. UFSC, Florianópolis/SC, 1998;
- _____, *Consórcio Intermunicipal da Bacia do Alto Rio Negro Catarinense: Desenvolvimento Metodológico*, Projeto de Pesquisa, UFSC, Florianópolis/SC, 1999;
- PRADO, A. L. A. (seleção, tradução e notas), *Princípios de uma ciência nova: acerca da natureza comum nas nações*, Ed. Abril Cultura, Coleção Os pensadores, São Paulo/SP, 1979.
- QUIRIRI, Consórcio – *Material Interno de Sistematização* – São Bento do Sul/SC, Ano 1997/1998/1999.
- RANDOLPH, L., *Democracia e Participação*, Editora Universidade de Brasília, Brasília/DF, 1975;
- REBELO, S., *Gestão Ambiental Participativa: a lacuna entre proposta e a implantação*, Dissertação de Mestrado, UFSC, 1998;
- RUSSELL, B., *O impacto da Ciência na Sociedade*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1967;
- SAUL, A. M., *Avaliação Emancipatória*, Cortez Editora, 3º Ed. São Paulo, 1988;
- SACHS, I. *Espaços, Tempos e Estratégias do Desenvolvimento*, Ed. Vértice, São Paulo/SP, 1986;
- SAMPAIO, C. A. C. - *Plano Municipal de Desenvolvimento em Urupema - SC - 1989 a 1994 - Um estudo de caso de um Planejamento Participativo para o Desenvolvimento Sustentável*, Dissertação de Mestrado, UFSC,

- Florianópolis/SC, 1994.
- SCHUMACHER, E. F., *O negócio é ser pequeno*, ZAHAR Editores, 4ª edição, Rio de Janeiro/RJ, 1983
- _____, *Um guia para os perplexos*, Publicações Dom Quixote, coleção Viragem nº33, São Paulo, SP, 1977;
- SERFAU, *Planejamento a nível microregional - anais do III Curso Intensivo de Planejamento Urbano Local- volume II*, SERFAU, Brasília/DF, 1972;
- SOARES, I. O., *Sociedade da Informação ou da Comunicação?* Ed. Cidade Nova, São Paulo/SP, 1996;
- SOLDATELI, M., *Oportunidades e Riscos do Turismo em Rancho Queimado: Subsídios para Turismo Sustentável – Um estudo de caso*, Dissertação de Mestrado, UFSC, 1999;
- SOUZA, M. L., *Desenvolvimento de Comunidade e Participação*, Cortez Editora, São Paulo/SP, 1987;
- SOUZA, H.M. *Engrenagens da Fantasia - A Produção nas Escolas de Samba*, Ed. Bazar da Ilusões, Rio de Janeiro, 1989;
- TORO, J. B. e WERNECK, N.M.D., *Mobilização Social - Um modo de construir a democracia e a participação*, Edição MMA, Sec. Recursos Hídricos, ABEAS, UNICEF, Brasília/DF, 1997;
- UTRIA, R., *El proceso de desarrollo y la participacion popular*, mimeo, CEPAL, Santiago, 1970;
- VEIT, L. M., *Avaliação – Enfoque Filosófico in Avaliação da Aprendizagem – Enfoques Teóricos*, Ed. Universidade, Porto Alegre, 1983, pp. 9 a 13;
- VIEIRA P.V. & WEBER J.(org.), *Gestão de Recursos Naturais Renováveis e Desenvolvimento – Novos desafios para pesquisa ambiental*, Cortez Editora, São Paulo/SP, 1997;
- VIERA P. V. et alli (org), *Desenvolvimento e Meio Ambiente no Brasil – A contribuição de Ignacy Sachs*, Editora PALLOTTI ,Porto Alegre/RS e APED, Florianópolis/SC, 1998;

- VIOLA, E. J. et alli, *Meio Ambiente Desenvolvimento e cidadania*, Cortez Editora, São Paulo/SP, 1995;
- WILHEIM, J., *O substantivo e o adjetivo*, Ed. Perspectiva, São Paulo/SP, 1976;
- YUNES, R.A., *A organização da matéria – Acaso ou Informação*, Editora da UFSC, Florianópolis/SC, 1995;
- ZYTKUEWISZ, L. C., *O conselho municipal para o desenvolvimento sustentável, um novo instrumento para a concepção e execução de Planos Municipais para o Desenvolvimento Sustentável: A experiência de Rancho Queimado*, Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis/SC, 1998.

ANEXOS

- *Anexo 1. Síntese de Atividades Participativas - Consórcio Quiriri*
- *Anexo 2. Cadernos de Diagnóstico Participativo*
- *Anexo 3. Síntese da Tabulação - Diagnóstico Participativo*
- *Anexo 4. Contextualização da Entrada em campo (Divulgação em jornais)*
- *Anexo 5. Síntese das Atividades de Campo (1/5)*
- *Anexo 6. Participação do Legislativo nas ações do Consórcio Quiriri*
- *Anexo 7. Caderno de Avaliação Participativa Nosso Lixo*
- *Anexo 8. Produtos da Pesquisa para o Consórcio Quiriri*
- *Anexo 9. Promoção do Projeto de Resíduos Sólidos - Consórcio Quiriri*
- *Anexo 10. Nota Preliminar Fernando Pessoa*

ANEXO 1. SÍNTESE DE ATIVIDADES PARTICIPATIVAS - CONSÓRCIO QUIRIRI

ANEXO 1. SÍNTESE DE ATIVIDADES PARTICIPATIVAS - CONSÓRCIO QUIRIRI – 1/4

95	Data	Mídia	Tipo de Atividade	Local	Participantes/Representação
1	11 a 15/12/95	Jornal	Curso de Capacitação Metodológica de Planejamento Ambiental	Sede Arsipe - SBS	Campo Alegre, Rio Negrinho, Mafra, Itaiópolis, Joinville, Florianópolis, São Bento do Sul (Total 34 part.)
2	18/12/95	Jornal	Palestras Campo Alegre	Câmaras de Vereadores	
3	19/12/95	"	Palestras Rio Negrinho	Câmaras de Vereadores	
4	21/12/95	"	Palestras São Bento do Sul	Câmaras de Vereadores	
97/1	14/04/97	Sistematização	Reunião com prefeitos CA/SBS/RN	-	Prefeitos, Predro Hidalgo, Magno
2	05/05/97	"	Reunião interna		
3	16/05/97	Jornal	Encontro Promoção	Major Vieira	Secretário do Estado de Agricultura e Abastecimento, Prefeitos CA, RN, SBS e Grupo Coordenador Consórcio
4	20/05/97	"	Reunião Protocolar	Prefeitura de Rio Negrinho	Prefeito e Autoridades
5	20/05/97	"	Reunião de Promoção	Rio Negrinho	Participantes do curso de 1995, técnicos institucionais e líderes comunitários. (13 partic.- lista pres.)
6	20/05/97	"	Visita Técnica Lixo Municipal, Hospital e estação de tratamento de água.	Rio Negrinho	Magno, Leoni, Alcides (foto)
7	20/05/97	"	Reunião de Promoção do Comitê Intermunicipal da Bacia Hidrográfica do Alto Rio Negro Catarinense	Câmaras de Vereadores RN	Secretários e Diretores da Prefeitura Municipal, prefeito, lideranças locais (25 partic. – lista pres.)
8	/05/97	"	Visita Técnica Lixo Municipal, Hospital e estação tratamento de água.	Campo Alegre	Magno, Leoni, Alcides (foto)
9	/05/97	"	Visita Técnica Lixo Municipal, Hospital e estação tratamento de água.	São Bento do Sul	Magno, Leoni, Alcides (foto)
10	22 e 23/05/97	"	Seminário de Promoção do Consórcio	Casa de Cultura SBS	Membros dos 3 Grupos de Trabalho Municipais
11	09/06/97	Jornal	Reunião da Coordenação do Consórcio		Grupo de coordenação do consórcio
12	/06/97	Sistematização	Palestra de Promoção Rotary CIMO		
13	17/06/97	Jornal	Seminário Diagnóstico Participativo da "Cadernos Nossa Escola"	PAM - São Bento do Sul	Professores
14	18/06/97	"	Seminário Diagnóstico Participativo da "Cadernos Nossa Escola"	Rio Negrinho	Professores (32 partic. – lista pres.)
15	19/06/97	"	Seminário Diagnóstico Participativo da "Cadernos Nossa Escola"	Campo Alegre	Professores
16	29 a 1/07/97	Jornal	1ª EXPOECO – Stand na feira	São Paulo	GT Consórcio, PROMOSUL
17	08/07/97	Sistematização	Reunião de Promoção – Câmara Júnior	Rio Negrinho	associados
18	09/07/97	"	Visita ao Interior para promoção do seminário 'Cadernos Nossa Comunidade Rural'	Rio Negrinho	Marcus Carrasqueira, GT Consórcio
19	/07/97	Mídia	Palestra de Promoção Rotary Club de São Bento do Sul	São Bento do Sul	Associados
20	/07/97	Mídia	Palestra de Promoção Lions Club	São Bento do Sul	Associados
21	11/07/97	sistematização	Palestra de Promoção Bombeiros (5º Pelotão de São Bento e 4º Pelotão de Rio Negrinho)	São Bento do Sul	23 partic. – lista de pres.
22	16/07/97	"	Seminário Comunidades Rurais	Rio Negrinho	24 partic. – Lista pres.
23	17/07/97	Jornal	Reunião de Promoção	Campo Alegre	Agricultores e lideranças comunitárias

Fontes: Sistematização Consórcio Quiriri. 1997 e 1998, Jornais Locais.

ANEXO 1.1. SÍNTESE DE ATIVIDADES PARTICIPATIVAS - CONSÓRCIO QUIRIRI – 2/4

97	Data	Mídia	Tipo de Atividade	Local	Participantes/Representação
24	18/07/97	Jornal	Seminário Nossa Sede	Rio Negrinho	Secretários e diretores da prefeitura (14 partic. – lista pres.)
25	19/07/97	Jornal	Seminário Nossa Sede	PAM – São Bento	Secretários e diretores da prefeitura
26	30/07/97	Jornal	Reunião de Agenda para visitas de Promoção a Florianópolis	Major Vieira	Secretário de Estado da Agricultura e Abastecimento, Prefeitos CA e RN
27	11/08/97	Jornal	Promoção Associação Comercial São Bento do Sul	São Bento do Sul	Diretoria, conselhos e convidados
28	12/08/97	Jornal	Aprovação lei municipal n.º 982 – autorização de participação do município no consórcio Quiriri	Rio Negrinho	Câmara de Vereadores
29	/08/97	Sistematização	Reunião de Promoção EPAGRI	Canoinhas	Técnicos e engenheiros agrônomos
30	/08/97	Sistematização	Seminário Comunidade Rural – Turismo Rural	Rio Natal – SBS	
31	/08/97	Sistematização	Palestra de Promoção Rotary Oxford	São Bento do Sul	
32	13/08/97	Sistematização	Seminário de Comunidades Urbanas	Rio Negrinho	14 part. – lista pres.
33	14 a 16/08/97	"	Encontros de Agenda para Visitas de Promoção em Florianópolis	Florianópolis	Prof. Pompêo(UFSC), Dirigentes S. ^{aa} (EPAGRI, CIDASC, SEDUMA), FATMA, Assembléia Legislativa.
34	20/08/97	"	Palestra de Promoção Núcleo Horizontal de Meio Ambiente	São Bento do Sul	
35	01/09/97	"	Palestra de Promoção EPAGRI	Florianópolis	Profissionais da área de recursos hídricos da EPAGRI, CIDASC, S. ^{aa} , SEDUMA, FATMA.
36	02/09/97	"	Palestra de Promoção UFSC	Florianópolis	Professores, pós-graduandos, técnicos.
37	03/09/97	"	Palestra de Promoção Assembléia Legislativa	Florianópolis	Colegiado supra partidário da região (11 dep.)
38	11/09/97	Jornal	Reunião EXPOAMA	São Bento do Sul	
39	22/09/97	Jornal	Palestra de Lançamento oficial do Consórcio – AMUNESC	Joinville	59 part. – lista pres.
40	24/09/97	Sistematização	Palestra de Promoção	Rio Negrinho	Membros CDL/ACIRNE (62 partic.)
41	28/09/97	"	Ato de Constituição do Consórcio – EXPOAMA	São Bento do Sul	79 partic. – lista pres.
42	13/10/97	Jornal	Reunião de Trabalho – Eleição do Presidente e outras funções)	Rio Negrinho	Prefeitos e Grupo de Trabalho do Consórcio
43	05/11/97	Sistematização	Reunião de Trabalho – Lixo hospitalar	São Bento do Sul	Representante da Vigilância Sanitária CA, SBS, RN, Secretários de Saúde, GT Consórcio
44	10/11/97	Sistematização	Reunião de formação Conselho da Sociedade Civil e da câmara urbana	São Bento do Sul	GT Consórcio, representantes de entidades e associações da sociedade organizada
45	12/11/97	Sistematização	Reunião de formação da Câmara Rural	Campo Alegre	
46	13/11/97	Sistematização	Reunião de formação do Conselho Fiscal	Rio Negrinho	
47	15/11/97	Jornal	Visita a Stolmeier S/A – equipamentos para usinas de reciclagem	Panambi/RS	Secretários de Meio Ambiente CA, SBS, RN
48	21/11/97	Jornal	Reunião Trabalho – análise de proposta reciclagem	São Bento do Sul	Prefeitos CA, SBS, RN, representante comercial , GT Consórcio
49	08/12/97	Jornal	Reunião do Conselho da Sociedade Civil	São Bento do Sul	Prefeitos CA, SBS, RN, GT Consórcio,
50	08/12/97	Jornal	Promoção projeto lixo	Vista alegre – Rio Negrinho	Comunidade
51	09/12/97	Jornal	Promoção projeto lixo	Bela Vista - Campo Alegre	Comunidade

Fontes: Sistematização Consórcio Quiriri. 1997 e 1998, Jornais Locais.

ANEXO 1.2. SÍNTESE DE ATIVIDADES PARTICIPATIVAS - CONSÓRCIO QUIRIRI – 3/4

97	Data	Mídia	Tipo de Atividade	Local	Participantes/Representação
52	09/12/97	Jornal	Promoção projeto lixo	Bela Vista - Campo Alegre	Comunidade
98/1	30/01/98	"	Reunião Grupo de Trabalho	Rio Negrinho	
2	06/02/98	"	Reunião Condema – Projeto Lixo	Rio Negrinho	
3	17/03/98	"	Reunião do Grupo de Trabalho	Sede do Consórcio/SBS	GT do consórcio
4	22/03/98	"	Apresentação do relatório Consórcio Quiriri	Câmara de Vereadores/SBS	
5	26/03/98	"	Reunião de Trabalho – Projeto TPRS		
6	15/04/98	"	Palestra de Promoção – Câmara de Veradores	Joinville	Comissão Especial da Água
7	17/04/98	"	Seminário com Professores - PTPRS	Campo Alegre	Professores Rede municipal
8	23/04/98	"	Promoção do Consórcio e Visita Aterro Sanitário com Empresários	São Bento do Sul	Núcleo do Meio Ambiente Assoc. Comercial e Industrial de São Bento do Sul
9	05/05/98	Sistematização	Palestra Professores –Projeto Lixo	Campo Alegre	Professores da rede municipal
10	25/05/98	"	1º Concurso Municipal – Projeto Lixo - Lançamento	Campo Alegre	
11	25/05/98	"	Lançamento da Coleta Seletiva em Campo Alegre	Campo Alegre	
12	28/05/98	"	Visita Pós graduandos UFSC	CA, SBS, RN.	Prefeitos, GT Consórcio e Alunos UFSC
13	29/05/98	"	Seminário de Promoção Consórcio e mesa redonda	São Bento do Sul	GT Consórcio e alunos UFSC
14	09/06/98	"	Reunião Grupo de Trabalho PTPRS	São Bento do Sul	Prefeitos, GT Consórcio,
15	23/06/98	"	Reunião de promoção vereadores CA, SBS, RN – procedimentos legislativo		
16	23 a 28/06/98	"	Participação feira Ambiental / 98 Stand	São Bento do Sul	
17	28/06/98	"	1º Concurso Municipal – Projeto Lixo - Premiação	São Bento do Sul	
18	02/07/98	Jornal	Encontro Secretários de Agricultura do Planalto Norte - PTPRS	Campo Alegre	Sec. Gricultura Planalto Norte, GT Consórcio
19	04/07/98	"	Promoção Câmara de Vereadores – Projeto APA's	São Bento do Sul	Vereadores, GT Consórcio
20	14/07/98	"	Reunião GTZ		Representante GTZ, GT Consórcio
21	29/07/98	Sistematização	Reunião do Conselho da Sociedade Civil	Campo Alegre	Sociedade Civil Organizada, Sec. Municipais
22	03/08/98	Jornal	Reunião Comissão Vereadores -	São Bento do Sul	Vereadores, Coordenador executivo do Consórcio
23	13/08/98	Jornal	Visita de Representantes Municipais - PPTRS	Campo Alegre	Representantes dos municípios de: Videira, Rio das Antas, Salto Velozo, Arroio Trinta, Tangará, Pinheiro Preto, Fraiburgo, Iomerê e Guaramirim
24	/08/98	"	Visita de Secretário Municipal - Corupá	São Bento do Sul	Secretário Municipal de Agricultura, Meio mbiente e Turismo de Corupá
25	24/08/98	Sistematização	Parlamento do Consórcio – Criação das APA's e Convênio UFSC, Convênio Lixo Hospitalar	Rio Negrinho	Sociedade Civil Organizada
26	27/08/98	"	Premiação FATMA – " Troféu Fritz Muller" Menção Honrosa	Florianópolis	
27					
28	08/09/98	"	Palestra Grupo da Terceira Idade (Felicidade e Amizade)	Rio Negrinho	80 participantes
29	08/09/98	"	Viagem de estudo – Colégio Cinesista São José	RN, SBS, CA	48 alunos, 2 professores
30	09/09/98	Sistematização	Visita alunos UFSC	CA, SBS, RN	

Fontes: Sistematização Consórcio Quiriri. 1997 e 1998, Jornais Locais.

ANEXO 1.3. SÍNTESE DE ATIVIDADES PARTICIPATIVAS - CONSÓRCIO QUIRIRI – 4/4

98	Data	Mídia	Tipo de Atividade	Local	Participantes/Representação
31	10/09/98	Jornal	Promoção do Programa participativo de Resíduos Sólidos	São Bento do Sul	Professores 1ª a 4ª séries, Professores de Ciências 5ª a 8ª séries, prefeitos Campo Alegre e São Bento do Sul, GT Consórcio
32	16/09/98	"	Promoção do Programa participativo de Resíduos Sólidos	Rio Negrinho	Proª 5ª a 8ª séries (52 partic. – lista de presença)
33	17/09/98	"	Promoção do Programa participativo de Resíduos Sólidos	Rio Negrinho	Proª Educação Infantil e 1ª a 4ª séries (53 partic. – lista de presença)
34	17/09/98	Jornal	Promoção do Programa participativo de Resíduos Sólidos	Rio Negrinho	Merendeiras e auxiliares de serviço (26 partic. – lista de presença)
35	21/09/98	"	Lançamento da coleta seletiva	Rio Negrinho	
36	21/09/98	"	Lançamento da coleta seletiva – Bairro Serra Alta	São Bento do Sul	
37	22/09/98	"	Palestra de Promoção UNIVILLE	Joinville	Coordenador Executivo do Consórcio, Alunos Ciências Biológicas e Engenharia Ambiental
38	19/10/98	"	Reunião do GT Consórcio	São Bento do Sul	Representantes FATMA, Polícia Ambiental
39	27/10/98	"	Visita ao aterro Sanitário e a sede Consórcio	São Bento do Sul	alunos Rede Municipal
40	27/10/98	"	Confraternização de Aniversário Consórcio Quiriri	Campo Alegre	Representantes Sociedade Civil dos 3 municípios, prefeitos e autoridades
41	27 a 28/10/98	"	Visita pesquisadoras UFSC – Projeto APA's e PPTRS	CA, SBS, RN	2 pesquisadoras
42	/10/98	"	Visita ao Consórcio	Rio Negrinho	Prefeitos Municipais Guaramirim, Massaranduba, e Corupá, Presidente do Rotary Clube de Guaramirim, Pres. Assoc. de Moradores do Bairro Imigrantes
43	14/11/98	"	Análise de Índice CO ₂	Rio Negrinho	
44	24/11/98	"	Reunião Eleição presidência Conselho de Prefeitos	São Bento do Sul	Prefeitos CA, SBS, RN, vereadores, representantes da sociedade civil.
45	26/11/98	"	Reunião Grupo de Trabalho – Selo de Qualidade	São Bento do Sul	GT Consórcio
46	11/98	"	Aprovação lei de limpeza Pública	SBS, RN	
47	04 a 8/12/98	"	Visita pesquisadora UFSC – Projeto APA's	Rio Negrinho	
48	10/12/98	"	Doação livros Colégio Aplicação - UFSC	São Bento do Sul	Prefeito Campo Alegre, Secretária de Educação CA, SBS, RN, GT Consórcio, Professores UFSC

Fontes: Sistematização Consórcio Quiriri. 1997 e 1998, Jornais Locais.

ANEXO 2. CADERNOS DE DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO
- Nossa Comunidade Urbana e Nossa Escola -

**CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DA BACIA
HIDROGRÁFICA DO ALTO RIO NEGRO
CATARINENSE**

CONSÓRCIO QUIRIRI

**CAMPO ALEGRE
RIO NEGRINHO
SÃO BENTO DO SUL**

**CADERNO DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO
DA NOSSA COMUNIDADE URBANA**

MUNICÍPIO: _____

DATA : _____

**METODOLOGIA DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO EM BACIAS HIDROGRÁFICAS
1997**



MENSAGEM



Amigo !!!

Este caderno é parte integrante do "Consórcio Quiriri", que é um trabalho conjunto dos municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre, visando o desenvolvimento econômico dos seus cidadãos, a melhora da qualidade de vida da população e a conservação da natureza.

Através dos resultados que serão apresentados pelos representantes de cada comunidade urbana, será possível detectar os reais problemas existentes nas comunidades e estabelecer formas e meios para solucioná-los.

Para tanto, as respostas deverão conter informações corretas e precisas.

Contamos com Você !

A Coordenação

PRIMEIRA PARTE

QUEM SOMOS ?

1.1 - Qual é o nome da nossa comunidade?

Resposta: _____

1.2 - Quantas Famílias moram na nossa comunidade ?

Resposta: _____

1.3 - O que as mulheres fazem na comunidade, além de cuidarem da casa ?

(Marque com um x a melhor opção)

Trabalham na indústria ou comércio

() Muitas() Poucas() Nenhuma

Trabalham como empregadas ou diaristas

() Muitas() Poucas() Nenhuma

Fazem costura, doces ou artesanato

() Muitas() Poucas() Nenhuma

SEGUNDA PARTE

ONDE ESTAMOS

2.1 - Quais os nomes dos principais rios e córregos da nossa comunidade ?

R.: _____

2.2 - Qual a distância da nossa comunidade até o centro do município ?

R.: _____

2.3 - Em que bairro está nossa comunidade ?

R.: _____

TERCEIRA PARTE

O QUE TEMOS ?

3.1 - Quantos postos de saúde existem em nossa comunidade ?

R.: _____

3.2 - Quais os nomes das escolas que existem na nossa comunidade ?

R.: _____

3.3 - Quais os nomes das comunidas religiosas que existem na nossa comunidade ?

R.: _____

3.4 - Quais os nomes dos clubes que existem na nossa comunidade ?

R.: _____

3.5 - Quais os nomes das associações que existem na nossa comunidade ?

R.: _____

QUARTA PARTE

QUAIS SÃO OS NOSSOS PROBLEMAS ?

4.1 - Quais são os principais problemas Sociais do nosso Município ?
(Marque com X a melhor opção)

Código	Tipo de Problema	Nível do Problema				POR QUE ?
		Sem Problema	Médio	Grave	Muito Grave	
4.1.1	Moradores sem escolaridade					
4.1.2	Áreas de Lazer					
4.1.3	Posto Policial					
4.1.4	Policciamento de Rua					
4.1.5	Assistência ao menor e ao Adolescente					
4.1.6	Assistência ao Idoso					
4.1.7	Transporte Coletivo					
4.1.8	Moradia					
4.1.9	Desemprego					

4.2 - Quais são os principais problemas na Educação do Nosso município ?
(Marque com um X a melhor opção)

Código	Tipo de Problema	Nível do Problema				POR QUE ?
		Sem Problema	Médio	Grave	Muito Grave	
4.2.1	Escola de 1º Grau					
4.2.2	Escola de 2º Grau					
4.2.3	Qualidade de Ensino					
4.2.4	Merenda Escolar					
4.2.5	Condição Física da Escola					
4.2.6	Evasão Escolar					
4.2.7	Creche Comunitária					
4.2.8	Condição Física da Creche					
4.2.9	Ensino Profissionalizante/ Qualificação de mão de obra					
4.2.10	Educação de Adultos					

4.3 - Quais são os principais problemas na Saúde no nosso município?
(Marque com um X a melhor opção).

Código	Tipo de Problema	Nível do Problema				POR QUE ?
		Sem Problema	Médio	Grave	Muito Grave	
4.3.1	Hospital					
4.3.2	Posto de Saúde					
4.3.3	Distribuição de Medicamentos					
4.3.4	Atendimento Médico					
4.3.5	Atendimento Odontológico					
4.3.6	Hospitais ou postos de Saúde que contaminam córregos					
4.3.7	Queima do Lixo Hospitalar, postos de saúde ou farmácia					

4.4 - Quais são os principais problemas na infra-estrutura no nosso município ?
(Marque com um X a melhor opção).

Código	Tipo de Problema	Nível do Problema				POR QUE ?
		Sem Problema	Médio	Grave	Muito Grave	
4.4.1	Pavimentação de Ruas					
4.4.2	Conservação de Ruas					
4.4.3	Abastecimento de Água					
4.4.4	Energia Elétrica					
4.4.5	Iluminação de Ruas					
4.4.6	Telefone Público					
4.4.7	Telefonia					

4.5 - Quais são os principais problemas de Poluição no nosso município?
(Marque com um X a melhor opção).

Código	Tipo de Problema	Nível do Problema				POR QUE ?
		Sem Problema	Médio	Grave	Muito Grave	
4.7.1	Lixo					
4.7.2	Entulho					
4.7.3	Esgoto					
4.7.4	Alagamento					
4.7.5	Poluição Sonora					
4.7.6	Poluição do Ar					
4.7.7	Poluição dos Rios					

QUINTA PARTE

QUAIS SÃO AS NOSSAS PROPOSTAS ?

5.1 - Quais são as nossas propostas para resolver os problemas classificados como graves e muito graves ?

Código	Tipo de Problema	Proposta
5.1.1		
5.1.2		
5.1.3		
5.1.4		
5.1.5		

PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPO ALEGRE

Manuel Rodrigues Del Omo

COORDENADOR DO GRUPO MUNICIPAL DE TRABALHO

João Samuel Cubas

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Nédia Scheffer

PREFEITO MUNICIPAL DE RIO NEGRINHO

Mauro Mariani

COORDENADOR DO GRUPO MUNICIPAL DE TRABALHO

Leoni Fuerst Pacheco

SECRETÁRIO EXECUTIVO

José Ilmo Fuerst

PREFEITO MUNICIPAL DE SÃO BENTO DO SUL

Silvio Dreveck

COORDENADOR DO GRUPO MUNICIPAL DE TRABALHO

Cleusa Nalú Tascheck

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Paulo Roberto Schmacher

COORDENADOR GERAL DO CONSÓRCIO QUIRIRI

Magno Bollmann

ASSESSORIA METODOLÓGICA

Prof. Pedro Hidalgo

Marcus Vinícius Carrasqueira

**CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DA BACIA
HIDROGRÁFICA DO ALTO RIO NEGRO
CATARINENSE**

CONSÓRCIO QUIRIRI

DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO DA NOSSA ESCOLA

**CAMPO ALEGRE
RIO NEGRINHO
SÃO BENTO DO SUL**

DATA: ____ / ____ / ____

CÓDIGO: _____

MENSAGEM

Querido Aluno!!!

Este caderno é parte integrante do "Consórcio Quiriri", que é um trabalho conjunto dos municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre, visando a conservação da natureza e a melhoria da qualidade de vida.

Através dos resultados que serão apresentados por todos os alunos das 4ª Séries do ensino fundamental, será possível detectar os reais problemas existentes nas comunidades escolares e estabelecer formas e meios para solucioná-los; mas para tanto, as respostas deverão conter informações corretas e precisas.

Contamos com Você!

Primeira Parte

QUEM SOMOS ?

1 - Meu nome é _____

2 - Nossa Escola chama-se _____

3 - Nosso Diretor chama-se _____

4 - Nossa Professora chama-se _____

5 - Nossa comunidade chama-se _____

6 - Quantos professores tem nossa escola ?

R.: _____

7 - Quantas pessoas mais trabalham na escola ?

R.: _____

8 - Quantos alunos tem:

1^a Série: _____ 5^a Série: _____

2^a Série: _____ 6^a Série: _____

3^a Série: _____ 7^a Série: _____

4^a Série: _____ 8^a Série: _____

- Qual o número total de alunos em nossa escola ?

R.: _____

Segunda Parte

ONDE ESTAMOS ?

1 - Nossa comunidade chama-se _____

2 - Nosso município chama-se _____

3 - Nosso estado é _____

4 - O endereço da nossa escola é _____

5 - Como ponto de referência natural, nossa escola fica

próxima a _____

_____ (Córrego, Rio...)

Terceira Parte

QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES FÍSICAS DA NOSSA ESCOLA ?

	ÍTEM	SEM PROBLEMA	REGULAR	PÉSSIMO	NÃO EXISTE
01	PISO				
02	TELHADO				
03	PAREDES				
04	PORTAS				
05	JANELAS				
06	BANHEIROS				
07	COZINHA				
08	CARTEIRAS				
09	QUADRO NEGRO				
10	PINTURA EXTERNA				
11	PINTURA INTERNA				
12	CLARIDADE NAS SALAS				
13	VENTILAÇÃO NAS SALAS				
14	INSTALAÇÃO ELÉTRICA				
15	ESPAÇO DAS SALAS				
16	ESPAÇO DA BIBLIOTECA				
17	ÁREA INTERNA				

18 - Quantas torneiras tem em nossa escola ?

R.: _____

19 - Quantas torneiras estão: Boas (.....) Ruins (.....)

20 - Quantas lâmpadas tem em nossa escola ?

R.: _____

21 - Quantas lâmpadas estão: Boas (.....) Ruins (.....)

22 - Quanto material escolar a escola oferece ?

Todo Material Alguma Parte Não Recebemos

23 - A escola oferece merenda escolar ?

Todos os Dias Às Vezes Nunca

24 - A merenda escolar é:

Boa Regular Ruim

25 - Como é cercada a nossa escola ?

Não é Cercada Murro

Alambrado/ Arame Outras / citar _____

Quarta Parte

A NATUREZA DA NOSSA ESCOLA

I Plantas

1 - Nossa escola tem jardim ? () Sim () Não

2 - Existem plantas que são cultivadas dentro da sala de aula ?

() Sim () Não Quantas ? _____

3 - Existem árvores no pátio da nossa escola ?

() Sim () Não Quantas ? _____

4 - Na escola tem horta ? () Sim () Não

5 - Caso tenha, quem cuida da horta ?

() Serventes () Alunos () Pais

() Professor () Outros

6 - O que acontece com os produtos da horta ?

() São utilizados na merenda

() Distribuídos aos Alunos

() Não são colhidos

7 - Caso não tenha, você gostaria que tivesse ?

() Sim () Não

II Animais

1 - Quantas espécies de animais encontramos em nossa escola ?

R.: _____

2 - Quais os nomes destes animais ?

R.: _____

3 - Quais destes animais são prejudiciais, fazem mal às pessoas que convivem na escola ?

R.: _____

III Água

1 - De onde vem a água de nossa escola ?

() Córrego () Poço () Nascente () Rua

2 - Nossa escola tem caixa de água ? () Sim () Não

3 - Você acha que a água utilizada em nossa escola é de boa qualidade ? () Sim () Não

4 - Para onde vai a água suja do banheiro e da cozinha de nossa escola ?

() Para o correço () Fossa () Rua () Outros

5 - Você acha que o esgoto do banheiro e da cozinha estão poluindo o córrego ? () Sim () Não () Não sabemos

6 - Quando chove o pátio de nossa escola fica alagado ?

() Sempre () Às Vezes () Nunca

Quinta Parte

CONTAMINAÇÃO DA NOSSA ESCOLA

1 - Quantas lixeiras tem na nossa escola ?

() Na Sala de Aula () Na Cozinha () No Pátio

2 - Que tipo de lixo é produzido na nossa escola ?

Na sala de aula: _____

Na Cozinha: _____

No Pátio: _____

3 - Você acha que nossa escola necessita de mais lixeiras no pátio ? () Sim () Não () Quantas _____

4 - O lixo de nossa escola é recolhido ?

() Sim () Não () Por Quem _____

5 - O que é feito finalmente com o lixo de nossa escola ?

R.: _____

6 - Você acha que o lixo da cozinha (restos de comida) poderia ser separado dos outros lixos, como plásticos, papéis e latas, e estes serem vendidos para reciclagem ? () Sim () Não

7 - Você sabia que o lixo orgânico (cascas de frutas, restos de comida) passando pelo processo de compostagem, pode transformar-se em adubo ? () Sim () Não

Sexta Parte

QUAIS SÃO OS NOSSOS PROBLEMAS E PROPOSTAS PRIORITÁRIAS

Os professores da escola, junto com as crianças, poderão escolher os problemas prioritários da escola e definir algumas propostas de solução, com apoio da comunidade, da Prefeitura, além de outras Instituições Federais, Estaduais ou Municipais.

	PROBLEMAS	PROPOSTAS
1º		
2º		
3º		
4º		
5º		
6º		
7º		

ANEXO 3. SÍNTESE DA TABULAÇÃO - DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

SÍNTESE DO RESULTADO DE TABULAÇÃO

CADERNO DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NOSSA COMUNIDADE - CONSÓRCIO QUIRIRI - JULHO / AGOSTO DE 1997

DADOS GERAIS - URBANO E RURAL

QUEM SOMOS NO QUIRIRI:

Comunidades	Envolvidas	Não Envolvidas	Total
Campo Alegre	23	8	31
São Bento do Sul	19	13	32
Rio Negrinho	17	31	48
Total Geral	59	52	111

TOTAL DE CADERNOS APLICADOS: 59

Municípios	Comunidades Urbanas	Comunidades Rurais	Famílias Envolvidas
Campo Alegre	-	23	1.724
São Bento do Sul	11	8	11.637
Rio Negrinho	11	6	8.532
Total Geral	22	37	21.893

O QUE TEMOS NO QUIRIRI:

Municípios	Igrejas	Escolas	Clubes	P. Médico	Associações	Pontos Turísticos	Industrias
Campo Alegre	29	30	14	2	8	12	-
São Bento do Sul	46	36	35	10	14	18	40
Rio Negrinho	22	21	7	13	23	12	43
Total Geral	97	87	56	25	45	42	83

CADERNOS DE PLANEJAMENTO – QUIRIRI RELAÇÃO DE COMUNIDADES PARTICIPANTES

MUNICÍPIO DE CAMPO ALEGRE

Comunidade Rural	Referência	Nº cadernos	Nº Famílias	Nº Propriedades	Distância Sede
SALTINHO	RIO SALTINHO, RIO LAVRINHA, RIO TIJUCUNE, RIO BEIJA	2	50	40	1 (15) 1 (12)
CAPINZAL	RIO SCHULZE; RIO RIBEIRÃO; RIO SCHUEDLER; RIO TURVO; RIO NEGRO	2	34	30	12 KM
BATEIAS DE CIMA	RIO BATEIAS DE CIMA; RIO TIJUCUME, CÓRREGO DO VINO; CÓRREGO DOS ULING	2	83	83	18KM
Salto	Rio turvo, Córrego do Cerro, Rio da Geada	1	38	38	9.000 metros
Bateias de Cima/ Saltinho/ Ribeirao Meio	Rio Bateias Cima, Tijucume, Rio Lavrinha, Rio Saltinho, Rio Ribeirao, Outros	1	152	127	0
Avenquinha, Serrinha	Rio Bonito, Rio da Gecala, Rio Turvo ,Rio Droga	1	100	100	Serrinha 6 km ;
Lageado	Rio São Miguel	1	70	70	6 km
AVENCA DO RIO NEGRO	RIO NEGRO	1	40	36	16 KM
Rio Represa	Rio Represo	1	12	12	11 km
Bateias de Baixo	Rio Bateias, Estiva e Água verde	1	0	2	15 km
Papanduvinha	Rio Negro, Rio Bateias, Córrego Papanduvinhas, Rio Ribeirão do Meio	1	45	50	20 km
RODEIO GRANDE	RIO POSTEMA, RIBEIRÃO DASTECHAS, RANCHO VELHO, PASSA TOURO, RIO SANGUA, RIBEIRÃO RODEIO, RIBEIRÃO FUNDO	1	35	35	48 KM
QUEIMADOS	VÁRIAS NASCENTES	1	23	20	12 KM
SÃO MIGUEL	RIO SÃO MIGUEL, RIO DO BUGRE	1	65	6	6 KM
CUBATÃO	RIBEIRÃO GRANDE	1	40	40	30 KM
LARANJEIRAS	RIO DO TIGRE, RIO DO CACHIMBO, RIO DO GRAMADO	1	14	14	17 KM
CORREDEIRA	RIO NEGRO, RIO CORREDEIRA	1	50	50	15 KM
SANTANA / XIMBUVA	POSTEMA, NEGRO, RIBEIRÃO GRANDE, RIBEIRÃOZINHO	1	93 / 39 +54	50 / 20+30	30KM / 36 KM
RIBEIRÃO/MATO BONITO/BATEIAS DE CIMA	TIJUCUME, BATAIAS, RIBEIRÃO, RIBEIRÃO DO MEIO, MONJOLO	1	130	130	R-25 KM / MB 30 KM/ B 20 KM
Campinas dos Farias	Rio Laurinha e Tijucume	1	50	40	15 km
TIJUCUME	RIO TIJUCUME E BATEIAS	1	34	28	24
Total: 21 comunidades	Totais Gerais	18	898	798	

CADERNOS DE PLANEJAMENTO – QUIRIRI RELAÇÃO DE COMUNIDADES PARTICIPANTES

MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SUL

Comunidade Rural	Referência	Nº cadernos	Nº Famílias	Nº Propriedades	Distância Sede
Rio Vermelho Estação	Rio Vermelho, Rio Humboldt, Rio dos Bugres, Rio Natal, Rio Vila Nova, Rio Schram	1	264	248	10 km
Bairro Lençol	RIO SERRINHA, RIO CAMPINAS	2	41	98	11 KM
Bela Aliança	RIO SÃO BENTO E OUTROS	1	0	0	5 KM
Bela Aliança, Km. 75	RIO BRUSKI, CÓRREGO SEM DENOMINAÇÃO	1	228	228	8 KM
Rio Vermelho Povoado	RIO HUMBOLDT	1	144	150	12 KM
Estrada Dona Francisca	Rio Negrinho e São Bento.	1	0	0	7 Km
Rio Antinha Conrado Liebel	Rio Antinha	1	60	20	RA 15 KM / RB 15 KM
Ponte dos Vieiras	Rio São Bento, Rio Campinas, Rio Negro.	1	40	40	14 Km
Total: 8 comunidades	Totais Gerais	9	777	784	

Comunidade Urbana	Referência	Nº Cadernos	Famílias	Dist. Centro
Comunidade Cruzeiro	Rio São Bento, Rio das Antas, Cruzeiro, Córrego Rua Antônio Grosskoff Cruzeiro	1	1557	8 km
Parque Mariane e Parque Marias	Temos uma nascente e um correjo sem nome.	1	190	0
Bairro Centenario	Rio Negrinho	1	800	0
Mato Preto	Rio Negrinho, Corrego Gassner, Corrego Bruschi, Corrego Schneiner	1	260	0
Bairro Progresso	Um correjo	1	758	0
Bairro Schramm	Nascente do Rio São Bento	1	1.500	0
Parque São Paulo	Rio Pedreira	1	695	0
Serra Alta	Rio Banhados	1	2.048	0
Vila Enchendorfe	NÃO HÁ	1	300	0
C.H. Haroldo Bruno Ewlder	Rio Negrinho, Nascente Rio Vermelho, Córrego Paulo Pilat, Córrego Nascente Terreno Fewdrich	1	810	0
Bairro 25 de Julho	Nascente Rio São Bento e várias outras nascentes sem contaminação.	1	1600	0
Total: 11 comunidades	Totais	11	10518	

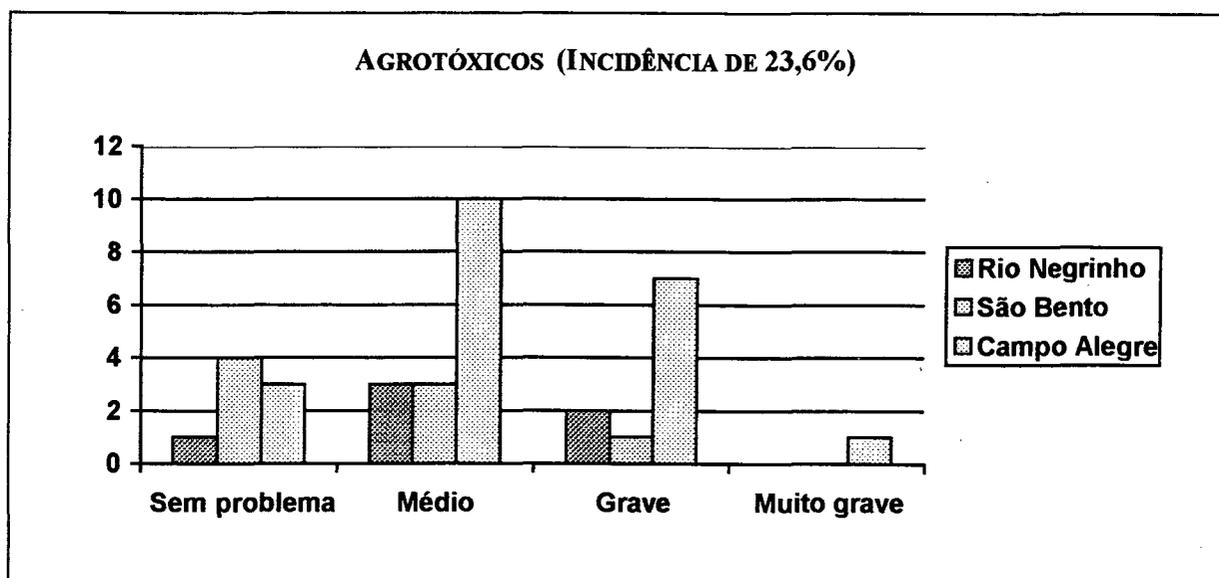
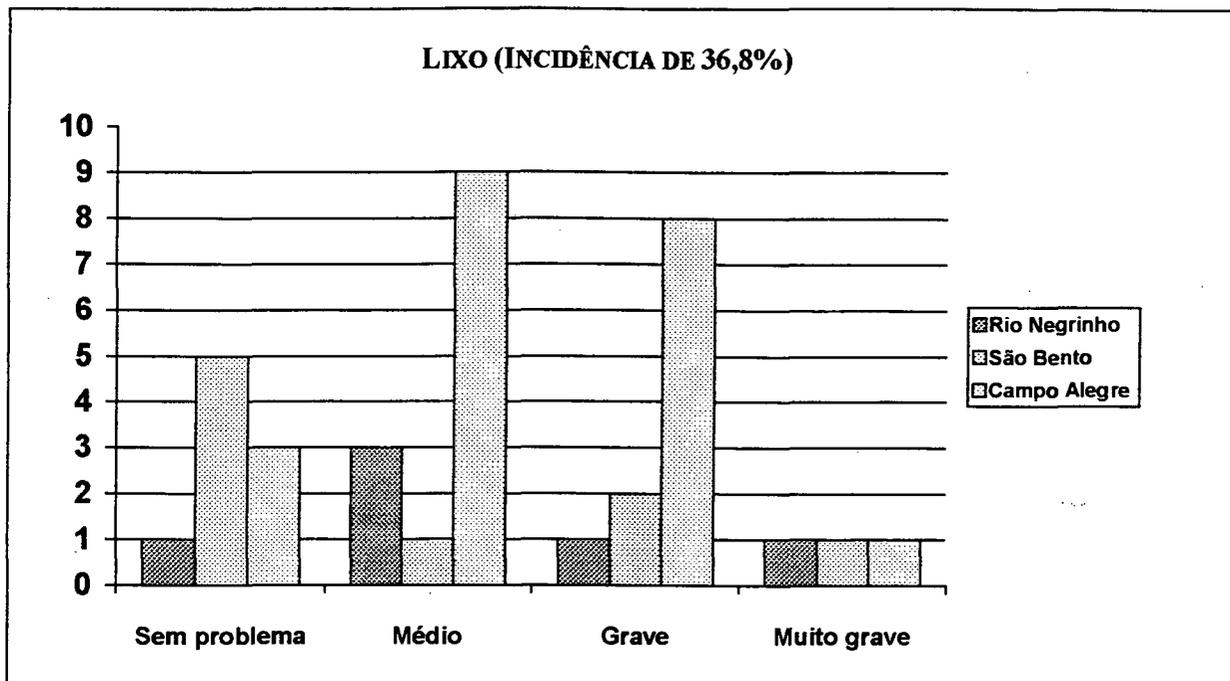
CADERNOS DE PLANEJAMENTO – QUIRIRI RELAÇÃO DE COMUNIDADES PARTICIPANTES

MUNICÍPIO DE RIO NEGRINHO

Comunidade Rural	Referência	Nº cadernos	Nº Famílias	Nº Propriedades	Distância Sede
RIO DOS BUGRES	RIO DOS BUGRES	1	29	32	9 KM
BARRO PRETO	NÃO TEM	1	18	16	10 KM
RIO CASA DA PEDRA	RIO CASA DA PEDRA	1	33	23	12 KM
RIO DA VEADA	RIO DA VEADA, RIO DOS BUGRES, RIO CORREIA, RIO CORREDEIRAS	1	9	9	27 KM
SÃO PEDRO / QUEIMADOS	RIO DOS BUGRES	1	56	78	10 KM
COLONIA OLSEM	RIO CASA DE PEDRA	1	80	80	10 KM
Total: 6 comunidades	Totais Gerais	6	225	238	

Comunidade Urbana	Referência	Nº cadernos	Nº Famílias	Dist. Centro
Quitandinha	Rio dos Bugres	1	300	2 Km
Vila Nova	Rio Serrinha	1	0	2 KM a 3 Km
Beato José de Anchieta	0	1	0	aprox. 2 Km
Rio Preto	Rio Preto e Rio da maia	1	115	10 KM
Vista Alegre	Rio dos Bugres, Rio Negrinho	1	0	1 Km
Pinheirinho	Rio Negrinho, Corrego sem nome.	1	110	3 Km
Bairro Alegre	Rio Negrinho	1	403	1,2 Km
Loteamento Jardim Hantschel	Rio dos Bugres e Rio Negrinho.	1	246	1800 Mts
Bairro São Pedro	0	1	250	6 km
Bairro Bela Vista	Rio Negrinho e Rio dos bugres	1	500	1 km
Rio Negrinho - Centro	Rio Negrinho	2	500	0
Rio Negrinho - Bairro Cruzeiro	0	2	0	1 km
Total: 12 comunidades	Totais	14	2424	

Problemas de Contaminação – Comunidades Rurais



PROBLEMA DE POLUIÇÃO E PROPOSTAS DE SOLUÇÃO – COMUNIDADES RURAIS

PROBLEMAS DE POLUIÇÃO

PROBLEMA	PROPOSTAS DAS COMUNIDADES
Poluição	<ul style="list-style-type: none">• Campanha educativa para orientação sobre a poluição com o lixo doméstico, agrotóxico e esgoto.• Multa para as pessoas que poluem os rios.• Lixo – coleta pelo menos duas vezes por semana, reciclagem e depósito para lixo tóxico.• Esgoto – depósito para esterco, construção de sumidouro.• Implantação de sistema de tratamento de água, perfuração de poço artesiano.• Desmatamento e erosão – mais assistência técnica e orientação para o plantio direto, e aplicação da lei com multa aos infratores.• A empresa Quimatra deve fazer um decantador, filtrar ou tratar os resíduos.

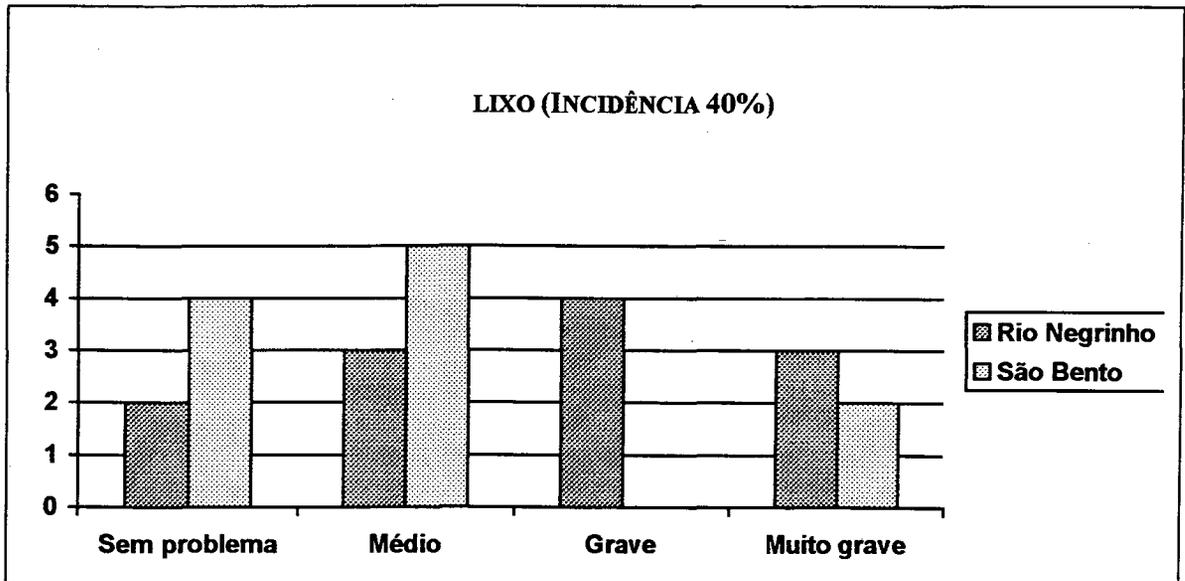
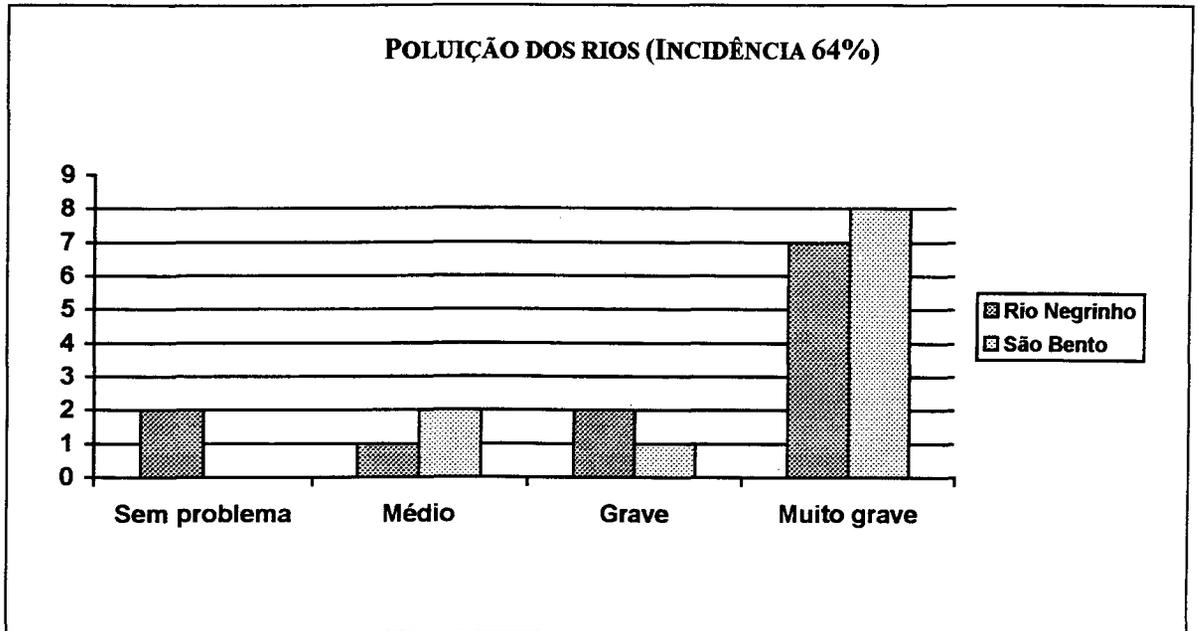
As comunidades apresentaram outros problemas que consideram sérios:

- Controle do borrachudo – dificulta o trabalho e o descanso
- Controle de capivaras que migram dos locais desmatados e destroem as lavouras
- Água parada criando parasitas e doenças para animais
- Criação de escola agrícola para esclarecimento e qualificação do agricultor
- Poluição – lixo e esgoto jogados nos rios
- Enchentes – limpeza dos rios
- Desmatamento – empresas desmatam sem deixar a mata ciliar

OUTROS PROBLEMAS APONTADOS

PROBLEMA	PROPOSTAS DAS COMUNIDADES
sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Estradas – melhorar a conservação, drenagem e iluminação. • Educação – transporte para alunos de 5ª série à 2º grau e mais salas de aula. • Saúde – campanhas preventivas; atendimento médico e odontológico pelo menos três vezes por semana com distribuição de remédios. • Lazer – construção de campo de futebol, parques infantis e criação de clubes e associações. • Transporte – mais horários para ônibus de transporte coletivo. • Telefone – instalação de telefone comunitário.
Produção agrícola	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivo na instalação de agroindústrias. • Prefeituras fornecerem máquinas para diminuir o custo de produção. • Apoio do poder público para reduzir o custo na compra de calcário. • Mais profissionais para assistência e controle de pragas e doenças, para conservação do solo e controle de erosão. • Abertura dos rios para evitar enchentes. • Melhoramento de estradas secundárias e vicinais. • Instalação de um secador de grãos comunitário. • Galpão coletivo para armazenar e comercializar produtos. • Qualificação técnica para os produtos. • Instalação de uma central de distribuição de sementes e adubos para abaixar o preço ou usar o sistema de troca-troca. • Incentivo à irrigação. • Financiamento com juros acessíveis. • Construção de depósitos para adubos e calcário.
Criação de animais	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivo na comercialização de animais. • Vacinação preventiva. • Melhoramento de pastagens. • Alternativa para silagem na estiagem. • Posto de monta e inseminação artificial para melhoramento genético. • Subsídios para compra de matrizes.

PRINCIPAIS PROBLEMAS DE POLUIÇÃO – COMUNIDADE URBANAS



PROBLEMA DE POLUIÇÃO E PROPOSTAS DE SOLUÇÃO – COMUNIDADES URBANAS

PROBLEMAS DE POLUIÇÃO

Principais problemas	Propostas das comunidades
Lixo	instalação de usina de reciclagem; recolhimento de lixo seletivo mais vezes por semana e multar as pessoas que jogam lixo em terrenos baldios e nos rios.
Poluição	campanhas educativas através da escola e imprensa.

OUTROS PROBLEMAS TAMBÉM APONTADOS

Lazer	construção de áreas de lazer nos bairros (quadras, parques, etc...) em áreas da prefeitura.
Telefonia	instalação de mais telefones públicos nos bairros.
Policimento	construção de postos policiais nos bairros e policiamento ostensivo.
Esgoto	construção de rede de esgoto.
Creches	construção em locais identificados por pesquisa sobre a necessidade.
Saúde	melhorar o atendimento nos hospitais; construção de postos de saúde nos bairros e melhorar a distribuição de medicamentos.
Moradia	financiamento para compra de lotes.
Educação	educação de adultos em escolas itinerantes nos bairros nos finais de semana para pessoas que trabalham. Construção de escolas em comunidades que ainda não tem e criação de cursos profissionalizantes.
Conservação de ruas	pavimentação, manutenção e iluminação.
Desemprego	a administração pública deveria atrair novas empresas para gerar mais empregos.

ANEXO 4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ENTRADA EM CAMPO (Divulgação em jornais)

Quiriri se reúne em Rio Negrinho para efetivar projetos

Reunidos os prefeitos de Rio Negrinho e Campo Alegre, bem como representantes de São Bento do Sul, a partir das 18 horas de ontem, discutiram a efetivação dos primeiros projetos visando a integração dos três municípios para resolução de problemas comuns

O primeiro item abordado pelo coordenador do Consórcio Quiriri, Magno Bollmann, foi a recon-
tatação do professor chi-

leno Pedro Hidalgo, em valores iguais ao ano de 97 e que foi aprovado pelos presentes. O professor já trabalha na conclusão do



Reunião marcou a definição de projetos e principalmente tratou das datas em que serão colocados em andamento

Quiriri

A localidade de Quiriri em Campo Alegre, famosa pelas lendas e beleza natural, será visitada em março, por uma equipe de botânicos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, acompanhados pelo fotógrafo oficial, príncipe Dom João de Orleans e Bragança, que estará coletando amostras de Bromélias que existem apenas na região. Para tanto, um grupo de representantes do consórcio entrará em contato com os pesquisadores para acompanharem a empreitada. A data prevista para a visita é de três de março.

Dia do Lançamento

O lançamento da campanha para coleta seletiva de lixo, está marcada para o dia 15 de abril e um levantamento de custos publicitários a nível estadual, bem como a preparação de folders, camisetas, bonés, botons, etc está sendo feito. Todo o material será patrocinado por cerca de trinta empresas que atuam ou estão diretamente ligadas com a região.



Estado de Santa Catarina Prefeitura Municipal de São Bento do Sul

PORTARIA Nº 663, DE 23 DE JANEIRO DE 1998.

"Prorroga prazo para conclusão dos trabalhos da Comissão de Sindicância."

SILVIO DREVECK, PREFEITO MUNICIPAL, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com o parágrafo único do artigo 127 da Lei nº 121, de 18 de outubro de 1993.

RESOLVE:

Art. 1º Prorrogar o prazo para a conclusão dos trabalhos da Comissão para instauração de Sindicância, designada pela Portaria nº 606, de 01 de dezembro de 1997.

Art. 2º O prazo para a conclusão dos trabalhos da Comissão, de 30 (trinta) dias, a contar da publicação desta Portaria.

Art. 4º Esta Portaria entrar em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

São Bento do Sul, 23 de janeiro de 1998.

SILVIO DREVECK - PREFEITO MUNICIPAL.

projeto de lixo urbano.

Outros dados apresentados, garantem a legalidade do consórcio já na próxima semana, quando será efetivado o CGC e ainda firmados convênios com a Epagri e Universidade Federal de Santa Catarina. Tão logo, esteja concluída esta parte legal, as prefeituras poderão repassar os recursos previstos para o Quiriri.

Sobre o lixo hospitalar, um dos maiores problemas da região, o veterinário são-bentense Mauro Backsfalusi, garante que já está com o projeto

de recebimento e embalagem pronto, dependendo apenas de um levantamento da quantidade de lixo produzido nos três municípios.

Quanto ao lixo domiciliar, foi definido que o coordenador será Hino Fürst, da prefeitura de Rio Negrinho, que já elaborou um projeto dos depósitos que vão garantir espaço físico para a coleta de lixo seletivo e ainda definido que no município, o bairro piloto, a receber o projeto será Vista Alegre. "Os moradores se mostraram altamente interessados no pro-

jeito, garantindo a participação, pela sua praticidade e viabilidade", garantiu Hino. Restando a definição dos bairros pilotos de São Bento e Campo Alegre.

Também foram apresentados pelos devidos autores, projetos já encaminhados ao Ministério do Meio Ambiente, que tratam de um levantamento detalhado das espécies vegetais nativas das matas ciliares (beira dos rios), evitando reflorestamentos com qualquer tipo de planta e ainda sobre a criação de uma usina conjunta para reciclagem de lixo.

Turismo

Outro fato interessante que marcou a reunião, foi a visita feita a Santur onde o órgão máximo de turismo em Santa Catarina, garantiu que os municípios de São Bento do Sul, Campo Alegre, Rio Negrinho e Corupá, são os únicos que ainda dispõem de áreas preservadas de mata atlântica, exploráveis para o turismo. Isso depende de conscientização dos moradores e principalmente de projetos conjuntos.

Embarque nessa você também....

Assine já!

A Gazeta
O Diário da região.

633-1060

Nova Dimensão
FM 89,3 Mhz

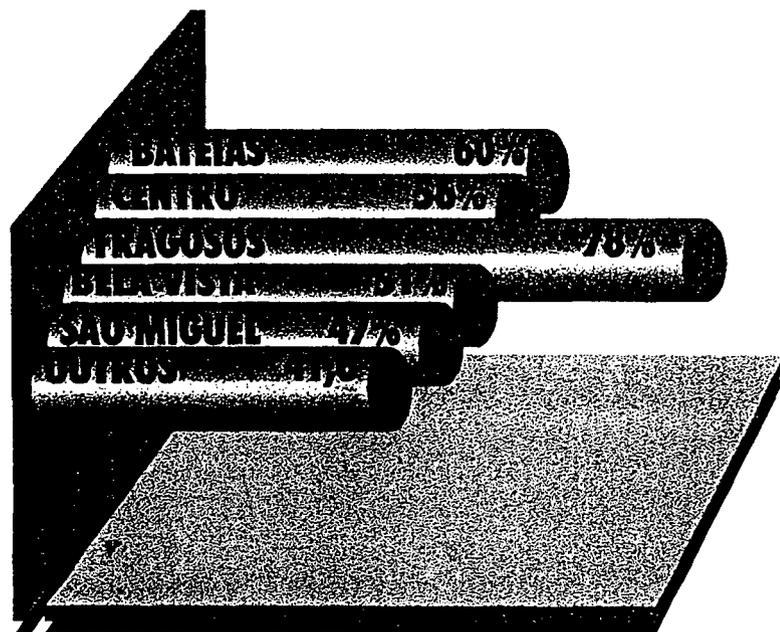
Exterior
O valor líquido dos gastos de brasileiros com viagens internacionais em 1997 ficou em US\$ 4.514 bilhões. O número de Departamentos...

AGAZETA
SÃO BENTO DO SUL, SEXTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1998 - ANO IV - Nº 383 - R\$ 1,00

Odontop
Fone/fax 633-1060

Edmundo convocado para a Copa O...
Apesar das críticas do técnico Mario Cesar Zagallo, sobre o comportamento animal de Edmundo atacante que foi o goleador do Vasco no campeonato brasileiro de 97 foi convocado para a Copa Ouro Edmundo que viajará para os Estados Unidos, onde o Brasil disputará a Copa Ouro Edmundo foi devido a melhora no seu comportamento, evitando provocações.

APROVEITAMENTO POR REGIÕES



Obs: O projeto de reciclagem na cidade de Campo Alegre está tendo um aproveitamento médio de 60% do total de material coletado.

As caçambas e as lixeiras de coleta de material reciclado distribuídas dentro do município de Campo Alegre estão tendo um aproveitamento de 100% pela comunidade.

As escolas envolvidas no projeto de reciclagem estão empenhando-se de forma a viabilizar este projeto, transformando-o em um projeto de sucesso, e trazendo benefícios a comunidade em geral.

CALENDÁRIO DE COLETA

Segunda:

- Vila Scheider • Vila Piske • Bela Vista
- Fazenda Paulista

Terça:

- Centro (Campo Alegre)
- Vila Cedros

Quarta:

- São Miguel • Região Rest. 2 Amigos
- Saltinho • Bateias

Quinta:

- Fragosos • Avenquinha • Comfloresta

Sexta:

- Centro • Lajeado • Colégios do Município

Sexta: Coleta de Caçambas:

- Vila Scheider
- Vila Cedros
- Bela Vista
- Avenquinha
- Saltinho
- Bateias de Baixo
- Fragosos



Demonstrativo de Arrecadação de materiais recicláveis

Material	Valores em kg	Valores em %
Lata (Ferroso)	7020	14,5%
Latas (Alumínio)	1720	3,5%
Plástico - PP	2356	4,8%
Plástico - Pet	1547	3,2%
Plástico - Filme	1660	3,5%
Papel - Mixto	2813	5,8%
Papelão	4375	9%
Papel - Jornal	1230	2,5%
Papel (embalagem Leite)	202	0,4%
Plástico - Copos	75	0,2%
Sucatas em geral	3825	7,9%
Vidros	21705	44,7%
TOTAL	48.528	

Os Valores aqui discriminados (Kg) foram recolhidos durante um período de 32 dias úteis.
 Fechamento data: 15/07/98.





Odontológico
sistema odontológico
empresarial e particular Ltda.
fone/fax 633.3923

A GAZETA

E-mail: gazeta@creativenet.com.br

Creativenet -
Internet Provider
Rua Manoel de Sá, 80
Itajaí, SC - Rio de Janeiro, RJ
Rio de Janeiro, RJ
Fone: 634.0108



Internet:
Com tecnologia, eficiência
e desempenho superior.

SÃO BENTO DO SUL, QUINTA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 1998 - ANO IV - Nº 780 - R\$ 1,00

Ruptura de tendão

A ginasta são-bentense Luciana da Silva, que conquistou cinco medalhas de ouro nos Jogos Abertos deste ano, teve que passar por uma intervenção cirúrgica na tarde de ontem, que durou cerca de uma hora. A atleta teve ruptura total do Tendão de Aquiles, e ficará parada por cerca de 90 dias, não podendo competir no Brasileiro de Ginástica Olímpica deste ano. Um grande destaque para a equipe são-bentense, que se prepara para o Brasileiro.

Homenagem póstuma

Os deputados catarinenses que integram a Comissão de Justiça aprovaram ontem pela manhã proposta do deputado Júlio Teixeira que concederá ao senador Wilson Kleinübing o título de Cidadão Benemérito Catarinense "Post Mortem", reconhecendo "o trabalho do senador, nascido no Rio Grande do Sul, em prol de Santa Catarina", justificou Teixeira para solicitar a homenagem.

Baile do Chope

Neste final de semana, muito chope vai rolar no 1º Baile do Chope do Salão Cruzeiro. O baile será realizado no sábado e domingo, com animação do grupo "Os Sonatas".

Centopéia

Ontem à tarde, no travé de acesso a São Bento do Sul, através das Rodovias do Móveis, na SC 301, as Polícias Militar, Civil e Rodoviária, realizaram a Operação Centopéia. A principal finalidade da operação era, segundo a Delegada Angela Roesler, identificar veículos roubados.



Durante toda tarde os veículos foram parados para checagem da documentação

Corrigindo

Na edição de ontem, na página 3, a legenda da foto da matéria sobre a Móvel Brasil, apareceu como sendo Hermes Neumann. O empresário que aparece na foto é Márcio Neumann, dirigente da comissão organizadora na festa.

Na página 5, citou-se a ex-presidente da Fundação Cultural de São Bento do Sul, Maria Célia Weiss como sendo vice-presidente do PPB-Mulher. Célia Weiss na verdade é vice-presidente do diretório municipal do partido. A vice-presidente do PPB-Mulher é a advogada Carla Hoffmann Fuckner.

Poderá haver demissão de funcionários

Ontem, Dia do Servidor Público, o prefeito de São Bento do Sul, Silvio Dreveck, disse que a situação financeira da prefeitura está bastante comprometida. Como não há indícios de que venha a melhorar no próximo ano, a solução para redução dos gastos poderá ser a demissão de funcionários. **Página 3**



Segundo Elizabeth, que está fazendo mestrado em engenharia ambiental, o convênio junto à UFSC prevê apoio técnico nos projetos do Consórcio Quiriri. Ele visitou a região acompanhada de um dos coordenadores do Consórcio, Egon Baum

Mestrandos estudam Consórcio

Um grupo de mestrando do curso de Engenharia Sanitária Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina estiveram nesta semana na região para trabalharem em parceria com o Consórcio Quiriri no Programa de Lixo Reciclável e nas Áreas de Preservação Ambiental. **Página**

Artista recebe prêmio internacional

A artista são-bentense Eliane Fontana esteve na semana passada expondo uma de suas obras em porcelana na África do Sul, onde conquistou a medalha de bronze. diante a realização da 2nd International Porcelain Art Convention. **Página 12**



Levandoski sai do PFL

O vereador rio-negrinhense, Léo Levandoski, comunicou ao presidente da Câmara e ao líder do partido no Legislativo, que não mais pertence ao Partido da Frente Liberal. O anúncio de sua saída já era prevista. O destino, segundo especula-se, poderá ser o PSDB ou o PTB.

Página 5

Eliane (E) já recebeu 22 prêmios e condecorações em 4 anos de exposições de seus trabalhos

Mestrados da UFSC em São Bento

Nesta semana, duas estudantes de Engenharia Sanitária estiveram em São Bento do Sul para acompanhar os projetos desenvolvidos pelo Consórcio Quiriri, através de uma parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina

TE
O senador Esperidião Amin, Sandra Guidi, vai argr no final de novembro, devendo ficar no Senado, cumprindo o tempo que falta de mandato. Amin n Santa Catarina durante todo o mês de dezembro, o a estrutura de seu governo - ou seja, definindo lo os auxiliares principais de sua administração.

E (I)
O eleito Esperidião Amin esteve reunido ontem a outros líderes de partidos que apoiam o governo e -presidente da República, Marco Maciel. O objetivo ro: analisar as medidas de ajuste fiscal anunciadas a manhã pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan.

E (II)
Amin tinha duplo interesse na reunião com Marco quanto senador e enquanto governador eleito. Como precisa conhecer bem o conteúdo do ajuste para o governo no Senado. Como governador, porque as tingirão duramente o início de sua administração.

ão não é o caminho", disse ontem o governador anta Catarina, Esperidião Amin, poucos minutos antes er o teor do ajuste fiscal. Ele acredita que a econo- ra precisará reagir rapidamente, incrementando as es, para que o País saia do sufoco. Para o senador anta Catarina terá papel fundamental nesse proces- r um Estado tradicionalmente exportador.

RA
ador Paulo Afonso Vieira não foi bem sucedido em m emergencial a Brasília. A rigor, não trouxe nenhu- icia para os catarinenses, a respeito da destinação os federais - inclusive dos valores bloqueados - tado. O Governo espera uma resposta urgente, ectativa não é boa, diante das medidas de ajuste ncidas ontem. De qualquer maneira, o secretário a, Marco Aurelio Dutra, continua sintonizado: não ctular, à espera de alguma comunicação positiva idades federais.

o governador e o secretário da Fazenda tentam rursos em Brasília, os servidores começam a entrar ppero. Os telefones do Palácio Santa Catarina e da a da Fazenda não param de tocar. Todos querem ndo é que vai sair o salário de setembro, que ainda go para quem ganha acima de R\$ 500,00. O temor, nos telefonemas, é de que a "bola de neve" avan- 999, ou seja, que os salários atrasem ainda mais.

usto Hülse vai governar Santa Catarina pelos próxi- dias. E que o governador Paulo Afonso Vieira em- e à noite para Madrid (Espanha), onde vai tratar de particulares. Acompanhado pela primeira-dama, ersonni Vieira, Paulo Afonso vai tentar matricula n curso de especialização. O casal volta a Santa apenas no dia 6.

BISPO (I)
ão Francisco foi nomeado ontem pelo papa João Paulo o novo bispo de Chapecó. Ele vai assumir em fevereiro, titulação a D. José Gomes. Manoel, que atualmente é diretor do Instituto de Teologia de Santa Catarina, com Florianópolis, e já atuou em paróquias de Biguaçu e da anta Catarina tem um total de onze bispos.

BISPO (II)
bispo de Chapecó nasceu na localidade de Macha- pertência a Itajaí e atualmente faz parte do município jantes. É formado em pedagogia e estudou teologia ois anos, em Roma. E padre há 25 anos.

VO
Miguel Orolino pode parar no Superior Tribunal de caso o Tribunal de Justiça de Santa Catarina não o habeas-corpus do engenheiro, preso há um ano, usação de superfaturamento nas obras da Ponte o Campos. A defesa de Orolino alega cerceamento, credita que não existem provas de que o engenhei- eu o crime pelo qual é acusado. Anteriormente, os ad- conseguiram a mudança de regime de prisão de de semi-aberto para aberto.

DORES
jade, legítima mantenedora das intuições públicas. mos nesta data, nosso propósito de cumprir o nosso dever de servi-la". Trecho final da mensagem do Universidade Federal de Santa Catarina, Rodolfo Pinto da Luz, a propósito do Dia do Funcionário Públi- corrido ontem. A mensagem do reitor aos colegas es públicos foi de conforto, num momento em que a a passa por um dos piores momentos da história.

GÊNCIAS
das emergências de hospitais da Grande Flória- paralisam a partir de hoje o atendimento ao público. rem receber pró-labores, recursos devidos pelo ímpes os de setembro. Só vão atender casos de extrema , que representem risco de vida para os pacientes.

Até através de um convênio para apoio técnico realiza- do entre o Consórcio Quiriri e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); firmado em agosto deste ano, duas mestradas do curso de Engenharia Sanitária Ambiental da UFSC estiveram na terça e quarta-feira em São Bento do Sul para apresentarem projetos de parceria para o desenvolvimento das Áreas de Preservação Ambiental e o Projeto Lixo Reciclável, implantados pelo Consórcio nos três municípios que fazem parte do Consórcio - São Bento do Sul, Rio Negro e Campo Alegre.

Segundo o convênio, alunos de mestrado de diversas áreas ligadas à preservação ambiental da UFSC realizarão seus trabalhos de mestrado em parceria com o Consórcio, dando apoio e suporte técnico ao projeto local.

No projeto do Lixo os alunos que estão realizando seus trabalhos de mestrado trabalharão na área



Para Elizabeth, se não houver o envolvimento da comunidade, os projetos não terão sucesso

de reciclagem, trabalhando junto à comunidade e às empresas, mostrando as vantagens da reciclagem, e também dando suporte técnico junto ao Consórcio.

Quanto às Áreas de Preservação Ambiental, o grupo realizará o zoneamento das áreas das

APAs, bem como o levantamento da fauna e da flora destas regiões. Nesta primeira etapa, segundo a mestranda Elizabeth Campanella, foi apresentado à coordenação do Consórcio os projetos que eles estão elaborando e que envolvem a região, para avaliação. "Nos próximos seis meses, se os projetos forem aprovados, iremos oferecer apoio técnico ao Consórcio, e buscaremos orientação para nosso cur-

so de mestrado", destacou Elizabeth.

Segundo ela, o próximo passo será fazer um reconhecimento da área de estudos, objetivando ressaltar junto à comunidade local a importância dos projetos, bem como envolver os moradores nestes projetos de lixo reciclável e das áreas de preservação. "O mais importante nesse trabalho é a participação da comunidade, senão não teremos êxito", finalizou.

Você quer conhecer o que está no seu "Ser Interior"?

Busque este conhecimento através da socioterapia participando da palestra **"Ampliação da consciência nas ações do cotidiano"** no dia 30/10/98, às 19 horas na Sociedade Musical.

Maiores informações pelo fone 644-0575, no horário comercial

Investimento R\$ 5,00

Ministrante: Augusta Heiden Glonek Junkes - Assistente Social/Socioterapeuta



Estado de Santa Catarina
Prefeitura Municipal de São Bento do Sul

**FUNDO MUNICIPAL DE SAÚDE
EXTRATO DE CONTRATO Nº 019/98**

DA ESPÉCIE: Contrato de prestação de serviços de conexão de internet que entre si celebram o FUNDO MUNICIPAL DE SAÚDE e a Empresa CREATIVE NET INFORMÁTICA LTDA.

DO OBJETO: Prestação de serviços de acesso à Internet, a disposição 24 horas ao dia, sendo 40 horas mensais.

VIGÊNCIA: 01 (um) ano, a contar de 01.11.98.

São Bento do Sul, 19 de outubro de 1998.

Ass: DEODATO RAUL HRUSCHKA, pelo Fundo Municipal de Saúde.
MAURO ROBERTO FIANCO, pela Empresa Contratada.

TELPAR Celulares e Parabólicas

Habilitação feita na loja

- * 1 ano de garantia
- * Valor das linhas:
 - Digital R\$ 40,00
 - Analógica R\$ 180,00



Revenda Autorizada

- * Promoção de Aparelhos
 - À partir de R\$ 189,00
 - ou em até 5 vezes



RUA ANTONIO KAESMOOEL, 748
SÃO BENTO DO SUL
FONE: 634-0400

Campo Alegre recicla 70% do lixo coletado

Programa já conseguiu a adesão de 80% dos moradores

Campo Alegre — Apenas 30% do lixo recolhido em Campo Alegre não é reciclado. A cidade produz diariamente seis toneladas de dejetos, dos quais 70% vai para reciclagem. A coleta seletiva foi iniciada no ano passado e conseguiu adesão de 80% da comunidade. Para Rolf Sell, gerente da Koledotti, empresa responsável pela coleta, o município é hoje o que mais recicla no País, levando-se em consideração o número de habitantes — cerca de 11 mil. “A participação da comunidade é fantástica o que mostra a preocupação em manter limpo o meio ambiente”, diz Sell.

Em sacolas os moradores separam vidro, papel, latas e plástico. A Koledotti recolhe e leva a um galpão para prensagem em fardos, seguindo moldes da Alemanha, Suíça e França. O lixo tem destino certo: Itajaí e Penha, por exemplo, são compradores de garrafas pet, usadas para fabricação de cordas. Canoas, no Rio Grande do Sul, compra vidro para fabricação de garrafas e Taió é comprador de papel misto para fabricação de caixas e cartões.

Em média a tonelada das garrafas pet (brancas) custam R\$ 320,00; o pet verde é comercializado a R\$ 180,00 a tonelada. O papelão chega a R\$ 140,00 a tonelada. Além de ganhar com a preservação do meio ambiente, o município também economiza na limpeza pública. A coleta seletiva é 30% mais barata que a convencional.



Antigos catadores são empregados na separação do lixo

EMPREGO

O lixo acaba também gerando empregos. No galpão da Koledotti trabalham oito funcionários. Segundo Sell, a empresa procura valorizar pessoas que já têm conhecimento na área de reciclagem, como é o caso dos catadores. O aterro sanitário de Campo Alegre também livrou-se do lixo hospitalar, agora incinerado em São Bento do Sul.

O programa adotado em Campo Alegre é resultado do trabalho do Consórcio Quiriri, entidade civil sem fins lucrativos que congrega também os municípios de São Bento do Sul e Rio Negrinho em ações de preservação ambiental. A Koledotti também já iniciou coleta seletiva em Rio Negrinho, onde a adesão ainda é pequena. Mesmo assim, o volume de lixo no depósito municipal já teve queda de 20%.

Koledotti encerra coleta de lixo reciclável em Rio Negrinho

Incapaz de continuar executando o contrato assinado com a prefeitura para coleta do lixo reciclável, a Koledotti rescindiu ontem o contrato. Os valores devidos à empresa foram repassados diretamente aos funcionários



As negociações entre assessores da prefeitura, representantes dos empregados e a empresa aconteceram durante toda tarde de ontem

Rio Negrinho - Há vários dias as autoridades do mu-

nício vinham buscando uma solução para proble-

mas gerados pela empresa Koledotti, responsável pela coleta do lixo reciclável. Dentre as principais reclamações estavam o atraso no salário dos cerca de 20 funcionários, além da falha no sistema como um todo.

Na última sexta-feira foi realizada reunião entre secretários municipais da área e os diretores da empresa, quando ficou defini-

do o término do contrato. Para garantir que os funcionários da empresa não sofressem com a paralisação dos serviços, as negociações entre o executivo e empresa foram para que, o valor a ser pago pelos serviços, fossem transferidos para os empregados. "Olhamos o lado social", reconheceu o assessor jurídico, Paulo Rogério Tureck. Tanto assim que o valor pago à empresa, em torno de 12 mil reais, foram distribuídos proporcionalmente entre os empregados credores.

Para o advogado dos empregados, Paulo Ronconi, o acordo firmado agradeu integralmente seus clientes. "Não estamos contra a prefeitura", tratou de justificar Ronconi, alegando que a gestão para que o pagamento fosse efetuado foi apenas para evitar prejuízos aos funcionários. "A empresa concordou com tudo, o que prova que não havia intensão de se dar um calote", defendeu Tureck.

Incompetência

O diretor da Koledotti, Vilmar Martins, culpou seu sócio na empresa Rolf Sell, do fracasso da empresa. "Foi incompetência do meu sócio. Não tivemos a pessoa certa para o trabalho que precisa ser feito", afirmou. Para ele, o fato ocorrido em Rio Negrinho, "desgasta" a empresa, que ainda mantém contrato com os municípios de Campo Alegre e Porto União, mas destacou que neste municípios, "o trabalho está dando certo".

Com a decisão de rescindir o contrato e quitar os débitos com os seus funcionários, Martins considera que o efeito negativo será minimizado. "Estamos saindo com a maior dignidade possível", disse. "Foi uma tentativa meio frustrada", arrependeu-se.

Educação

Vilmar Martins não reclama do posicionamento da prefeitura na implantação do projeto de coleta do lixo reciclável. "Como não cumprimos a nossa parte, não poderíamos querer que a prefeitura fizesse a parte que lhe cabia", esclareceu o empresário.

Para a prefeitura, caberia a o trabalho de divulgação do sistema, o que acabou não sendo feito em função dos serviços não estarem sendo realizados adequadamente. "Como pedir que se recicle se a coleta não funcionava?", demonstra o empresário. Para Martins, "a participação da Koledotti foi fundamental para o projeto não dar certo em Rio Negrinho", reconheceu.

Nova empresa

Com o rompimento do contrato com a Koledotti, a prefeitura de Rio Negrinho chamou a segunda colocada na licitação. A empresa Serrana, da cidade de Lages, já demonstrou interesse em assumir o projeto.

Na visão do empresário Vilmar Martins, o trabalho da nova empresa será bastante dificultado, justamente em função dos resultados negativos de sua empresa, e também a falta de conhecimento do ramo. "Eles vão precisar mais da prefeitura, do que a prefeitura deles", avalia, considerando que o sucesso do projeto não va ser alcançado. "Eu acho impossível", concluiu.

5

Planorama Político

*** Os diretores da empresa Koledotti, que rescindiu o contrato na prefeitura de Rio Negrinho, garantem que continuarão atuando normalmente em Campo Alegre.

*** O diretor da empresa, Vilmar Martins, estava desolado com o desfecho do contrato com a prefeitura rio-negrinhense. "A única prefeitura que paga em dia, o projeto deu errado", disse.

*** Desde sexta-feira a prefeitura de Campo Alegre está fazendo a coleta do lixo com caminhão próprio. O da Koledotti está estragado, justificou Martins.

Empresa de coleta de lixo é afastada pela Prefeitura Municipal

Empresa de coleta de lixo é afastada pela Prefeitura Municipal

Devido ao não cumprimento do contrato com a Prefeitura Municipal, a Empresa Koledotti Ambiental foi afastada. O serviço de recolhimento de lixo não estava sendo executado conforme o contrato de licitação, as reclamações da população foram fundamentais para que a Prefeitura Municipal tomasse a atitude de afastar a empresa e convocar imediatamente a Segunda colocada

no processo de licitação. A Empresa Serrana, que a partir de Quarta-feira já inicia suas atividades. A Secretaria de Obras e Desenvolvimento Urbano está realizando o trabalho de recolhimento de lixo provisoriamente, até que os equipamentos e caminhões da Empresa Serrana cheguem à Rio Negrinho, o que acontecerá na Quarta-feira. Com esta decisão, a

Prefeitura volta a oferecer aos cidadãos de Rio Negrinho uma coleta normal. O lixo acarreta inúmeros problemas para a população e como não poderia deixar de ser, a Prefeitura imediatamente tomou as providências para que a situação voltasse à normalidade. A coleta se regularizará ainda esta semana. A Prefeitura está solicitando a compreensão de todos.

24.02.99 Pg. 3 —

presa.

FORMA DE TRABALHO

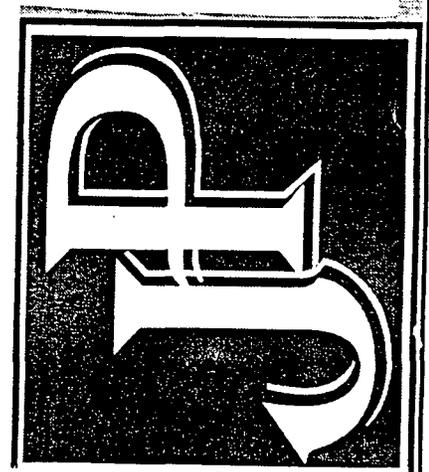
Segundo o representante da Serrana, o lixo não mais será separado em um galpão na cidade como vinha acontecendo, funcionários farão este trabalho no próprio lixão. Somente será levado para o depósito o lixo já separado pela população.

COLETA DE LIXO PARALISADA

Com a paralisação dos trabalhos por parte da empresa Koledotti que realizava este trabalho no município, a cidade está cheia de lixo. O contrato com a empresa foi rescindido pela prefeitura e os funcionários estão tentando negociar para conseguir receber salários atrasados.

NOVA EMPRESA

Já foi chamada a nova empresa para realizar a coleta de lixo no município, será a Serrana Engenharia Ltda. O trabalho já começou na noite de ontem, disse Sirlei Antônio Aguiar responsável pelo departamento comercial da em-



Empresa de coleta de lixo abandona funcionários, atividades e prefeitura

RIONEGRINHO

Devido ao não cumprimento do contrato com a prefeitura municipal, a Empresa Koledotti Ambiental, responsável pela coleta de lixo em Rio Negrinho, com sede em Joinville, foi afastada de suas obrigações no início desta semana.

Conforme explicações do secretário de agricultura, interior e meio ambiente, Alcides Groskoph, o serviço de recolhimento de lixo não estava sendo executado conforme o contrato de licitação, promulgado em meados de 1998. Sintetiza que a empresa através da metodologia do Consórcio Quiriri, estaria incumbida de reduzir em 20% a 30% (a curto prazo) a destinação do lixo. Isso quer dizer, fazer a reciclagem do material e conseqüentemente não destiná-lo mais ao lixão. Daí em diante, a empresa pediu um tempo para adaptar-se ao novo modelo, mas não levou muito tempo para que começasse a surgir a deficiência no trabalho.

O secretário informou que em dezembro do ano passado as reclamações por parte da população começaram a ser incessantes. Preocupado com a situação, tratou de manter contatos com os



Conforme Alcides, "ficou comprovado a irresponsabilidade da empresa"

representantes da empresa já no início do ano, mas não obteve êxito, pois dificilmente conseguia encontrá-los. "As reclamações da população foram fundamentais para que a prefeitura municipal tomasse a atitude de afastar a empresa e convocar imediatamente a segunda colocada no processo de licitação", destacou.

Abandono

Alcides informou, que após uma

equipe da prefeitura fazer o "trabalho de campo" e coletar provas de que a coleta estava deficiente, foi definido que no dia 28 de fevereiro, a empresa e a prefeitura estariam em reunião formal para fazer um acerto "amigável". "Não seria nada mais que a assinatura da rescisão do contrato", destaca. Mas nem isso foi possível. No final de semana a empresa simplesmente abandonou as atividades e seus funcionários. "Nem nós da prefeitura, nem os funcionários da empresa foram informados do abandono. Na segunda e terça-feira, a prefeitura teve que destinar um caminhão para fazer a coleta do lixo", salientou Alcides.

Como fica?

A segunda colocada na licitação foi informada do problema e chamada para substituir a Koledotti. Desde a última quarta-feira, a Empresa Serrana, está responsável pela coleta e ainda na terça-feira, apresentou-se com o caminhão destinado a este trabalho. Segundo o secretário de agricultura, a empresa pediu um mês para limpar a cidade e daí em diante começar a adequar-se a metodologia do Consórcio Quiriri, com o programa de "Coleta Seletiva do Lixo".

Com esta decisão, a prefeitura volta a oferecer a comunidade uma coleta normal. Alcides salientou a com-

preensão de todos e pediu para que a comunidade continue a colaborar com a separação do lixo orgânico, metais, vidros e plásticos.

Onde ficou o dinheiro?

A empresa Koledotti, após assumir o compromisso com a prefeitura, responsabilizou-se em reciclar grande parte do lixo recolhido no município. Com isto, uma parcela do dinheiro arrecadado com a venda do material reciclado, deveria ser repassado ao Consórcio Quiriri, o que não aconteceu. "Desde que iniciou suas atividades a empresa não fez nenhuma prestação de contas", informou o secretário.

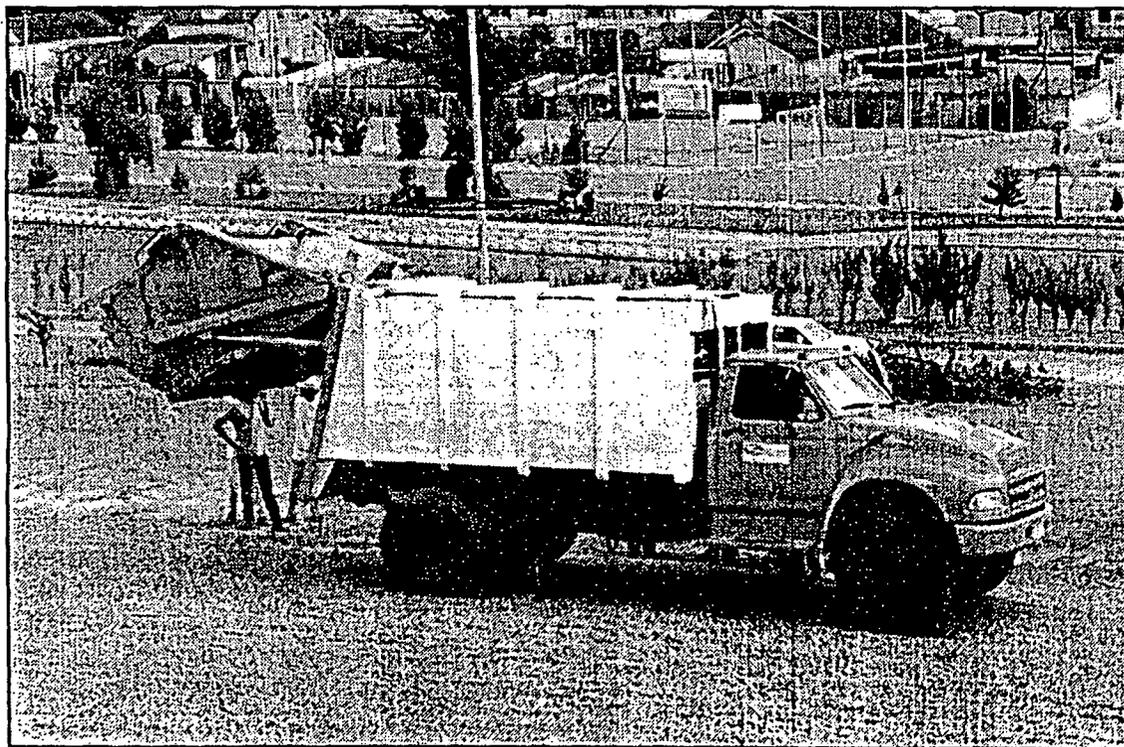
Processo

No próximo dia 2 de março, o secretário estará levando o problema para análise dos integrantes do Consórcio Quiriri. A idéia, conforme explicou Alcides, é ver, através da assessoria jurídica, se existe a possibilidade de processar a empresa pela falta de responsabilidade, não cumprimento de acordos e abandono de atividades.

Funcionários

Quem também saiu prejudicado foram os funcionários. Na tarde de terça-feira, mais de vinte empregados da Koledotti estiveram na prefeitura para receber os salários referentes aos dias trabalhados no mês de fevereiro. O secretário de agricultura explicou que havia um repasse de dinheiro a ser feito para a empresa, mas antes disso a administração preocupou-se em honrar os salários dos funcionários.

Coleta de lixo reativada



Um dos caminhões que fará a coleta de lixo em Rio Negrinho

Na última quarta-feira, a coleta de lixo no município foi reativada, agora a empresa responsável por este trabalho é a Serrana Engenharia Ltda, que possui sua matriz na cidade de Joinville.

Os trabalhos na cidade de Rio Negrinho devem-se ao fato de a empresa ter sido a segunda colocada na licitação que teve como vencedora a empresa Koledotti que efetuou o trabalho em um certo período, mas como não atendeu as exigências da prefeitura que é a contratante foi dispensada.

O coordenador e responsável pela insta-

lação da empresa em Rio Negrinho, Sirlei Antônio de Aguiar, informou que o trabalho será realizado de forma diferente do que vinha sendo praticado. "A separação do lixo reciclável não mais será feita em um galpão localizado na cidade, será sim feita no próprio lixão". A coleta do lixo que não está separado vai ser feita por um caminhão compactador, o lixo já separado deve ser colocado em caçambas com compartimentos para cada tipo. Segundo Aguiar a separação do lixo cabe principalmente a população que vai ter a sua disposição locais onde deixar o que é reciclável.



NOTA DE ESCLARECIMENTO

O "Consórcio Quiriri" vem a público prestar esclarecimentos quanto aos problemas ocorridos nas cidades de Rio Negrinho e Campo Alegre, relativos a **Coleta Seletiva do Lixo Doméstico**, devido ao não cumprimento por parte da **KOLEDOTTI AMBIENTAL**, nos compromissos assumidos perante os "Municípios consorciados" - Campo Alegre, Rio Negrinho e São Bento do Sul, abandonando a COLETA sem sequer dar satisfações. Diante do exposto, o "Consórcio Quiriri" não teve nenhuma participação, e não assumirá a responsabilidade por atos cometidos pela Empresa **KOLEDOTTI AMBIENTAL**.

Outrossim, informamos que o **Projeto de Coleta Seletiva** continua em andamento, com as adaptações necessárias. Acontecimentos dessa natureza jamais irão denegrir a imagem do "Consórcio Quiriri", e servem unicamente de incentivo e estímulo para enfrentar novos desafios que vierem a surgir diante dos objetivos em prol da *melhoria da qualidade de vida de nossa comunidade e do meio ambiente*.

São Bento do Sul, 02 de março de 1999.

DIRETORIA
"Consórcio Quiriri"

Consórcio ambiental faz experiência em três cidades

São Bento do Sul — A coleta seletiva e reciclagem do lixo é uma das metas do Consórcio Quiriri, entidade civil de preservação ambiental que reúne os municípios de São Bento do Sul, Campo Alegre e Rio Negrinho. Nas três cidades funcionam experiências de seleção do lixo. No bairro Serra Alta, o mais populoso de São Bento do Sul, a coleta seletiva existe desde setembro do ano passado e funciona como projeto-piloto, concorrendo diretamente com a convencional: às segundas e quintas-feiras o caminhão recolhe o lixo selecionado, às quartas e sábados faz a coleta normal.

A adesão da população do bairro ainda é baixa: 20% colaboram com a coleta seletiva o que já impede que cerca de três toneladas e meia de lixo/mês sejam levadas ao depósito municipal. De janeiro a março deste ano, a Transresíduos, empresa responsável pela coleta, vendeu para reciclagem 2,393 quilos de lixo. Papelão e garrafas pet lideraram a coleta. A empresa também coletou 700 quilos de ferro e 550 quilos de vidro que ainda não foram vendidos. "São materiais que precisam ser vendidos em grande quantidade porque seu preço é muito baixo", informa Gilberto Gugelmin, gerente da Transresíduos em São Bento do Sul.

Os municípios de Campo Alegre e Rio Negrinho tiveram de substituir a empresa contratada para efetuar a coleta seletiva. O contrato com a Koledotti Ambiental foi rescindido devido a atrasos na coleta e até no pagamento de funcionários. Campo Alegre chegou a reciclar no ano passado 70% das seis toneladas diárias de lixo produzido.

Como houve interrupção no sistema seletivo por algumas semanas, a nova empresa contratada para o serviço, a CS Ambiental, teve de enfrentar uma baixa de 10% na adesão.

DESTINAÇÃO

O pequeno município de Água Doce tem um dos mais completos serviços de coleta e destinação do lixo urbano do Meio-oeste. O projeto foi desenvolvido por estudantes de engenharia sanitária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e técnicos da Prefeitura.

O sistema, embora não apresente inovação técnica, obedece normas de controle ambiental. Segundo o secretário municipal da Agricultura, Enio Mário Mendes, foram construídos uma usina de triagem, lagoas de decantação, valas de infiltração e área de compostagem, que formam um conjunto apropriado para a armazenagem de lixo orgânico.

A Prefeitura complementou a obra com a formação de selo verde com reflorestamento nas margens do aterro. Por enquanto, segundo Mendes, a seleção do material reciclável é feita por funcionários e após a etapa de educação ambiental da população será feita a coleta seletiva.



ANEXO 5. SÍNTESE DAS ATIVIDADE DE CAMPO

SÍNTESE DAS ATIVIDADE DE CAMPO (1/5)

1ª SEMANA

1º Dia: 27 de abril

9:00 às 11:30	Atividade: Reunião de promoção com equipe de trabalho do consórcio – Sede do Consórcio - SBS
Participantes:	Presentes: CECQ
O que foi tratado:	O que foi tratado: Apresentação da proposta de avaliação e definição da agenda da semana.
14:00 às 15:00	Atividade: Visita a Escola Básica de SBS
Participantes:	Presentes: Coordenador do PRSD (SBS) e Diretora da Escola
O que foi tratado:	O que foi tratado: Entrevista informal sobre Gincana do lixo reciclável e promoção da avaliação
15:30 às 16:30	Atividade: Reunião de Trabalho
Participantes:	Presentes: Coordenador Executivo do Consórcio
O que foi tratado:	O que foi tratado: Agenda da semana, impressões pessoais do dia

2º Dia: 28 de abril

9:00 às 11:30	Atividade: Visita de Promoção - CA
Participantes:	Coordenadores do PRSD (CA, SBS e RN)
O que foi tratado:	Visita a empresa de responsável pela coleta convencional/seletiva e visita de reconhecimento local
13:30 às 16:00	Atividade: Entrevistas na mídia (jornal)
Presentes:	Coordenador do PRSD (SBS)
O que foi tratado:	Promoção da avaliação

3º Dia: 29 de abril

9:00 às 11:00	Atividade: Visita de inspeção e denúncia FATMA em São Bento do Sul
Participantes:	Coordenador Executivo do Consórcio, Fiscal (FATMA)
O que foi tratado:	Atender denúncia de poluição e fazer LAI em um posto de gasolina
13:30 às 14:00	Atividade: Reunião de Trabalho
Presentes:	Coordenador Executivo do Consórcio
O que foi tratado:	Definição da agenda para a semana seguinte
14:00 às 16:00	Atividade: Visita de Promoção - (RN)
Participantes:	GMT (RN)
O que foi tratado:	Agenda da semana seguinte, visita de reconhecimento local.

2ª SEMANA

4º Dia: 04 de maio

9:00 às 10:30	Atividade: Visita RN
Participantes:	Representante dos GTM (SBS, RN) Prefeito e Funcionário da Secretária de Finanças (Licitações).
O que foi tratado:	Conversa de promoção política e identificação institucional
11:00 às 12:00	Atividade: Visita CA
Participantes:	GTM (SBS e CA) – 2 participantes
O que foi tratado:	Conversa de identificação institucional (Secretaria do Desenvolvimento), Conversa com prefeito (agendada e não realizada)
12:30 às 13:30	Atividade: Almoço SBS
Participantes:	Coordenador do PRSD (SBS) e Presidente da APAE (SBS) (encontro informal)
O que foi tratado:	Agenda e conversa sobre cidadania
14:00 às 16:00	Atividade: Visita prefeitura SBS
Participantes:	Coordenador do PRSD (SBS) e Secretário de Planejamento (SBS)
O que foi tratado:	Projeto de Recuperação do Depósito a céu aberto e Procedimento da coleta convencional.

SÍNTESE DAS ATIVIDADE DE CAMPO (2/5)

2ª SEMANA (CONT)

5º Dia: 05 de maio

9:00 às 11:30	Atividade: Reunião Consórcio
Participantes:	Equipe do Completa do Consórcio – CECQ e ECITCQ
O que foi tratado:	Reunião semanal de trabalho interno e apresentação dos projetos de pesquisa da UFSC. (Avaliação do PRSD e da APA da Represa do Alto Rio Preto)

14:30 às 17:00	Reunião Conselho Gestor da APA (Represa do Alto Rio Preto)
Participantes:	Prefeito (RN), Sec. Da Agricultura e Meio Ambiente (RN), CECQ, Vereadores Lideranças comunitárias, Representantes de Empresas instaladas no local.
O que foi tratado:	Articulação para criação do conselho gestor da APA e promoção da avaliação do PRSD.

6º Dia: 06 de maio

9:00 às 10:00	Atividade: Reunião de Trabalho
Participantes:	Coordenadora do PRSD (RN)
O que foi tratado:	Agenda para visitas as secretaria

10:00 às 10:20	Atividade: Entrevista programa de radio da prefeitura
Participantes:	Equipe de assessoria de imprensa da prefeitura
O que foi tratado:	Promoção do Projeto de Avaliação para a sociedade local

11:00 às 12:00	Atividade: Conversa Secretária da Educação RN
Participantes:	Coordenadora do PRSD (RN) e Secretária da Educação
O que foi tratado:	Promoção da avaliação e solicitação de dados institucionais

14:00 às 15:00	Atividade: Reunião de Trabalho
Participantes:	Coordenador do PRSD (RN)
O que foi tratado:	Levantamento de Material (Histórico sobre atividades participativas)

3ª SEMANA

7º Dia: 18 de maio – Rio Negrinho

9:00 às 10:30	Atividade: Reunião de trabalho
Participantes:	Coordenadora Projeto em RN
O que foi tratado:	O que foi tratado: Montagem da proposta para o Lançamento do Projeto de Avaliação

11:00 às 11:30	Atividade: Visita Assoc. Comercial RN
Participantes:	Coordenadora Projeto em RN, Representante da Assoc. Comercial
O que foi tratado:	Sondagem para integração de ações (moderação das reuniões) dentro do Projeto de Avaliação

14:00 às 16:00	Atividade: Reunião de trabalho
Participantes:	Coordenador Projeto em RN
O que foi tratado:	Convite para Lançamento do Projeto de Avaliação

16:00 às 16:30	Atividade: Reunião de trabalho
Participantes:	Coordenador Projeto em RN e Assessoria de Imprensa da Prefeitura de RN
O que foi tratado:	Divulgação do Lançamento do Projeto de Avaliação

16:30 às 17:00	Atividade: Reunião de Trabalho
Participantes:	Coordenadora Projeto de RN
O que foi tratado:	Cronograma de atividades próxima semana

SÍNTESE DAS ATIVIDADE DE CAMPO (3/5)

3ª SEMANA (CONT)

8º Dia: 19 de maio – São Bento do sul

9:00 às 9:30	Atividade: Reunião de Trabalho
Participantes:	Grupo Coordenador do Consórcio Quiriri
O que foi tratado:	Início da reestruturação de Planos!!!!
9:00 às 10:30	Atividade: Reunião de Trabalho
Participantes:	Coordenador Projeto de SBS
O que foi tratado:	Estratégias de divulgação com a comunitária (ele não vai poder ajudar nesta semana, mais um indicador para reestruturação)
10:30 às 11:30	Atividade: Reunião Interna do Consórcio
Participantes:	Magno, Mauro
O que foi tratado:	Atividades para semana do meio ambiente
14:00 às 15:00	Atividade: Reunião de Trabalho
Participantes:	CECQ e empresa de coleta seletiva de CA
O que foi tratado:	Apresentação dos problemas de operação em CA – inviabilidade econômica
15:30 às 16:00	Atividade: visita a empresa de comercialização de sucata em SBS
Participantes:	CECQ e empresa de coleta seletiva de Campo Alegre
O que foi tratado:	proposta de retirada de material reciclavel de CA
16:30 às 17:00	Atividade: Reunião de Trabalho
Participantes:	Coordenador executivo do Consórcio
O que foi tratado:	Análise das atividades do dia (fortalecimento da idéia da reestruturação – datas de lançamento e execução da avaliação)

9º Dia: 20 de maio – São Bento do Sul

10:00 às 10:30	Atividade: Visita Sec. Educação de SBS
Participantes:	Integrante do GTGQ
O que foi tratado:	não foi possível realizar a conversa - tinha outro compromisso
10:30 às 12:00	Atividade: Visita Sec. Desenvolvimento Comunitário de SBS
Participantes:	Funcionária da Secretaria da Habitação e integrante do grupo interno do Consórcio
O que foi tratado:	Conversa sobre atividades da secretaria sobre o tema lixo
14:00 às 15:30	Atividade: Reunião de Trabalho
Participantes:	CECQ, Empresa de coleta de Resíduos Sólidos (coleta convencional) de SBS
O que foi tratado:	Proposta para coleta Seletiva em PEV (Ponto de entrega voluntária)
15:30 às 17:00	Atividade: Reunião de Trabalho Interno
Participantes:	CECQ

4ª SEMANA

10º Dia: 25 de maio

10:30 às 11:15	Atividade: Visita a Secretaria De Obras (SBS)
Presentes:	Funcionária da Secretaria
O que foi tratado	Conversa sobre procedimentos de coleta de lixo em SBS.
14:00 às 16:00	Atividade: Reunião Semana do Meio Ambiente
Presentes:	GCGQ e ECICQ (18 pessoas)
O que foi tratado	Apresentação das atividades da semana do meio ambiente, apresentação da proposta de avaliação

11º Dia: 26 de maio

9:00 às 16:30	Atividade: Reunião de Trabalho
Presentes	Coordenadora do PRSD de Rio Negrinho
O que foi tratado:	Estruturação do Projeto
19:00 às 21:00	Atividade: Apresentação Rotary Clube
Presentes	Presentes: Associados (15), Integrante do CECQ
O que foi tratado:	O que foi tratado: palestra sobre o projeto de avaliação do lixo

SÍNTESE DAS ATIVIDADE DE CAMPO (4/5)

4ª SEMANA (CONT)

12º Dia: 27 de maio

9:00 às 9:30	Atividade: Reunião de Trabalho
Presentes	Coordenador Executivo do Consórcio
O que foi tratado	Agenda do Dia e da semana seguinte
10:00 às 10:30	Atividade: Entrevista em Rádio
Presentes	Coordenador PRSD de SBS
O que foi tratado	Promoção do Projeto de Avaliação e atividades na semana do Meio Ambiente
10:30 às 12:00	Atividade: Secretaria de Desenvolvimento Comunitário
Presentes	Presentes: Secretário de Desenvolvimento Comunitário
O que foi tratado	Promoção do lançamento da Avaliação e detalhes para divulgação junto a comunidade de Serra Alta (convites)
14:00 às 16:00	Atividade: Reunião de Trabalho
Presentes	Coordenador Executivo do Consórcio
O que foi tratado	Definição sobre apresentação do lançamento da Avaliação e atividades para semana seguinte

5ª SEMANA

13º Dia: 31 de maio

20:30 às 21:00	Atividade: Palestra UNIVILLE
Presentes	Professores, diretora da universidade, Coordenador Executivo do Consórcio Quiriri
O que foi tratado	Apresentação da proposta de palestra e trabalho do consórcio
21:00 às 22:30	Atividade: Palestra UNIVILLE
Presentes	Presentes: Alunas de 3º ano da Educação
O que foi tratado	O que foi tratado: Apresentação da problemática do lixo

14º Dia: 01 de junho

8:00 às 10:00	Atividade: Visita ao "depósito de lixo" Campo Alegre
Presentes	GMT (CA) alunos da rede pública
O que foi tratado	Trabalho de conscientização da prefeitura municipal (semana do meio ambiente)
10:30 às 11:00	Atividade: Visita CS Ambiental
Presentes	GMT (CA) alunos da rede pública, Luiz
O que foi tratado	Trabalho de conscientização da prefeitura municipal (semana do meio ambiente)
11:30 às 12:00	Visita a Exposição
Presentes	GMT (CA)
O que foi tratado	O que foi tratado: visita ao local
14:00 às 15:00	Atividade: Reunião Campo Alegre
Presentes	GMT (CA)
O que foi tratado	Caso da mina de caulim Porto Belo
18:30 às 22:00	Atividade: Parlamento do Consórcio (Campo Alegre)
Presentes	Prefeitos CA, SBS e Corupá Representante do Prefeito de RN, vereadores dos 3 municípios, CECQ, lideranças locais (comunitárias, empresariais)
O que foi tratado	Protocolo de Intenções Polícia Ambiental e Corupá e Palestra da Polícia Ambiental

15º Dia: 02 de junho

9:00 às 9:30	Atividade: Palestra EPAGRI – Programa de Mapeamento. e Geoprocessamento Bacia do Rio Camburiu
Presentes	Técnicos das Prefeituras (CA, SBS, RN), CECQ, Técnicos EPAGRI
O que foi tratado	Apresentação do projeto
19:00 às 21:30	Atividade: Lançamento da Avaliação do PRSD e doação de livros Colégio de Aplicação/UFSC
Presentes	Alunos, Secretárias de Educação (SBS, RN, CA), CECQ
O que foi tratado	Palestra de apresentação da Avaliação e doação de livros

SÍNTESE DAS ATIVIDADE DE CAMPO (5/5)

6ª SEMANA

16º Dia: 14 de junho

14:00 às 17:00	Atividade: Reunião de Trabalho
Presentes	GMT (RN) e técnicos (2) moderação GTZ
O que foi tratado	Estratégias para Aplicação Piloto.

17º Dia: 15 de junho

20:30 às 21:00	Atividade: Reunião de Trabalho
Presentes	
O que foi tratado	

21:00 às 22:30	Atividade: Aplicação Piloto Serra Alta
Presentes	
O que foi tratado	

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

- ✓ Visita com grupo de alunos pós graduação de Engenharia Ambiental UFSC -
- ✓ Visita de acompanhamento com Consultores da Premiação Gestão Pública e Cidadania Fundação Getúlio Vargas e Fundação Ford – julho/99
- ✓ Apresentação do Projeto de Avaliação no 3º Encontro Nacional de Organismos de Bacias – Piracicaba – outubro/99
- ✓ Visita de Acompanhamento na Premiação Gestão Pública e Cidadania Fundação Getúlio Vargas e Fundação Ford – novembro/99

ANEXO 6. PARTICIPAÇÃO DO LEGISLATIVO NAS AÇÕES DO CONSÓRCIO QUIRIRI

Esfera	Atos do Legislativo
Política e Administrativa	Autorização para despesas com consultoria de planejamento e implantação do Consórcio – Lei n.º 1.074 em 12/06/98 RN; Lei n.º 180 em 17/04/98 SBS;
	Autorização ao executivo municipal de contribuição financeira ao Consórcio – Lei n.º 2.318 em 05/05/98 CA; Lei n.º 1.059 em 19/05/98 RN; Lei n.º 168 em 31/03/98 SBS;
	Autorização da Participação Municipal no Consórcio – Lei n.º 2.257 em 19/08/98 CA; Lei n.º 982 em 12/08/97 RN; Lei n.º 071 em 19/08/98 SBS;
	Impõe norma aos municípios para desvinculação do consórcio – Lei n.º 2.350 em 18/08/98 CA; Lei n.º 1.094 em 17/08/98 RN; Lei n.º 243 em 11/08/98 SBS;
	Declara o Consórcio Quiriri de Utilidade Pública – Lei n.º 2.329 em 18/08/98 CA; Lei n.º 1.089 em 10/08/98 RN; Lei n.º 245 em 14/08/98 SBS;
Econômica	Autorização de contribuição mensal da SAMAE ao Consórcio – Lei n.º 1.111 em 13/04/99 RN; Lei n.º 347 em 15/12/98 SBS ¹³⁰ ;
Programas	Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos
	Dispõe sobre atos de limpeza pública - Lei n.º 2.369 em 23/09/98 CA; Lei n.º 1.122 em 16/10/98 RN; Lei n.º 312 em 01/12/98 SBS;
	Termo de Convênio Fundo Municipal de Saúde para incineração de resíduos infectantes - Lei n.º 2.134 em 15/07/98 CA; Lei n.º 251 em 14/08/98 RN;
	Programa de Unidades de Conservação – Áreas de Proteção Ambiental
	APA Alto Rio Turvo, CA – Lei n.º 2.347 em 18/08/98
	APA Campos Quiriri, CA – Lei n.º 2.348 em 18/08/98
	APA Bacia Hidrográfica Rio dos Bugres, RN - Lei n.º 1.093 em 17/08/98
	APA Represa Alto Rio Preto, RN - Lei n.º 1.095 em 17/08/98
	APA Bacia Hidrográfica Rio Vermelho, SBS – Lei n.º 246 em 14/08/98
	Programa de Turismo
Lei do Selo de Qualidade para produtos artesanais de origem vegetal - Lei n.º 2.387 em 23/09/98 CA; Lei n.º 1.163 em 14/05/99 RN; Lei n.º 320 em 15/12/98 SBS;	

Fontes: Material de Sistematização Consórcio Quiriri 1997.

¹³⁰ Município de Campo Alegre tem os serviços de água e esgoto atendido pela CASAN – Companhia Estadual de Águas e Saneamento, não possuindo autonomia para legislar sobre esse serviço.

ANEXO 7. CADERNO DE AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA NOSSO LIXO

Boneco

PROGRAMA DE TRATAMENTO PARTICIPATIVO DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Caderno de Avaliação Participativa **Nosso Lixo**



Consórcio Quiriri **Campo Alegre – São Bento do Sul – Rio Negrinho**

Dados Gerais da Atividade

Entidade: _____

Município: _____ Localidade: _____

Responsável Pelo Preenchimento: _____ Data: ___/___/___

Nossa entidade representa: _____ associados. Quantos participantes preencheram o caderno: _____

Estavam presentes representantes de outras entidades nessa atividade: () Não () Sim

() Secretaria de Educação () Secretaria de Saúde () Secretaria de Assuntos Comunitários

() Consórcio Quiriri () Outras: _____

Existe materia anexo: () Não () Sim Que tipo: _____

Quantas folhas: _____

MENSAGEM

Esta é mais uma atividade participativa do “Consórcio Quiriri”, que desenvolve um trabalho conjunto nos Municípios de Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho com o objetivo de conservar a natureza e melhorar a qualidade de vida de nossa população.

Esse caderno de avaliação do Projeto Resíduos Domiciliares, visa aprofundar o conhecimento de nossos PROBLEMAS com o LIXO, para que possamos construir JUNTOS nossas SOLUÇÕES.

Contamos com sua participação ativa, tanto nas respostas e propostas que sairão deste caderno, quanto também na execução de novas atividades.



PRIMEIRA PARTE

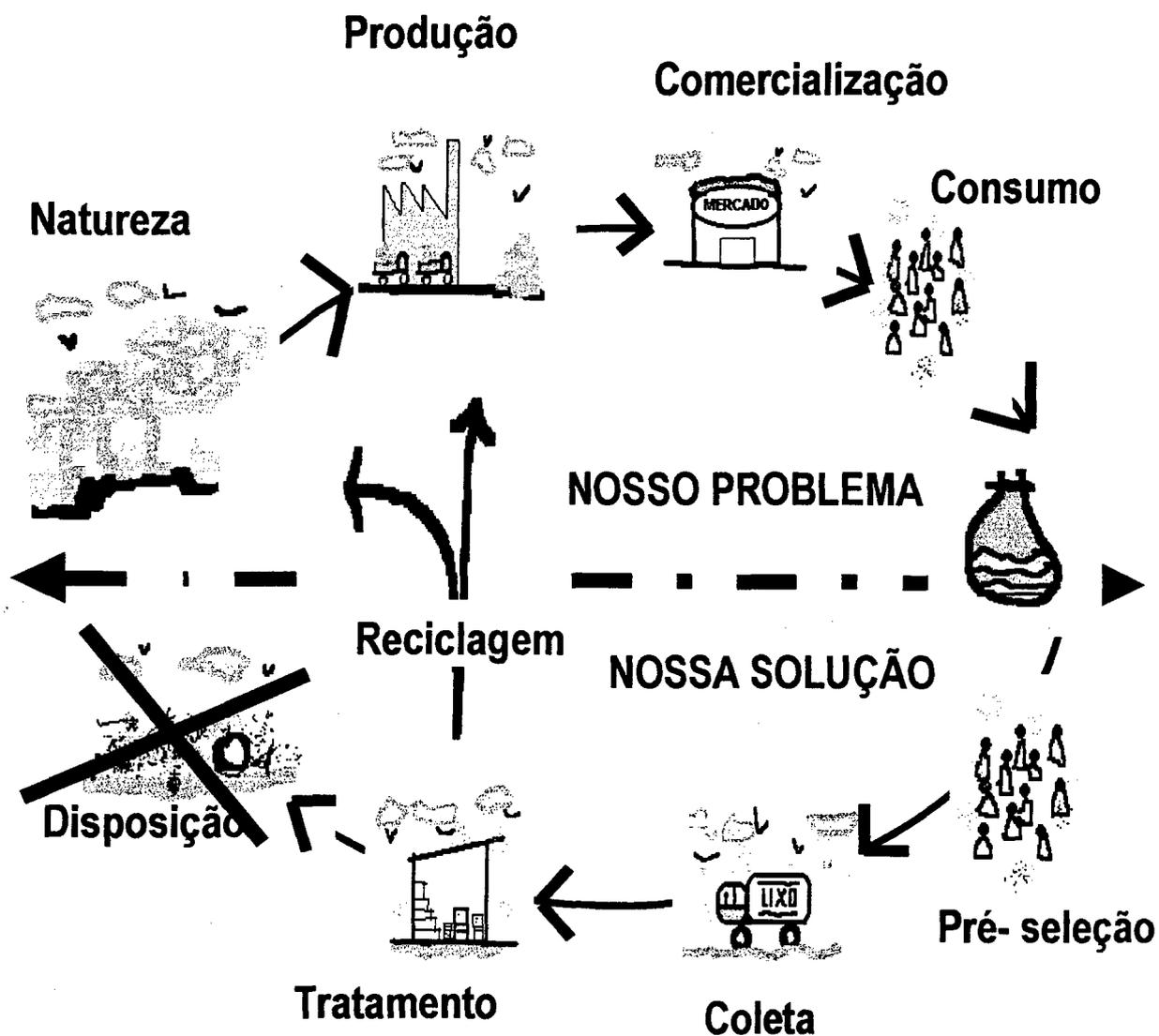


NOSSO LIXO

1.1. O que é lixo?

1.2. O lixo é PROBLEMA para nós? Porque?

Os Caminhos do NOSSO LIXO



Todos que **PARTICIPAM** da
construção do **NOSSO PROBLEMA**
PARTICIPAM, também, da construção
de **NOSSA SOLUÇÃO**.

OS CAMINHOS DO NOSSO LIXO

*Os produtos que saem da **NATUREZA** caminham muito até virarem **LIXO**. Mais da metade do que jogamos fora pode voltar a ser aproveitada, se transformando em novos produtos.*

*Neste caminho de transformação da **NATUREZA** em **LIXO**, existe o **HOMEM**. Não um **HOMEM** sozinho, mais o **HOMEM** organizado em **SOCIEDADE**.*

*Nossa **SOCIEDADE** é formada por empresas - indústrias, comércio, agricultores, instituições públicas e privadas além das pessoas que nelas moram, trabalham, estudam e se divertem. Enfim, todos que **PARTICIPAM** da nossa vida comunitária.*

*Mas, nossa **SOCIEDADE** produz **LIXO**. Um **LIXO** que é produzido de forma **PARTICIPATIVA** por cada um de nós. Uns produzem mais, outros menos mas, em média, cada um contribui com pelo menos 500 gramas de **LIXO** por dia.*

*Mas, **LIXO** não é coisa para se conviver. Todos queremos nossa casa, nossa empresa, nossa escola, nossa rua, nosso bairro, nossa associação, nosso município sem **LIXO**.*

*Mas, para onde vai o **LIXO** que produzimos, participativamente, todo dia? Quem cuida de fazê-lo desaparecer? Será que ele realmente desaparece? Se, metade do que jogamos fora pode ser reaproveitado, será que não estamos jogando **DINHEIRO** e a **NATUREZA** no **LIXO**?*

*Então, se participamos da construção do problema **LIXO**, será que não devemos igualmente participar da construção das soluções?*

*Essa é a proposta desse trabalho de avaliação. Iniciar uma reflexão com todos que **PARTICIPAM** de nossa **SOCIEDADE** e do problema "**LIXO**", para com isso buscar soluções criativas e participativas que representem um ganho na qualidade de vida de todos nós:*

HOMEM, SOCIEDADE e NATUREZA.

SEGUNDA PARTE

Como Participamos na Produção do Nosso Lixo

2.1. Que produtos existem no nosso lixo?

Vidro



Plástico



Metal



Papel



Restos de alimentos



Pilhas e Baterias



Outros: _____

2.2. O que fazemos com nosso lixo?

Reciclamos



Não Reciclamos



Como Reciclamos	Como nos Desfazemos

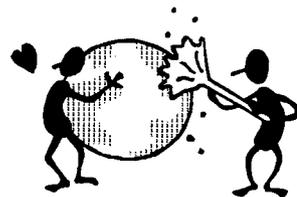
2.3. Porque estamos agindo assim? Quais são nossas razões?

NOSSA AÇÃO	NOSSOS RAZÕES

TERCEIRA PARTE

Como temos Participado da Solução do Nosso Lixo?

3.1. O que já estamos fazendo?



- ① - Separando o lixo ② - Conscientizando as crianças
③ - Divulgando na Comunidade ④ - Pontos de Entrega Voluntária - PEV
⑤ - Vendendo o Lixo ⑥ - Fazendo Campanhas ⑦ - Outros (informar)

Em Nossa Casa - ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ _____

Quem são os responsáveis: _____

Em Nossa Escola - ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ _____

Quem são os responsáveis: _____

Em Nosso Trabalho - ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ _____

Quem são os responsáveis: _____

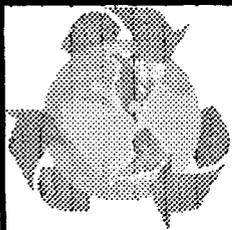
Em Nosso Clube - ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ _____

Quem são os responsáveis: _____

Em Nossa Associação - ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ _____

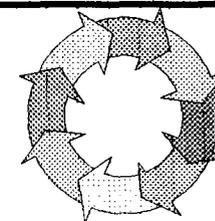
Quem são os responsáveis: _____

3.2. Quais experiências gostaríamos de divulgar?



QUARTA PARTE

Nossa Propostas de Ação



4.1. Quais são nossas propostas para aumentar a participação?

<i>Proposta</i>	<i>Quem pode auxiliar</i>

4.2. Existe interesse em formar um grupo de trabalho sobre lixo aqui em nossa entidade? () NÃO

() SIM Quem será nosso contato: _____ Tel: _____

QUINTA PARTE

NOSSA AVALIAÇÃO

5.1. Como avaliamos essa atividade?

5.2. O que poderíamos fazer para melhorar?

ANEXO 8. PRODUTOS DA PESQUISA PARA O CONSÓRCIO QUIRIRI

1. Artigo “*Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos – O papel da Participação Social – Estudo de caso – Consórcio Quiriri*”
2. Síntese da **Promoção**
3. Cenário Local (proposta de abordagem do contexto inicial)
4. Síntese Preliminar das atividades participativas 95/99
5. Síntese da Tabulação dos Cadernos de **Diagnóstico Participativo** (97)
6. Síntese do **Projeto** “ Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos” (98)
7. Gráfico da Evolução do volume em aterro sanitário SBS (ano 98)
8. As frases das semana
9. Quadro de Dificuldades x Vantagens (levantados da identificação inicial realizada na região do Consórcio Quiriri)
10. Quadro para Diagnóstico Avaliativo – Sistema de Coleta – Quiriri (CA, SBS, RN)
11. Proposta de Avaliação
12. Desenvolvimento do Processo (até a fase de avaliação do piloto de execução)
13. Proposta de Caderno de Avaliação (Conceitual e boneco)
14. Elementos de Sustentação

Elizabeth de Siervi - Mestranda
Curso de Pós-Graduação Engenharia Ambiental - Universidade Federal-
Florianópolis, Agosto de 1999de Santa Catarina

METODOLÓGICA

A seguintes fases metodológicas estabelecidas para a implementação do planejamento ambiental proposto na região, foram:

1. **Promoção** – Início do processo de conscientização dos problemas e conflitos ambientais dentro de uma perspectiva integrada: política, institucional, social e técnica;
2. **Identificação** – Aproximação da problemática e diagnóstico participativo comunitário e técnico;
3. **Proposta** – Priorização de problemas e construção do consenso;
4. **Projeto** – Elaboração do plano de ação;
5. **Execução** – Implantação dos programas;
6. **Avaliação** – Revisão dos processos e resultados;
7. **Sustentação** – Estabelecimentos das articulações que permitam a autonomia do plano. (operacionais, econômicas, sociais, políticos).

Para estruturar estas 7 fases propostas, a metodologia se apropria de dois importantes eixos. O **primeiro** define que as intervenções sejam elas, diagnosticas ou operativas sejam levadas em duas vertentes: Uma **institucional** e técnica e a outra **comunitária** ou social. Esta distinção metodológica, procura observar e incluir essas diferentes forças presentes dentro dos processos de planejamento, oferecendo para cada uma delas os instrumentos que possibilitem sua participação no processo. E é sobre essa ótica que se define o **segundo** eixo da metodologia: A participação e a educação. O objetivo de se trazer este dois elementos para um segundo eixo, define a postura clara da metodologia no que se refere a legitimação das ações de planejamento. No desenvolvimento de cada uma das 7 fases, a participação e a educação (como processo de conscientização) devem estar sempre presentes e integradas as ações.

JURÍDICA

Sustentação Política e Administrativa

- ✓ Despesas com consultoria de planejamento e implantação do Consórcio – 04/98
- ✓ Autorização ao executivo municipal de contribuição financeira ao Consórcio – 05/98
- ✓ Autorização da Participação Municipal no Consórcio – 08/97
- ✓ Normatização em casos de desvinculação – 08/98
- ✓ Consórcio declarado como de utilidade pública – 08/98
- ✓ Protocolo de cooperação tecno-científica entre UFSC e Consórcio Quiriri – 08/98
- ✓ Autorização de contribuição mensal da SAMAE ao Consórcio – 02/99

Sustentação aos Programas

1. Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos

- ✓ Atos de limpeza pública - 10/98
- ✓ Convênio Incineração de Resíduos Infectantes – 08/98

2. Programa de Unidades de Conservação

- ✓ Constituição de 5 APA's – 08/98

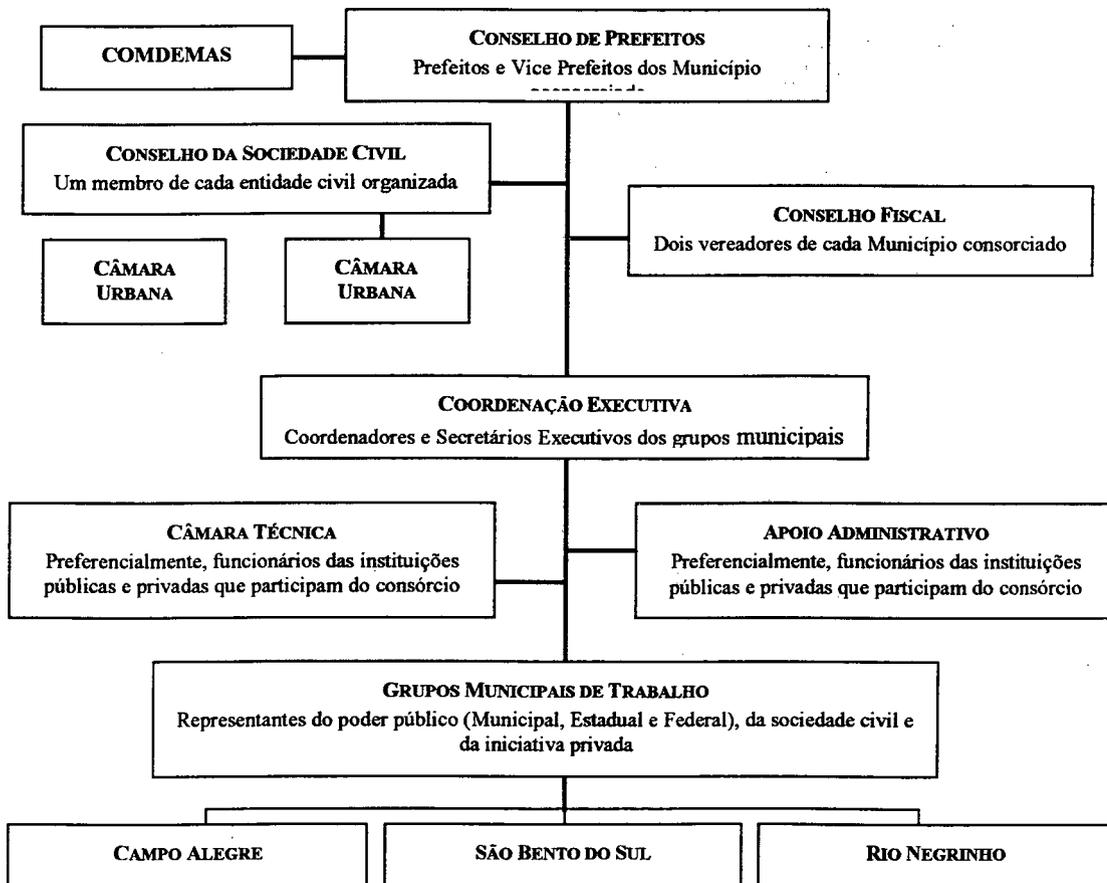
ORGANIZACIONAL – CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL

Aqui consideramos a estrutura organizacional proposta e efetivada como um elemento de sustentação, onde temos:

No estatuto - Capítulo II, Art. 6. São finalidades do Consórcio Quiriri:

- I. Representar o conjunto de Municípios que o integram em assuntos de interesse comum, perante quaisquer outra entidade de direito público ou privado, nacionais ou internacionais;
- II. Planejar, adotar e executar planos, programas e projetos destinados a promover e acelerar o desenvolvimento econômico, social e ambiental da região comprometida no território dos municípios consorciados;
- III. Promover programas ou medidas destinadas à recuperação, conservação e preservação do meio ambiente na região comprometida no território dos municípios consorciados, com especial atenção para o Rio Negro;
- IV. Desenvolver serviços e atividades de interesse dos municípios, de acordo com programa de trabalho aprovado pelo conselho de prefeitos;
- V. Promover a melhoria da qualidade de vida da população residente nos municípios consorciados e integrantes da bacia hidrográfica do rio negro.

NA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL



PARTICIPATIVA

Vamos abordar aqui três elementos de sustentação da participação.

- ✓ **Promocional:** Trata do reconhecimento da importância da motivação para fortalecer e legitimar o envolvimento das pessoas e instituições em processos participativos. Neste sentido, a introdução da fase de promoção dentro da proposta metodológica se expande não só para o momento inicial de sensibilização para construção do plano, mas também já pode ser considerada como um dos elementos de sustentação já estando, inclusive, presente em muitas das ações do consórcio. (ver quadro Síntese preliminar de atividades participativas).
- ✓ **Estrutural:** Trata do reconhecimento da importância dos canais de informação (instancias e instrumentos) como instrumentalizadores da participação. A **ESTRUTURA PARTICIPATIVA LOCAL** (a cultura participativa) ganha força e é evidenciada, havendo uma dupla integração (do canal a metodologia e da metodologia ao canal). Neste sentido, a metodologia de planejamento utilizada pelo consórcio já responde, não intencionalmente, e este requisito.
- ✓ **Informacional:** Trata do reconhecimento da importância do fluxo de comunicação para a construção e legitimação da participação, em dois princípios: o **ACESSO A INFORMAÇÃO**, a sua disponibilização e a **PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO**, sua legibilidade e legitimidade dentro do universo do conhecimento local. Ainda deve-se avançar neste requisito.

ECONÔMICA

É o elemento de sustentação que garante importantes realizações dentro de um plano, embora esteja atrelada aos outros elementos de sustentação já descritos.

A sustentação econômica garante autonomia para realização das atividades fins do Consórcio que tem se apoiado em contribuições financeiras mensais das prefeituras municipais associadas, na contribuição mensal da SAMAE ao Consórcio - nos municípios de São Bento do Sul e Rio Negrinho e em apoios de empresas para a confecção de material gráfico. Outros elementos de sustentação estão sendo buscados na própria sociedade local, em projetos de financiamento de projetos ambientais, através de convênios interinstitucionais, etc..

ANEXO 9. PROMOÇÃO DO PROJETO DE RESÍDUOS SÓLIDOS - CONSÓRCIO QUIRIRI

A GAZETA

E-mail: gazeta@creativenet.com.br

SÃO BENTO DO SUL, QUINTA-FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1999 - ANO V - Nº 895 - R\$ 1,00

Creative Net

Internet Provider
São Bento do Sul, SC
Itajaí, SC - Rio Negro, PR
Rio de Sul, SC

Fone: 634.0108



Internet:

Com tecnologia, eficiência e desempenho superior

Prefeito consegue recursos para obras no trevo da Promosul

Annes Gualberto: *Página 12*

A finalidade do trevo é evitar os engarrafamentos e riscos aos que trafegam, quando da realização de

Engenheira avalia projeto do lixo

A engenheira ambiental, pós graduada no assunto, Elisabete Siervi, está na região para efetuar estudos e avaliar os primeiros resultados do projeto de coleta

do lixo reciclável. Em Campo Alegre e Rio Negrinho a coleta seletiva engloba toda cidade. Em São Bento do Sul é somente no bairro Serra Alta. *Página 4*



Elisabete e o vereador Egon Baum estão verificando os resultados do projeto de coleta seletiva do lixo

Bombeiros Mirins, manuseiam equipamentos de resgate

Para conhecerem melhor os equipamentos e aparelhos para resgate de pessoas em locais elevados. Bombeiros Mirins realizaram no sábado, nas tor-

res da Igreja Matriz, treinamento onde aprenderam técnicas para salvamento de vítimas presas ou retidas em edifícios e montanhas. *Página 11*

Garotos começam a ser selecionados

Procurando formar uma equipe para representar o município na fase regional do Moleque Bom de Bola, Fundação Municipal de Desportos iniciou a seleção den-

tre os garotos que participaram da competição em sua cidade local. A responsabilidade pelo critério de seleção aos cuidados do professor Sérgio Pacheco. *Página 10*

Obras garantem melhorias em Serra

Os primeiros resultados da criação da diretoria de Obras em Serra Alta já podem ser sentidos. Ruas estão sendo patroladas e ensaibradas. A

expectativa do diretor Streit é de que haja um melhoramento substancial na medida em que as obras avançam. *Página 10*



Todo trabalho que vem sendo feito irá garantir melhorias a

Quiriri se reúne para debater tratamento do lixo

São Bento do Sul - O Consórcio Intermunicipal da Bacia Hidrográfica do Alto Rio Negro Catarinense - Consórcio Quiriri - realizou no último dia 5, às 14:30 horas, no Camping Lago Azul, em Serro Azul, Rio Negrinho, a 2ª Reunião do Conselho Gestor da Área de Proteção Ambiental da Represa Alto Rio Preto. Na oportunidade, foram discutidos os primeiros temas para compor o Plano de Gestão da Área.

Outros temas têm sido apontados nas reuniões, como o trata-

mento e disposição final inadequados do lixo; ocupação urbana desordenada; estradas; educação ambiental formal e informal; manejo de florestas plantadas e nativas, fiscalização e controle; esportes náuticos com embarcações a motor como Jet-Ski, Esqui Aquático, etc.; nível mínimo das águas a ser mantido na represa; controle da qualidade da água.

Especificamente, na última reunião, foram debatidos assuntos ligados à fiscalização e controle, educação ambiental e tratamento do lixo.

Aterro Sanitário cria nova consciência em alunos

A idéia inicial era de que o Aterro Sanitário de São Bento do Sul continuava sendo um 'lixão'. Com a ajuda local, os alunos da Escola Evangélica Frederic Froebel acabaram descobrindo que todo um trabalho de tratamento dos dejetos é feito no local. *Página 3*

A GAZETA - SEXTA-FEIRA, 07 DE MAIO DE 1999

Aterro Sanitário causa surpresa às crianças

São Bento do Sul - A educação no Brasil vem seguindo novos rumos nos últimos anos. Ao contrário do que ocorria anteriormente, os alunos estão deixando as salas de aulas para avaliar o cotidiano das comunidades onde vivem.

Seguindo esta tendência, a Escola Evangélica Frederic Froebel vem realizando uma série de incursões nos locais onde os problemas ocorrem, dando assim uma visão ampla aos alunos do conjunto social.

Dentro desta propos-

ta, os alunos foram motivados para realizarem trabalho sobre a questão do lixo no município. O tema foi proposto pela professora Harriet Monich, para a turma da 6ª série. Para que o trabalho fosse realizado, os alunos foram ao Aterro Sanitário. A expectativa, segundo a professora, era de que encontrariam "um lugar imundo, com montanhas enormes de lixo e um mau cheiro tão grande que seria necessário usar máscara", conta. A realidade

acabou sendo diferente.

Na avaliação feita, constatou-se que o local oferece ótimas condições, já que há tratamento do material depositado, inclusive com tanques de decantação para tratamento do churume, o material líquido que sai do lixo. Além disso, os alunos puderam conhecer o destino que é dado ao lixo hospitalar, que passa por processo de incineração. "Nosso Aterro Sanitário é um exemplo para outras cidades. Todas deveriam fazer o mesmo.



Alunos da Frederic Froebel consideraram o Aterro Sanitário como sendo "excelente"

Ex-vereador oferece subsídios para o Condomínio do Lixo

O prefeito Sílvio Dreveck acaba de editar um projeto de lei que cria o Condomínio Empresarial de Resíduos Sólidos, que vai oferecer incentivos para empresas interessadas em investir na reciclagem do lixo. Preocupado com a questão, o ex-vereador Emílio Malinowski encaminhou correspondência aos vereadores

São Bento do Sul - Preocupado com a conservação do Meio Ambiente e sempre pronto a colaborar e participar dos projetos que visam melhorar o ecossistema a ponto de

patrocinar a edição do jornal do Consórcio Quiriri, o empresário e ex-vereador, Emílio Malinowski, reconhece o bom trabalho que o prefeito Sílvio Dreveck vem

fazendo no sentido de recuperar a área degradada pelo Aterro Sanitário Municipal, conhecido como Lixão.

Ocorre que o aterro que vem recebendo lixo

há mais de 20 anos, está localizado numa área estratégica se for considerado as reservas hídricas de São Bento do Sul e região. O ex-vereador entende que,

ao incentivar a instalação do Condomínio do Lixo junto ao Aterro Sanitário, estará se incentivando que o depósito de lixo continue, para sempre, naquele local.

Ele sugere que a questão seja discutida tecnicamente, inclusive com a participação do Consórcio Quiriri. Veja a íntegra da carta encaminhada à Câmara.

Subsídios aos vereadores



"Venho por meio desta manifestar todo o meu reconhecimento, apoio e incentivo às ações do Consórcio Quiriri que, no meu entendimento, é uma entidade consistente graças a atuação dos seus integrantes e dirigentes, mas sobretudo pela forma como foi criado: apartidariamente. Assim, conta com o apoio irrestrito dos respectivos poderes constituídos dos municípios membros - Campo Alegre, Rio Negrinho e São Bento do Sul.

O momento em que foi criado não poderia ter sido melhor, pois as questões que defende, principalmente com relação aos mananciais, são de suma importância e de extrema necessidade para garantir à atual e às gerações futuras, água de qualidade.

Como todos sabem, a água que atualmente abastece o município de São Bento do Sul é captada do Rio Negrinho, no Bairro Centenário e, futuramente, para atender a demanda, acredita-se que será necessário captá-la, também, do Rio Humboldt, no Bairro Rio Vermelho.

Portanto, para assegurar água potável, de nível aceitável e a um baixo custo de tratamento, é necessário fazer justamente o que a Prefeitura Municipal está fazendo. Ou seja, apoiar o Consórcio Quiriri que visa garantir a preservação de todos os mananciais, priorizando os de captação de água para distribuição em rede pública.

Algumas das atitudes consideravelmente louváveis foram tomadas pelo Secretário Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, Magno Bollmann - principal articulador e responsável maior pela criação do Consórcio Quiriri - como por exemplo, distribuição de milhares de espécies de árvores nativas, tais como cedro, imbuia, tarumã, araçá, erva-mate, entre outras, para reflorestar as áreas onde encontram-se as nascentes do rio que atualmente abastece todos os municípios e daquele que num futuro próximo, acredita-se, passará a abastecer, também, uma parte da população são-bentense.

Diante do exposto e aproveitando a ocasião em que tramita na Câmara de Vereadores o Projeto de Lei nº 335, de 12 de maio de 1999, que "Cria o Condomínio Empresarial de Resíduos Sólidos e dá ou-

tras providências", venho alertar para a necessidade de uma solução definitiva para a questão do Aterro Sanitário Municipal, pois tenho certeza que o Excelentíssimo Prefeito Municipal, Sílvio Dreveck, pela sua experiência administrativa, pela visão de mundo e pela sensibilidade com que trata os assuntos do povo de São Bento do Sul, é o principal defensor desses mananciais e jamais permitirá que o Aterro Sanitário torne-se num agente poluidor, num agressor de consequências previsíveis e altamente nocivas ao ecossistema.

Assim, tendo-se conhecimento que o Aterro Sanitário Municipal encontra-se num local elevado que, consequentemente, propicia a propagação de resíduos, seja pela água, seja pelo ar - inclusive odores podem ser sentidos nos bairros Rio Vermelho Povoado e Rio Vermelho Estação; e principalmente por encontrar-se no local onde existe um dos maiores - se não o maior - lençóis freáticos de toda a região, seria oportuno dar um passo definitivo agora para não pagar caro no futuro, ou quem sabe, deparar-se com um quadro irreversível dentro de poucos anos.

Os lençóis d'água constituem-se numa riqueza valiosíssima, porém não apresentam dados visíveis, o que muitas vezes dificulta o convencimento e a conscientização daqueles que são os responsáveis, na atualidade, pela preservação daquilo que existe e que deve manter-se intacto para as futuras gerações.

Felizmente essa conscientização, por parte dos governantes dos municípios que formam o Consórcio Quiriri, existe, inclusive com cada município contando com técnicos especializados e atentos aos problemas de cada setor. Nesse particular, faço questão de frisar novamente a importância do Engenheiro Magno Bollmann no contexto.

A história conta o que passou e contará o que se passa nessa época. E, quiçá registre: no final do século XX tomou-se a mais difícil e economicamente a mais importante decisão que um governante poderia tomar que foi a implantação do Condomínio Empresarial de Resíduos Sólidos numa planície, preservando a maior riqueza que o "Nosso Mundo" possui: a água. Numa demonstração de prestígio ao Consórcio Quiriri.

No local, onde hoje encontra-se o Aterro Sanitário Municipal, pode ser criado um parque ecológico e provar ao estado, ao país, ou quem sabe até ao mundo, que com dinamismo e força de vontade pode-se recuperar uma área que muitos desprezam, ignoram e até discriminam. NO entanto, poderá servir, futuramente, como alvo de pesquisas acadêmicas para as devidas áreas correlatas.

Abordando, ainda, um tópico acerca do Projeto de Lei supra citado - "Art. 2º - O Município fornecerá o espaço físico para implantação das empresas, pelo período de 5 (cinco) anos, junto ao aterro sanitário municipal", vale destacar da preocupação para com a qualidade de vida dos futuros prestadores de serviço destas empresas, que encontrarão um local de alto risco de acidentes, relacionados à combustão, bem como ficarão expostos às condições atuais do aterro, com probabilidades de seríssimos danos à saúde. Creio, também, que somos unânimes em afirmar que não é correto implantar empresas sobre o lençol freático cujas nascentes são afluentes do rio utilizado pelo Sanae para captação d'água e posterior distribuição para todo o município.

Assim, num novo local, apropriado para depositar todo o lixo recolhido em São Bento do Sul, onde não haja risco de contaminação e que seja livre de toxinas que afetam a vida dos trabalhadores, é que seria oportuno instalar o Condomínio Empresarial de Resíduos Sólidos. Sou plenamente favorável à viabilização deste empreendimento, sinto que o Governo Municipal está realmente pensando grande. E, justamente a maior demonstração de grandza dará utilizando-se do bom senso, que diga-se de passagem, tem norteado esta administração, ao decidir pela implantação do citado Condomínio em outro local, chamando para si a responsabilidade que outros, talvez, simplesmente deixariam para seus sucessores.

Acredito, definitivamente, na competência, sensibilidade e seriedade que será tratada esta questão. Vários argumentos foram discorridos, mas gostaria de mais uma vez evidenciar a questão dos lençóis freáticos. Somos todos sabedores que há previsão de guerras mundiais nos próximos séculos devido a expectativa de carência de água potável. Tenho conhecimento destes assuntos, e conscientes de que nossas ações neste tempo repercutirão positiva ou negativamente no futuro, dependendo apenas das decisões que tomamos, estou cada vez mais convicto de que será tomada a melhor medida, pois tendo conhecimento de causa, tenho certeza absoluta que nossos governantes, aqueles que foram escolhidos para proporcionar melhores dias aos habitantes desta terra, agirão visando o bem comum.

Agora a situação é de fácil resolução. Para o futuro, afirmo com todas as letras, espero que o Prefeito Municipal, Sílvio Dreveck, seja lembrado como um grande realizador e, principalmente, pela hombridade de preservar para as gerações vindouras aquilo que elas terão de mais precioso: a água".

Semana do Meio Ambiente

O Consórcio Quiriri está coordenando a Semana do Meio Ambiente, que começa na próxima segunda-feira(31) em São Bento do Sul, Campo Alegre e Rio Negrinho. A programação, que prosseguirá até o dia 5 de junho, vai envolver órgãos públicos, Organizações não Governamentais, clubes de serviços e estabelecimentos escolares.

O Secretário de Agricultura e Meio Ambiente de São Bento do Sul, coordenador do Consórcio Quiriri, Magno Bollmann, destaca como um dos pontos importantes da programação o lançamento do Selo de Qualidade para produtos artesanais agrícolas, elaborados nos municípios de São Bento do Sul, Campo Alegre e Rio Negrinho. Com esse Selo de Qualidade, os produtos de nossa região terão maior aceitabilidade no mercado, possibilitando aos agricultores o aumento da produção e a criação de micro empresas rurais, melhorando consideravelmente a renda familiar das famílias do meio rural.

Está previsto, também, para a semana do meio ambiente, o lançamento do Consórcio de empresas recicladoras de lixo no aterro sanitário de São Bento do Sul. O Consórcio Quiriri vai assinar um protocolo de intenções com a Polícia Ambiental de Santa Catarina, objetivando a preservação do meio ambiente em nossa microrregião. Igualmente, será feita a doação de livros cedidos pela Universidade Federal de Santa Catarina às escolas dos três municípios pertencentes à área do Consórcio Quiriri, e lançamento do programa de proteção ao Rio Negrinho, rio de captação de água.

PARLAMENTO

A programação conta com a participação do Parlamento do Consórcio Quiriri, que promoverá palestras sobre "legislação ambiental e crimes ambientais". Outro tema será o "repopoamento dos rios com peixes". Serão realizadas promoções do



Magno Bollmann coordena a programação

Consórcio na APA de Volta Grande e no CEPIS - Centro de Estudos do PSI - Pesquisas energéticas (em conjunto com Universidades).

Estão previstos, ainda, para a Semana do Meio Ambiente: lançamento da avaliação do programa de tratamento participativo de resíduos sólidos em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina; apresentação do programa de mapeamento e geoprocessamento da bacia do rio Camboriú, a cargo da Epagri de Florianópolis; colocação de placas informativas na APA do Rio Vermelho - Humboldt; distribuição de material educativo; assinatura do protocolo de intenções para novo sócio do Consórcio Quiriri - município de Corupá; exposições sobre temas ecológicos; e expedição ao Quiriri.

OUTRAS ATIVIDADES

No decorrer da semana serão desenvolvidas diversas outras atividades a cargo de órgãos e entidades que são parceiros do Consórcio Quiriri nesta programação. Entre eles, destacam-se: Grupo de Eseteiros Desbravador, com distribuição de mudas e material informativo; Universidade Federal de Santa Catarina, divulgação na mídia sobre os temas Lixo e APAs como teses de mestrado;

corrida rústica, mutirão de limpeza, trabalhos educativos em escolas; Secretaria de Educação(RN) - programa de conscientização ambiental nas escolas; Secretaria de Educação (São Bento do Sul) - realização de trabalhos em conjunto com o SESI-PAIEE; Secretaria da Família e Desenvolvimento Comunitário(RN) - programa "Semear"; Secretaria de Desenvolvimento Comunitário (SBS) - palestras sobre temas ecológicos e mostra de vídeo sobre o Consórcio Quiriri para a Asbeti e Grupos de Mães; Comdema - divulgação de temas ambientais via mídia; A Gralha - palestras sobre o meio ambiente e efeito estufa; Vigilância

Sanitária - palestra sobre lixo e entulhos em terrenos baldios; Semag - palestras sobre fatores de degradação ambiental; Polícia Ambiental de Santa Catarina - palestras sobre legislação ambiental; Samac - palestras sobre água, saneamento básico e preservação do manancial de captação de águas; SESI - PAIEE - campanha em escolas sobre o tema "limpe o seu bairro"; Lobo Guarã Ecoturismo - passios ecológicos na bacia do rio negro(Fundão) e exposição de temas de ecoturismo: ACIACA, ACIRNE e ACISB - palestras às Cipas, através de seus núcleos de meio ambiente; e Epagri - palestras sobre conservação do solo e controle do borrachedo.

Empresário confiante no sucesso da Feira

O Presidente da Abimóvel - Associação Brasileira das Indústrias de Móveis, empresário Alvaro Weiss, está confiante no sucesso da Segunda edição da Móvel Brasil, evento que começa na próxima segunda-feira(31), na Promosul, em São Bento do Sul. Acredita que o momento é de grandes negócios, pois o momento é favorável, especialmente no mercado externo.

Weiss, que também preside a Artefama - Indústria de Móveis, destaca que a experiência da primeira feira foi positiva, proporcionando aos organizadores melhor conhecimento e maior divulgação do evento. "Tivemos uma evolução muito grande, o que é uma garantia de sucesso, tanto na divulgação, quanto na ocupação dos espaços. Ela vai atender de forma bastante satisfatória tanto o fabricante, quanto o revendedor, o lojista e o visitante".

De acordo com o empresário, a

queda dos juros e a desvalorização do real favorecerão em muito os negócios. Ressalta que desde 1994, as empresas do setor, ou seja, as exportadoras, se descapitalizaram, e com a desvalorização do real, elas estão buscando de volta o que perderam. "Isso está possibilitando que se recomponha o caixa, sejam feitos novos investimentos, não só em máquinas, equipamentos e tecnologia, como também em novas linhas de produtos, pois está sendo feito um estudo para diversificação (móveis montados, etc.)".

Além de Presidente da Abimóvel para Santa Catarina, Alvaro Weiss estará participando da feira, também na condição de fabricante e exportador. Revela que há notícia de que um grande número de importadores estarão presentes na Feira. Com o imenso leque de empresas presentes, esses importadores terão grandes oportunidades de negócios.

Empresas serão instaladas no Aterro Sanitário

Projeto viabiliza o incentivo a indústrias de reciclagem no Aterro Sanitário, visando o incentivo às empresas que queiram instalar-se no Aterro Sanitário de São Bento, o Executivo enviou para a Câmara de Vereadores o Projeto 335, que já está causando transtornos e mal entendidos.

Na noite da última Segunda-feira os vereadores receberam cartas na forma de protestos dos presidentes das Associações de Moradores da rua Alberto Torres e de Rio Vermelho. O teor da carta enfatiza que a instalação de

empresas naquela área irá contribuir para a poluição das nascentes de rios importantes, que estão localizadas próximas ao aterro.

Para o secretário da Agricultura e Meio Ambiente de São Bento, Magno Bollmann, este protesto não passa de falta de informações por parte de quem escreveu, principalmente pelo fato dos municípios da Região estarem combatendo com voracidade a poluição



Paisagem do aterro mostra as mudanças positivas

do Meio Ambiente através do Consórcio Quiriri; "Abrir lacunas para que a poluição volte com intensidade, prejudicando as nascentes dos rios ou qualquer setor da natureza, seria uma tremenda falta de bom senso, é lógico que eu não colocaria minha cabeça a prêmio com uma tremenda insensatez como esta que estão afirmando na infeliz carta que mandaram para o Legislativo", afirmou Bollmann que deu seu total aval ao projeto. O secretário

esclareceu ainda que já existe uma empresa terceirizada fazendo valetas em volta do aterro para evitar que as águas das chuvas levem poluentes para os rios, e ainda que o Consórcio Quiriri conta com o apoio da UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina- que efetua monitoramento constante das águas provenientes do local do Aterro.

Em relação as empresas que devem instalar-se no local, visto que a

área destinada ao Aterro Sanitário é de cerca de 200.000m², mas ocupa menos de 20% deste total, já existe contatos com algumas que estão em funcionamento em São Bento; Sucata Funca e Súcata Matos, ambas trabalham com lixos já separados e apenas selecionam para repassar aos industrializadores. Com isto conclui-se que todas as empresas que atuarão na área do Aterro farão o trabalho que em hipótese alguma vai degradar o Meio Ambiente; "O trabalho destas empresas é de selecionar os materiais e fazer as embalagens com o material

separado e negociar com empresas que fazem o trabalho de industrialização. Temos que levar em consideração que nosso trabalho é defender o Meio Ambiente, jamais assinaríamos em baixo de um projeto que fosse estragar tudo aquilo que levamos tempo para realizar", desabafou Magno Bollmann que acrescentou a geração de empregos que estas empresas irão proporcionar.

Alunos conhecem processo de reciclagem

Como parte das comemorações da semana do meio ambiente, alunos da rede municipal de ensino de Campo Alegre foram conhecer o depósito de lixo da

cidade e a usina de tratamento do lixo reciclável. O objetivo foi buscar, através do conhecimento, conscientização para preservação. *Página 12*

A GAZETA - QUARTA-FEIRA, 02 DE JUNHO DE 1990

Estudantes conhecem tratamento do lixo

Alunos das redes municipal e estadual de ensino de Campo Alegre estão adquirindo conhecimento sobre a metodologia aplicada no tratamento do lixo produzido no município

Campo Alegre - Durante a Semana do Meio Ambiente, aberta no último sábado pelo prefeito Manuel Del Olmo (PPB), uma das atividades programadas é a visita de escolares ao aterro sanitário de Lageado, bem como ao galpão onde se processa a seleção do lixo reciclável. Na segunda-feira, cerca de 70 alunos da Escola Básica Municipal Argemiro Gonçalves, de Bateias de Baixo, visitaram os locais e conheceram o método dispensado em Campo Alegre ao tratamento do lixo.

No aterro sanitário, o diretor de Agricultura e Meio Ambiente de Campo Alegre, Denilson Bandeira, relatou aos alunos os benefícios proporcionados ao meio ambiente a partir do cuidado com o lixo. Também conscientizou os escolares sobre a importância de reciclar e dar fim adequado ao lixo. Bandeira exemplificou que um simples chiclete demora em média cinco anos para ser decomposto pela natureza. Outros materiais, como uma



Os alunos receberam informações sobre o processo de reciclagem do lixo

chepa de cigarro, pode demorar mais de mil anos para biodegradar-se. Para se ter uma idéia, uma pessoa produz em média 700 gramas de lixo por dia.

Após fazer as devidas explicações, Bandeira seguiu juntamente com os alunos até o galpão da CS Ambiental, empresa encarregada pela coleta e seleção do lixo em Campo Alegre. Lá o diretor da empresa,

Luis Cerqueira teceu rápida explanação sobre a destinação de cada tipo de lixo produzido, como o plástico pet, utilizado nas embalagens descartáveis de refrigerante, pode ser transformado em travessouros e vassouras, apenas para citar dois exemplos de aplicação após a reciclagem.

Dali os alunos seguiri-

am para a Sala H. Carlos Schneider, no centro, para apreciarem uma exposição de trabalhos feitos com materiais recicláveis. Porém, houve atraso na programação e a visita não foi possível. Felizmente, a exposição de trabalhos prossegue até sexta-feira, véspera do "Dia Mundial do Meio Ambiente".

Responsabilidade Ecológica

Apenas quatro alunos de cada turma da EBM Argemiro Gonçalves visitaram o aterro sanitário de Lageado, no interior de Campo Alegre. No entanto, após a semana do Meio Ambiente, todos os alunos de cada classe terão que fazer um trabalho sobre a importância da reciclagem. Neste caso, a responsabilidade em transmitir os ensinamentos adquiridos "in loco", será dos poucos alunos que realizaram a visita.

Solução para o chorume

Apesar da coleta seletiva estar em funcionamento, muito lixo termina sob a terra. No caso de Campo Alegre, o aterro sanitário ainda não representa a melhor alternativa para destinar o lixo. Isto porque o local não está equipado com sistema de tratamento de chorume e pode causar danos ao meio ambiente. Por outro lado, o diretor de Agricultura e Meio Ambiente do município, Denilson Bandeira, afirma que uma nova área já está sendo providenciada. Ali devem ser instaladas lagoas de estabilização e decantação, para tratar o líquido que resulta da decomposição dos restos orgânicos.

Universidade Federal de Santa Catarina doa livros para a biblioteca das escolas municipais

Rio Negrinho - Numa iniciativa dos Universitários da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, na semana passada (04.06) foram entregues para as Secretarias Municipais dos Municípios de Rio Negrinho, Campo Alegre e São Bento do Sul, que compõem o Consórcio Quiriri Livros para serem usados nas Bibliotecas das Escolas. São livros próprios para pesquisa e que com certeza colaboraram com os estudantes que periodicamente procuram informações para seus trabalhos escolares.



Universitários de Rio Negrinho participaram da avaliação do Programa de Tratamento de Resíduos



Rio Negrinho - Ministrada pela Engenheira da Universidade Federal de Santa Catarina Elizabeth Sierve, a palestra tinha como meta principal esclarecer aos estudantes universitários, os objetivos do programa de Tratamento de Resíduos Sólidos e mostrar a importância da participação dos estudantes, neste projeto que está entrando em sua fase de avaliação inicial onde serão convidados os diversos segmentos da sociedade para se saber os rumos, como se fazer da melhor ma-

neira e conscientização de empresários e comunidade quanto a importância desta iniciativa. Juntamente com a Bióloga da Prefeitura Municipal, Leoni Fusr Pacheco que apresentou as bases do Consórcio Quiriri aos acadêmicos, demonstrando um conhecimento profundo dos problemas da região e de que soluções podem ser tomadas para o futuro, a Eng. Elizabeth esclareceu dúvidas e mostrou as diretrizes desta ação de grande importância para Rio Negrinho

PROGRAMA GESTÃO PÚBLICA E CIDADANIA

DESCOBRINDO O BRASIL CIDADÃO - 1999



PROGRAMA GESTÃO PÚBLICA E CIDADANIA
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
FUNDAÇÃO FORD
BNDES

PROGRAMA GESTÃO PÚBLICA E CIDADANIA DESCOBRINDO O BRASIL CIDADÃO

Coordenação e Supervisão: Marta Ferreira Santos Farah

Produção dos textos: Ana Paula Macedo Soares, Hélio B. Barboza, Luis Fujiwara e Marta Ferreira Santos Farah

Produção Editorial: POLO EDITOR

Produção Gráfica: Wilson R. C. T. Barros

Impresso em outubro de 1999, papel off-set – 90 grs.

São Paulo – SP

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Karl A. Boedecker da
Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas

Programa Gestão Pública e Cidadania – Descobrimdo o Brasil Cidadão
Programa Gestão Pública e Cidadania / São Paulo:
Programa Gestão Pública e Cidadania, 1999.

52 p.

1. Administração Pública – Brasil. 2. Políticas Públicas – Brasil. 3. Governo Local – Brasil.
I. Programa Gestão Pública e Cidadania.

CDU – 35 (81)

Novas Formas de Gestão de Recursos Ambientais

PROGRAMA INTERMUNICIPAL DE TRATAMENTO PARTICIPATIVO DE RESÍDUOS SÓLIDOS - SANTA CATARINA

A união dos municípios e o engajamento comunitário possibilitam o alcance de resultados significativos quanto à preservação do meio ambiente.

Instituído em setembro de 97, em Santa Catarina, o Consórcio Intermunicipal da Bacia Hidrográfica do Alto Rio Negro Catarinense contribui para a superação dos problemas ambientais comuns aos três municípios envolvidos nesta iniciativa. O consórcio Quiriri, como é habitualmente chamado, agrega três municípios: Campo Alegre, Rio Negrinho e São Bento do Sul, totalizando uma população de aproximadamente 100 mil habitantes.

A idéia de formação de um consórcio surgiu quando se verificou que a degradação do meio ambiente atingia toda a região do Alto Rio Negro Catarinense. Em outras palavras, a poluição de um dos rios, gerada pelo tratamento e disposição inadequados dos resíduos sólidos, atingia todas as cidades que se localizavam na mesma bacia hidrográfica. Daí a necessidade da ação intermunicipal, com a formação de uma estrutura única para administrar os problemas ambientais dos três municípios: o Consórcio Quiriri.

Este consórcio é constituído por um Conselho de Prefeitos, um Conselho da Sociedade Civil, um Conselho Fiscal, uma Coordenação Executiva e Grupos Municipais de Trabalho.

TROCANDO LIXÕES A CÉU ABERTO POR COLETA SELETIVA

Em 97, integrantes das secretarias municipais apresentaram aos prefeitos dos três municípios a proposta de criação de um consórcio voltado à gestão do tratamento de resíduos sólidos e ao gerenciamento dos problemas ambientais. Buscando envolver a comunidade nestas questões, foi realizado o Curso de Capacitação Metodológica de Planejamento Ambiental Participativo, com a presença de vários membros de organizações da sociedade civil.

A partir deste curso, realizaram-se diversos encontros, em que foi feito o diagnóstico participativo da região, identificando as prioridades de ação institucional, segundo o parecer da população local. Através das comunidades organizadas, cerca de 20% da população dos três municípios integrou estes encontros.

O diagnóstico participativo indicava que os principais problemas ambientais eram referentes à falta de ações preventivas para o combate à poluição gerada pelos resíduos sólidos produzidos. Todo o lixo era disposto em lixões a céu aberto, sem controle sobre os impactos causados ao meio ambiente.

Além disso, os resíduos infectantes não passavam por nenhuma forma de tratamento. Desta forma, os lençóis freáticos estavam sendo poluídos, colocando em risco a saúde da população.

As comunidades definiram como prioridade de ações a disposição adequada e o tratamento do lixo. Sugeriram a implantação de programas de coleta seletiva e reciclagem de resíduos sólidos, bem como o recurso da multa para os que despejassem o lixo em terrenos baldios e cursos de água.

Nota-se que os problemas ambientais passaram a ser tratados como temas comuns a todos os municípios do Consórcio. A população também começou a agir de forma a fiscalizar a disposição do lixo.

Separação de resíduos.



AÇÕES DESENVOLVIDAS

Tendo em vista a prioridade atribuída à questão do lixo, foi criado o Programa de Tratamento Participativo de Resíduos Sólidos. O primeiro passo foi dado com a instalação do sistema de coleta seletiva em Campo Alegre, em maio de 98. O lixo molhado era separado do lixo seco, potencialmente reciclável.

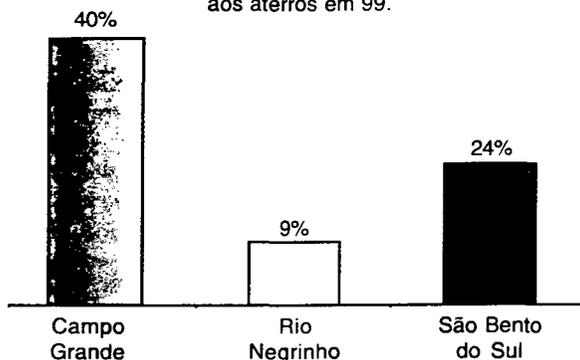
Segundo dados do Consórcio Quiriri, em julho de 99 a coleta seletiva em Campo Grande evitava que cerca de

70% do lixo seco fosse depositado no lixão da cidade, passando a ser reciclado. Assim, quase 40% do total do lixo da cidade passou a ser reciclado, sendo vendido para as empresas de reciclagem do Vale do Itajaí e de Curitiba.

No município de Rio Negrinho, a coleta seletiva foi instalada em setembro de 98. Em julho de 99, 20% do lixo seco da cidade era reciclado, isto é, 9% de todo o lixo era reinserido no processo produtivo. Neste município, está prevista para o final deste ano a inauguração de um aterro sanitário com todas as condições exigidas para a preservação do meio ambiente e da saúde pública.

No terceiro município, São Bento do Sul, em julho de 99, a coleta seletiva era responsável pela reciclagem de 24% do total do lixo produzido na cidade. Como consequência, o mercado de recicláveis está sendo ampliado. Há, em São Bento do Sul, dois grandes sucateiros que comercializam o material reciclável para empresas em Curitiba.

Redução percentual da quantidade de lixo destinada aos aterros em 99.



Fonte: consórcio Quiriri.

Outro avanço foi a recuperação do lixão de São Bento do Sul, atualmente já transformado em um aterro sanitário, funcionando em conformidade com as exigências da legislação. Além disso, foi feita a instalação do incinerador de lixo tóxico em São Bento do Sul, que serve aos três municípios. As ações para o tratamento de resíduos tóxicos evitam a contaminação dos lençóis freáticos, prevenindo contra riscos referentes à saúde da população dos três municípios.

Os dados apresentados representam um grande avanço no tratamento dos resíduos sólidos. Municípios de pequeno porte relegam a segundo plano o destino do lixo pois geralmente têm áreas rurais vizinhas, onde podem depositar o lixo sem a percepção da população, ainda que se prejudique o meio ambiente e os recursos naturais. Uma breve comparação com outros municípios do

Brasil pode contribuir para uma avaliação do significado desta iniciativa.

Segundo o IBGE (Censo de 91), 90% dos municípios brasileiros não davam tratamento ou destino adequado ao lixo.

Embora estes dados se refiram a quase uma década atrás, fornecem uma noção de como as questões do lixo e da poluição até recentemente eram esquecidas pelas administrações municipais.

Além disso, os índices de reciclagem das três cidades estão muito acima de média do Brasil. Segundo o Censo de 91, poucos eram os municípios em que o material reciclável representava mais do que 0,5% de todo o lixo recolhido.

Esta experiência contribui para a melhoria da qualidade de vida da população da região do Alto Rio Negro Catarinense de diversas maneiras: em primeiro lugar, por garantir um destino seguro para resíduos hospitalares e infectantes. Devido à instalação de aterros sanitários adaptados de forma a evitar a contaminação do meio ambiente, preservam-se, em segundo lugar, os recursos hídricos da região, permeada por inúmeros lençóis freáticos.

A coleta seletiva e a reciclagem do lixo diminuem, finalmente, a quantidade de material depositada em lixões. Neste caso, há também economia de recursos (papéis, plástico, borracha etc), bem como geração de emprego e renda com a formação de usinas de reciclagem.

Escolas, igrejas, associações comerciais e comunitárias e comunidades agrícolas integram a experiência de Tratamento Participativo dos Resíduos Sólidos. Assim, outro aspecto importante do programa é o fato de a experiência inserir a questão ambiental no cotidiano da comunidade, promovendo a consciência da população quanto à importância de se evitar a degradação ambiental, possibilitando uma mudança de comportamento em relação à disposição do lixo, de forma a se garantir o respeito à cidade, à natureza e aos recursos ambientais.

Prensagem e comercialização de resíduos em São Bento do Sul.



ANEXO 10. NOTA PRELIMINAR FERNANDO PESSOA

MÉTODO POÉTICO¹³⁰

“O ENTENDIMENTO dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do interprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles:

A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por grau de simplicidade. Tem o interprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõem interpretar. A atitude cauta, a irônica, a descolada - todas privam o intérprete da primeira condição para poder interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxilia-la, se ela já existe, porém não cria-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutra nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo pois que no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está abaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado a relação, se a intuição não a tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se torna analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois erudição é uma soma; nem direi cultura, pois cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou ao mesmo tempo, o entendimento de outros símbolos.”

A quinta é a menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma dessas coisas, que no fundo são as mesmas da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo.”

Fernando Pessoa. Anotação sem data

¹³⁰ Pessoa, F. Título Original: Nota Preliminar em “Mensagem. A memória do Presidente-Rei Sinódio Pais. Quinto Império. Cancioneiro”, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976. [p.15]